

Centro de Estudos da Linguagem



Vol. 10, nº 2

Ciências do Léxico e suas interfaces

ISSN – 2594-4916

RE-UNIR, v. 10, n. 2. 2023. ISSN – 2594-4916

Expediente

Editor Responsável

Lucas Martins Gama Khalil

Editora Adjunta

Geane Valesca da Cunha Klein

Organizadoras do Dossiê

Lucimara Alves da Costa

Beatriz Curti-Contessoto

Editores Científicos

Fernando Simplicio dos Santos

Lou-Ann Kleppa

Maria de Fátima Oliveira Molina

Natália Cristine Prado

Jefferson Gustavo Campos

Lucimara Alves da Costa

Assessoria Técnica

Herta Maria do Nascimento Soeiro

Capa

Karin Rosenbaum

Editoração Final

Geane Valesca da Cunha Klein

Lucas Martins Gama Khalil

Conselho Editorial

Alina Villalva (Universidade de Lisboa)

Ana Maria Cavalcanti Aguiar (UNIR)

Angela Derlise Stübe (UFFS)

Angelica Rodrigues (UNESP)

Anna Flora Brunelli (UNESP)

Aracy Alves Martins (UFMG)

Ariel Novodvorski (UFU)

Camila da Silva Alavarce (UFU)

Carlos Piovezani (UFSCAR)

Cibele Naidhig de Souza (UFERSA)

Claudiana Narzetti Costa (UEA)

Cleudemar Alves Fernandes (UFU)

Cristina Martins Fargetti (UNESP)

Élcio Aloísio Fragoso (UNIR)

Eloísa Joseane da Cunha Klein (UNIPAMPA)

Enivalda Nunes Freitas e Souza (UFU)

Gabriela Oliveira Codinhoto (UFAC)

Geane Valesca da Cunha Klein (UNIR)

Gladis Massini Cagliari (UNESP)

Grenissa Bonvino Stafuzza (UFG)

Heloisa Mara Mendes (UFU)

Iza Reis Gomes Ortiz (IFRO)

José Eduardo Barros Melo (UNIR)

José Magalhães (UFU)

Kelly Priscila Loddo Cezar (UFPR)

Lilian Reichert Coelho (UNIR)

Lou-Ann Kleppa (UNIR)

Lucas Martins Gama Khalil (UNIR)

Luisa Helena Finotti (UFU)

Luiz Carlos Cagliari (UNESP)

Luiz Carlos Schwindt (UFRGS)

Maíra Sueco Maegava Córdula (UFTM)

Manuel Medina (University of Louisville - EUA)

Marcela Ortiz Pagoto de Souza (IFSP)

Márcia Helena Rostas (IFSUL)

Maria Aparecida Oliveira (UFAC)

Maria de Fátima Oliveira Molina (UNIR)

Maria do Socorro D. Loura Jorin (UNIR)

Marian Oliveira (UESB)

Maride Ima Laperuta Martins (UNIOESTE)

Marília Lima Pimentel Cotinguiba (UNIR)

Marisa Martins Gama Khalil (UFU)

Milenne Biasotto (UFGD)

Natália Cristine Prado (UNIR)

Niguelme Cardoso Arruda (IFSC)

Rosana Nunes Alencar (UNIR)

Sonia Maria Gomes Sampaio (UNIR)

Suzana Maria Lucas Santos (UFMA)

Talita de Cássia Marine (UFU)

Vera Pacheco (UESB)

Vitor Cei Santos (UFES)

Welisson Marques (IFTM)

Pareceristas *ad hoc* do Vol. 10, nº 2

Aderlande Pereira Ferraz

Alexandre Melo

Ana Pita Grós Martins da Silva

Ana Vitória Gomes Moreira

Andreza Marcião dos Santos

Ariane Caldas

Cíntia Voos Kaspary

Geraldo José Rodrigues Liska

Glauber Lima Moreira

Iago Santiago

Jean Rocha

José Antonio Cardoso

Juliana Pereira Guimarães

Kátia Melo

Milena de Paula Molinari

Paula Torres Fernandes

Paulo Santiago de Sousa

Pauler Castorino

Renan Torres da Costa

Talita Serpa

Waldemar Duarte Neto

RE-UNIR – Revista do Centro de Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Rondônia.

V. 10 (2023), nº 2. Porto Velho-RO. Periodicidade: Anual
Centro de Estudos da Linguagem - CEL
Sala 104. Bloco 4A - Prédio das Pró-Reitorias, Campus - BR 364, Km 9,5
CEP: 76801-059 - Porto Velho - RO
Publicada em meio eletrônico:

<http://www.periodicos.unir.br/index.php/RE-UNIR/index>

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	06
<i>Lucimara Alves da Costa e Beatriz Curti-Contessoto</i>	
ARTIGOS	
Os sujeitos periféricos no discurso literário: uma análise das escolhas lexicais para construção de personagens	10
<i>Katia Melo</i>	
Entre memórias, literatura e história: análise léxico-cultural em contos da obra “Rastros e trilhas”, de Braz José Coelho (2009)	27
<i>Maiune de Oliveira Silva Ana Vitória Gomes Moreira Vanessa Regina Duarte Xavier</i>	
Documentando a norma lexical do Centro-Oeste: um estudo a partir do TLPGP e do ALMS	52
<i>Franciele Ojeda Rodrigues Franco Daniela Costa</i>	
Uma análise léxico-discursiva em charges sobre a pandemia do coronavírus	67
<i>Andréia Muniz Lisboa Karylleila dos Santos Andrade Thiago Barbosa Soares</i>	
Análise morfolexical das palavras e expressões dos “falares portovelhenses”	89
<i>Laura Cotinguiba Lucimara Alves da Costa</i>	
Reflexões sobre a aprendizagem do léxico e sua relação com as habilidades de leitura e escrita durante o período de ensino remoto emergencial	108
<i>Alexandre Melo Ana Claudia Castiglioni</i>	

O uso do dicionário por professores em formação: o contexto do NUPEL e PROFICI 121

Cintia Voos Kaspary
Jonas dos Santos Monteiro

Redação de verbetes: procedimentos teórico-metodológicos para elaboração de um glossário escolar de Ciências da Natureza 136

Maria Katsurayama Gomes Sales
Rebeka da Silva Aguiar
Andreza Marcião dos Santos

Análise das entradas lexicográficas da área de Turismo: para um modelo de verbete 159

Melissa Veras
Glauber Lima Moreira

Vocabulário do campo semânticos acidentes geográficos em *O Castanheiro* (2001), de João Brasil 179

Renan Torres da Costa
Eliane Pereira Machado Soares

Corpus de um livro didático: estudo exploratório voltado a dicionários para crianças em fase de alfabetização 198

Janina Antonioli

O que nos diz a materialidade dos mapas: contribuições dos elementos iconográficos no estudo da toponímia baiana colonial 219

Iago Gusmão Santiago
Liliane Lemos Santana Barreiros

ARTIGO TRADUZIDO 234

Quando os termos se tornam neologismos: uma contribuição ao estudo da neologia sob a perspectiva da destermnologização

Julie Humbert-Droz
Beatriz Curti-Contessoto (tradutora)

APRESENTAÇÃO

Nesta edição dedicada aos Estudos do Léxico, apresentamos aos leitores doze artigos de temáticas voltadas para as Ciências do Léxico e suas intersecções, além de uma tradução que tem como foco os neologismos sob a perspectiva da desterminologização.

O primeiro artigo deste número, “Os sujeitos periféricos no discurso literário: uma análise das escolhas lexicais para construção de personagens”, de autoria de Katia Melo, propõe-se a investigar como se constroem as personagens nos textos do escritor da Literatura Marginal e Periférica Rodrigo Ciríaco, tendo em vista as escolhas lexicais motivadas e intencionais que reverberam o posicionamento ideológico do escritor, contexto de produção, bem como sua relação com o público-leitor.

Em seguida, o artigo de Maiune de Oliveira Silva, Ana Vitória Gomes Moreira e Vanessa Regina Duarte Xavier, intitulado “Entre memórias, literatura e história: análise léxico-cultural em contos da obra “Rastros e trilhas”, de Braz José Coelho (2009)”, tem como foco realizar uma análise léxico-cultural em três contos da obra “Rastros e trilhas”, de Braz José Coelho (2009), com o intuito de, a partir dos campos lexicais ofícios/profissões, religiosidade, relações afetivas e animais, refletir acerca da cultura goiana expressa na obra em foco.

O terceiro artigo desta edição, “Documentando a norma lexical do Centro-Oeste: um estudo a partir do TLPGP e do ALMS”, escrito por Franciele Ojeda Rodrigues Franco e Daniela Costa, apresenta resultados de um Plano de Trabalho de Iniciação Científica, “*O léxico como patrimônio cultural: A norma lexical do Centro-Oeste e sua documentação*”, que revisou a catalogação de dados do Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul, o ALMS, de maneira a contribuir com o projeto TLPGP e com o *Tesouro do léxico patrimonial galego e Português: Foco sobre a região Centro-Oeste do Brasil*.

No artigo subsequente, “Uma análise léxico-discursiva em charges sobre a pandemia do coronavírus”, Andréia Muniz Lisboa, Karylleila dos Santos Andrade e Thiago Barbosa Soares apresentam as contribuições da Análise do Discurso no processo de construção de sentido do léxico ao analisar os efeitos de sentido dos

enunciados ‘proteção’, ‘máscara’ e ‘isolamento social’ no contexto pandêmico brasileiro. Para tal, analisou-se três charges disseminadas na pandemia da Covid-19, no Brasil, a partir da perspectiva de Sapir (1969), Coseriu (1989), Vilela (1994), Biderman (2001), Antunes (1937) (na área do léxico); Pêcheux (2011), (2014a, 2014b), Orlandi (2015) (na área do discurso).

Laura Cotinguiba e Lucimara Alves da Costa, na sequência desta edição, apresentam um trabalho cujo objetivo foi realizar uma “Análise morfolexical das palavras e expressões dos falares porto-velhenses”. Para isso compilaram um *corpus* constituído por exemplares do jornal “Alto Madeira”, da década de 1970 a 1990, artigos, teses e dissertações sobre a cidade de Porto Velho e região e também, pelo livro “Carapanã encheu, voou: o “Portovelhês”, de autoria de Nair Ferreira Gurgel do Amaral (2015).

No sexto artigo, intitulado “Reflexões sobre a aprendizagem do léxico e sua relação com as habilidades de leitura e escrita durante o período de ensino remoto emergencial”, Alexandre Melo e Ana Claudia Castiglioni refletem sobre a importância do ensino do Léxico nas aulas de Língua Portuguesa e apresenta uma breve análise de atividades que foram disponibilizadas aos alunos por meio de roteiros de estudo, durante a adoção do modelo de ensino remoto emergencial.

No artigo subsequente, “O uso do dicionário por professores em formação: o contexto do NUPEL e PROFICI”, Cintia Voos Kaspary e Jonas dos Santos Monteiro examinam o uso do dicionário por professores em formação e monitores no contexto do NUPEL e do PROFICI. Através das contribuições da Lexicografia, da Lexicografia Pedagógica (LP) e da análise dos dados obtidos, espera-se fornecer uma reflexão sobre o papel do dicionário impresso como ferramenta pedagógica no ensino-aprendizagem de FLE e de PLE.

O oitavo artigo, “Redação de verbetes: procedimentos teórico-metodológicos para elaboração de um glossário escolar de Ciências da Natureza”, de autoria de Maria Katsurayama Gomes Sales, Rebeka da Silva Aguiar e Andreza Marcião dos Santos tem o objetivo de expor os procedimentos metodológicos empregados na redação de verbetes, com vistas a compor o Glossário Escolar de Ciências da Natureza para estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental.

No nono artigo, “Análise das entradas lexicográficas da área de Turismo: para um modelo de verbete”, Melissa Veras e Glauber Lima Moreira buscam, através da contribuição dos estudos da Lexicografia e Terminologia para o ensino de línguas estrangeiras, analisar verbetes da área do turismo no dicionário Señas (2010) para saber se há neles informações enciclopédicas e culturais e, com isso, elaborar um protótipo de microestrutura lexicográfica com os termos da área do turismo em espanhol, contemplando informações enciclopédicas e culturais.

Renan Torres da Costa, no décimo artigo, intitulado “Vocabulário do campo semânticos acidentes geográficos em *O Castanheiro* (2001), de João Brasil”, apresenta o vocabulário do campo semântico Acidentes Geográficos na obra *O Castanheiro* (2001), do escritor João Brasil, da cidade de Marabá, estado do Pará. Os resultados apresentados são um recorte da pesquisa fomentada pelo CNPq, intitulada “Vocabulário de João Brasil”, que tem por objetivo reunir dados para a elaboração do vocabulário representativo do autor a fim de ser descrito os itens lexicais do campo semântico identificado, relacionando-se, portanto, ao universo físico, histórico e cultural da cidade de Marabá-PA.

No artigo subsequente, “Corpus de um livro didático: estudo exploratório voltado a dicionários para crianças em fase de alfabetização”, a autora Janina Antonioli tem como foco revisar a literatura que embasa metodologicamente o uso de corpus em dicionários pedagógicos e, com isso, avaliar quais informações um corpus compilado a partir de um livro didático poderia oferecer para a composição futura de um dicionário.

De autoria de Iago Gusmão Santiago e Liliane Lemos Santana Barreiros, o décimo segundo artigo desta coletânea, “O que nos diz a materialidade dos mapas: contribuição dos elementos iconográficos no estudo da toponímia baiana colonial”, consiste em uma análise de casos complexos de interpretação toponímica registrados em mapas anônimos da Capitania da Bahia, produzidos no final do período colonial (1761-1807).

Esta edição se encerra com a tradução do artigo “*When Terms Become Neologisms: A Contribution to the Study of Neology from the Perspective of Determinologisation*” (Quando os termos se tornam neologismos: uma contribuição ao estudo da neologia sob a perspectiva da desteterminologização), de autoria de Julie

Humbert-Droz e tradução de Beatriz Curti-Contessoto. O artigo trata de questões de desterminologização e neologia. Propõe uma perspectiva diferente sobre os processos neológicos, com base em uma análise de termos em um corpus que representa diferentes estágios do processo de desterminologização na Física de Partículas em francês.

Agradecendo a todos os autores e pareceristas que participaram desta edição, a equipe da Re-UNIR espera que a leitura dos artigos seja bastante produtiva e que esta publicação ajude a promover férteis discussões acadêmico-científicas.

Lucimara Alves Costa
Beatriz Curti-Contessoto
Organizadoras da edição temática da Revista Re-UNIR

Os sujeitos periféricos no discurso literário: uma análise das escolhas lexicais para construção de personagens

Peripheral subjects in literary discourse: an analysis of lexical choices for building characters

Submetido em: 10/08/2023

Aceito em: 09/11/2023

Katia Melo¹

Resumo: Este artigo apresenta resultados parciais de pesquisa de Doutorado na área de Estudos do Léxico no Discurso Literário e tem como objeto a obra poética e narrativa do autor contemporâneo Rodrigo Ciríaco. O enfoque deste trabalho é investigar como se constroem as personagens nos textos do escritor da Literatura Marginal e Periférica, tendo em vista as escolhas lexicais motivadas e intencionais que reverberam o posicionamento ideológico do escritor, contexto de produção, bem como sua relação com o público-leitor. Quanto aos aspectos metodológicos, ressaltamos que a pesquisa é qualitativa, a partir do levantamento de ocorrências lexicais que evidenciam a caracterização das personagens, buscando, assim, analisá-las mediante a composição de campos léxico-semânticos que apresentam um perfil comum e dialógico nos textos do autor. Considerando os aspectos teóricos, remetemos a Candido (1987), Cardoso (2018), Henriques (2018), Polguère (2018), Rosenfeld (1987) Ullmann (1972), Vilela (2002), Villalva & Silvestre (2014) para melhor compreensão dos elementos linguísticos, literários e semânticos que compõem os sujeitos no discurso literário.

Palavras-chave: Discurso literário; Personagens; Sujeitos Periféricos; Escolhas Lexicais; Campos Léxico-Semânticos.

Abstract: This paper presents partial results of a Doctoral research in Lexicon Studies in Literary Discourse and has as its object the poetic and narrative work of the contemporary author Rodrigo Ciríaco. The focus of this work is to investigate how the characters are constructed in the texts of the writer of Marginal and Peripheral Literature, in view of the motivated and intentional lexical choices that reverberate the ideological position of the writer, context of production, as well as his relationship with the public-reader. As for the methodological aspects, we emphasize that the research is qualitative, from the survey of lexical occurrences that show the characterization of the characters, seeking, thus, to analyze them from the composition of lexical-semantic fields that present a profile common and dialogic in the author's texts. Considering the theoretical aspects, we refer to Candido (1987), Cardoso (2018), Henriques (2018), Polguère (2018), Rosenfeld (1987) Ullmann (1972), Vilela (2002), Villalva & Silvestre (2014) for a better understanding of the linguistic, literary and semantic elements that make up the subjects in literary discourse.

Keywords: Literary discourse; Characters; Peripheral Subjects; Lexical Choices; Lexical-Semantic Fields.

Introdução

A presente pesquisa tem como enfoque o estudo das escolhas lexicais e construção dos campos léxico-semânticos para composição das personagens no

¹ Doutoranda na área de Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - USP. Mestra em Letras pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional - PROFLETRAS do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - USP (2020). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2011431376313737>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-8064-4089>. E-mail: katiameo@usp.br

discurso literário na obra do escritor da Literatura Marginal e Periférica – Rodrigo Ciríaco. O *corpus* objeto desta análise são os poemas “7x1” e “Criança de Trinta” do livro “Vendo Pó...esia!”; o conto “Bia não quer merendar” do livro “Te pego lá fora”; e “Era uma vez” da obra “100 Mágoas”. Além desses, incluímos na análise o conto “Um novo brinquedo”, texto avulso do escritor constituinte do livro “Eu sou favela” de vários autores.

A justificativa para o trabalho considera a importância das escolhas lexicais para construção discursiva contemporânea, as quais reverberam não apenas conteúdo semântico das unidades lexicais – gírias e expressões que evidenciam os sujeitos periféricos, mas sobretudo, a intencionalidade, a perspectiva de mundo e os valores ideológicos do autor. Assim, o texto é elaborado de modo a dialogar com o contexto e a realidade em que está inserido, interagindo com os elementos intra-, inter- e extralinguísticos.

Como metodologia de pesquisa procedemos ao levantamento das unidades lexicais no *corpus* de pesquisa – poemas e contos, identificando os campos léxico-semânticos, bem como seus efeitos estilísticos e expressivos, a fim de que possamos analisar as escolhas e construções realizadas pelo autor para criação das personagens literárias.

Postulamos a hipótese de que o autor elabora o texto literário com escolhas lexicais estrategicamente planejadas, através de uma linguagem elaborada que visa reproduzir o contexto da realidade periférica com suas marcas de oralidade, gírias e elementos que caracterizam as próprias personagens. Há, portanto, o uso intencional da língua portuguesa no texto literário.

Assim, neste artigo, pretendemos propor uma reflexão sobre o uso do léxico da língua portuguesa em uso no discurso literário, sua relação com os efeitos de sentido, bem como com a intencionalidade do autor para construção das personagens que representam os sujeitos periféricos.

Léxico, Semântica e Intencionalidade Discursiva

Os fatores que envolvem as escolhas lexicais para a produção de um texto literário são de diferentes ordens, a saber: linguísticos, textuais, semânticos, estilísticos

e expressivos, levando-se em consideração o momento histórico, social, emocional e, sobretudo, a visão de mundo e a intencionalidade do autor.

Com isso, consideramos que o léxico de uma língua é composto por um vasto acervo de unidades lexicais dotadas de significado que não só designam seres e objetos no mundo, mas, sobretudo, expressam todo um contexto sócio-histórico de interação entre falantes de uma mesma geração e comunidade linguística. Afinal, conforme pontuado por Villalva & Silvestre (2014, p. 23):

O léxico de cada falante, que é também chamado de **léxico mental**, depende da sua apropriação dos estímulos lexicais a que é exposto, e, portanto, variará muito em função da sua experiência linguística individual, do que ouve, do que lê, do que fala e do que escreve. Um indivíduo não é falante de uma dada língua porque nasceu e cresceu no país onde essa é a língua oficial, mas porque esses foram os dados linguísticos a que foi exposto, enquanto membro de uma dada comunidade, crucialmente nos seus primeiros anos.

Neste sentido, é através da perspectiva sociointeracionista que compreendemos o uso do léxico da língua portuguesa para compor os diferentes gêneros textuais em situações reais de comunicação.

Os poemas e contos analisados neste artigo possuem um público-alvo, um destinatário a ser tocado pelas unidades léxicas do texto, previamente selecionadas pelo autor, com vistas a compor personagens e cenários que retratem um perfil, uma ideia e sua própria ideologia e visão de mundo.

São as escolhas lexicais do autor, baseadas em seu posicionamento ideológico e intencionalidade discursiva, que moldam o perfil das personagens, concedendo-lhes características que visam não só imitar a realidade, mas, sobretudo, criar uma ilusão de realidade para os leitores, despertando a memória léxico-afetiva desses sujeitos. A esse respeito Cardoso (2018, p. 44) afirma que

É justamente o fato de o léxico refletir as identidades sociais e as manifestações culturais que o faz passar sempre por muitas transformações. O léxico associa-se diretamente à memória; por isso, passa por inovações, renova-se, é um conjunto aberto, flexível e dinâmico e reflete todas as mudanças sociais, históricas, culturais. Utilizando o material linguístico de que dispõe, o enunciador faz, então, escolhas que variam de acordo com o gênero, o público, a situação da

enunciação. Subjacentes às escolhas lexicais, estão as ideológicas, interesses políticos, visões de mundo

Há, neste aspecto, uma estreita relação entre as escolhas lexicais, os efeitos de sentido provocados e a intencionalidade do autor, uma vez que é através dessa rede léxico-semântico-expressiva que são veiculadas as ideias presentes nos textos, seja com o intuito de fazer uma provocação, uma crítica, despertar a emoção, o questionamento ou uma reflexão do público leitor.

Por isso, verificamos que a escolha do léxico nos textos de Rodrigo Ciríaco não é arbitrária, mas motivada por uma unidade temática que gira em torno do campo léxico-semântico da periferia e do sujeito periférico como vítima de um sistema político-econômico opressor.

É por meio das unidades lexicais, ligadas umas às outras no texto, que são construídas as redes de significados para expressar os efeitos de sentido desejados pelo autor, construindo uma narrativa, bem como a caracterização das personagens. Conforme conceituado por Polguère (2018, p. 117), segundo o qual “O léxico é, assim, uma vasta rede lexical: um sistema extremamente rico e complexo de unidades lexicais conectadas umas com as outras”.

E essas conexões são agrupadas em campos temáticos, a saber: campos léxico-semânticos, através dos quais são produzidos os efeitos de sentido e veiculadas a ideologia e a visão de mundo dos sujeitos do discurso. A esse respeito também retomamos o campo conceitual de Henriques (2018, p. 78), como “expressão que se refere ao contingente de palavras que se agrupam, ideologicamente, por meio de uma rede de associações e interligações de sentido [...]”

Dessa forma, entendemos que o campo conceitual, aqui também denominado campo léxico-semântico, esteja mais adequado para esta análise, considerando o agrupamento ideológico das unidades lexicais para constituição e caracterização das personagens do *corpus*, uma vez que revelam a cosmovisão do autor para elaboração do discurso literário.

Ademais, segundo Ullmann (1976, p. 283), o campo semântico não reverbera apenas as ideias e valores da sociedade, mas torna-se registro linguístico e ideológico que influencia as próximas gerações. Nas palavras do autor:

Finalmente, a teoria de campo fornece um método valioso de lidar com um problema indescritível, mas de crucial importância: a influência da linguagem no pensamento. Um campo semântico não reflete meramente as ideias, valores e perspectivas da sociedade contemporânea, mas cristaliza e perpetua: transmite às gerações seguintes uma análise pronta da experiência, através da qual o mundo será visto até que a análise se torne tão palpavelmente inadequada e desatualizada que todo o campo deve ser reformulado.

Ressaltamos, ainda, que os campos léxico-semânticos também podem ser constituídos não somente entre unidades lexicais, mas também em sua construção frasal, através de lexias complexas, a fim de provocar efeitos de sentido metafóricos na construção discursiva.

Logo, é na relação e combinação entre as unidades lexicais – fraseologia – que são produzidos os efeitos de sentido. Importante salientar que tais combinações carregam um conteúdo semântico que abarca não apenas os significados das unidades lexicais isoladas, mas todo um contexto que envolve a identidade e cultura de um grupo, suas experiências e visão de mundo, constituindo, assim, um significado fraseológico.

Vilela (2002, p. 161) aponta neste sentido ao afirmar que

Estes frasemas (ou fraseologismos) funcionam como um processo de ampliação do léxico, servindo assim para a nomeação, qualificação, circunstanciação ou, por outras palavras, contribuindo para a lexicalização da conceptualização e categorização da nossa experiência quotidiana. As fraseologias têm, como quaisquer unidades lexicais não fraseológicas, carácter de signo e tem por isso uma função nomeadora: nomeiam de modo codificado e sistemático um denotado ou classe de denotados, representando, esquemas mentais de objectos ou de estado de coisas. Nesta função nomeadora estamos perante uma nomeação secundária, construída a partir de signos “mínimos”. Para esta nomeação secundária, normalmente, existem já nomeações primárias, só que as fraseologias redescobrem novas propriedades que lexicalizam, apontando, nessa redescoberta, sobretudo, para a esfera da expressividade. O que preferencialmente os fraseologismos lexicalizam são, no chamado léxico mental, as emoções, as atitudes, as interpretações subjectivas, os comportamentos, frequentemente com pendor negativo.

Nesta perspectiva, o discurso literário de Rodrigo Ciríaco é composto por escolhas léxico-semânticas, cujos efeitos de sentido expressam, intencionalmente, a opressão e o sofrimento a que os sujeitos periféricos estão submetidos na sociedade contemporânea. Suas personagens sofrem com a carência material e afetiva que violenta os indivíduos desde tenra idade. Com isso, as unidades lexicais e fraseológicas – também como recurso expressivo – caracterizam esses sujeitos, nomeando seus sentimentos e comportamentos.

Trata-se de uma leitura provocativa que busca evidenciar os problemas sociais na sociedade brasileira a partir do recorte da periferia paulistana. Além de ser um retrato sócio-histórico de uma geração e classe social, seus textos registram usos linguísticos e expressivos do português brasileiro do século XXI.

Escolhas lexicais e a construção das personagens no texto literário

Conforme já pontuado, as escolhas lexicais são motivadas e intencionais. E, assim, moldam-se as personagens, mediante a seleção cuidadosa de palavras – unidades lexicais – que lhes dão vida a partir de suas características físicas e psicológicas em ação no texto e na interação com público leitor. Sobre isso, Anatol Rosenfeld (1987, p. 14) afirma que

[...] a preparação especial de selecionados aspectos esquemáticos é de importância fundamental na obra ficcional – particularmente quando de certo nível estético – já que desta forma é solicitada a imaginação concretizadora do apreciador. Tais aspectos esquemáticos, ligados à seleção cuidadosa e precisa da palavra certa com suas conotações peculiares, podem referir-se à aparência física ou aos processos psíquicos de um objeto ou personagem (ou de ambientes ou pessoas históricas etc.), podem salientar momentos visuais, táteis, auditivos etc.

Candido (1987, p. 54) também faz referência à técnica de escrita ficcional ao pontuar que a personagem se conecta aos leitores – ativa e intelectualmente – a partir da identificação. O autor conceitua os três elementos fundamentais da obra de ficção, ao considerar o enredo, a personagem e os efeitos de sentido, os quais estão interligados e dão vida à narrativa.

Portanto, os três elementos centrais dum desenvolvimento novelístico (o enredo e a personagem, que representam a sua matéria; as “ideias”, que representam o seu significado, - e que são no conjunto elaborados pela técnica), estes três elementos só existem intimamente ligados, inseparáveis nos romances bem realizados. No meio deles, avulta a personagem, que representa a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificações, projeção, transferência etc. A personagem vive o enredo e as ideias, e os torna vivos.

Sendo assim, o autor cria uma imitação da realidade, a qual pretende tornar verossímil a partir da linguagem utilizada, da caracterização e ações das personagens no desenrolar do enredo da narrativa. Há, neste aspecto, um processo técnico de autoria, de cuidadosa seleção e combinação lexical, de elaboração intencional e planejada do discurso, a fim de sensibilizar e fazer uma provocação aos leitores, buscando sua identificação com as personagens.

Os protagonistas analisados neste artigo apresentam características comuns que se agrupam em campos conceituais com vistas a expressar o sujeito periférico, a partir da oposição entre suas carências e desejos/sonhos.

A análise terá como enfoque cinco personagens: Brayan, o menino Gigante de “Um novo brinquedo”; Sarah, a menina de quatro anos de “Criança de trinta”; Edílson, o garoto de rua do “7x1”; Bia, a estudante de escola pública de “Bia não quer merendar”; e Alice, a menina prostituída de “Era uma vez”. O objetivo é compreender como as escolhas lexicais produzem efeitos de sentido que revelam as marcas de uma infância periférica violentada pela miséria e opressão conseqüências da desigualdade social.

O sujeito periférico: o retrato de uma infância negligenciada

Nos textos analisados, observamos o conflito das personagens com o seu meio, ainda que de modo simbólico por se tratar de crianças e adolescentes, nota-se que essas personagens – sujeitos periféricos – são as principais vítimas do sistema político-econômico que promove a desigualdade social.

Através das escolhas léxico-semânticas, notamos a relação desses sujeitos em situação de vulnerabilidade social com a sua comunidade, vizinhança e autoridades. As

personagens obtêm acesso aos serviços públicos precários e alguns dependem de auxílios governamentais.

O protagonista do conto “Um novo brinquedo”, de Rodrigo Ciríaco, é Gigante, o garoto chamado Brayan, que vive em uma comunidade carente com sua mãe, irmão gêmeo e padrasto. A família recebe auxílio de programas sociais condicionados à frequência escolar. As combinações lexicais do autor nos revelam essa ambientação precária do pré-adolescente da escola pública em oposição a beleza da infância:

Na **lei da selva** é assim. Agora ia dividir território com a galera do Ensino Médio, uns caras bem maiores, folgados, alguns com maldade. Mas Gigante não se intimida, ele pensa: “**tamanho não é documento**”. (Ciríaco, 2015, p. 21)

De alma lavada, Gigante nem brigou com o irmão pelo susto. Colocou o brinquedo embaixo do braço e foi pra rua **brincar**. O caminhão estava funcionando. Era quase novo. (Ciríaco, 2015, p. 27)

Observamos os valores fraseológicos das expressões *lei da selva* como o ambiente escolar em que impera a força bruta, o predomínio do mais forte; e *tamanho não é documento* como caracterização da personagem que possui baixa estatura, porém é corajoso para enfrentar os estudantes maiores.

Por sua vez, o poema “Criança de Trinta” versa a respeito de Sarah, menina de apenas 4 anos de idade. Escrito em tom provocativo, apresenta as perdas dos direitos individuais, a desumanização do indivíduo diante das perdas materiais, culturais e socioemocionais, a criança abandonada, excluída, rejeitada e que vive à margem da sociedade.

Sarah ontem estava diante do
Juiz
numa Audiência Pública
**sentou, andou, conversou e
brincou**

[...]

Sarah **brincante, irradiava.**

Sarah **vibrante, cantava:**
“vai ter luz, vai ter luz, vai ter luz”
Quando o defensor público

anunciou
Sobre a possível visita do
sr. Eletropaulo
que devolveria a uma **Ocupação**
da cidade de São Paulo
a **roubada luz,**
água,
banho quente,
educação,
respeito, dignidade e
consideração.

[...]

Sarah é criança
Tem apenas
Quatro anos de idade
Impressionante:
Já viveu mais do que muitos
Adultos de trinta
(Ciríaco, 2016)

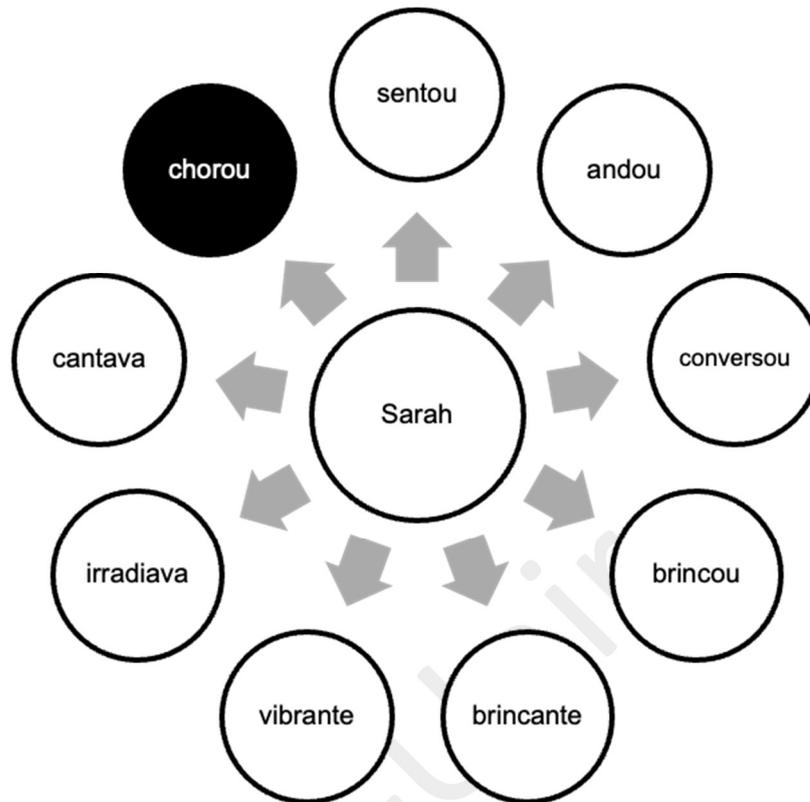
Cabe ressaltar que a expressão *roubada luz* traz o valor fraseológico da irregularidade, da energia elétrica que é ligada por meios ilícitos com o objetivo de pagar a taxa mínima ou obter a isenção. Reforça, deste modo, a caracterização dos sujeitos periféricos como aqueles que vivem à margem, excluídos do sistema por conta de sua condição financeira.

O poema é construído através da oposição entre a criança alegre de apenas quatro anos de idade que brinca, canta, dança, conversa e a criança que chora diante das sucessivas violências sofridas.

A personagem infantil inserida em um ambiente sério e burocrático como o sistema judiciário busca sensibilizar os leitores para o problema da falta de moradia na cidade de São Paulo, assim como humaniza os sujeitos periféricos que participam da *Ocupação*.

Portanto, as escolhas léxico-semânticas no poema denunciam um problema social e levam os leitores a refletirem sobre a desigualdade, a miséria e a negligência dos governos e da sociedade com milhares de famílias e crianças.

Figura 1 – Escolhas Lexicais – Caracterização da personagem Sarah



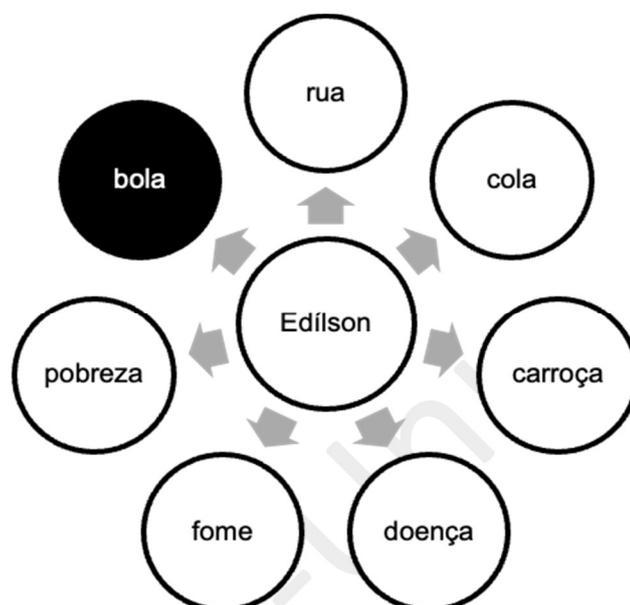
Fonte: Elaborado pela autora.

Edílson, do poema “7x1”, vive na rua, cercado pela miséria e pelas necessidades básicas frente ao sonho de se tornar um jogador de futebol, um dos únicos meios de conseguir ascensão financeira para os garotos da periferia – no futebol ou na área musical.

A pobreza,
A doença,
A fome,
A cola,
A bola,
A rua,
A carroça,
Suas irmãs
(Ciríaco, 2016).

As escolhas lexicais do autor constroem a imagem do garoto abandonado que vive nas ruas, sujo, maltrapilho, coletando materiais recicláveis em sua carroça. É visão da criança e adolescente vítima de um sistema que não o protege, ignora e invisibiliza. A unidade lexical *bola* é usada como metáfora do sonho infantil de se tornar um craque do futebol brasileiro, com o objetivo de adquirir fama, dinheiro e uma vida digna.

Figura 2 – Escolhas Lexicais - Caracterização da personagem Edílson



Fonte: Elaborado pela autora.

Os sonhos e desejos das personagens – Sarah, Brayan, Bia, Alice e Edílson se fundem nas unidades lexicais *respeito*, *dignidade* e *consideração* do poema “Criança de Trinta”. Direta ou indiretamente, tal seleção léxico-semântica repete-se nos poemas e contos do autor. Afinal, todas as personagens anseiam por uma condição de vida melhor, educação, alimento, casa, proteção e acolhimento.

A protagonista do conto “Bia não quer merendar” é a estudante de escola pública, Bia, que apresenta o medo do bullying e da rejeição dos colegas. Dentro dos muros da escola, temos o conflito e a desigualdade social tão presente entre os estudantes. A adolescente que não tem como se alimentar em casa, recusa-se a comer a merenda da escola com medo de ser alvo de opressão. A narrativa baseia-se na vergonha de ser *merendeira* em oposição ao ter *fome* e a não ter *dinheiro* – diante do preconceito contra a pobreza, a exclusão e a rejeição sofrida pelos sujeitos periféricos. Assim,

verificamos a personagem que teme a opressão no ambiente escolar, ignorando que a falta de alimento em seu lar é a maior das opressões a que um indivíduo é submetido.

Assim como no intervalo **não tinha dinheiro** pra cantina. Bia não quis sair para comer a merenda, ainda que fosse às escondidas. A última coisa que Bia insistiu em dizer, antes de desmaiar de fome, foi: “Professor, eu, eu...**Eu não sou merendeira**” (Ciríaco, 2014, p. 19)

Já no conto “Era uma vez”, temos Alice, a garota que se torna vítima da prostituição, das drogas e da violência. A narrativa expressa a desilusão em oposição aos sonhos infantojuvenis da criança que questiona a perda da infância e a existência dos finais felizes dos contos de fadas – *país das maravilhas, felizes para sempre*.

Não entendia como Cinderela com nada mais se importava a não ser sair a noite travestida e agitada com silicones nos peitos que entre os sutiãs apertava e ficava aos beijos com mais um otário que caía bye bye no seu golpe certo. **Alice a tudo olhava e de dentro do seu país das maravilhas que não era como imaginava** refletia indagava outrora perguntava se era possível alguém viver assim como se dizia para as crianças em prosa cantada narrada entoada nos contos de fada **felizes para sempre**. (Ciríaco, 2011, p. 34)

No quadro abaixo, apresentamos as escolhas lexicais, bem como suas combinações fraseológicas, utilizadas nos textos literários para caracterizar as personagens:

Quadro 1 – Caracterização das personagens periféricas

Brayan (Gigante)	Sarah	Edilson	Bia	Alice
11 anos Estatura de um anão de jardim Não leva desaforo pra casa Bolsa Família	4 anos Sem água Sem banho quente Sem escola Sem luz Já viveu mais do que muitos adultos de trinta	Garoto de rua Puxando uma carroça Cheirava cola Não tinha pai Tinha técnica Tinha fome Tinha raça	Eu não sou merendeira Não tomou café Não almoçou Não comeu porque não tinha Não tinha dinheiro pra cantina	Olhos inchados Corpo cru quase nu Era magra criança Vivia beijando sapo Não acreditava mais em príncipes heróis

Fonte: Elaborado pela autora

Nas construções fraseológicas, observamos os efeitos de sentido que indicam as consequências da fome, miséria e violência a que estão submetidos os sujeitos periféricos: *Estatura de um anão de jardim* – baixa estatura / distúrbio do crescimento; *não leva desaforo pra casa* – indivíduo que reage com agressividade; *garoto de rua puxando uma carroça* – a criança abandonada ou que fugiu da violência dentro de casa e sobrevive da coleta e venda de materiais recicláveis; *eu não sou merendeira, era magra criança* – a criança que não se alimenta em casa / insegurança alimentar; *vivia beijando sapo* – as decepções amorosas / situações de abuso; *já viveu mais do que muitos adultos de trinta* – o sofrimento da criança que não tem atendida suas necessidades básicas.

Destacamos o campo léxico-semântico da *fome* através das lexias: *Bolsa Família, tinha fome, Não tomou café, Não almoçou, Não comeu porque não tinha, Era magra criança*. Ressalta-se que milhares de crianças das periferias do Brasil ainda dependem das refeições disponibilizadas nas escolas públicas – a merenda, a qual para muitos é a única refeição diária.

Ressaltamos que as unidades gramaticais *Sem* e *Não* enfatizam a carência das necessidades básicas – *Sem água, Sem banho quente, Sem escola, Sem luz, Não tinha pai, Não tinha dinheiro pra cantina*. Retomam, ainda, a violência sofrida pelos direitos negligenciados, a criança que não tem afeto, tampouco recursos materiais. A consequência é a desesperança em *Não acreditava mais em príncipes heróis, cheirava cola*; ou a reprodução da violência – *Não leva desaforo pra casa*, com valor fraseológico de revidar a agressão sofrida.

Figura 3 – Unidades gramaticais como recurso enfático



Fonte: Elaborado pela autora

As personagens dos textos analisados têm em comum aquilo que lhes falta – a dignidade, o dinheiro, o alimento, a água, a luz, a escola e o atendimento a todas as suas necessidades básicas. Todos sofrem com a negligência do poder público e da sociedade que os invisibiliza. Vítimas de um sistema que valoriza o *ter*, essas crianças e adolescentes *não têm*, ao passo que deixam de *ser* apenas crianças que desejam brincar com o seu caminhãozinho de bombeiros ou com a sua boneca, jogar bola, comer uma refeição saudável e ter um final feliz.

Através dos poemas e narrativas, o autor propõe uma reflexão e até mesmo uma provocação aos leitores, cujo olhar muitas vezes contaminado pela realidade hostil do ambiente periférico também negligencia a infância desses sujeitos. As escolhas léxico-semânticas e fraseológicas sugerem aos leitores a perspectiva das personagens violentadas pela sociedade através da agressividade – *Não leva desaforo pra casa*; da carência – *Sem escola*; do vício – *Cheirava cola*; da fome – *Não almoçou*; *Não tomou café*; e da violência sexual – *Olhos inchados*; *Corpo cru quase nu*.

Considerações Finais

Consideramos que, dentro do escopo apresentado, a linguagem utilizada pelo escritor Rodrigo Ciríaco para caracterizar as personagens de seus contos e poemas

revela os valores ideológicos da Literatura Marginal e Periférica na sociedade contemporânea – um discurso engajado e de denúncia social.

Neste sentido, compreendemos que a Literatura Marginal e Periférica se constrói na disputa pelo discurso, através da necessidade e do direito de expressão daqueles que são marginalizados e excluídos dos privilégios sociais. Dessa forma, trata-se de uma literatura que provoca o desconforto, o movimento e o questionamento do *status quo*, oportunizando às pessoas comuns – o estudante da escola pública, o menino de rua, a criança que vive na ocupação, a menina prostituída e o menino da favela – tornarem-se sujeitos do discurso, sendo também representados nas personagens e espaços periféricos. Sujeitos esses que são excluídos das narrativas contemporâneas, conforme aponta Dalcastagnè (2012, p. 18):

Na narrativa brasileira contemporânea é marcante a ausência quase absoluta de representantes das classes populares. Estou falando aqui de produtores literários, mas a falta se estende às personagens. De maneira um tanto simplista e cometendo alguma (mas não muita) injustiça, é possível descrever nossa literatura como sendo a classe média olhando para a classe média. O que não significa que não possa haver aí boa literatura, como de fato há – mas comum a notável limitação de perspectiva.

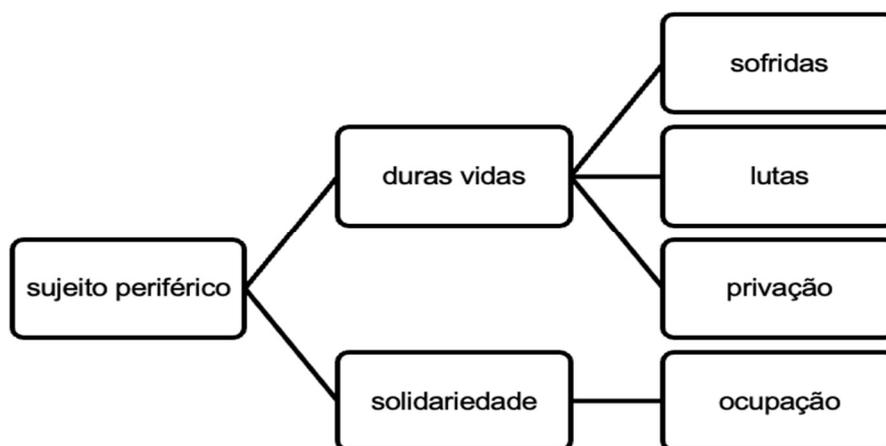
O léxico selecionado para construção dos campos conceituais no discurso literário compõe um cenário de hostilidade e violência contra os sujeitos periféricos que são vítimas de um sistema político-econômico que historicamente os oprime e os rejeita. Com isso, as unidades lexicais são carregadas de sentimentos, pensamentos, juízos de valor, crítica e questionamentos, deixando transparecer o posicionamento ideológico do autor.

A seleção lexical do poema “Criança de Trinta”, por exemplo, apresenta a vida do sujeito periférico, tal como visto em outros textos do autor, em duas perspectivas: negativa – *duras vidas, sofridas, lutas, privação*; e positiva – a partir da visão da coletividade, da vida em comunidade, na qual há *solidariedade*.

A unidade lexical *ocupação* reforça o posicionamento ideológico do autor, indicando a necessidade da utilização dos espaços públicos inativos para resolução do problema de moradia nos grandes centros urbanos. Logo, não se trata de uma invasão

criminosa, realizada de forma violenta; mas da *ocupação* pacífica de um espaço livre, de um imóvel.

Figura 4 – Escolhas Lexicais do poema “Criança de Trinta”



Fonte: Elaborado pela autora

Assim, para analisar a seleção lexical do autor, bem como as associações léxico-semântico-discursivas, é preciso também considerar Rodrigo Ciríaco como educador social oriundo da periferia em um contexto e experiências que reverberam no discurso literário.

Os textos são escritos de forma a opor a realidade aos sonhos e desejos dos sujeitos periféricos: assim, temos Gigante, o garoto da favela que só queria brincar com seu novo brinquedo; Sarah, a garotinha que ansiava por tomar um banho quente, ir para a escola, brincar; Edílson, cujo único sonho era tornar-se um craque do futebol; Bia que apenas desejava ter o que comer; e Alice cujos sonhos de um país das maravilhas foram soterrados pelo deserto árido da infância roubada.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antonio. A Personagem do Romance. In: CANDIDO, Antonio et alii. *A Personagem de Ficção*. Coleção Debates. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.
- CARDOSO, Elis de Almeida. *O Léxico no Discurso Literário: A Criatividade Lexical na Poesia Moderna e Contemporânea*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.
- CIRÍACO, Rodrigo. Criança de Trinta. 7x1. In: CIRÍACO, Rodrigo. *Vendo Pó...esia!* São Paulo: Editora Nós, 2016.

CIRÍACO, Rodrigo. Um novo brinquedo. In: ANACAONA, Paula. (Org.). Vários autores. *Eu sou favela*. 1ª edição. São Paulo: Editora Nós, 2015.

CIRÍACO, Rodrigo. Bia não quer merendar. In: CIRÍACO, Rodrigo. *Te pego lá fora*. 2ª edição. São Paulo: Editora DSOP, 2014.

CIRÍACO, Rodrigo. Era uma vez. In: CIRÍACO, Rodrigo. *100 Mágoas*. São Paulo: Edições Um por Todos, 2011.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Léxico e Semântica: estudos produtivos sobre e significação*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

PÒLGUERE, Alain. *Lexicologia e Semântica Lexical: noções fundamentais*. Tradução de Sabrina Pereira de Abreu. São Paulo: Contexto, 2018.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e Personagem. In: ROSENFELD, Anatol et alii. *A Personagem de Ficção*. Coleção Debates. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

ULLMANN, Stephen. *Semântica. Introducción a la Ciencia del Significado*. 2ª ed. 3ª reimp. Traducción del inglés por Juan Martín Ruiz-Werner. Madrid: Aguilar, 1976.

VILELA, Mário. As expressões idiomáticas na língua e no discurso. In: *Actas do Encontro Comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*. Porto: v. 2. Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 2002. p. 159-189.

VILLALVA, Alina. SILVESTRE, João Paulo. *Introdução ao estudo do léxico: descrição e análise do Português*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

Entre memórias, literatura e história: análise léxico-cultural em contos da obra “Rastros e trilhas”, de Braz José Coelho (2009)

Between memories, literature, and history: a lexicon-cultural analysis in short stories of the work "Rastros e trilhas", by Braz José Coelho (2009)

Submetido em: 29/07/2023

Aceito em: 09/11/2023

Maiune de Oliveira Silva¹
Ana Vitória Gomes Moreira²
Vanessa Regina Duarte Xavier³

Resumo: Compreendendo que a literatura é uma manifestação artística que preza pelo uso estético da linguagem, ela está ligada à cultura de um povo e a um tempo (Borges, 2010). Além disso, as obras que a integram podem ser analisadas do ponto de vista linguístico, constituindo formas de interpretar e de representar o mundo. Destarte, o presente trabalho teve por objetivo realizar uma análise léxico-cultural em três contos da obra “Rastros e trilhas”, de Braz José Coelho (2009). Para a metodologia, realizamos a leitura da obra e selecionamos três contos para compor o corpus. Após a leitura dos contos, realizamos um inventário das unidades lexicais que dizem respeito à cultura local e, após isso, estruturamos os campos lexicais. Posteriormente, realizamos a análise das unidades lexicais à luz de dicionários gerais de língua, discutindo os sentidos inferidos do contexto em que se inserem na obra. Para a fundamentação, empregamos teóricos que versam sobre Lexicologia, campos lexicais e memória, tais como Biderman (1981), Coseriu (1972), Barreto (2010), entre outros. Assim, a partir dos campos lexicais ofícios/profissões, religiosidade, relações afetivas e animais foi possível refletir acerca da cultura goiana expressa na obra em foco.

Palavras-chave: Léxico; Campos Lexicais; Literatura regional; Memória; História.

Abstract: Understanding that literature is an artistic manifestation that values the aesthetic use of language, it is connected to the culture of a people and a specific time (Borges, 2010). Moreover, the works that comprise literature can be analyzed from a linguistic perspective, representing ways to interpret and portray the world. Thus, the present study aimed to conduct a lexicon-cultural analysis of three short stories from the work "Rastros e trilhas", by Braz José Coelho (2009). For the methodology, we read the book and selected three short stories to compose the corpus. After reading the stories, we conducted an inventory of lexical units related to the local culture and structured lexical fields based on that. Subsequently, we analyzed the lexical units in the light of general language dictionaries, discussing the

¹ Graduada em Letras/Português e Mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão. Atualmente, é Doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Catalão, com bolsa de fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8860405741904592>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-8498-9420>. E-mail: oli.maiunes@gmail.com.

² Mestranda pelo Programa de pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7042061427335231>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3117-7576>. E-mail: anavitoria123r@gmail.com.

³ Doutora em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Docente do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Catalão (PPGEL/UFCAT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8615393836970411>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0001-6718-2361>. E-mail: vanessaregina@ufcat.edu.br.

inferred meanings from the context in which they are inserted in the work. For the theoretical foundation, we employed scholars who deal with Lexicology, lexical fields, and memory, such as Biderman (1981; 1984), Coseriu (1972), Barreto (2010), among others. Thus, based on the lexical fields of professions, religiosity, affective relationships, and animals, it was possible to reflect on the Goiana culture expressed in the focused work.

Keywords: Lexicon; Lexical Fields; Regional Literature; Memory; History.

Introdução

Obras literárias com linguagem regional podem se tornar fontes para se investigar a língua e a cultura de uma época. Nesse sentido, estudos podem ser realizados por diversos prismas linguísticos, tais como: morfológico, sintático, semântico, discursivo, lexical, entre outros. O estudo lexical feito a partir de *corpus* literário é produtivo, pois, por meio dele, podemos acessar realidades que são caras ao léxico. Não se trata de empreender uma abordagem que diminua o texto literário aos seus elementos gramaticais, mas de tecer uma discussão que, a partir do léxico, contribua com a análise do texto literário em foco. O discurso literário pode, portanto, ser perquirido para além da tradição e crítica literária, considerando-se o contexto situacional e o “cotexto”, que trata das relações linguísticas que se estabelecem em seu interior (Cardoso, 2018).

A pesquisa em tela situa-se no âmbito dos estudos lexicais, especificamente na Lexicologia, e tem como objetivo geral analisar três contos da obra “Rastros e Trilhas”, de Braz José Coelho (2009), em perspectiva léxico-cultural, visto que Borba (2006, p. 83) afirma que “o léxico faz a conexão entre a língua, como entidade abstrata, e a realidade, o mundo dos objetos”. Como objetivos específicos, podem-se listar: i) problematizar algumas imbricações entre história e memória, a partir da obra literária examinada; ii) demonstrar correlações entre o léxico e aspectos socioculturais da época em que a obra foi escrita e iii) caracterizar os principais temas abordados nos contos em estudo, com base nos campos lexicais obtidos.

A obra selecionada é composta por oito contos, que versam sobre religiosidade, vestimentas, profissões, ocupações e visões de mundo relacionadas às atividades rurais, exercidas em Catalão - Goiás, local em que as narrativas se ambientam, na segunda metade do século XX. Sobre essa asserção, Coelho (2009, p. 11) explicita que

a obra foi escrita “numa época que Catalão era uma cidade muito ligada às atividades rurais, às atividades roceiras e o imaginário da época refletia essas atividades e as lutas pela posse e distribuição das terras [...]”. Vale lembrar que os contos que compõem a obra foram escritos em 1959, apesar de terem sido publicados apenas em 2009, conforme salienta o autor no prefácio de seu livro. Ainda que de cunho ficcional, os contos não se furtam de representar, em certa medida, o cenário socioeconômico de Catalão à época, sendo as atividades rurais os principais ofícios das pessoas que residiam nessa cidade.

Braz José Coelho, autor da obra, nasceu em Silvânia-GO, em 30 de julho de 1938, tendo passado a infância no município de Ipameri-GO, mais precisamente na Fazenda Duas Pontes. Desenvolveu parte de seus estudos em Catalão-GO e, posteriormente, mudou-se para Goiânia-GO para cursar o ensino superior em Letras Vernáculas, pela Universidade Católica de Goiás (UCG), atual Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GOIÁS). Defendeu sua dissertação de mestrado em 1974, na Universidade Federal de Goiás (UFG), e fez doutorado em Linguística e Língua Portuguesa na Universidade Estadual Paulista (Unesp) “Júlio de Mesquita Filho”, em Araraquara-SP. O escritor tem publicações nas áreas de Linguística e Literatura⁴. Nessa última, o autor conta com livros de poesias, contos e crônicas. Suas obras literárias, de modo geral, tematizam a ruralidade, a lida roceira e momentos de fé das personagens, sobretudo, uma parcela da cultura goiana nos diversos tempos históricos em que são ambientadas.

À luz do exposto, esquadrihar o léxico da obra “Rastro e Trilhas” permite uma compreensão acerca das configurações sociais, históricas e culturais de Catalão-GO no espaço temporal tratado na narrativa. Além disso, corrobora a ideia de que o léxico é testemunho de uma sociedade e de um momento histórico, sendo por meio dele que o homem transmite valores e ideias às próximas gerações, conforme assevera Biderman (1981).

⁴ Estas informações bibliográficas constam nas orelhas dos livros escritos e publicados pelo autor.

Em relação à metodologia empregada, fez-se necessária uma leitura acurada da obra “Rastros e Trilhas”, de Braz José Coelho (2009), com o intuito de identificar, inventariar e delimitar as unidades lexicais a serem analisadas. A princípio, realizamos uma leitura, apenas com o intuito de conhecer a obra e as temáticas que os contos abordavam. Esse primeiro contato fez-se importante pelo fato de nos ambientarmos com a escrita do autor e com a linguagem das suas personagens. Concomitantemente a essa etapa, realizamos pesquisas bibliográficas sobre léxico, tais como em Biderman (1981), Vilela (1994) e Borba (2006), haja vista que esses autores conceituam o léxico e mencionam suas intersecções com a cultura, aspecto presente na obra de Coelho (2009). Sobre memória, fundamentamo-nos em Pollak (1992), para estabelecermos alguns pontos da relação entre memória e história. No que tange aos campos lexicais, consultamos Coseriu (1972), Abbade (2011), Barreto (2010), para depreender conexões semânticas entre as unidades lexicais arroladas.

Em seguida, delimitamos os contos que comporiam o nosso *corpus*, restringindo-nos a três, a saber: “Conversas na barbearia”, “Tocaia” e “A luta”, porquanto são contos em que percebemos uma abundância de unidades lexicais referentes aos hábitos e costumes dos moradores catalanos à época. Ademais, devido à quantidade de páginas destinadas ao presente artigo, não foi possível analisar todos os contos e os temas que eles apresentam. Diante disso, realizamos o inventário das unidades lexicais relacionadas aos aspectos socioculturais da cidade de Catalão, sem o auxílio de *softwares*. Os resultados foram estruturados em campos lexicais, representados na forma de quadros, que possuem: a abonação retirada do *corpus* e o sentido obtido a partir dos dicionários selecionados ou pelo sentido obtido do contexto dos contos, quando necessário. A organização dos campos em quadros se mostrou necessária para que pudéssemos acessar as informações de forma mais célere durante a análise e para que os consulentes possam contemplar a estrutura dos campos.

Os dados foram cotejados em três dicionários gerais de língua, a saber: o “Dicionário Houaiss” em versão eletrônica, de Houaiss e Villar (2009), o “Dicionário Michaelis” *Online* (2023) e o “Caldas Aulete” *Online*, de Aulete e Valente (2023). Em

algumas análises, oportunamente recorreremos a acepções do “Dicionário do Brasil Central”, de Ortêncio (2009), para complementar a discussão. A escolha pelo Dicionário Houaiss (2009) se deu por tratar-se de uma obra lexicográfica amplamente utilizada em trabalhos envolvendo a Lexicologia. Os dicionários *Michaelis Online* (2023) e *Aulete Online* (2023) foram selecionados pelo fato de estarem entre o rol de artefatos lexicográficos mais populares do Brasil publicados após 2000, segundo Frankenberg-Garcia (2017). A seleção de dicionários *online* também se justifica pela acessibilidade, uma vez que o acesso à *internet* e os avanços da tecnologia possibilitam que eles funcionem como materiais de consulta para distintos públicos. O dicionário de Ortêncio (2009) foi utilizado na construção das análises pelo fato de ele ser composto por regionalismos, possibilitando-nos encontrar acepções mais fidedignas ao contexto apresentado nos contos investigados.

Quando não foi possível recuperar a acepção da unidade lexical por meio da consulta nos dicionários, utilizamos como referência outras fontes que as contemplassem ou a inferimos do contexto narrativo. Isso possibilitou-nos expandir nossos conhecimentos acerca do léxico regional utilizado em Goiás em meados do século XX e, compreender, de forma ampla, determinados contornos socioculturais explorados nos contos. Algumas definições das unidades léxicas não foram abarcadas pelos dicionários gerais de língua consultados, possivelmente pelo fato de ser uma obra literária regional, já que é comum dicionários gerais de língua não dicionarizarem todos os usos regionais.

No que tange à estruturação dos dados em campos lexicais, ressaltamos que eles foram organizados da seguinte maneira: i) as entradas constituíram-se pelas unidades lexicais em sua forma canônica, isto é, os verbos no infinitivo, os substantivos e adjetivos, sempre que possível, no masculino e singular; ii) a abonação extraída do *corpus*; e iii) seu(s) sentido(s) conforme o contexto da obra analisada, retirados dos dicionários. Assim, obtivemos quatro campos principais, a saber: *ofícios/profissões*, *religiosidade*, *relações afetivas* e *animais*. Tais campos possuem relação direta com o universo social e cultural vivenciado pelas personagens. Por conta do volume de dados,

restringimo-nos a apresentar a análise dos três contos supramencionados, delimitando a nossa análise em cinco unidades lexicais de cada campo lexical, em razão da extensão limitada deste artigo. Salientamos que a obra é permeada por unidades lexicais que poderiam compor outros campos, mas, nesta oportunidade, optamos pelo referido recorte.

Inventariar essas unidades léxicas foi importante para compreendermos a temática de cada conto e, também, para construirmos os campos lexicais, consoante os postulados de Coseriu (1972), Barreto (2010) e Abbade (2011). Para fundamentar nossa análise, também recorreremos a Biderman (1981), que trata dos estudos lexicais em estreita relação com o sociocultural. Após mapeadas as principais unidades lexicais de cada conto, de acordo com nosso objetivo, realizamos o seu cotejo nos dicionários gerais de língua disponíveis *online* e refletimos acerca da especificidade ou não dos seus sentidos ao longo dos contos.

Diante disso, esse trabalho encontra-se dividido em duas seções principais: na primeira parte, discutimos acerca da literatura regionalista de Coelho, memória, história e léxico, no segundo momento, dissertamos sobre a teoria dos campos lexicais, apresentando as análises dos dados e realizando uma discussão que inter-relacionou as unidades lexicais inventariadas com a realidade sociocultural da cidade de Catalão-GO.

A literatura regionalista de Coelho nos meandros da ficção, da memória, da história e do léxico

A obra “Rastros e Trilhas”, de Braz José Coelho (2009), pode ser considerada de caráter regional pela linguagem empregada pelas personagens e sua caracterização, pelas referências culturais, como também pela ambientação dos contos. Coutinho (1955) caracteriza o regionalismo como uma expressão literária que busca prestigiar as características intrínsecas de um lugar, tanto na perspectiva geográfica quanto cultural.

É perceptível que Braz José Coelho (2009) retrata em sua obra traços característicos da ocasião em que Catalão estava sendo elevada ao patamar de cidade,

especialmente no tocante às atividades rurais que ali eram desenvolvidas. Palacín e Morais (1994) explicam que a cidade de Catalão se desenvolveu à base da agricultura, o que é evidenciado nos contos da obra, tal como exemplificamos no trecho que segue:

Aquelas primeiras roças eram só produção pro gasto. Só depois da fazenda pronta que tocaram roças maiores e mais diversificadas. Além de arroz, feijão, milho, mandioca, fizeram roças de fumo, de café, plantação de cana, pequenos roçados de amendoim e outras miudezas – tudo, além do gasto, pra vender (Coelho, 2009, p. 79-80).

De acordo com Monteiro (1998, p. 183), a literatura não pode ser considerada apenas ficção, desvinculada do real, uma vez que “Tanto a História quanto a Literatura são construídas a partir de um lugar social de onde se narra (classe, etnia, sexo, instituição, *métier*) e se tematiza a realidade”. A literatura pode “registrar o cotidiano da sociedade em vários aspectos, momentos e lugares, o que permit[e] ser reconhecida como canal de comunicação e documentação histórica [e] sociocultural” (Araújo, 2018, p. 15). Nesse sentido, a literatura e a história também possuem correlação com a memória, possuindo mecanismos que a permitem subsistir e perpassar as gerações; de outra parte, são a súpula dessa. Ricoeur (2003) ressalta que a memória permite à história uma reapropriação do passado, em suas múltiplas facetas. Fenômeno semelhante podemos observar na imbricação entre literatura e memória. Essa relação é dialética, pois produzir memórias na literatura significa assumir o imaginário e o vivido como partes da mesma moeda.

Machado de Assis (2017, p. 324) diz que a missão de um romancista, estendemos inclusive essas considerações aos contistas, não é “copiar” os fatos tais como aconteceram na realidade, pois se assim fosse, a arte seria inútil e “a memória substituiria a imaginação”. Para o autor, “é a mão do poeta [escritor] que levanta os acontecimentos da vida e os transfigura com a varinha mágica da arte” (Assis, 2017, p. 324).

A ficção literária é assumida essencialmente como um lugar de memória, pela sua capacidade de criação, por compor-se de fios discursivos que podem representar ou não uma realidade. Pollak (1992, p. 201), retomando Halbwachs, salienta que “a

memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”. Por esse prisma, nota-se que a memória não está diretamente ligada a fatos históricos e reais, porque é uma construção subjetiva, prenhe de sua pertença sociocultural.

Pollak (1992) ainda ressalta que a memória é constituída essencialmente por três elementos, os *acontecimentos*, as *pessoas* ou *personagens* e os *lugares*, que podem ter participado da vivência do sujeito efetivamente ou não, sendo esse último caso o que o autor denomina como fatos “vividos por tabela”, em decorrência da sua identificação com fatos do passado, por meio da sua socialização. Em suas palavras, esses acontecimentos podem ser descritos como “acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer” (Pollak, 1992, p. 201).

Desse modo, assume-se, neste estudo, uma concepção dialética entre a literatura e a história, entendendo que a literatura não repousa tão somente na ficção ou no irreal, mas que também pode conectar-se com o real, tradicionalmente vinculado ao conhecimento histórico. Complementarmente, a história não desvela verdades absolutas sobre fatos passados, mas sim os interpreta sob várias perspectivas.

De acordo com Monteiro (1998, p. 183), a literatura é o lugar a partir do qual o acontecimento é “narrado” e a forma pela qual isso ocorre, assim como o seu vínculo necessário ou não com a realidade, que distinguem as esferas literária e histórica. Diante disso, é necessário considerar que “História e Literatura são formas de dar a conhecer o mundo, mas só a História tem a pretensão de chegar ao real acontecido” (Pesavento, 2012, p. 32). Consoante aponta Borges (2010, p. 98), a literatura expressa a multiplicidade de aspectos “do complexo, diversificado e conflituoso campo social no qual se insere e sobre o qual se refere”, por esse motivo ela é constituída a partir das referências culturais e sociais. Assim, “[...] a expressão literária pode ser tomada como uma forma de representação social e histórica, sendo testemunha excepcional de uma época” (Borges, 2010, p. 98). Segundo o autor, como produto social, a literatura pode representar “[...] os hábitos, as atitudes, os sentimentos, as criações, os pensamentos,

as práticas, as inquietações, as expectativas, as esperanças, os sonhos e as questões diversas que movimentam e circulam em cada sociedade e tempo histórico (Borges, 2010, p. 98).

Por sua vez, a cultura se constitui de todo artefato ou produto que resulte da criação humana, incluindo-se as crenças, os costumes, as tecnologias etc. Por conseguinte, os fatos de cultura recebem denominações que os delimitam conceitualmente no conjunto de dados/elementos da experiência de modo geral, ao que chamamos de categorização. Em consonância com Biderman (1981, p. 134):

O acervo verbal de um idioma é o resultado de um processo de categorização secular e até milenar na cultura, através do reconhecimento das semelhanças e das diferenças entre os elementos da experiência humana, tanto a experiência resultante da interação com o ambiente físico como com o meio cultural.

Desse modo, os sujeitos apropriam-se de suas experiências concretas a partir da conceitualização e simbolização dos elementos que a constituem por meio dos expedientes lexicais, que a ela estão intimamente conectados. Por isso, o léxico é a súpula da interação do homem com o seu meio, possuindo matizes socioculturais diversas.

Nessa perspectiva, entendemos que o campo léxico consiste em uma estrutura paradigmática, determinada pela existência de uma zona de significação comum (Coseriu, 1972). Constitui, assim, uma forma de sistematizar os dados, considerando-se as propriedades semânticas das unidades léxicas. De acordo com Abbade (2011, p. 1337), “as relações internas de um campo léxico enquanto estruturas de conteúdo são determinadas pelas oposições semânticas em que funcionam”.

Acresce-se a isso a afirmação de Barreto (2010, p. 66, grifos no original) de que “o vocabulário de um estado sincrônico de língua é uma totalidade semanticamente articulada em campos léxicos, que podem estabelecer entre si uma relação de coordenação ou hierarquia e que representam *um todo articulado*, uma estrutura”. Portanto, as unidades lexicais adquirem sentido em relação umas com as outras, determinando-se, na esfera conceitual, mutuamente. Tais assertivas ratificam o aspecto

estrutural do léxico, inclusive sob a forma mnemônica, pois se trata de um acervo lexical categorizado na memória do indivíduo. Assim é que as unidades lexicais não se encontram isoladas, pelo contrário, articulam-se por oposições semânticas, dando origem a campos hierarquizados, os campos lexicais.

Enveredando pelos “rastros e trilhas” dos campos lexicais

Esta seção apresenta as unidades lexicais inventariadas nos três contos, que constituíram o *corpus* da presente pesquisa, as quais compõem os quatro campos lexicais que serão apresentados adiante. Analisamos as unidades qualitativamente, com o fito de verificar as relações que elas estabeleceram com a cultura catalana do século XX.

Os campos lexicais foram engendrados conforme a similaridade ou oposição semântica das unidades léxicas encontradas nos contos. Segundo Abbade (2011, p. 1332, grifos no original), “os *campos lexicais* representam uma estrutura, um todo articulado, onde há uma relação de coordenação e hierarquia articuladas entre as palavras que são organizadas à maneira de um mosaico: o *campo léxico*”. Consoante Coseriu (1972, p. 31, *tradução nossa*)⁵, o campo lexical é uma estrutura paradigmática do léxico que comporta unidades lexicais que “[...] partilham uma zona de significação contínua comum e se encontram em oposição imediata umas com as outras”. Um campo lexical estabelece-se pela relação entre as unidades léxicas que o compõem e o conjunto de campos lexicais é capaz de revelar os principais eixos temáticos dos contos, ou seja, suas principais zonas de significação ou conteúdo semântico.

Diante disso, as unidades lexicais inventariadas foram estruturadas em campos lexicais, considerando-se o seu uso nos contos. Levando em conta outro contexto e outro recorte histórico-cultural, certamente a estruturação lexical também se alteraria. Estabelecemos quatro campos lexicais a partir do *corpus*, a saber: *ofícios/profissões*,

⁵ No original: “[...] *partageant une zone de signification continue commune et se trouvant en opposition immédiate les unes avec les autres*”.

religiosidade, relações afetivas e animais. O motivo para seleção desses campos refere-se às temáticas que foram mais produtivas nos contos. Nos quadros subsequentes, apresentamos as unidades lexicais pertencentes a cada campo lexical.

No que tange à organização dos campos lexicais, eles foram organizados pelo arquilexema, que lhe confere o título, seguido das unidades léxicas que o compuseram, suas abonações e suas acepções extraídas dos dicionários gerais de língua ou engendradas por nós ou por outros autores e/ou obras, quando os dicionários não as registraram. Os arquilexemas constituem os hiperônimos do campo lexical, sendo unidades léxicas de sentidos mais gerais, que incluem outras de sentidos mais específicos, na direção contém/está contido. Quando a acepção foi extraída de dicionários, referenciamos a obra consultada ao final da definição. Iniciamos pelo campo *Ofícios/profissões* apresentado no quadro abaixo:

Quadro 1 – Campo lexical *Ofícios/profissões*.

Ofícios/ Profissões	Unidade Lexical	Abonação	Sentido
	Advogado	“[...] um <i>advogado</i> de anel no dedo que nunca pisara descalço [em] terra boa [...]” (Coelho, 2009, p. 151).	“pessoa habilitada a prestar assistência profissional em assunto jurídico, defendendo judicial ou extrajudicialmente os interesses do cliente” (Houaiss; Villar, 2009).
	Cometa	“Dizia também dos <i>cometas</i> , uns caixeiros, com seus jegues e mulas de carga, na venda de um tudo, pelas fazendas e roças [...]” (Coelho, 2009, p. 155).	“Viajante que percorria todo o país a cavalo como negociante e como mensageiro” (Michaelis Online, 2023).

Derrubar mato pra fazer roça	“O pai dele, seu bisavô, lá pras bandas do Descoberto, fora um dos primeiros, de machado na mão calosa, a <i>derrubar mato pra fazer roça</i> .” (Coelho, 2009, p. 154).	Cortar a vegetação alta com auxílio de enxada. Aparar a vegetação mais alta para utilizar o local para alguma finalidade específica (pasto, trilha).
Homem engravatado	“[...] Mas prum <i>homem engravatado</i> , um advogado de anel no dedo que nunca pisara descalço [em] terra boa [...]” (Coelho, 2009, p. 151).	Advogado, homem rico, de negócios.
Lida da casa	“Por companhia só uma velha que tomava conta da <i>lida da casa</i> [...]” (Coelho, 2009, p. 154).	Afazeres domésticos.

Fonte: Elaborado pelas próprias autoras.

É digno de nota, *a priori*, estabelecer a diferença entre *ofício* e *profissão*. *Ofício* é uma atividade realizada por profissionais, mas que não requer uma formação específica para sua execução; já a *profissão* é, segundo Houaiss e Villar (2009), uma “atividade para a qual um indivíduo se preparou”, ou seja, para executá-la, ele precisou de uma formação específica. Assim, “lida da casa”, “derrubar mato para fazer roça” e “cometa” são ofícios, ao passo que “advogado”, também, sinônimo de “homem engravatado”, é profissão.

Acerca das cinco unidades lexicais que compõem esse campo léxico, a primeira delas, “homem engravatado”, faz menção a uma profissão que era muito prestigiada, mas poucos eram os que conseguiam cursá-la, talvez, pelo fato de no Brasil o curso de Direito ter surgido apenas em 1822. Ser “advogado”, no contexto do conto, significava ter conhecimento, inclusive para usurpar a terra alheia para si, para acúmulo de riquezas e não necessariamente para plantar, fazer roças para si ou para vender. Tal fato pode ser asseverado pelo trecho da obra: “E se Ditinho não morresse, se

salvasse, poderia continuar escrevendo nos jornais, poderia escrever até um livro contando a história deles, a explicação de como os doutorzinhos de asfalto fazem para tomar a terra dos outros” (Coelho, 2009, p. 196). À luz disso, o autor utiliza ainda as unidades lexicais “homem engravatado” para se referir à profissão, ou seja, refere-se ao advogado pela roupa que é normalmente utilizada por esses profissionais, visto que uma das formas de diferenciar o lavrador ou as pessoas que lidavam cotidianamente com a terra do advogado, era pelo seu traje. Nessa perspectiva, a unidade lexical registrada no trecho supracitado, a saber “doutorzinhos de asfalto”, é utilizada para referir-se também aos advogados, ela é utilizada pelas personagens de “A luta”, que estão inseridas em um contexto rural, assim, os “doutorzinhos de asfalto” poderiam ser tanto os advogados quanto qualquer outra profissão ligada ao meio urbano, que utilizasse da sabedoria para obter vantagens em relação aos moradores rurais.

A unidade léxica “cometa” diz respeito ao viajante que percorria todo o país a cavalo como negociante e como mensageiro para vender os mais diversos produtos para donas de casa, fazendeiros, empresários, entre outros. Atualmente, não se faz mais esse serviço a cavalo, haja vista que outros meios de locomoção foram substituindo a tração animal; de maneira similar, a unidade léxica *cometa* caiu em desuso e foi substituída, a princípio, por “caixeiro-viajante” (Ortêncio, 2009, p. 226) e, na contemporaneidade, por “representante de vendas”. O produto de venda não foi especificado pelo autor no conto, mas é sabido que eles podiam vender objetos manufaturados, tecidos, joias etc., conforme a especificidade do seu público-alvo. Era uma profissão muito importante no século XX, haja vista que alguns produtos vendidos por ele só eram encontrados em grandes cidades e ele facilitava o acesso a estas mercadorias por quem morava nas fazendas e não podia percorrer grandes distâncias. A ocorrência dessa unidade léxica no *corpus* indica que essa atividade profissional era uma prática comum na sociedade da época e necessária para os moradores dos rincões goianos.

A unidade lexical “derrubar mato para fazer roça” é referente a um ofício muito executado nas roças quando o capim está com altura superior à sua dimensão vertical,

tornando-se um obstáculo à plantação. Ortêncio (2009, p. 265) denomina esse ofício de “derrubada” e diz que ele é executado quando o “mato está sendo posto abaixo para fazer roça”, ou seja, a derrubada do mato concretiza-se quando se limpa uma dada área que servirá para plantar uma cultura⁶. Não raras vezes, quando o mato está seco, utiliza-se a queimada para esse tipo de serviço, todavia, essa prática causa graves danos ao solo, à biodiversidade, ao ecossistema e à qualidade do ar. Como alternativa, o produtor pode se utilizar de outros meios para executar este serviço, tais como: enxada, roçadeira ou foice, que são maneiras mais trabalhosas de se fazer a “limpeza” da área, mas reduzem a poluição do solo e do ar.

“Lida da casa” refere-se ao trabalho doméstico executado nas roças, em sua grande maioria por mulheres. No conto “A luta”, esse trabalho é realizado por uma senhora que ficou responsável pela limpeza da casa desde que o protagonista do conto ficou viúvo. Essa personagem e sua filha eram responsáveis pelos mais diversos serviços, por exemplo: limpeza da casa, do galinheiro, administração de ração para as galinhas e recolha dos ovos que elas botavam diariamente, e a limpeza do paiol que tinha na roça.

Esse campo lexical referente aos *ofícios* e *profissões* das personagens reúne algumas atividades da lida na roça, tais como: derrubar mato, e outras em que é perceptível um *continuum*, isto é, *ofícios* e *profissões* que são desenvolvidos tanto na roça quanto na cidade, a exemplo da *lida da casa* e *cometa*. Lembramos que essa última teve seu nome modificado, porque suas configurações socioculturais foram igualmente alteradas, sendo atualmente mais conhecido como representante de vendas.

Outro campo a ser analisado refere-se à *Religiosidade*, como pode-se ver abaixo:

Quadro 2 - Campo lexical *Religiosidade*.

Religiosidade	Unidade Lexical	Abonação	Sentido

⁶ Entendemos por cultura uma área cultivada para plantio, bem como o produto oriundo dessa plantação.

	Novena	“Aí ficou sabendo da <i>novena</i> em honra de São Lourenço, padroeiro do povoado, modo o primeiro morador, o que abriu ali uma venda, filho de espanhol, chamado Lorenzo” (Coelho, 2009, p. 171).	“No catolicismo, série de atos e orações durante nove dias consecutivos para se alcançar uma graça divina” (Michaelis <i>Online</i> , 2023).
	Terço cantado	“[...] dança numa tolda comprida pra caber todo mundo, com sanfoneiro rasgando sanfona em toques animados, só parando pro leiloeiro apresentar e fazer o leilão das prendas que os juízes nomeados pelo festeiro levavam todas as noites - e o principal, o da devoção, o <i>terço cantado</i> sem faltar um dia, em antes de começar a festa” (Coelho, 2009, p. 171).	Manifestação religiosa de origem portuguesa que se realiza com orações rezadas e cantadas por um grupo de homens e mulheres.
	Procissão	“Era o final da novena e, por isso, em antes de se cantar o terço, fizeram a <i>procissão</i> [...]” (Coelho, 2009, p. 176).	“Cortejo solene e religioso de padres e fiéis, geralmente ordenados em alas, carregando imagens e crucifixos e entoando rezas e cantos pelas ruas em sinal de devoção” (Michaelis <i>Online</i> , 2023).

	Puxador de terços	“Pela manhã, um <i>puxador de terço</i> , morador da vizinhança, começou com o Credo, seguido do Padre Nosso, da Ave Maria, e do Glória, arrematando com a ladainha pra Virgem Mãe de Deus, acompanhado por todos nos responsos” (Coelho, 2009, p. 180).	Pessoa encarregada de conduzir a oração do terço.
	Pôr a vela na mão	“Até que a moça os acordou, num dia de de-noite, avisando que a velha se finara de vez, que sua mãe acabava de <i>pôr a vela na mão</i> da coitada” (Coelho, 2009, p. 164-165).	“[...] iluminar o caminho de passagem para o além-vida” (Bernardo, 2021, p. 65).

Fonte: Elaborado pelas próprias autoras.

Nesse campo lexical, as cinco unidades léxicas que o compõem são referentes à religiosidade. A “novena”, segundo o dicionário Michaelis (2023), é um conjunto de orações e práticas litúrgicas realizadas simultaneamente. Geralmente, ela é rezada por nove dias para se alcançar uma graça ou agradecer por um pedido que foi atendido. Essa unidade lexical ocorre no conto “A luta”, o santo padroeiro era São Lourenço, um santo espanhol, padroeiro do povoado, a quem os fiéis rezavam novenas para que houvesse intercessão em favor deles.

O “terço cantado”, geralmente, é entoado por todos os participantes da novena e é uma das manifestações do catolicismo popular que homenageia e reverencia o santo para o qual o terço é dedicado. Os terços cantados são uma manifestação religiosa ainda muito presente no catolicismo popular e acontecem em forma de uma reunião, na qual as pessoas se agrupam para rezar, pedir e agradecer pelas graças alcançadas ou almeçadas. Geralmente, essa festividade religiosa envolve pessoas que moram na região, além de outros devotos que moram em regiões circunvizinhas. É uma

maneira de ser membro do corpo de cristo e também de reforçar a fé dos moradores ali reunidos. Como pode ser observado no *corpus*, constitui uma tradição religiosa comum à época, e que se estende até a atualidade.

A “procissão” também é parte do catolicismo popular, mas não é exclusividade dele. Ela pode acontecer tanto nos terços promovidos no interior das comunidades, conduzida por um líder religioso, bem como nos terços que são entoados nas igrejas pelos padres ou outras lideranças religiosas. Geralmente, nas igrejas ocorre no feriado de *Corpus Christi*, para comemorar a presença de Cristo entre os cristãos, na missa de ramos, entre outros.

O “puxador de terços” é o responsável por iniciar e conduzir as orações quando as pessoas estão reunidas para rezá-lo. Ele principia as orações, em tom de voz relativamente alto, para que os demais possam dar continuidade, sem se perderem ao longo da reza, para orientar os fiéis.

A unidade léxica “pôr a vela na mão” é uma unidade lexical empregada de maneira metafórica referindo-se a uma tradição bastante antiga na qual os católicos acreditavam que a vela serviria para iluminar e guiar a alma do falecido em seu caminho espiritual (Ariès, 1997). Este objeto era colocado na mão direita do defunto no momento de iniciar o ritual do velório, dando início aos preparativos desse momento. Além disso, simboliza a fé dos que aqui ficaram de que a pessoa falecida estaria na eternidade, ao lado de Deus.

No quadro abaixo podemos ver as abonações e as acepções das unidades lexicais que se referem ao campo das *Relações afetivas*:

Quadro 3 – Campo lexical *Relações afetivas*.

Relações afetivas	Unidade Lexical	Abonação	Sentido
--------------------------	------------------------	-----------------	----------------

	Amigar-se	“[preto] Não casa, <i>amiga. Empd’inha - risadinhas guturais em e. - Ajouja - seo Chico lembrando dos tempos de carreiro e acrescenta: - Encanga. Juventino outra vez intrigando: - Diz também que negro não namora, empirreia na casa da roxa</i> ” (Coelho, 2009, p. 34-35)	Ligar-se amorosa e sexualmente a alguém sem estar com ele casado (Aulete; Valente, 2023). Refere-se ao ato de assumir um compromisso amoroso com alguém, sem as formalidades legais.
	Garrar a querer bem	“Depois conhecera uma mulher pouco mais velha do que ele e assim franzina de corpo, <i>garrou a querer bem, se amigou com ela</i> ” (Coelho, 2009, p. 156).	Ter carinho e se apaixonar por alguém.
	Noivos	“Comparara, em várias barraquinhas, algumas prendas para a moça, e não demorou muito a perceber que as pessoas os tinham como casados ou então <i>noivos</i> ” (Coelho, 2009, p. 175).	“Indivíduo que está para se casar, que se comprometeu matrimonialmente com (alguém)” (Houaiss; Villar, 2009).
	Casamento	“O <i>casamento</i> foi realizado por eles mesmos [...]” (Coelho, 2009, p. 180).	“Ato solene de união entre duas pessoas” (Michaelis Online, 2023).
	Amasiamento	“Aquele coisa ruim tá de <i>amasiamento</i> com a Chica do Nerso” (Coelho, 2009, p. 142).	“Ligar-se, juntar-se em mancebia ou concubinato” (Houaiss; Villar, 2009). É um tipo de relação não reconhecida legalmente, como em “amigar-se”.

Fonte: Elaborado pelas próprias autoras.

Nesse campo, temos a unidade lexical “amigar-se”, que se refere ao ato de juntar-se a alguém sem ter necessariamente realizado uma cerimônia religiosa ou oficial, com a benção do padre ou do juiz de paz. Ela é mencionada no conto “Conversa na barbearia”, quando três amigos estão na barbearia conversando e utilizam a expressão para fazer piadas sobre pessoas negras sem se atentarem ao fato de que havia uma pessoa negra no local. Neste contexto do conto, “amigar-se” com alguém possui uma conotação pejorativa, por fazer crer que não se trata de um compromisso sério entre os envolvidos.

Outro tipo de relação afetiva presente nos contos é o “amasiamento”, que se refere ao ato de viver com alguém como se fora casado, sem que se efetivasse a união com o matrimônio. Amasiar-se é sinônimo de “amigar-se”. Essa era uma condição que se deveria ser evitada e, no conto “Tocaia”, a morte de um homem é encomendada por estar vivendo amasiado com a personagem conhecida como “Chica do Nerso”, deixando em casa a sua família para encontrá-la aos fins de semana.

“Garrar a querer bem”, na linguagem roceira, consoante o contexto que nos fornece a obra, significa querer muito bem uma pessoa. No conto “A luta”, o neto do protagonista conhece uma mulher e passa a nutrir sentimentos amorosos por ela, sendo que a amizade torna-se amor, razão pela qual casaram e constituíram família. Assim, “garrar a querer bem” funciona, neste contexto narrativo, com o sentido de apaixonar-se por uma pessoa, nutrir um amor.

Os “noivos” são geralmente pessoas que se encontram comprometidas, com a finalidade de casarem-se. Entretanto, na narrativa, os “noivos” do conto “A luta” ainda não sabiam que se casariam, dado que eles somente se conheciam, mas não tinham nenhuma relação amorosa. Essa vontade surgiu, após terem comparecido juntos à festa do povoado e os presentes começarem a vê-los como um casal, o que fez com que eles considerassem a ideia e, a partir disso, uniram-se em matrimônio.

O “casamento” refere-se à união matrimonial entre duas pessoas, neste caso, refere-se ao casal supracitado. No caso da narrativa, temos a união mencionada no conto “A luta”, quando o neto do personagem principal decide casar-se com a filha da

cuidadora que morava com eles. Para a realização da cerimônia, como não havia padre nem juiz naquelas localidades, fizeram eles mesmos a união, acompanhados da família e de um puxador de terço.

Outro campo que se fez presente nos contos diz respeito aos *Animais*, que delimitamos prezando pelos animais usados para o sustento familiar, como fica evidente no quadro abaixo:

Quadro 5 – Campo lexical *Animais para sustento familiar*.

Animais	Unidade Lexical	Abonação	Sentidos
	Reses	“Mas inteirou-se dos serviços das roças, de quantas <i>reses</i> , <i>vaca parida</i> , <i>mojando</i> e <i>vaca solteira</i> , cavalos e jegues, o chiqueiro com os <i>capados</i> , o mangueiro com a <i>porcada</i> [...]”. (Coelho, 2009, p. 158).	“Qualquer animal quadrúpede que se abate para a alimentação do homem” (Houaiss; Villar, 2009).
	Vaca parida		Vacas que acabaram de parir.
	Vaca solteira		Vacas que não emprenharam na última estação ou que estão sem bezerros.
	Vaca mojando		Vacas que estão prenhes.
	Capados/ Porcada		“Porco castrado para engorda” e “Grande quantidade de porcos”, respectivamente. (Houaiss; Villar, 2009).

Fonte: Elaborado pelas próprias autoras.

A unidade lexical “res” designa animais para abate, geralmente quadrúpedes, tais como vacas, bois, bezerros etc., que estão na cadeia alimentar humana. Nos contos, de modo geral, é muito frequente a menção à *charqueada*, local que servia de abate de bois e vacas para o preparo do *charque*, uma carne salgada e secada ao sol para mantê-la consumível por mais tempo, o que conjecturamos se tratar de uma característica comum à época e à cultura local no quesito da alimentação.

A unidade lexical “vaca parida” é, segundo, Pires (2015), um animal importante no fornecimento de leite, bem como na recria de animais. Esse animal possui um trato diferenciado da fertilidade até a amamentação dos bezerros e até mesmo garrotes, haja vista que seu principal objetivo é a manutenção financeira de seus donos. Pires (2015) explica que a “vaca solteira” era um animal que não estava com cria⁷ no momento, nesse sentido, entendemos que se tratava de um animal que não poderia fornecer leite até que parisse novamente.

Por fim, a unidade léxica “vaca mojando” era uma vaca que estava prenhe, esperando para ter o seu bezerro e que futuramente poderia fornecer leite para ele e para a alimentação da família descrita no conto “A luta”. Dado o contexto da obra, interpretamos que o bezerro, após o período de crescimento, poderia ser abatido para a alimentação ou ainda ser vendido/trocado para garantir o acesso a outros bens para a família.

As unidades léxicas *capados* e *porcada* são referentes à criação de porcos por parte dos moradores das regiões goianas. Observamos a ocorrência dessas unidades léxicas em grande medida no conto “A luta”, demonstrando que a família criava suínos e bovinos para subsistência. Destacamos que nos contos há também a ocorrência de outras unidades léxicas que se referem aos animais para consumo, que não abordaremos neste momento, em detrimento do nosso recorte e objetivo.

Por fim, salientamos que no *corpus*, é notável uma grande quantidade de unidades lexicais que remetem ao cotidiano das personagens roceiras, o que nos levou a compreender que essas unidades lexicais, em sua maioria, são referentes ao âmbito rural, mas não exclusivo dele, pois ao nos debruçarmos mais detidamente sobre a obra, notamos que elas fazem parte do léxico geral da língua e estão também presentes na fala cotidiana de pessoas que vivem na *urbe*, a exemplo de *cometa*, *puxador de terços*, *pôr a vela na mão*, *amasiamento*, apenas para citar alguns exemplos.

⁷ A unidade lexical “cria”, neste contexto, refere-se ao animal recém-nascido que ainda mama.

Considerações finais

O presente trabalho teve como intuito discutir a relação entre língua e cultura em três contos da obra “Rastros e Trilhas”, de Braz José Coelho (2009). Nesse sentido, analisamos quatro campos lexicais, que muito revelaram sobre os temas mais recorrentes no *corpus*. Foi perceptível que os temas mais abrangentes que formaram estas redes semânticas são *ofícios/profissões*, *religiosidade*, *relações afetivas* e *animais*, porque se mostraram produtivos nos contos analisados. Salientamos que, devido à extensão deste artigo, selecionamos apenas cinco unidades lexicais para compor cada campo, entretanto, o estudo em tela pode ser ampliado levando em conta outros critérios que renderão outras unidades passíveis de análise.

A partir dos contos analisados e do desenvolvimento nessa investigação, ficou evidente que, para a época, aprender os ofícios da lida rural era necessário para a subsistência. Além disso, as unidades lexicais inventariadas mostram uma realidade da cultura da época que se estende até a atualidade, como a realização de cerimônias religiosas e criação de vacas e porcos, seja para consumo próprio ou venda.

O trabalho revela algumas das relações sociais e culturais de Catalão à época, como as lidas cotidianas, em geral, na zona rural, levando a perceber como o homem desse tempo estava inevitavelmente conectado à terra, da qual retirava o seu sustento. Assim, diante dos contos de Coelho (2009) que analisamos, entendemos que as propriedades rurais consistiam na principal fonte de sustento de seus proprietários e também dos agregados, que ali residiam e realizavam serviços ligados aos cuidados com a casa e preparo de refeições, assim como à criação de animais, como porcos e galinhas, e que não vislumbravam a possibilidade de ascensão social, porque era uma condição que se estendia a outras gerações daquela família.

O acesso aos bens, em toda a sua diversidade, por meio de *cometas*, também demonstra as longas distâncias que separavam as fazendas das localidades urbanas. A figura do *homem engravatado*, com anel no dedo, chama a atenção pelo fato de que o *status* das pessoas se distinguia também pelos trajes que vestiam. O advogado é

descrito como a pessoa que desconhece a lida na terra, sendo considerado esperto, por conhecer os subterfúgios da lei e aproveita-se disso para tomar as terras de quem não tem conhecimento suficiente para evitar que isso aconteça.

As pesquisas lexicais com *corpus* literário vêm ganhando cada vez mais espaço no cenário dos estudos lexicais, especialmente no que se refere à estilística lexical, nesse sentido, realizar este estudo, mesmo não tendo como foco a estilística lexical, contribui com as investigações lexicais, haja vista que coloca em evidência temas contemporâneos e realça o léxico que muitas vezes é estigmatizado.

Por fim, frisamos que realizar esta pesquisa foi importante porque demos visibilidade à obra de Coelho (2009), que ainda não havia sido estudada pelo prisma lexical. Pelo fato de esta produção literária poder ser estudada por diversas áreas da linguagem, salientamos o ensejo de debruçarmos sobre ela e outras obras do autor a fim de realizar outras pesquisas.

REFERÊNCIAS

- ABBADE, Celina Márcia de Souza. A lexicologia e a teoria dos campos lexicais. *Cadernos do CNLF*, vol. XV, n. 5, t. 2. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. p. 1332-1343.
- ARAÚJO, Marli Gomes de. *A influência da moda na literatura: a caracterização da personagem de ficção nos romances brasileiros do século XIX*. 271 f. Dissertação (Mestrado em Ciências). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://encurtador.com.br/CMOZ9> Acesso em: 29 jun. 2023.
- ARIÈS, Philippe. *História da morte no ocidente: da idade média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1977.
- ASSIS, Machado. *Machado de Assis: Crítica literária e textos diversos*. In.: AZEVEDO, Sílvia Maria; DUSILEK, Adriana; CALLIPO, Daniela Mantarro (Orgs.). 1. ed. Formato Digital. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2017. Disponível em: <https://bityli.com/9Jkp3>. Acesso em: 08 fev. 2023.
- AULETE, Francisco J. Caldas; VALENTE, Antonio Lopes dos Santos. *Dicionário online Caldas Aulete*. Lexikon Editora Digital. Disponível em: <https://aulete.com.br/>. Acesso em: 25 jul. 2023.
- BARRETO, Evanice Ramos Lima. Os campos léxicos do testamento de D. Afonso II. *Cadernos do CNLF*, ano 16, n. 46, jan./abr. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2010. p. 65-87.

- BERNARDO, Jozimar Luciovanio. Religiosidade popular na contística e cronística de Braz José Coelho. In.: DE PAULA, Maria Helena (Org.). *Um homem e(m) suas palavras: homenagem a Braz José Coelho*. Catalão(GO): Letras do cerrado, 2021.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estrutura mental do léxico. In: *Estudos de Filologia e Linguística – em homenagem a Nicolau Salum*. São Paulo: T.A Queiroz: EDUSP, 1981, p. 131-145.
- BORBA, Francisco da Silva. Léxico e herança social. In: MARCHEZAN, Renata. Coelho; CORTINA, Arnaldo. Os fatos da linguagem, esse conjunto heteróclito. Araraquara: FCL-UNESP, Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006. p. 81-96.
- BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. *Revista de Teoria da História*. Goiânia, v. 3, n. 1, p. 94–109, 2014. Disponível em: <https://abrir.link/VEGw1>. Acesso em: 28 jun. 2023.
- CARDOSO, Elis de Almeida. *O Léxico no Discurso Literário: a criatividade lexical na poesia moderna e contemporânea*. São Paulo: Edusp, 2018.
- COELHO, Braz José. *Rastros e trilhas*. Catalão: Kaio gráfica e editora, 2009.
- COSERIU, Eugenio. Vers une typologie des champs lexicaux. *Cahiers de lexicologie*. 1972. p. 29-51.
- COUTINHO, Afrânio. O regionalismo na prosa de ficção. In: COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: São José, 1955, p. 145-226.
- FRANKENBERG-GARCIA, Ana. The lexicography of Portuguese. In: HANK, Ps: Patrick.; DESCHYVER, Gilles-Maurice. (orgs.). *International Handbook of Modern Lexis and Lexicography*. Springer, Berlin, Heidelberg, p.1-10, 2017.
- GECKELER, Horst. *Semântica estrutural y teoria del campo léxico*. Madrid: Gredos, 1976. (Bibi. Românica Hispânica; Estúdios y ensaios, 241).
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* versão monousuário 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- MICHAELIS. *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Editora: Melhoramentos Ltda. Disponível em: <https://abrir.link/xPUaM>. Acesso em 05 jul. 2023.
- MONTEIRO, Charles. História, literatura e memória do espaço urbano na ficção de Moacyr Scliar, *Estudos Ibero-americanos*, PUCRS, v. XXIV, n. 1, jun., 1998, p. 181-199.
- ORTÊNCIO, Bariani. *Dicionário do Brasil Central*. 2. ed. Goiânia: ICB, 2009.
- PALACÍN, Luiz; MORAES, Maria Augusta Santana. *História política de Catalão*. Goiânia: Editora da UFG, 1991.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- PIRES, Maria Gabriela Gomes. *De bens de herança a bens culturais: um estudo linguístico de autos de partilhas oitocentistas de Catalão-GO*. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Departamento de Letras, Universidade Federal de Goiás - Câmpus Catalão, Catalão, 2015.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-2012.

RICOEUR, Paul. *Memória, história e esquecimento*. Budapeste: [s.n.], 2003. Disponível em: https://www.uc.pt/fluc/uidief/textos_ricoeur/memoria_historia. Acesso em: 15 mar. 2021.

Re-Unir

Documentando a norma lexical do Centro-Oeste: um estudo a partir do TLPGP e do ALMS

Documenting the lexical norm of the Brazilian Midwest: a study based on TLPGP and ALMS

Submetido em: 29/07/2023

Aceito em: 09/11/2023

Franciele Ojeda Rodrigues Franco¹
Daniela Costa²

Resumo: O Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (TLPGP) é um projeto que visa constituir uma base de dados lexicais a partir de corpora documentados em obras da Galícia, de Portugal e do Brasil que versam sobre o léxico dialetal do galego, do português europeu e do português brasileiro e, como subprojeto do TLPGP, o Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português: foco no Centro-Oeste do Brasil revisou a planilha do TLPGP alimentada com os dados recolhidos no Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul - ALMS (Oliveira, 2007). Tendo como base teórica princípios da Dialectologia (Cardoso, 2010), da Geolinguística (Cardoso, 2010) e da Semântica (Tamba, 2006), esse trabalho, que deu origem a este texto, analisou a planilha do Tesouro, que contém um total de 2.079 unidades lexicais, cotejando os dados com o ALMS (Oliveira, 2007) e verificando, por exemplo, a necessidade de acréscimo de dados (409 lexias acrescentadas por ele) e de alterações em classificações semânticas (14% - 272 – passaram por alterações em suas classificações semânticas, haja vista os classificadores fornecidos pelo TLPGP). Tais mudanças aconteceram em um mesmo campo semântico, “A vida diária”, o que pode indicar que os referentes ligados à área rural estão se distanciando dos falantes urbanos, uma vez que os nomes àqueles relacionados evidenciaram uma classificação equivocada em relação aos campos semânticos. Conclui-se assim que o projeto de Iniciação Científica Voluntária desenvolvido entre 2018 e 2019, que deu bases para este artigo científico, além de contribuir com o estudo maior a que se filia, mostra a importância dos estudos semânticos na análise de dados geolinguísticos e destes para o conhecimento da língua em uso.

Palavras-chave: TLPGP; Classificação semântica; Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul.

Abstract: The Galician and Portuguese Heritage Lexicon Treasury (TLPGP) is a project aiming to construct a lexical database sourced from corpora documented in works from Galicia, Portugal, and Brazil, focusing on the dialectal lexicon of Galician, European Portuguese, and Brazilian Portuguese. As a sub-project of TLPGP, the Galician and Portuguese Heritage Lexicon Treasury specifically targets the Center-West region of Brazil and has revised the TLPGP spreadsheet using data collected from the Linguistic Atlas of Mato Grosso do Sul - ALMS (Oliveira, 2007). Grounded in the theoretical principles of Dialectology (Cardoso, 2010), Geolinguistics (Cardoso, 2010), and Semantics (Tamba, 2006), the present work analyzed the Tesouro spreadsheet, encompassing a total of 2,079 lexical units. This analysis involved comparing the data with the ALMS (Oliveira, 2007) and involved identifying the necessity to supplement data (409 lexical items were added) and modifications in semantic classifications (14% - 272 items - underwent changes in their semantic classifications based on the classifiers provided by TLPGP). The alterations occurred within the same semantic field, "Daily Life," suggesting a potential divergence between the referents associated with rural settings and urban speakers. This discrepancy was evident as the terms linked to these settings exhibited misclassifications within their respective semantic fields. Consequently,

¹ Graduação em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9048525648641079>. E-mail: franciele.ojeda.12@gmail.com

² Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3768413629098811>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-0168-4593>. E-mail: souza.costa@ufms.br

it can be inferred that the Voluntary Scientific Initiation project, conducted from 2018 to 2019, forming the foundation of this scholarly article, significantly contributes to the broader study with which it is associated. This underscores the significance of semantic studies in analyzing geolinguistic data and their pivotal role in enhancing our understanding of language in practical usage.

Keywords: TLPGP; Semantic classification; Linguistic Atlas of Mato Grosso do Sul.

Introdução

O projeto *Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português* (TLPGP) foi pensado com base na história da Língua Portuguesa, que começa no século III a.C. e se inicia com a evolução do latim vulgar e sua expansão para a Península Ibérica. Esse panorama é resultado da formação de reinos nessa península, ocorrendo o quebramento político, que impulsionaria a constituição de fronteiras que levariam à fragmentação dialetal do latim hispânico, que originou as línguas ibéricas que derivam do Latim (Cardeira, 2006).

Devido a essa origem, o português traz consigo semelhanças com outras línguas de matriz latina (o espanhol, o francês, o galego, etc.), o que motivou o cotejo e o conhecimento maior delas. Nessa seara, elaborou-se o TLPGP, projeto interinstitucional que objetiva fornecer uma base de dados acessível à população pela internet, disponibilizando documentação da norma linguística dessas línguas por meio do registro e de informações de trabalhos lexicais produzidos na Galícia, em Portugal e no Brasil (Instituto da Língua Galega, 2023)³.

Nesse contexto, este texto apresenta resultados de um Plano de Trabalho de Iniciação Científica, “*O léxico como patrimônio cultural: A norma lexical do Centro-Oeste e sua documentação*”⁴, que revisou a catalogação de dados do Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul, o ALMS, este organizado por Dercir Pedro de Oliveira (2007), de maneira a contribuir com o projeto TLPGP e com o *Tesouro do léxico patrimonial galego e Português: Foco sobre a região Centro-Oeste do Brasil*, subprojeto coordenado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, por meio do inventário e da seleção de

³ Objetivando a documentação e a propagação do nosso idioma, o *Tesouro* tem no Brasil comitês distribuídos pelas cinco regiões, que são coordenados por uma equipe carioca. No que tange à região Centro-Oeste, há, até 2023, três produções entre as 31 obras dialetais registradas pelo projeto. Maiores informações sobre o projeto, bem como o acesso aos dados já disponibilizados para consulta, podem ser acessados pela página: <https://ilg.usc.es/tesouro/pt/>.

⁴ O Plano de Trabalho de Iniciação Científica foi desenvolvido pela autora, com orientação da coautora deste texto.

obras, transferência à base de dados, preenchimento e revisão da ficha lexicográfica com dados lexicais recolhidos de obras inéditas e/ou já publicadas que registrem a língua falada por habitantes de localidades dos três Estados da região Centro-Oeste. Além disso, os dados foram cotejados considerando-se seu registro no TLPGP e sua documentação pelo ALMS, de maneira e se analisar como a catalogação contribui para o conhecimento da norma linguística de uma comunidade.

Dessa forma, este texto se organiza em dois tópicos, além desta Introdução. Em *Primeiras palavras*, revisa-se a literatura pertinente ao tema e depois, em *A documentação da norma linguística sul-mato-grossense*, apresentam-se os passos e os resultados da pesquisa. Conclui-se o artigo com as considerações finais e as referências.

Primeiras palavras

A admiração pela linguagem manifestada pelo homem vem da possibilidade de não só nomear, criar e transformar a realidade em redor, mas também da troca de vivências e oportunidade de imaginar aquilo que é impossível se tornar real ou falar sobre o que pode vir a existir. Nesse contexto, a língua é a concretização do pensamento e o meio de comunicação social (Fiorin, 2018).

Para Saussure (2012), o objeto de estudos da Linguística, a língua, é um sistema de signos e uma parte essencial da linguagem, o seu papel “social”. Essa função é exterior ao usuário, não podendo ser modificada por ele e obedecendo ao contrato social estabelecido pela comunidade falante. O linguista acrescenta que há, ainda, o componente “fala”, uma realização individual do falante usando o código da língua, junto ao ato de fonação necessário para combinação (Fiorin, 2018). E o próprio mestre genebrino já orientava que “a língua se altera, ou melhor, evolui, sob a influência de todos os agentes que possam atingir quer os sons, quer os significados” (Saussure, 2012, p. 116).

Todavia, Saussure dedicou-se aos estudos da língua, não se ocupando com a fala, de maneira que centrou seus estudos no caráter imanente da língua, sem considerar as mudanças linguísticas. O mestre já previa, contudo, que isso seria discutido posteriormente. Para ele,

[...] Talvez nos reprovem por não termos sido tão explícitos nesse ponto [mutabilidade do signo linguístico] quanto no princípio da imutabilidade: é que não distinguimos os diferentes fatores de alteração; seria preciso encará-los em sua variedade para saber até que ponto são necessários (Saussure, 2012, p. 117).

Os estudos sobre a variação na língua começaram, como verificado, não a partir dos estudos saussurianos, mas surgiram a partir de meados do século XIX. Chambers e Trudgill (1994) citam o trabalho de Wenker (1876), que entrevistou por correspondência 50.000 professores alemães pedindo-lhes que escrevessem certas frases em dialetos locais. Já na França, os estudos dos *patois* e o particular interesse de Jules Gilliéron ao ter inserido a Dialetoлогия no currículo regular da *École Pratique des Hautes Études*, de Paris (Brandão, 1991, p. 08), alçaram os estudos da variação linguística a um patamar de rigor científico e metodológico.

Essas foram as bases para a Dialetoлогия. Para Cardoso (2010, p. 15), trata-se de “[...] um ramo de estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”. Isso porque o espaço geográfico ressalta a característica de cada região, mostrando a variedade que a língua adquire de uma região para outra. A partir dessas características mostra-se a diversidade cultural, a natureza da formação demográfica da área, a sua base linguística preexistente e a intermediação de outras línguas que estiveram presentes naquele espaço no curso da história (Cardoso, 2010).

A Dialetoлогия, por vezes, utiliza-se da Geolinguística, método que cartografa dados dialetológicos em cartas linguísticas (Cardoso, 2010). Nos trabalhos que se aplicam à metodologia geolinguística pluridimensional, fatores sociais, como a faixa etária, o sexo, a escolaridade e a profissão são aspectos importantes para o estudo da variação.

Outra disciplina linguística que também estuda a variação linguística é a Sociolinguística, que tem como objetivo “[...] demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social, e, talvez, até mesmo demonstrar uma relação causal em uma ou outra direção” (Bright, 1974, p. 17). Lima e Costa (2022) relacionam Dialetoлогия e Sociolinguística, explicando que:

Elas têm o mesmo objetivo, a saber, a descrição da língua, mas uma visão diferenciada na percepção e no controle dos fatores extralinguísticos: o que as diferencia é o trato descritivo em relação às comunidades de fala, isto é, acerca de fatores sociais, como idade, sexo e gênero, profissão, escolaridade e rede social, entre outros, no caso da Sociolinguística, e à identificação essencialmente diatópica, como a naturalidade e os contatos dialetais, no caso da Dialetologia (Lima; Costa, 2022, p. 714).

Dessa maneira, como Saussure (2012) já orientava e a Dialetologia e a Sociolinguística comprovam, as línguas se alteram em seus vários níveis, dentre eles, o léxico. Isso porque:

O léxico é mais do que uma lista de palavras à disposição dos falantes. [...] É um depósito de recortes com que cada comunidade vê o mundo, as coisas que a cercam, o sentido de tudo. Por isso é que o léxico expressa, magistralmente, a função da língua como elemento que confere às pessoas identidade: como indivíduo e como membro pertencente a um grupo (Antunes, 2007, p. 42-43).

O repertório vocabular de uma comunidade de fala está relacionado, pois, a conhecimentos do universo de cada indivíduo, de maneira que “[...] a massa de conceitos culturais, e também portanto do léxico a eles referentes, vai se tornando cada vez mais rica e ramificada com o aumento, no grupo, da complexidade cultural” (Sapir, 1969, s.p.).

Haja vista as possibilidades de expansão do léxico, como já explicara Sapir (1969), elas podem ocorrer motivadas por diversos fatores, como a complexidade cultural, que culmina em novas necessidades de comunicação, como também Fiorin (2018) ensina. O léxico se expande, por exemplo, com a criação de novas unidades léxicas, com a extensão de sentidos das já existentes, com os empréstimos advindos de outras línguas, dentre outros: tudo isso para compreender, explicar e nomear a realidade social dos falantes. Em outras palavras, o léxico é o nível linguístico pelo qual se expressam os sentidos compreendidos pela comunidade, por meio do qual os significados são revelados e exteriorizados.

Dessa maneira, importa também considerar o construto teórico da Semântica, “[...] o estudo do significado das línguas. [...] Focaliza o significado das palavras e das sentenças” (Cançado, 2015, p. 17). Tamba (2006, p. 8), por sua vez, já orientava que:

Os manuais contemporâneos delimitam [...] o campo de investigação da semântica, como mostram as três definições seguintes: 1. 'A semântica é o estudo do sentido' (J. Lyons). 2. 'A semântica é o estudo do sentido das palavras' (P. Guiraud). 3. 'A semântica é o estudo dos sentidos das palavras, das frases e dos enunciados'.

Para as duas autoras, a Semântica é o estudo do sentido, este essencial e natural ao homem em sua experiência com a língua. Apesar de o falante não perceber e/ou não saber explicar, ele consegue diferenciar o sentido dos itens lexicais. Um exemplo é que o nativo do português brasileiro não confunde *mesa de operação* com *mesa de cozinha*, mas serão poucos os que saberiam explicar o sentido de *mesa* nesses dois contextos de uso (Tamba, 2006).

Nesse contexto, os estudos semânticos em muito contribuem para a compreensão da variação linguística expressa pelo léxico de uma língua, posto que “[...] as palavras, assim como as estruturas frásticas e enunciativas, contribuem para a elaboração de significações próprias às línguas, processando informações de diferentes tipos” (Tamba, 2006, p. 129).

Frente ao exposto, vê-se que o estudo do léxico pode se beneficiar das diversas disciplinas linguísticas, como no caso deste trabalho, que, para analisar dados lexicais do Centro-Oeste documentados pelo TLPGP, utilizou como arcabouço teórico pesquisas em Dialetologia, Sociolinguística e Semântica.

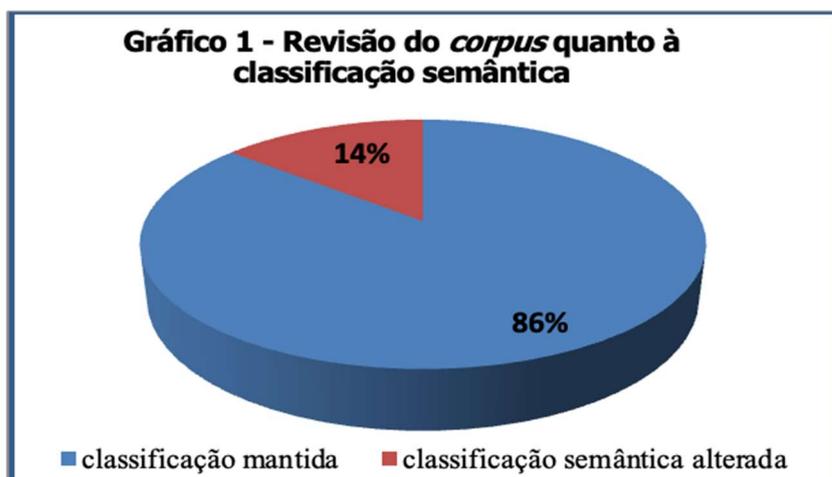
A documentação da norma sul-mato-grossense

Como já mencionado, este trabalho apresenta resultados de estudo de Iniciação Científica que revisou planilha do Tesouro do Léxico Patrimonial Galego-Português (TLPGP) alimentada com os dados recolhidos no Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (ALMS), o qual foi organizado por Dercir Pedro de Oliveira em 2007⁵. Nele está registrada a variedade linguística de 32 localidades do Estado, documentada por meio

⁵ O TLPGP organiza os dados linguísticos documentados a partir do registro de seus *corpora* em planilhas Excel, que são alimentadas por estudantes de graduação e pós-graduação, depois revisadas pelas equipes local, nacional e coordenação geral, para então serem disponibilizados na plataforma digital. Os resultados aqui apresentados ainda estão em fase de segunda revisão e, portanto, ainda não estão disponíveis para consulta.

de entrevistas com 128 informantes, selecionados de acordo com o seguinte perfil: homens e mulheres com grau de instrução rudimentar⁶ ou com escolaridade até a antiga 4^o série do Ensino Fundamental e que tenham nascido no município ou nele estejam vivendo desde os 8 anos de idade (Oliveira, 2007). O ALMS constitui-se de 217 cartas linguísticas, sendo 57 de natureza fonético-fonológica; 153 semântico-lexicais e 07 morfossintáticas⁷.

O trabalho *O léxico como patrimônio cultural: a norma lexical do Centro-Oeste e sua documentação* revisou os dados documentados pelo projeto maior, o TLPGP, de 126 cartas linguísticas do ALMS (OLIVEIRA, 2007), totalizando 2079⁸ unidades léxicas, que foram analisadas quanto à classificação semântica, tendo como base a planilha de classificadores semânticos disponibilizada pelo *Tesouro*⁹:



Fonte: Elaborado pelas autoras.

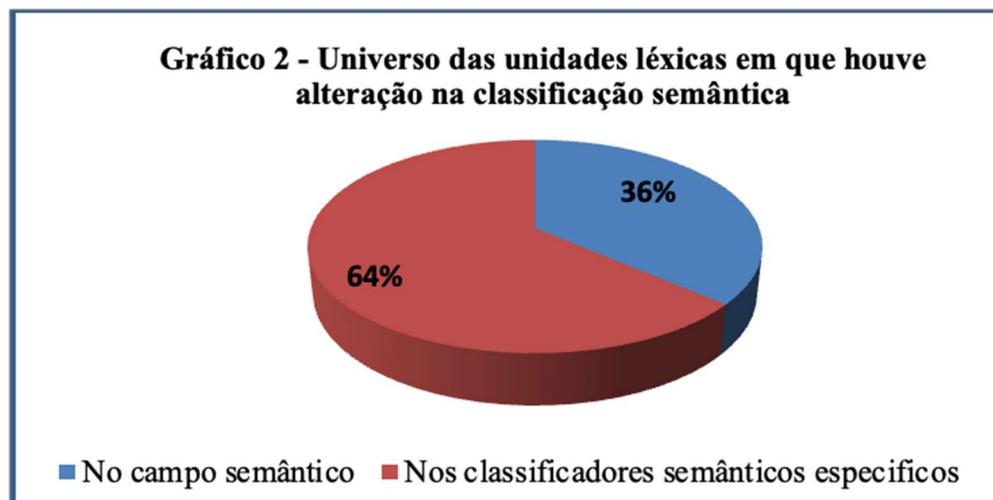
⁶ O termo instrução rudimentar é utilizado por Oliveira (2007) e diz respeito a baixo grau de instrução.

⁷ O projeto do ALMS teve origem com a professora Albana Xavier Nogueira (UNIDERP – Universidade para o Desenvolvimento do Pantanal) com o apoio e colaboração da professora Maria José Toledo Gomes (UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul), devido à aposentadoria da professora Nogueira. Tinha como linha de pesquisa a Dialetoлогия unida à Sociolinguística, contemplando, entre seus objetivos, mostrar a realidade da modalidade falada em Mato Grosso do Sul.

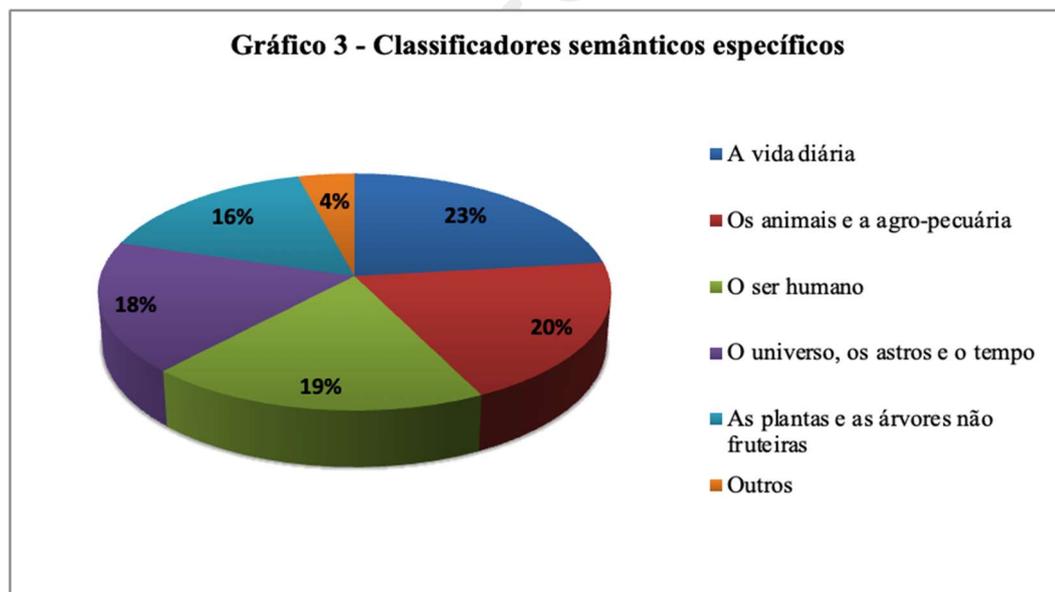
⁸ Durante a revisão foram incluídas 409 unidades lexicais. Porém, uma vez que estavam cartografadas, mas não documentadas na planilha, foram classificadas apenas pela autora, não se podendo ver diferença entre classificadores semânticos.

⁹ A tabela de classificadores semânticos do Projeto TGPLP possui três níveis, conforme orientações da coordenação geral, sendo os classificadores específicos os de níveis mais baixos. O nível 1 representa a classificação geral, que, por vezes, é a única. O nível 2 já apresenta especificidades, estas pomenorizadas caso haja o terceiro nível. Um exemplo que pode ser apresentado seria o classificador 3. Agricultura. Nele temos, para ilustrar, o nível 2, com 3.2 Trabalhos agrícolas e florestais: preparação de terreno, esterco, sementeira, cuidados vários. Processos de elaboração e produtos agrícolas e florestais. Ainda há o nível 3 nesse classificador tratando, por exemplo, do azeite: 3.2.3. O azeite. Cultivo e elaboração. Segundo o documento citado, essas classificações têm vistas a se aproximar das realidades culturais da Galícia, Portugal e Brasil, cujas variedades linguísticas são documentadas pelo Projeto.

O Gráfico 1 mostra que 86% (1.398) das unidades lexicais mantiveram suas classificações iniciais e 14% tiveram-nas alteradas (272). Dentre esses 14%, 64% tiveram alterações quanto ao campo semântico¹⁰, enquanto 36% tiveram alterados seus classificadores semânticos específicos, mas permaneceram no mesmo campo semântico, como se lê no Gráfico 2.



Fonte: Elaborado pelas autoras.



Fonte: elaborado pelas autoras.

¹⁰ Para Ferrarezi Júnior (2019), um campo semântico seria um conjunto de concepções/ideias que associam palavras com um componente em comum.

O Gráfico 3, por seu turno, revela que, no universo das unidades lexicais que tiveram alteração nos classificadores semânticos específicos, o campo semântico 8. *A vida diária* obteve mais modificações (36%), seguido de 5. *Os animais e a agropecuária* (20%); 7. *O ser humano* (19%); 1. *O universo, os astros e o tempo* (18%); 4. *As plantas e as árvores não fruteiras* (16%). Na legenda outros, foram agrupados campos semânticos cujas alterações representaram pouca produtividade (3. *A agricultura*, 3%, e 6. *Animais não-domésticos*, 1%).

A alteração no classificador semântico *A vida diária* pode ser explicada pelos conceitos investigados pelo ALMS (Oliveira, 2007). Nas lexias alteradas devido à sua especificação nesse campo semântico, *agulha* (Oliveira, 2007, p. 83) foi uma delas. Anteriormente, tinha sido classificada como 8.4.2 *ferramentas e léxico especializado*, porém, sua classificação passou a ser 8.2. *A confecção*. *Agulha* tinha características que a enquadravam também nos classificadores 8.4.2, todavia, foi alterada para 8.2 uma vez que nesse classificador havia a especificação: “A costura doméstica (não-profissional) (utensílios): *agulha, agulheiro, dedal, linha, tesoura...*”.

Outra unidade léxica que registrou alteração em sua especificação foi *cova* (Oliveira, 2007, p. 183), contudo, foi no campo semântico 7. *O ser humano*. Sua classificação anterior era 7.2 *Nascimento e morte* e passou a ser 7.3 *A morte e os ritos funerários*. De acordo com o dicionário on-line Aulete (Caldas Aulete, 2014)¹¹, sua definição seria “qualquer buraco, escavação, abertura, fenda etc. na terra” ou “buraco cavado no chão para se enterrarem pessoas ou animais mortos; SEPULTURA”. Essas acepções, aliadas às remissões presentes no verbete em questão, elucidam qual seria a definição mais apropriada para a lexia e, com isso, sua classificação. As remissões eram: túmulo, catatumba, buraco, sepultura, carneira, terra, chão, gaveta, camisa, tumba, casa do morto, embaixo da terra, urna, sepulco, capela, dentro do chão, o que confirma que *cova* não apenas seria um fechamento do ciclo da vida, mas algo parte de um ritual funerário.

Outras duas unidades lexicais chamaram atenção devido aos referentes a que se remetem. No ALMS, temos *Círculo na lua*, correspondente às respostas documentadas

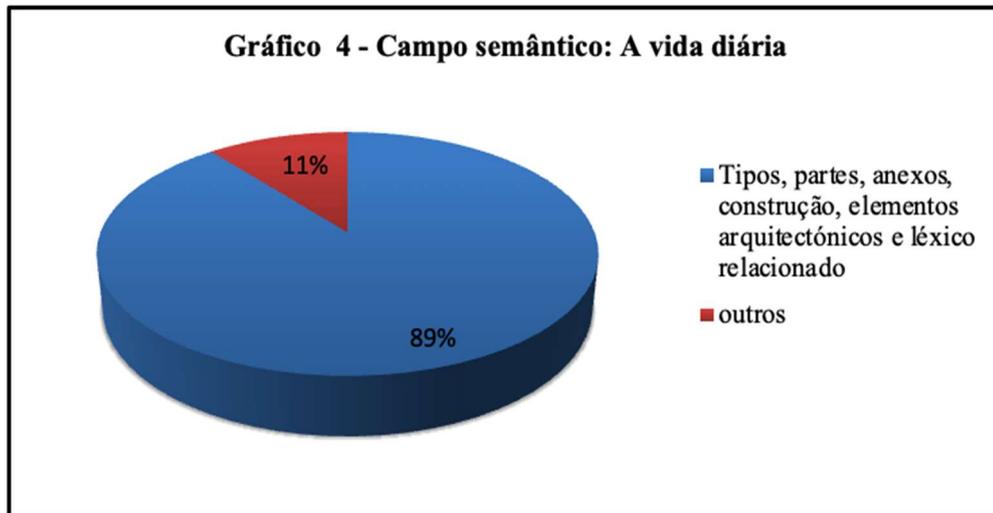
¹¹ Essa consulta a obras lexicográficas visa elucidar dúvidas de classificação, uma vez que os dicionários, para Krieger (2020, p. 25), são “[...] o único lugar que registra de forma sistemática e ordenada o repertório léxico de uma língua”.

nas cartas QSL 29.a e QSL 29.b (Oliveira, 2007, p. 103-104). Apesar de ser a mesma lexia, ela aponta para dois sentidos distintos. Em Oliveira (2007, p. 103), as outras respostas, ao lado de *Círculo na lua*, são: *arco, círculo, anel, círculo da lua, raio, isqui, roda, vermelha, arco-íris* e *clarão*. Já na QSL 29.b, temos: *chuva, chuva perto, vento, chuva longe, seca, chover, sol, claridade, eclipse, sinal, perto de chover, temporal, tempo vai virar, ventar muito, mudança de tempo, vai chover, tempo bom, chuva com vento, vermelho é sol* e *tempo* (Oliveira, 2007, p. 104). Sendo assim, o mais indicado seriam duas linhas na planilha para comportar a referida unidade lexical, de maneira que ela não fosse classificada apenas como *1.0 Termos relacionados ao universo*, mas, no primeiro caso, como *1.1. O firmamento*, e no segundo, *1.2. O tempo meteorológico*.

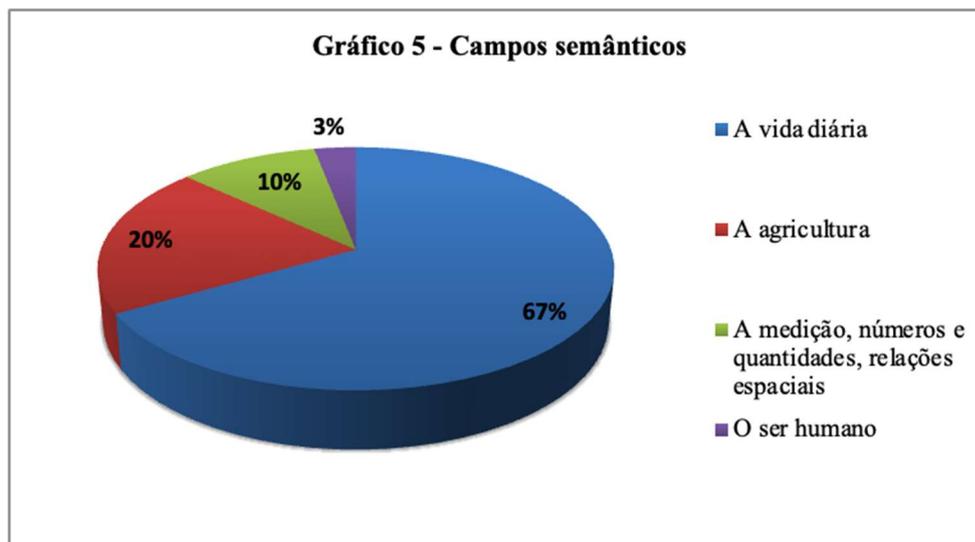
Ainda no que tange à mudança nos classificadores específicos, temos a lexia *baldana* (Oliveira, 2007, p. 125). Classificada antes como *5.1. O gado. Aproveitamentos*, passou a ter a classificação *5.1.3. Gado equino e outros animais de carga*, pois nessa categoria existe a tópicos “A sela e os arreios: *albarda, alforge, arreata, arreios, atafal, cabeçada, cilha, espora, estribo, guizeira, rédea, seirão, sela, selim...*”. Dessa maneira, *baldana* mudou sua classificação do nível 1 para o nível 3, posto que este mais bem representava a variante léxica. Isso porque outros itens remissivos à classificação mencionada, como *traia de arreio, barrigueira, chincha, peiteira* e *travessão*, que são acessórios usados normalmente em equinos para que a pessoa possa cavalgar, justificaram a alteração para esse classificador específico.

Essa dificuldade na classificação pode ser compreendida a partir do universo cultural que circunda os conhecimentos sobre a *baldana*, um elemento da vida rural, o que talvez não seja de conhecimento dos informantes, ou mesmo de quem o documentou na referida planilha, notadamente de perfil urbano. Isso ratifica a necessidade de um maior conhecimento documental e teórico para a descrição do léxico regional e também a importância da revisão dos dados, etapa prevista desde o início dos trabalhos do Tesouro.

O Gráfico 4 reforça essa perspectiva devido ao fato de o classificador semântico específico *8.1.1 Tipos, partes, anexos, construção, elementos arquitectónicos e léxico relacionado* ter atingido 36 unidades lexicais do total de 40, alcançando assim 89%, como se lê na sequência:

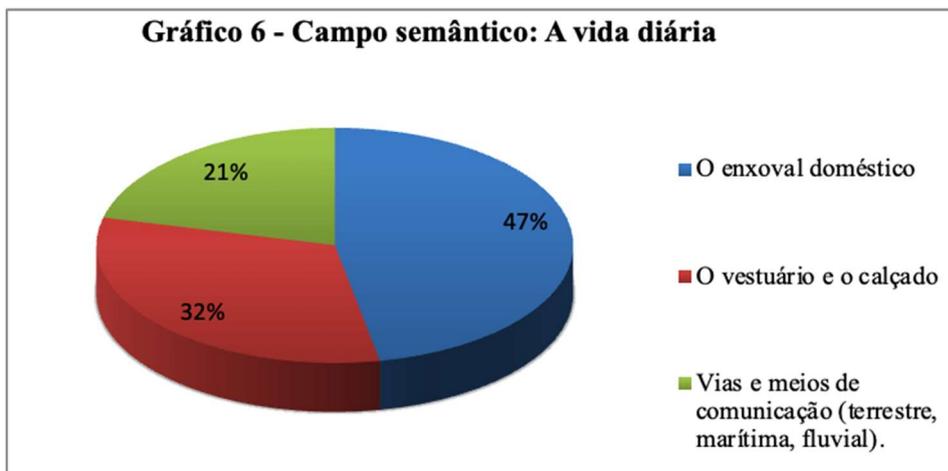


Fonte: Elaborado pelas autoras.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Já o Gráfico 5 mostra em quais campos semânticos houve alterações dentro dos 36% do Gráfico 2. Dentre eles, o que teve a maioria das modificações foi 8. *A vida diária*, sendo seguido de: 3. *A agricultura* (20%); 9. *A medição, números e quantidades, relações espaciais* (10%); e 7. *O ser humano* (3%). Novamente, esse fenômeno pode ser explicado pelos conceitos investigados pelo ALMS (Oliveira, 2007). Como se pode observar no Gráfico 6, quase metade das alterações foram feitas no campo semântico específico 8.1.2 *O enxoval doméstico e a mobília*.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Um exemplo desse campo semântico é a lexia *moringa*, que foi classificada em um classificador inexistente¹² no TLPGP “Arte: utensílios”. Sendo, assim, foi reclassificada como 8.1.2 *O enxoval doméstico*, tendo como base Houaiss (2015), para quem se trata de “vaso de barro para guardar água e mantê-la fresca”.

De acordo com Ferrarezi Júnior (2019), quando não se pode definir uma palavra ou saber seu sentido, não podemos chegar ao seu referente, sendo real ou imaginário. Dessa maneira, o processo de nomeação, que traz consigo os significados atribuídos ao ente nomeado, requer, para sua compreensão, maiores informações, tanto contextuais quanto empíricas, visto que pode ser considerado “[...] a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo” (Biderman, 1998, p. 91).

Frente ao exposto, é possível confirmar a importância do estudo do léxico para compreender a realidade cultural dos falantes, bem como a necessidade de tais pesquisas consultarem outros referenciais teóricos para elucidar questões para além das intralinguísticas, como mostraram o aporte teórico da Semântica, da Dialetoлогия e da Geolinguística.

À guisa de uma conclusão

¹² Nos parâmetros do TLPGP, há 11 grandes campos semânticos. Além de *moringa*, foram equivocadamente classificadas no mesmo campo inexistente *cuia* e *lamparina*, igualmente classificadas em “o enxoval doméstico”; *cueca* e *ceroula*, inseridas em “o vestuário e o calçado”; e *corrente*, “a higiene e o adorno pessoal”.

O subprojeto *O léxico como patrimônio cultural: A norma lexical do Centro-Oeste e sua documentação*, relacionado ao *Tesouro do léxico patrimonial galego e português: foco sobre a região Centro-Oeste do Brasil*, revisou a planilha do TLPGP alimentada com dados recolhidos no ALMS (Oliveira, 2007) e contribuiu com o projeto maior, o *Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português* (TLPGP), por meio da revisão de ficha lexicográfica já preenchida.

Para este texto, procedeu-se ainda à análise dos dados catalogados a partir da planilha do *Tesouro*, que contém um total de 2.079 unidades lexicais (tendo sido 409 acrescentadas pelo referido trabalho). Das originárias 1.670, 272 lexias passaram por alterações em suas classificações semânticas, tendo como base os classificadores fornecidos pelo TLPGP. Houve mais alterações em relação aos classificadores específicos (em 173 lexias), seguidos pelos campos semânticos, com 99 alterações.

Tanto nos classificadores semânticos quanto o campo semântico 8. *A vida diária* evidenciaram maior porcentagem de alteração, atingindo respectivamente 23% e 67%. Quanto aos classificadores semânticos, acredita-se que as alterações ocorreram devido ao fato de os falantes urbanos não estarem familiarizados com o vocabulário da área rural, pois a sua realidade não pede que conheçam determinados designativos desse meio. Além disso, a maior parte das alterações nos campos semânticos se originou de classificação por vezes inconsistente em um campo inexistente nos classificadores do *Tesouro*, o que ratifica a importância da revisão dos dados por mais de uma vez.

As análises aqui apresentadas reiteram ainda a necessidade do estudo de diversas áreas do saber para a compreensão do léxico de uma língua. Mostrou-se, por exemplo, a relevância da Semântica, que tanto norteou a elaboração dos classificadores semânticos do TLPGP quando elucidou questões de alteração de classificação, necessárias para uma maior adequação da descrição das lexias para a composição do banco de dados do *Tesouro*.

Ademais, a proposta de se compor um projeto lexicográfico on-line partindo de dados geolinguísticos demonstra importância para a documentação e o conhecimento da norma lexical em uso por uma comunidade de falantes. Isso porque o ALMS (Oliveira, 2007), cujos dados foram tratados pela planilha aqui analisada, integra o grupo de trabalhos geolinguísticos que registram a fala de informantes de um espaço

geográfico (e também social), confirmando a importância da Geolinguística e da Dialetoлогия para o mapeamento de dados linguísticos.

Enfim, pretendeu-se, com este texto, mostrar como um projeto de tanta envergadura como o *Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português* (TLPGP), coordenado na Galícia, tem documentado e tratado os dados linguísticos galegos, portugueses e brasileiros, bem como a contribuição da Regional Centro-Oeste para essa importante documentação e disseminação das variantes do Português nesses países.

Evidenciou-se, pois, a relevância dos estudos lexicais para o registro da língua portuguesa do Brasil, uma vez que a língua não é apenas um meio de comunicação, mas revela visões de mundo, costumes e cultura de uma sociedade, descortinados a partir das pesquisas empreendidas.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola, 2007.
- AULETE DIGITAL. *Dicionário Caldas Aulete*. Disponível em: <https://aulete.com.br/>
Acesso em: 25 jul. 2023.
- BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da palavra. *Filologia e Linguística portuguesa*, São Paulo, n. 2, p. 81-118, 1998.
- BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. *A geografia linguística no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1991. Série Princípios.
- BRIGHT, W. As dimensões da sociolinguística. Trad. Elizabeth Neffa Araújo Jorge. In: FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. F. (Orgs.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974 [1964].
- CANÇADO, M. *Manual de Semântica: noções básicas e exercícios*. São Paulo: Contexto, 2015.
- CARDEIRA, E. *O essencial sobre a história do português*. Lisboa: Editorial Caminho, 2006.
- CARDOSO, S. A. *Geolinguística: Tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. *La Dialectología*. Madrid: Visor Libros SL, 1994.
- FERRAREZI JÚNIOR, F. *Semântica*. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2019.
- FIORIN, J. L. *Introdução à Linguística: I. Objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2018.
- HOUAISS, A. *Pequeno dicionário Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Moderna, 2015.

- INSTITUTO DA LÍNGUA GALEGA. *Tesouro do léxico patrimonial galego e português*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela (USC). 2018. Disponível em: <http://ilg.usc.es/Tesouro/pt/proxecto.html>. Acesso em: 14 jul. 2023.
- KRIEGER, M. da G. Lexicografia: a dicionarização do léxico. In: RODRIGUES-PEREIRA, R.; COSTA, D. de S. S. (Orgs.). *Estudos em Lexicografia: aspectos teóricos e práticos*. Campinas: Pontes, 2020, p. 13-32.
- LIMA, Fábio Ronne de Santana; COSTA, Daniela de Souza Silva Costa. Dialetoлогия e Sociolinguística Educacional em interface: uma proposta para o ensino de Língua Portuguesa a partir de dados do Atlas Linguístico do Brasil. *Diadorim*, Rio de Janeiro, vol. 24, número 2, p. 709-730, 2022.
- OLIVEIRA, D. P (Org.). *ALMS: Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: CNPQ; Editora UFMS, 2007.
- SAPIR, E. *Linguística como ciência*. Ensaios. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969, p. 43-62.
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Org. Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de Albert Riedlinger; prefácio à edição brasileira de: Isaac Nicolau Salum; tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 28ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012.
- TAMBA, I. *A Semântica*. Trad. Marcos Marcionilo. 2ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Uma análise léxico-discursiva em charges sobre a pandemia do coronavírus

A lexical-discourse analysis in cartoons about the coronavirus pandemic

Submetido em: 18/07/2023

Aceito em: 09/11/2023

Andréia Muniz Lisboa¹
Karylleila dos Santos Andrade²
Thiago Barbosa Soares³

Resumo: As escolhas lexicais são marcadas no e pelo funcionamento discursivo, de modo a manter relações intrínsecas com as condições sócio-históricas e ideológicas no momento da enunciação. Os saberes discursivos que se materializam no léxico estão alhures e retomam no dizer a partir das Formações Discursivas dentro de uma condição de produção específica. Assim sendo, há uma relação produtiva entre a estabilidade do léxico (o eixo fixo dicionarizado) e o emprego na língua pelos falantes (o discurso). Partindo desse pressuposto, este texto visa apresentar as contribuições da Análise do Discurso no processo de construção de sentido do léxico e analisar os efeitos de sentido dos enunciados 'proteção', 'máscara' e 'isolamento social' no contexto pandêmico brasileiro. Para tal, analisou-se três charges disseminadas na pandemia da Covid-19, no Brasil, a partir da perspectiva de Sapir (1969), Coseriu (1989), Vilela (1994), Biderman (2001), Antunes (1937) (na área do léxico); Pêcheux (2011), (2014a, 2014b), Orlandi (2015) (na área do discurso). Os resultados encontrados mostraram os efeitos de sentido de impedimento, criminalidade e congelamento de verbas sendo deslizados nos enunciados contidos no corpus.

Palavras-Chave: Léxico; Análise do Discurso; pandemia; Covid-19; construção de sentido.

Abstract: The lexical choices are marked in and by the discursive operation, which maintains intrinsic relations with the socio-historical and ideological conditions at the time of enunciation. The discursive knowledge materialized in the lexicon is elsewhere and it is retaken in the saying from the discursive formations within a specific condition of production. Thus, there is a productive relationship between the stability of the lexicon (the fixed dictionary axis) and the use of the language by speakers (the discourse). Based on this assumption, this paper aims to present the contributions of Discourse Analysis in the process of construction of meaning of the lexicon and analyze the effects of meaning of the statements of protection, masking and social isolation in the pandemic context. To do so, it was analyzed three cartoons disseminated in the Covid-19 pandemic in Brazil, from the perspective of Sapir (1969), Coseriu (1989), Vilela (1994), Biderman (2001), Antunes (1937) (in the lexicon area); Pêcheux (2011), (2014a, 2014b), Orlandi (2015) (in the field of discourse). As results, it was found that the effects of meaning of impediment, criminality and freezing of funds being slid.

Keywords: Lexicon; Discourse Analysis; pandemic; Covid-19; construction of meaning.

¹ Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1559499447475577>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-4237-3273>. E-mail: andreia.lisboa@mail.uft.edu.br.

² Doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo (USP). Docente na Universidade Federal do Tocantins (UFT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8224727509470953>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0001-6920-9206>. E-mail: karylleila@mail.uft.edu.br.

³ Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Docente na Universidade Federal do Tocantins (UFT). Pesquisador bolsista de produtividade do CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8919327601287308>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0003-2887-1302>. E-mail: thiago.soares@mail.uft.edu.br.

Introdução

A representação fiel do dicionário nos dá uma língua (imaginária) homogênea, perfeita, completa, sem falhas, de todos nós. Do mesmo modo, o dicionário parece não ter ideologia, sendo “neutro”, ou melhor, tendo a neutralidade (universalidade) da língua. Como não tem marcas ideológicas, sua ideologia é justamente não se marcar ideologicamente. Só um trabalho discursivo pode nos situar ideologicamente em relação aos efeitos do dicionário, observando-se, em sua constituição, o que chamamos as formas materiais, indícios dos processos discursivos, linguístico-históricos (Orlandi, 2002, p. 108).

A pandemia da Covid-19 se tornou um grande desafio do século XXI, desenhando um cenário de crise sanitária com impactos econômicos, sociais, políticos, culturais e históricos no mundo. De acordo com Miragem (2020), Lima, (2020), Diehl (2021) e Souza (2020), o primeiro caso de infecção foi detectado em dezembro de 2019, em Wuhan (província chinesa) e, a partir disso, a Covid-19 se alastrou rapidamente pelo mundo. No Brasil, em decorrência da falta de políticas públicas de saúde, a população foi amplamente exposta, em especial os grupos mais vulneráveis em maior risco de contágio, transmissão e alta taxa de letalidade. O retardamento de ações necessárias de contenção à doença – como o isolamento, a quarentena, a velocidade de testagem rápida –, além da providência vagarosa (por parte das instituições) de medicamentos, leitos hospitalares e vacinas, atrelaram-se à desinformação e negacionismo, e agravaram, ainda mais, o quadro pandêmico brasileiro. Além de provocar milhares de mortes, a pandemia de Covid-19, permitiu escancaramento da desigualdade social no país, que já era uma realidade, e se acentuou com a crise político-sanitária (Diehl, 2021).

Na história das pandemias, a Covid-19 foi a patologia controlada em menos tempo. Segundo Rezende (2009), a maior e mais trágica pandemia registrada na história que provocou mortes sem precedente foi a Peste Negra, uma doença causada pela bactéria encontrada em ratos, *Yersina pestis*, que se estendeu entre 1347 a 1353, causando mortes de milhões de pessoas na Europa. Conforme Neufeld (2020), a peste bubônica, como também é conhecida, assolou os continentes asiático e europeu até o começo do século XIX, matando entre 75 e 200 milhões de pessoas. Também é possível citar, no contexto de pandemias duradouras, a Gripe Espanhola (1918), provocada pelo vírus

influenza A (subtipo H1N1) que, segundo Ferraz (2020), Fernandes e Soares (2021), foi uma das enfermidades infecciosas considerada como maior flagelo histórico e sanitário, afetando um terço da população mundial, na época. Conforme os autores, sua origem se deu nos Estados Unidos, atravessando, posteriormente, o Atlântico por meios das embarcações náuticas e, com isso, espalhou-se pelo mundo, mas, por ser divulgada primeiramente na Espanha, ficou conhecida como a Gripe Espanhola.

A Covid-19, antes que pudesse ser controlada, causou milhares de mortes no mundo. Contudo, em comparação com as doenças supramencionadas, foi celeremente contornada. Uma das possíveis razões para isso reside nos avanços da ciência e da tecnologia, proporcionados pelos laboratórios e instituições de pesquisa em todo o mundo. Os cientistas pesquisadores lançaram mão de diversas plataformas de pesquisas para sequenciar a cepa SARS-Cov-2 (da Covid-19), monitorar o contágio e desenvolver imunização segura e eficaz em curto espaço de tempo. As pesquisas também possibilitaram o desenvolvimento de várias vacinas para conter o avanço do vírus e amenizar seu potencial de fatalidade. Mesmo com todas as prerrogativas proporcionadas pelo desempenho científico, o discurso negacionista se configurou como uma alta no período, desmerecendo as pesquisas e colocando-as como caluniosas, como forma de dissuadir a crença populacional nesse tipo de trabalho na população e, ao mesmo tempo, isentar o governo de suas responsabilidades (incluindo, financiamentos e com relação às verbas destinada aos pesquisadores).

Por conseguinte, a pandemia não é, tão somente, uma realidade sanitária, como também política e, portanto, discursiva. O acontecimento histórico da pandemia da Covid-19 constitui cenas discursivas que movem um cenário de disputa de sentidos, produzindo distintos gestos de interpretação. Isso ocorre porque os sentidos que se materializam no discurso estão além da transparência da linguagem, são marcados pelo aspecto sócio-histórico e ideológico (Orlandi, 2015). Por esse prisma, a pandemia de Covid-19 pode ser tomada como discurso e vista como um acontecimento discursivo (Foucault, 2015), uma vez que coloca em circulação discursos em funcionamento na sociedade, produzem saberes e práticas discursivas dos sujeitos contemporâneos, além de retomar momentos anteriores, como a Peste Negra e a Gripe espanhola.

Considerando o exposto, este trabalho visa analisar três objetos discursivos sobre a temática; três charges compartilhadas em vias midiáticas, durante o período pandêmico. O objetivo é verificar o processo de construção e efeitos de sentido das escolhas lexicais ‘proteção’, ‘máscara’ e ‘isolamento social’ depreendidos do *corpus* e que marcaram o contexto pandêmico no Brasil.

Para tanto, buscaram-se contribuições da Análise do Discurso (AD) e do Léxico. Os pressupostos teórico-metodológico do campo de saber da AD oferecem importantes reflexões no que diz respeito ao processo de construção de sentido do léxico, mais especificamente, dos enunciados aqui selecionados para investigação. Assim, na sequência, apresenta-se o que se constitui como os pressupostos teóricos e metodológicos para este estudo, a saber, a Análise do Discurso, estabelecendo conexões com o estudo do Léxico. Após, na seção destinada para a análise, os conceitos de condições de produção, Formação Imaginária, Formação Discursiva e Memória Discursiva serão aplicados aos objetos. Por fim, serão tecidas algumas considerações finais.

Interface do estudo do léxico: contribuições da Análise do Discurso

Conforme Malidier (2011), na metade da década de 60, a ciência linguística prometia novos rumos para os estudos da linguagem. A dicotomia *langue* e *parole*, postulada por Ferdinand Saussure e seus colaboradores, é questionada por diferentes campos nas ciências humanas. Sapir (1969) observa algumas lacunas da teoria saussuriana que carecem de ser analisadas. O autor ressalta sobre a relação da língua com o ambiente. Para ele, as forças sociais, tanto do ambiente quanto das forças físicas, são participantes e atuantes no processo de significação, de modo que uma complementa a outra. Sapir (1969) pontua ainda que o léxico da língua é o lugar em que se reflete “o ambiente físico e social dos falantes. O léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o complexo inventário de todas as ideias, interesses e ocupações que açambarca atenção da comunidade” (Sapir, 1969, p. 45). Outro autor que, também, faz releituras da teoria de saussuriana é Coseriu (1989), que

formula a tríade: sistema (código linguístico-sistema de possibilidades), norma (normas de uso-coletivo-padrões de uso) e fala (atividade linguística concreta, realização-individual) (Coseriu, 1989).

Para Coseriu (1989), a língua não pode ser separada da fala pelo seu caráter social, “mas antes pelo fato que na *langue* se conserva só no que é comum e constante nos atos de *parole*, ou seja, pelo fato de que, no constituir-se o conceito *langue*, consideram-se os mesmos atos num plano superior de formalização ou abstração” (Coseriu, 1989, p. 7-8). Seguindo os apontamentos do autor, na língua há “um sistema de possibilidades, de coordenadas que indicam os caminhos abertos e os caminhos fechados às necessidades expressivas ou ao arbítrio e ao capricho do falante, pertencente a uma determinada comunidade” (Coseriu, 1989, p. 26). Nesse sistema, a norma se faz importante, pois ela esclarece o funcionamento da linguagem e, por meio dela, são possíveis às atividades linguísticas como; a criação e repetição, os movimentos obrigatório e livre (Coseriu, 1989). Todavia, ela pode tanto eliminar “tudo o que nos atos linguísticos considerados é puramente subjetivo e originalidade expressiva absoluta”, como também permite que se abstraia “uma norma geral e única para uma comunidade mais ou menos vasta” (Coseriu, 1989, p. 25). Já a fala, segundo ele, é atividade linguística concreta que se realiza entre a criação e repetição, podendo ter variações que, por sua vez, apresentam-se conforme as normas de um grupo a partir do sistema.

Essa tríade postulada por Coseriu (1989) permite entender os processos em que ocorrem as criações de novas palavras, as normas das comunidades e grupos. Desse modo, há uma determinação do sistema que possibilita a criação de novas palavras incorporadas no nível social. Todas essas possibilidades e criatividade linguística estão elididas nessa tríade. Avançando um pouco mais, passamos para as discussões a respeito do léxico que, em linhas gerais, pode ser entendido como o resultado desse processo estrutural, no qual se materializa a comunicação entre os falantes. O processo de nomeação é a primeira parte da geração do léxico das línguas, que se iniciou a partir do adão mítico. O relato da criação do mundo, segundo o livro bíblico, incumbiu ao

homem tarefa de nomear toda a criação (Biderman, 2001). Para a autora, o léxico é a herança vocabular de um determinado grupo linguístico ao longo da história. Ele é o único que possui um sistema aberto que “no seu processo individual de cognição da realidade, o falante incorpora o vocabulário nomeador das realidades cognoscentes juntamente com os modelos formais que configuram o sistema lexical” (Biderman, 2001, p. 14). Já para Vilela (1994), o léxico é um subsistema responsável por “configurar linguisticamente o que há de novo e, por isso, é nele que se refletem mais clara e imediatamente todas as mudanças ou inovações políticas, econômicas, sociais, culturais ou científicas” (Vilela, 1994, p. 14). Dito de outro modo, o léxico é um conjunto de signos linguísticos que são variáveis de grupos e de sentido, a partir das forças sociais e do ambiente. Antunes (2012) chama atenção para a importância do léxico no funcionamento da linguagem e como ele está sendo silenciado, resumindo-o, tão somente, no processo de formação de palavras. Conforme a autora, o significado da criação de novas palavras e sua veiculação com as demandas culturais de cada grupo estão sendo deixados de lado, principalmente, nas escolas.

Retomando a discussão de significação do léxico, verificam-se as inserções que podem ser feitas a partir das contribuições da Análise do Discurso para a compreensão de que existe uma comutação entre os sentidos circulantes no discurso e as significações de itens lexicais. Pêcheux (2011), ao revisitar as diferentes áreas da linguística, observa que essas áreas se atêm a fazer um estudo científico da linguagem, deixando de lado os “efeitos de sentido” do processo discursivo. Para o autor, a linguística por si não dá devida atenção à questão de sentido em seu campo de estudo e mostra que o estudo da linguagem é compreendido como conjunto de língua, fala e escrita, a grosso modo, no nível da fonologia, estuda os sons; na morfologia, as formas; no nível sintático, a maneira de combinações de palavras, as regras de uma determinada língua para a construção de frases; e a semântica vai buscar em outros lugares como “na sociologia, na psicologia, na história, na literatura, etc., que lhe fornecem dados segmentados, contudo, de modo absolutamente diverso dos dados linguísticos concretos de uma dada língua nacional” (Pêcheux, 2011, p. 67), saindo da linguística.

Desse modo, não se trata apenas da natureza das palavras e sua verificabilidade no interior do sistema linguístico, mas o uso social do léxico “sobretudo das construções nas quais essas palavras se combinam, à medida que essas construções determinam a significação que as palavras terão” (Pêcheux, 2011, p. 73). Essas áreas, segundo o autor, se focam nas estruturas gramaticais, considerando o léxico de forma isolada. Entretanto, o processo de significação é construído a partir das condições de produção, o que faz a mesma palavra derivar e ter sentido distintos. Segundo Pêcheux (2011), o processo de significação é determinado por condições sócio-históricas de produção e regidas por leis as quais definem o que deve ser dito em determinado lugar “somos, assim, conduzidos a pensar que, numa dada época e por um dado ‘meio social’, a ‘fala’, sob suas formas políticas, literárias, acadêmicas etc., se organizam necessariamente em ‘sistemas’ regidos por leis” (Pêcheux, 2011, p. 70). Por isso, a análise linguística até então realizada, tão somente aos aspectos inerentes à estrutura gramatical, torna-se insuficiente.

Haja vista que, como argumenta Orlandi (2015), os sentidos são afetados pela língua a partir de uma dada condição de produção que “implica o que é material (a língua sujeito ao equívoco e a historicidade), o que é institucional (formação social e sua ordem) e o mecanismo imaginário” (Orlandi, 2015, p. 38). Assim sendo, as escolhas lexicais dos sujeitos falantes ocorrem por meio de um processo de transformação no campo de significação para o campo do significado. Nesse entremeio, há os valores e posições ideológicas e um complexo dominante de formações discursivas que atravessam o dizer, por isso, “as palavras mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam” (Pêcheux, 2011, p. 73). É por meio dessas manifestações discursivas que os falantes da língua (atravessados pelos posicionamentos ideológicos) atuam nas estruturas lexicais, atribuindo efeitos de sentido (Pêcheux, 2011). A análise lexical, portanto, contribui, em perspectiva discursiva, para compreender os deslizamentos de sentido para além das estruturas linguísticas que estão inseridas no léxico, pois, como postula Orlandi (2015), não existe linguagem sem indivíduo tanto quanto não há indivíduo sem a linguagem.

Para o procedimento analítico faremos uso das noções da Análise do Discurso, a saber, condições de produção, Formação Imaginária, Formação Discursiva e Memória Discursiva. Em linhas gerais, as condições de produção são “uma estrutura definida dos processos de produção do discurso a partir da língua” (Pêcheux, 2014a, p. 78). Já a Formação Imaginária está presente nos processos discursivos por meio de um jogo de imagens que os sujeitos do discurso atribuem a si e ao outro (Pêcheux, 2014a). As duas noções supracitadas estão entrelaçadas a Formação discursiva, que pode ser definida como “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determina pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito” (Pêcheux, 2014b, p. 147). Todo esse processo envolve já ditos, ou seja, “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retoma sob a forma do pré-construído” (Orlandi, 2015, p. 29).

É importante enfatizar que tais noções, embora apresentadas separadas, são concebidas simultaneamente na prática discursiva, pois o processo do discurso não é linear. Como postula Orlandi (2015), na Análise do Discurso compreende-se “a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (Orlandi, 2015, p. 13), isto é, não se trata apenas de uma transmissão de informações de A para B, há um processo complexo que relaciona os sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, sob condições de produção específicas e, portanto, numa formação social que dispõe de certas regras (formações discursivas) ao qual os sujeitos são ideologicamente marcados a serem sujeitos do discurso. Assim, a ideologia é “a condição para constituição do sujeito e do sentido” (Orlandi, 2015, p. 44). As noções aqui explicitadas auxiliam no tratamento de sentido do léxico, conforme enfatizado pela epígrafe desse trabalho, os significados dispostos nos dicionários sobre as palavras são objetos discursivos. O processo de significação está atrelado às condições sócio-históricas e ideológicas em que os falantes estão inseridos, o que (em boa medida) coaduna com o que afirma Sapir (1969), sobre a relação da língua com o ambiente em que os sentidos são produzidos.

Desse modo, a representação posta nos dicionários (Formações Imaginárias), regidas por condições de produção específicas, está atrelada as Formações Discursivas. Como os dizeres são paráfrases, isto é, retomadas de discursos anteriores, as escolhas lexicais estão arraigadas de Memórias Discursivas, saberes retomados na atualidade por meio das palavras. O efeito da evidência ideológica apaga todo esse processo, mas essas marcas discursivas estão presentes e materializadas no trabalho lexicológico. É exatamente por isso que a análise discursiva contribui com os estudos do sentido do léxico. Tais questões serão, a seguir, tratadas, por meio da análise do *corpus*.

Efeito de sentido dos enunciados de proteção, máscara e isolamento social

Este tópico destina-se à análise discursivo-lexical de três charges produzidas durante e sobre o período pandêmico no Brasil. Conforme Trigueiro (2019), a charge é um gênero jornalístico que está associado a um determinado tempo e espaço e pode conter aspectos de humor e ironia. Esses elementos contribuem para reportar uma crítica sobre os aspectos sociais inerentes à sua produção. Nas charges aqui analisadas pretende-se verificar os deslizamentos de sentido dos enunciados 'proteção', 'máscara' e 'isolamento social', delas depreendidas e muito populares na pandemia de Covid-19. No primeiro objeto, o enunciado destacado é 'proteger', conforme se verifica abaixo (Figura 1):

Figura 1 – Charge sobre a pandemia de Covid-19



Fonte: Grupo Editores Blog (2020)

Na charge, vemos três personagens: uma criança, uma mãe ou responsável pela criança e uma senhora usando uma faixa com o termo 'democracia'. A responsável pela criança e a criança estão utilizando máscaras, e a senhora, não, caracterizando o período pandêmico. O garotinho afirma que é preciso 'proteger' também a senhora – a 'democracia'. Em sua estrutura gramatical, 'proteger' é um verbo regular em português que está conjugado no infinitivo. No dicionário Aulete (Lexicon, 2022b), temos os seguintes verbetes:

Figura 2 – Verbetes atualizados do lexema proteção

Aulete
DIGITAL

Verbetes Atualizado

Verbetes Original

proteger

(pro.te.ger)

AAAA

v.

1. Livrar(-se) ou afastar(-se) do mal, do perigo; DEFENDER(-SE) [td. : *Protegeu o amigo.*] [tdr. + de : *proteger a galáxia dos invasores; proteger -se da gripe.* Antôn.: desproteger.]
2. Servir de barreira; usar meios de defesa contra; ABRIGAR(-SE) [td. : *A muro protegia a casa.*] [tdr. + contra, de : *A cerca protegia a horta dos porcos.* Antôn.: expor.]
3. Cobrir(-se) com algo ou abrigar(-se) ou esconder(-se) em algum lugar para ficar a salvo

Aulete
DIGITAL

Verbetes Atualizado

Verbetes Original

proteger

4. Dar tratamento melhor; FAVORECER; PRIVILEGIAR [td. : *A gerência protegia alguns funcionários.*]
5. Promover o crescimento ou a manutenção de (algo); AMPARAR; FOMENTAR [td. : *O governo deve proteger a agricultura familiar.*]
6. Impedir a destruição ou a extinção; PRESERVAR [td. : *É preciso proteger a nossa fauna.*]
7. Ocultar a culpa de (alguém). [td. : *Testemunhas familiares geralmente protegem o réu.*] [F.: Do lat. *protegere.*]

Fonte: Lexicon, 2022b.

O dicionário Aulete digital (Lexicon, 2022b) dispõe de sete acepções para a entrada *proteger*, tanto no sentido de proteção do mal (aqui sendo considerado a partir da posição que o falante vai ocupar), como de proteção de interesses. O bem e o mal, portanto, têm valores diferentes se considerados no uso da língua pelo falante e, mais que isso, a partir das posições ideológicas. Utilizando o exemplo da sexta acepção “é preciso proteger a nossa fauna”, temos um sujeito indeterminado que, no primeiro momento, podemos entender se tratar de um ambientalista que deseja proteger a natureza. Essa compreensão se dá porque somos atravessados pela Formação

Discursiva de proteção ambiental, mobilizando a Memória⁴ Discursiva das lutas históricas sobre proteção ao meio ambiente. Além disso, podemos depreender também que pode se tratar de um empresário do ramo do agronegócio e/ou um político, fazendo um discurso de sustentabilidade, cujo objetivo é mostrar para o seu interlocutor que tal empreendimento não irá agredir a fauna, protegendo, desse modo, seus interesses.

Esses deslizamentos de sentidos só são possíveis de serem observados se considerarmos a língua no uso social – as escolhas lexicais estão ancoradas na forma como os falantes se posicionam na sociedade. Esses aspectos podem ser observados na charge. Nela, o enunciado ‘proteger’ produz efeito de sentido de impedir a destruição da democracia, haja vista as condições de produção da materialidade, a pandemia e as políticas neoliberais do governo anterior. Na imagem, o cuidado não é com a senhora e, sim, com o que ela está representando, a democracia. O enunciado *proteger* atualiza a Memória Discursiva da ditadura militar, regime ditatorial iniciado com o golpe militar em 1964, no Brasil, governo que tinha como principal característica o autoritarismo e o poder centrado em grupos específicos – militares e grandes empresários. De acordo com Pêcheux (2014), o sujeito do discurso enuncia sempre a partir de uma Formação Discursiva, em uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes. Desse modo, a escolha lexical do enunciado que estamos analisando se inscreve na Formação Discursiva de política de esquerda.

O deslizamento de sentido de o enunciado ‘proteger’ retoma dois acontecimentos históricos políticos ocorridos no Brasil: o golpe de 2016, contra a presidenta Dilma Rousseff, e o processo da Operação Lava Jato, em que brasileiros vestidos de verde e amarelo tomam as ruas em todo o Brasil em protesto contra a corrupção e pela saída da presidenta Dilma Rousseff do governo (Da Redação, 2016). A partir e durante esse acontecimento, é construído um conjunto de enunciados que remetem à ditadura militar. Essas movimentações discursivas, a Memória Discursiva do regime ditatorial e o patriotismo uma rede discursiva sobre o processo ditatorial, ressignificando seu sentido.

⁴ De acordo com Courtine, o conceito de memória pensada na teoria do discurso não diz respeito a memória cognitiva, mas refere-se nas palavras do autor “a existência histórica do enunciado” (COURTINE, 2009).

Há um jogo de forças funcionando discursivamente no enunciado, operando o discurso negacionista sobre a pandemia. O acontecimento passa a ser trabalhado na atualidade e faz o retorno sobre a Memória Discursiva do regime ditatorial militar, ao provocar um reordenamento dos dizeres, produz outros sítios de significância. Nesse sentido, há o apagamento da memória da ditadura militar, como também a descredibilização das instituições de ensino e pesquisa, colocando em xeque a eficácia das vacinas e retomam no enunciado proteção: é preciso proteger a democracia que custou vidas para ser instituída, assim como é preciso proteger a sociedade do negacionismo que paira sobre a eficácia das vacinas. Dessarte, a escolha lexical mobiliza um posicionamento político que defende o regime democrático em que os cidadãos tenham direitos às vacinas e à livre escolha de governantes, bem como a valorização das instituições de pesquisas do país. Percebemos, então, que no processo de significação “o dizer não é propriedade particular. As palavras não são nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas palavras” (Orlandi, 2015, p. 30).

Na segunda charge, selecionou-se para análise, o enunciado, ‘máscara’ enquanto instrumento de ocultar, disfarçar.

Figura 3 – Charge sobre a pandemia da Covid-19

SAÍDA TEMPORÁRIA DA PÁSCOA



Fonte: Calabau (2021).

O dicionário Aulete digital (Lexicon, 2022a) dispõe de 16 acepções para a entrada ‘máscara’, sendo dois deles os que mais se aproximam à charge em análise. São eles:

Figura 4 – Verbetes atualizado lexema ‘máscara’



The image shows a screenshot of the Aulete Digital dictionary interface. At the top left is the logo 'Aulete DIGITAL'. Below it is a search bar. There are two tabs: 'Verbetes Atualizado' (selected) and 'Verbetes Original'. The word 'máscara' is displayed in a large font. To the right of the word is the rating 'AAAA'. Below the word, there are two numbered definitions:

1. Objeto de diferentes formatos que cobre o rosto, us. como disfarce, enfeite etc.: *Pegou sua máscara de gorila e foi para o carnaval*
2. Etnol. Imitação disforme de rostos representando as forças da natureza e os espíritos benéficos ou maléficos, us. como instrumento sagrado pelos índios brasileiros

Fonte: Lexicon, 2022a

O verbete que melhor se enquadra ao substantivo “máscara” é o que traz o sentido de esconder algo. Segundo Pêcheux (2014a), as representações sociais ocorrem por meio da imagem que o sujeito faz de si e do outro: “o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (Pêcheux, 2014a, p. 82). Essas imagens são historicamente construídas e cristalizadas de modo que quando olhamos, mesmo se não tivesse um enunciado, saberíamos que se tratava de um policial e de um bandido. Há, no entanto, outra questão importante: o vermelho da blusa do bandido não é uma cor aleatória. Como argumenta Orlandi (2015) “a cor vermelha está ligada historicamente a posições revolucionárias e transformadores” (Orlandi, 2015, p. 27). Dentro do contexto que vivenciamos, reporta para a ‘esquerda golpista’, mobilizando às adjetivações de bandidagem, ‘esquerdopatas’

– imagem, também, construída ao longo do tempo a partir de algumas figuras da esquerda como a de Luís Inácio Lula da Silva, acusado de corrupção.

Esse lugar de bandido é, assim, associado ao público que partilha dos ideais de esquerda. Conforme Pêcheux (2011; 2014), o sentido de uma palavra, expressão, proposição ou enunciado não lhes são próprios, eles se constituem em uma dada Formação Discursiva, nas relações que mantêm com outras Formações Discursivas, de modo que podem mudar de sentido conforme as posições sustentadas por aqueles que as empregam. O enunciado está atravessado pela Formação Discursiva político-partidária e dentro dela há uma movimentação do discurso moralista que está atravessado pelo discurso de ódio à esquerda, mobilizando os já ditos do caso Triplex do Guarujá⁵. O enunciado ‘máscara’ retoma os já ditos desse processo jurídico. O confronto circulação a respeito da prisão de Lula marca historicamente a ascensão da direita ao poder. Assim, a escolha lexical, nessa charge, direciona para esse lugar construído de que os eleitores e políticos de esquerda são bandidos. Certa feita, o sentido de ‘máscara’, no enunciado, desliza para o efeito de sentido de criminalidade, um instrumento utilizado para ocultar traços do criminoso e dificultar seu reconhecimento e os criminosos são todos aqueles que levantam as bandeiras dos ideais de esquerda.

Cabe recuperar aqui os apontamentos de Fernandes e Soares (2020), em relação às discussões sobre porte de armas no Brasil. Segundo os autores, há algumas distinções entre os dois governos sobre essa questão. Na gestão de Bolsonaro, a flexibilização de armas foi decretada, pois para o ex-presidente do Brasil “a segurança do país estará garantida se o cidadão de bem possuir a posse e o porte de armas” (Fernandes; Soares, 2020, p. 51). Já para o presidente Lula, a segurança é dever do Estado e não é responsabilidade das pessoas comuns. Essa discussão é importante, pois ela nos leva a velha dicotomia cidadão do bem e cidadão do mal que está discursivizada no enunciado pelos trajes dos personagens. Isto é, há uma ordem, uma classe, uma ala política que pode fazer uso da flexibilização de armas, enquanto a outra

⁵ O caso Triplex do Guarujá refere-se à ação que foi movida contra o presidente Lula sob suposta prática de lavagem de dinheiro e corrupção ativa e passiva. A ação foi comandada pelo juiz Sérgio Moro, da 13ª Vara Federal de Curitiba, na época (Chagas, 2018).

é autointitulada de criminosa. Pois, “na apropriação social desse discurso, há regras silenciosas e variáveis, apresentando historicamente o Brasil que configura essa dicotomia do cidadão de bem e o cidadão do mal - bandido, o inimigo” (Fernandes; SOARES, 2020, p. 52). Vejamos, a seguir, os efeitos de sentido que estão atravessados no enunciado ‘isolamento social’, na charge abaixo (Figura 5).

Figura 5 – Charge sobre a pandemia da covid-19



Fonte: Jbosco (2020)

O enunciado ‘isolamento social’, na charge acima, é uma composição por justaposição. Esse termo se tornou usual devido à pandemia de Covid-19; é uma das medidas preventivas solicitadas pelos especialistas da área da saúde para diminuir a disseminação do vírus e achar a curva de contágio. Algumas definições para esse enunciado poderiam ser: manter-se longe, proteja a si e ao outro, isolar o vírus. Na charge acima, há quatro personagens que estão representando as pautas de educação, emprego, economia e cultura, respectivamente. O primeiro personagem é a educação; o segundo, o emprego, trajando a blusa com as cores da bandeira do Brasil e, em comparação com as vestimentas dos demais, mostra-se inferior, representando a pobreza brasileira. Já o terceiro personagem é a economia; e, o quarto, a cultura. A escolha lexical na charge está ancorada nas condições de produção dos efeitos das políticas neoliberais e seu agravamento no período da pandemia.

O enunciado 'isolamento social' está inscrito na Formação de Discursiva política de esquerda, retomando as críticas sobre as questões políticas ocorridas no Brasil. Sendo essas mais intensificadas no governo atual, uma vez que institui como modelo econômico o neoliberalismo. O chefe do poder executivo federal apresenta uma face neoliberal que incidiu, como já argumentado, na desenvoltura do golpe de 2016, e essa movimentação é importante para a transição da 'velha política' para a construção da narrativa de um país sem corrupção, que, na prática, na arquitetura institucional da chamada 'nova política', as antigas práticas são reformuladas discursivamente. O que se tem apurado, até então, é um método de governança ultraliberal que predomina a flexibilização de emendas parlamentares para benefício do capital por meio de reformas administrativas, reformas trabalhistas que não foram democratizadas, privatização de empresas estatais e congelamento de verbas para a saúde e centros de pesquisas, educação e cultura (Araújo; Carvalho, 2021).

No processo de desestruturação do capital, o modelo Taylorismo é implementado e influenciado pelas invenções científicas tecnológicas e informacional. Ele produz, dentre outras coisas, o desemprego estrutural, tendo como resultado a flexibilização do trabalho (Ribeiro, 2015). Emergem, sob a ótica neoliberal, enunciações como 'Trabalhe por conta própria', 'Seja seu próprio chefe', 'Trabalhe no conforto de sua casa', 'Trabalhe quando quiser', que são discursivizadas e incorporadas na sociedade, como solução para a crise de empregabilidade. No entanto, os efeitos da pandemia evidenciam inconsistências desse processo e o resultado é um aprofundamento da crise sociopolítica. O 'isolamento social', enquanto medida de prevenção à Covid-19, na charge, desliza para o efeito de sentido de congelamento de verbas para os setores importantes do país. Esse sentido está inscrito na Formação Discursiva da política neoliberal, sob condições de produção da crise sanitária global e o modo capitalista de produção que, para acumulação de capital, retira as verbas que seriam destinadas à saúde, educação e cultura.

A escolha lexical aponta para a crítica do governo da época em 2020, que tem feito cortes orçamentários na educação, economia, cultura e emprego. A Formação

Discursiva mobilizada no enunciado faz trabalhar a memória sobre os impactos da política neoliberal. Esses movimentos mostram os efeitos de sentido de retirada de direitos e precarização das instâncias políticas que movimentam a economia do país. Assim, entende-se que, ao fazer as escolhas lexicais, “os dizeres não são apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que são de alguma forma presentes no mundo” (Orlandi, 2015, p. 28).

Considerações finais

Nesse artigo, foram apresentadas algumas reflexões do estudo da linguagem e as contribuições da Análise do Discurso na construção de sentido do léxico. Com base nas discussões propostas, vimos que o funcionamento da linguagem se dá a partir da tríade apresentada por Coseriu (1989): o sistema, a fala e a língua. O sistema, nível máximo de abstração entendido como sistemas de signos, no qual funciona o código linguístico; a norma, padrões de uso na qual ocorre a realização coletiva da língua, que são variáveis segundo as comunidades; e, por último, a fala, que é a realização individual e concreta do sistema de signos de uma língua. Segundo o autor, os dois primeiros não se aplicam ao falar, são distinguidos pelos falantes através dos atos linguísticos individuais. A partir dos pressupostos teóricos de Vilela (1994), Biderman (2001) e Antunes (1937), discutiu-se como ocorre o processo de nomeação e a importância do léxico, pois eles são resultados desse processo estrutural, no qual se materializa a comunicação entre os falantes.

Nessa perspectiva, utilizou-se, também, as contribuições de Michel Pêcheux (2011), que faz um estudo sobre a linguagem e mostra que as teorias linguísticas têm deixado de lado os efeitos de sentido do processo de significação. Em seus estudos, o autor mostra que as posições ideológicas interferem na produção de sentidos. Desse modo, o léxico funciona a partir do batimento entre língua e história, o seu funcionamento está entrelaçado às condições de produção de uma dada época. Do

ponto de vista discursivo, o acontecimento histórico da pandemia passa a ser discursivizado nas vias midiáticas a partir das práticas discursivas dos sujeitos contemporâneos que, por sua vez, são atravessados por formações ideológicas e discursivas. Tais práticas produzidas reconfiguram os espaços do dizer. Assim, o acontecimento discursivo da pandemia desloca os espaços de memória e demonstra que, em determinadas conjunturas, os enunciados podem desconstruir ou reconfigurar possibilitando outras interpretações (Pêcheux, 2015).

Assim, a construção de sentido encontra-se no que é logicamente estabilizado: o léxico em sua estrutura dicionarizada e o discurso empregado por meio dos sujeitos falantes da língua, gerando novas instâncias discursivas do dizer. Os resultados da análise mostraram os deslizamentos de sentido do enunciado 'proteção' (primeira charge) para os sentidos de impedir a destruição da democracia e livrá-la das políticas neoliberais atualizados pela Memória Discursiva da ditadura militar. Assim, a 'proteção' não está no sentido de resguardar, mas de criar ações que promovam o fortalecimento do regime democrático, que vem sofrendo investidas severas do militarismo vigente no Brasil. A análise acerca do enunciado 'máscara' (na segunda charge) desliza para o efeito de sentido de criminalidade, um instrumento utilizado para ocultar traços de criminosos e dificultar seu reconhecimento. No enunciado, funciona o discurso moralista atravessado pelo discurso de ódio à esquerda, mobilizando os já ditos do caso Triplex do Guarujá.

As significações sobre bandido estão direcionadas à esquerda golpista, atualizando a memória discursiva do *impeachment* sofrido pela Dilma, que foi desmembrado a partir do processo Operação da Lava Jato. E, por último, o enunciado 'isolamento social', enquanto medida de prevenção da Covid-19, desliza para o efeito de sentido de congelamento de verbas para os setores importantes do país, ocorrendo a retirada de direitos devido a uma política neoliberal. Esse sentido está inscrito na Formação Discursiva da política neoliberal vigente no país, o modo como a política atual tem se utilizado da pandemia para retirar verbas de alguns lugares e aplicar em orçamentos secretos, o qual precariza a vida das pessoas, principalmente, a classe trabalhadora, responsável por girar a economia do país. Essas contribuições só são

possíveis de se analisar se forem consideradas as condições de produção em que estão inseridas na materialidade e das escolhas lexicais. A partir das discussões que foram propostas, verifica-se que o léxico tem sua evolução a partir da relação entre língua e história e é apreendido no e pelo discurso.

As manifestações discursivas que atuam sobre as estruturas lexicais estão ancoradas ao contexto sócio-histórico de produção, de modo que deve levar em consideração não, apenas, a estrutura gramatical do léxico, mas os efeitos de sentido que as atravessam. Mediante isso, observa-se que o campo teórico da AD oferece importantes contribuições para o estudo do léxico, compreendendo que, no processo de significação, é necessário considerar a produção de sentidos e valores que estão arraigados nas escolhas lexicais dos usuários da língua.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. *O território as palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola editorial, 1937.
- ANTUNES, Irandé. *Território das palavras*. São Paulo: Parábola, 2012.
- ARAÚJO, Maria do Socorro Sousa de; CARVALHO, Alba Maria Pinho de. Autoritarismo no Brasil do presente: bolsonarismo nos circuitos do ultraliberalismo, militarismo e reacionarismo. *Katálysis*, v. 24, n. 1, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/KWXN3b3JFnjYvw6PTtpjcw/>. Acesso em 14 jul. 2023.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negrin. *As Ciências do Léxico*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.
- CALABAU. Charge do dia. *Imirante.com*. 2021. Disponível em: <<https://imirante.com/oestadoma/noticias/2021/04/03/charge-do-dia>>. Acesso em 25 de jul. 2022.
- CHAGAS, Paulo Victor. Entenda o caso triplex em que lula foi condenado. *Agência Brasil*, 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-01/entenda-o-caso-triplex-em-que-lula-foi-condenado>. Acesso em 02 jun. 2022.
- COSERIU, Eugenio. Sistema, norma e fala. In: COSERIU, Eugenio. *Introdução aos estudos linguísticos*. Coimbra: Almedina, 1989, p. 3-30.
- COURTINE, Jean, Jacques. *Análise do Discurso: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: Ed UFSCar, 2009.

- DA REDAÇÃO. Atos contra o governo Dilma e a corrupção reúnem multidões no Brasil. *G1*, 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2016/03/atos-contra-o-governo-dilma-e-corrupcao-reunem-multidoes-no-brasil.html>. Acesso em 17 out. 2021.
- SOUZA, Ligia da Paz de. A pandemia da COVID-19 e os reflexos na relação meio ambiente e sociedade. *Revista Brasileira de Meio Ambiente*, v. 8, n. 4, 2020. Disponível em: <https://revistabrasileirademeioambiente.com/index.php/RVBMA/article/view/540>). Acesso em 30 mai. 2022.
- DIEHL, Diego Augusto. Pandemia e desigualdades sociais. *Insurgência*, v. 7, n. 1, Brasília, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/insurgencia/article/view/36286>. Acesso em 14 jul. 2023.
- FERNANDES, Elizangela Araújo Santos; SOARES, Thiago Barbosa. Discurso da luta contra a violência: o porte de armas e os seus efeitos de sentido. *Entremeios*, v. 23, 2020. Disponível em: <http://www.entremeios.inf.br/published/961.pdf>. Acesso em 19 fev. 2023.
- FERRAZ, Amélia Ricon. As grandes Pandemias da História. *Ciência Elementar*, v. 8, n. 2, 2020. Disponível em: <https://rce.casadasciencias.org/rceapp/art/2020/025/>. Acesso em 15 mai. 2022.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Beata Neves. Rio de Janeiro: Florence Universitária, 2015.
- GRUPO EDITORES BLOG. Charge sobre a pandemia da covid-19. *Blog do AFTM*, 2020. Disponível em: <https://blogdoaftm.com.br/charge-pandemia/>. Acesso em 13 mai. 2022.
- JBOSCO. Charge sobre a pandemia da covid-19. *Blogspot*, 2020. Disponível em: <http://jboscocartuns.blogspot.com/2020/03/isolamento-social.html>. Acesso em 25 jul. 2022.
- LEXICON Editora Digital. Verbetes atualizados do lexema proteção. *Aulete Digital*, 2022b. Disponível em: <https://aulete.com.br/proteger>. Acesso em 25 jul. 2022.
- LEXICON Editora Digital. Verbetes atualizados lexema máscara. *Aulete Digital*, 2022a. Disponível em: <https://aulete.com.br/m%C3%A1scara>. Acesso em 25 jul. 2022.
- LIMA, Claudio Márcio Amaral de Oliveira. Informações sobre o novo coronavírus (COVID-19). *Rádial Bras.* v. 53, n. 2, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rb/a/MsJJz6qXfjpkXg6qVj4Hfj/?lang=pt>. Acesso em 30 mai. 2022.
- MALDIDIÉ, Denise. A inquietude do discurso. Um trajeto na história da Análise do Discurso: o trabalho de Michel Pêcheux. In: PIOVEZANI, C.; SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. *Legados de Michel Pêcheux: inéditos em Análise do Discurso*. São Paulo: Editora Contexto, 2011, p. 38-62.
- MIRAGEM, Bruno. Nota relativa à pandemia de coronavírus e suas repercussões sobre os contratos e a responsabilidade civil. *Revista dos Tribunais*, v. 1015, Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em:

- <https://www.thomsonreuters.com.br/content/dam/openweb/documents/pdf/Brazil/white-paper/covid-miragem.pdf>. Acesso em 22 mai. 2022.
- NEUFELD, Paulo Murillo. *Memória médica: a Gripe Espanhola de 1918*. RBAC, 2020. Disponível em: <http://www.rbac.org.br/artigos/memoria-medica-gripe-espanhola-de-1918/>. Acesso em: 01 set. 2022.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2015.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Língua e conhecimento linguístico: para uma História das Ideias no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002.
- PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, Françoise.; HAK, Tony (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethânia Mariani. Campinas: Editora da Unicamp, 2014a, p. 59-158.
- PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes Editora, 2015.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014b.
- PÊCHEUX, Michel. Língua, linguagens e discurso. In: PIOVEZANI, Carlos Felix; SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. *Legados de Michel Pêcheux: inéditos em Análise do Discurso*. São Paulo: Editora Contexto, 2011, p. 64-75.
- REZENDE, Joffre Marcondes de. *À sombra do plátano: crônicas de história da medicina*. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.
- RIBEIRO, Andressa de Freitas. Taylorismo, fordismo e toyotismo. *Lutas Sociais*, v. 19, n. 35, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/ls/article/download/26678/pdf/74831>. Acesso em 08. Set. 2022.
- SAPIR, Eugenio. Língua e ambiente. In: SAPIR, Eugenio. *Linguística como ciência*. Rio de Janeiro: Ed. Acadêmica, 1969, p. 43-62.
- TRIGUEIRO, Hyoucoama Rodrigues. *O gênero charge no processo de formação do leitor crítico [manuscrito]*. 2019. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em letras português) – Universidade Estadual da Paraíba, Paraíba, 2019. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/21828/1/PDF%20-%20Hyoucoama%20Rodrigues%20Trigueiro.pdf>. Acesso em 14 jul 2023.
- VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: livraria Almedina, 1994.

Análise morfolexical das palavras e expressões dos “falares porto-velhenses”

Morpholexical analysis of the words and expressions of "Porto-Velho speech"

Submetido em: 18/07/2023

Aceito em: 17/10/2023

Laura Cotinguiba¹
Lucimara Alves da Costa²

Resumo: Neste artigo, temos por objetivo realizar uma análise morfolexical das palavras e expressões que configuram os falares porto-velhenses. O presente estudo é parte do projeto de Iniciação Científica (PIBIC) “Radiografia do Portal da Amazônia: um estudo dos falares porto-velhenses”, em desenvolvimento na Universidade Federal de Rondônia. Os dados apresentados na análise foram retirados do corpus dos falares porto-velhenses, compilado para o trabalho original e foi constituído por exemplares do jornal “Alto Madeira”, da década de 1970 a 1990, artigos, teses e dissertações sobre a cidade de Porto Velho e região e também, pelo livro “Carapanã encheu, voou: o “Portovelhês”, de autoria de Nair Ferreira Gurgel do Amaral (2015). Destacamos que é necessário um maior aprofundamento desse estudo a fim de que possamos, realmente, estabelecer um perfil lexical desses falares, entretanto, defendemos que este estudo é uma pequena contribuição para que estudos mais completos e aprofundados possam ser realizados para que possamos, por fim, apresentar de fato uma “Radiografia do Portal da Amazônia”.

Palavras-chave: léxico; análise lexical; falares porto-velhenses.

Abstract: In this article we aim to perform a morpholexical analysis of the words and expressions that make up the oral language of porto-velhenses. This present study is part of the Scientific Initiation Project (PIBIC) “Radiography of Portal da Amazônia: a study of oral language of porto-velhenses”, under development at the Federal University of Rondônia. The data presented in the analysis were taken from the corpus of Porto Velho speakers, compiled for the original work and consisted of copies of the newspaper “Alto Madeira”, from the 1970s to 1990s, articles, theses and dissertations on the city of Porto Velho and region and also, by the book “Carapanã encheu, voou: o “Portovelhês”, authored by Nair Ferreira Gurgel do Amaral (2015). We emphasize that further study is needed in order to really establish a lexical profile of these languages; however, we maintain that this study is a small contribution for more complete and in-depth studies to be carried out, so that we can indeed present a “Radiography of Portal da Amazônia”.

Keywords: lexicon; lexical analysis; oral language of porto-velhenses.

Introdução

Estudar o léxico de um povo é compreender a intrínseca relação entre a língua, a cultura e a história de uma comunidade. A grosso modo, podemos entender o léxico

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3235087585568625>. E-mail: laaires80@gmail.com

² Docente do Departamento Acadêmico de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Doutora em Linguística. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4411200701217138>. OrcIDd: <https://orcid.org/0000-0002-8481-6829>. E-mail: lucimaralves@unir.br

como o conjunto de unidades linguísticas ou palavras que formam o vocabulário de uma comunidade linguística.

Como assinala Biderman (2001), o léxico, por ser uma unidade aberta, está em constante evolução. Todos os dias novas palavras surgem e outras caem em desuso ou passam por um processo de renovação e mudança tanto na forma (morfologia), no significado (semântica) e mesmo no contexto de uso (pragmática).

Nesse sentido, neste estudo temos por objetivo realizar uma análise morfolexical das palavras e expressões que caracterizam o falar porto-velhense. Neste trabalho, entendemos e definimos falares porto-velhenses como o vocabulário utilizado pelos moradores da cidade de Porto Velho.

Convém destacar que esse falar porto-velhense já foi abordado por Amaral (2015), em seu livro “Carapanã encheu, voou: o “Portovelhês”, obra que também servirá de base para nossa pesquisa. Entretanto, conforme destaca a autora, essa obra não teve por objetivo estabelecer uma análise lexical e, tampouco, embasou-se nos pressupostos da Lexicologia e Lexicografia para a elaboração e confecção da obra. Assim, como assinala Amaral (2015, p. 8):

[...] esta obra abre-se à críticas e também para receber contribuições, esperando que este desprezioso trabalho possa inspirar outros mais sofisticados no ramo da Lexicografia e, quiçá, da Fonologia; visto que a sonoridade dos sotaques também merece registro.

Dessa forma, nosso estudo surge com o intuito não de fazer uma crítica ou propor uma complementação do trabalho supracitado, mas sim debater os dados já apontados, bem como as informações por nós levantadas, tendo como base os pressupostos das Ciências do Léxico, em especial a Lexicologia.

Assim, considerando o fato de que Porto Velho é uma cidade multicultural, com uma população miscigenada por pessoas de diferentes etnias e nacionalidades, como bolivianos e peruanos, por exemplo, e também por migrantes de diferentes regiões do Brasil, nosso problema de pesquisa consistiu nos seguintes questionamentos: a multiplicidade cultural e populacional de Porto Velho influenciou na criação de um léxico local? Quais as influências lexicais originadas dessa relação entre língua e diferentes culturas?

Tendo em mente esses questionamentos, consideramos como hipótese de pesquisa o fato de que a multiplicidade cultural da cidade e região de Porto Velho influenciou no léxico local, dando origem à palavras e expressões típicas desse local ou que, mesmo sendo expressões já conhecidas em outras regiões, adquiriram um significado próprio quando utilizadas pelas pessoas daqui.

Para o desenvolvimento desta pesquisa nos embasamos nos pressupostos teóricos dos estudos do léxico (Cabré, 1999; Biderman, 2001; Porto Dapena, 2002; Borba, 2004), mas também recorremos aos conhecimentos adquiridos sobre morfologia, semântica e pragmática, para analisar as questões relacionadas ao significado e contexto de uso e aplicação dessas palavras e expressões.

Nossa metodologia consistiu em (i) pesquisa bibliográfica por meio da leitura de livros, artigos e teses a respeito das ciências do léxico, sobre a relação entre língua e cultura e sobre a cidade de Porto Velho; e (ii) análise qualitativa de algumas palavras e expressões retiradas do *corpus* do falar porto-velhense. Um *corpus* compilado para o projeto de pesquisa “Radiografia do Portal da Amazônia: um estudo dos falares porto-velhenses”, em desenvolvimento, como Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC, na Universidade Federal de Rondônia e financiado pelo CNPq.

Estruturalmente, este artigo está dividido em três seções: na primeira, apresentamos um breve panorama sobre as ciências do léxico, teoria que embasa nosso trabalho; na segunda fazemos uma caracterização do falar porto-velhense e, na terceira seção, apresentamos nossas análises e resultados, refletindo sobre as questões lexicais desse “vocabulário regional”. Por fim, apresentamos as considerações finais e referências utilizadas.

As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia

São três as ciências ou disciplinas que têm o léxico como objeto de estudo: a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia, por isso são conhecidas como as ciências do léxico. Entretanto, antes de definirmos o que vem a ser cada uma dessas ciências, convém explicar, primeiramente, seu objeto de estudo, ou seja, o léxico.

Segundo Basílio (2009, p. 9), a língua pode ser definida como um sistema de classificação e de comunicação, uma vez que, conforme aponta a autora, antes mesmo

de nos comunicar precisamos identificar, caracterizar e classificar as coisas de que desejamos falar, isto é, repensar e reformular as ideias e conceitos que desejamos exteriorizar. Nesse sentido,

O léxico é uma espécie de banco de dados previamente classificado, um depósito de elementos de designação [...]. O léxico, portanto, categoriza as coisas sobre as quais queremos nos comunicar, fornecendo as unidades de designação, as palavras, que utilizamos na construção de enunciados (Basílio, 2009, p. 9).

Estudar o léxico de uma dada comunidade linguística nos permite conhecer as diferentes vivências, histórias, culturas e identidade desse povo, uma vez que é por meio das palavras que externalizam seus sentimentos, pensamentos, desejos e ideologias. Biderman (2001, p. 14) afirma que “o léxico de uma língua natural pode ser identificado com o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história, [...] um tesouro cultural abstrato, [...] uma herança de signos lexicais herdados”. Ou seja, o falante da língua já predispõe da formação da linguagem e, com isso, organiza sua fala e pensamento.

Por ser um sistema aberto, o léxico está em constante mudança e evolução, uma vez que sofre influência do falante e das mudanças pelas quais passa a sociedade. Esta flexibilidade e caráter abrangente permite que o estudemos sob diversas perspectivas, estabelecendo relações e intersecções com diversas outras áreas do conhecimento, como a morfologia, a fonologia, a sintaxe, a semântica e a pragmática.

Como já destacamos, tanto a Lexicologia, quanto a Lexicografia e a Terminologia estudam o léxico, no entanto, cada uma o aborda de uma maneira diferente. A Lexicologia é o estudo das palavras e suas formações linguísticas. É uma ciência que é estudada de maneira interdisciplinar com outras ciências, como a Semântica e a Morfologia. Nesse sentido, a Lexicologia estuda o léxico de uma forma mais ampla e sob diversos enfoques, como por exemplo os processos de formação pelos quais as palavras (unidades lexicais) são constituídas, os significados e contextos de uso de uma determinada palavra.

Quanto à Lexicografia, como destaca Costa (2015), pode ser definida como a ciência que estuda e sistematiza o léxico com o objetivo de criar dicionários, glossários e outras obras lexicográficas. Biderman (2001) aponta que a Lexicografia surgiu,

primeiramente, de forma bilíngue com os glossários criados a partir dos estudos de filólogos, com o intuito de corrigir “erros” gramaticais.

De acordo com Biderman (1984), a partir das ideias renascentistas, os indivíduos passam a sentir a necessidade de ampliar sua visão de mundo linguística e culturalmente e, com isso, surge a necessidade de aprender línguas diferentes da sua língua materna e, como consequência de uma centralização europeia, essas línguas aprendidas pelo homem renascentista são originárias de países europeus.

Somente o conhecimento acerca da relação que o Latim possuía com as outras línguas, não era suficiente para transformar a linguagem como instrumento de intercâmbio cultural, com isso, os dicionários bilíngues na Espanha, França, Itália, em Portugal, bem como as gramáticas de cada uma das línguas, tornaram-se oficiais para as nações-estado da Europa no século XVI, como forma de ampliar esse diálogo e aproximação política.

Ainda a partir de Biderman (1984), a Lexicografia monolíngue surge e se desenvolve ao longo do século XVII, aperfeiçoando, aos poucos, suas técnicas. Atualmente, a Lexicografia se expande e assume várias modalidades em funções para informações sobre a sua língua, sobre as línguas estrangeiras e sobre o universo linguístico em que estamos inseridos, dando origem a diversas tipologias de dicionários.

O dicionário, como instrumento linguístico e discursivo, tornou-se, então, um objeto ou instrumento de pesquisa e ensino de primeira necessidade, e são utilizados para diversos fins: conhecer o significado de uma palavra; solucionar dúvidas de ortografia; resolver questões morfológicas, como por exemplo saber a classe gramatical e se a lexia se trata de um prefixo ou sufixo; descobrir a origem etimológica de um vocábulo; conhecer os contextos de uso e exemplificações; estudar questões relacionadas ao discurso e ideologias, enfim, são muitas as utilidades do dicionário.

Em última instância, falaremos sobre a Terminologia. Segundo Cabré (1999) a palavra Terminologia por si só é uma unidade polissêmica, ou seja, possui diferentes significados: ciência ou disciplina que estuda o léxico especializado; conjunto de termos de uma determinada área de especialidade; técnicas ou diretrizes que orientam o trabalho terminológico e terminográfico. Neste trabalho, definimos a Terminologia como a ciência que estuda o léxico especializado, ou seja, o léxico de um domínio de uma área como a Medicina, a Botânica, a Química etc.

Nesse sentido, Lexicografia e Terminologia se diferenciam por duas questões básicas: (i) a Lexicografia estuda o léxico da língua geral, ao passo que a Terminologia se ocupa apenas do léxico especializado (ii) a Lexicografia tem como objetivo a criação de dicionários de língua geral, como o dicionário Houaiss e o dicionário Aurélio, por exemplo, enquanto a Terminologia tem por intuito a criação de dicionários técnicos ou especializados e bancos de dados terminológicos.

Podemos dizer que a Terminologia é uma ciência que acompanha os acontecimentos sociais e as mudanças dentro de uma determinada sociedade. Nesse sentido Silva (2011) afirma que:

[...] a terminologia precisa estar em consonância à revolução que o país está vivendo. [...] na terminologia, uma palavra designa um determinado objeto porque opera com propriedade e características, remetendo a determinados universos de valores consubstanciados nos discursos de especialidade.

Convém destacar que, apesar de a Terminologia concentrar-se no estudo do léxico especializado, também precisa entender o léxico da língua geral para compreender qual o momento que aquela determinada sociedade está e, a partir disso, realizar seu estudo. Dessa forma, a partir desse estudo especializado das unidades lexicais, a Terminologia tem por objetivo, também, a criação de dicionários especializados. Bezerra e Lima (2022, p. 245) afirmam que “o ato de definir em um trabalho terminológico consiste em estabelecer elementos teóricos e metodológicos que possibilitem mobilizar as características da área de especialidade cujos termos estão sendo definidos”, uma vez que as áreas de estudo, majoritariamente, possuem termos e unidades lexicais específicas.

Assim, para que esses elementos sejam definidos de acordo com seu campo de estudo é necessário que haja estudos para nomear os termos que são apresentados nesses âmbitos de especialidade, daí a importância da Terminologia para o desenvolvimento dessas pesquisas.

Caracterização do falar porto-velhense

Rondônia, em geral, é um estado formado por diferentes costumes, culturas e falas advindas de quase todo o Brasil. É possível notar a diferença de sotaques dentro do estado a partir do processo migratório no qual cada cidade foi constituída e em Porto Velho não é diferente. Rondônia é um estado que faz fronteira com a Bolívia e Peru e, além da migração interna, o estado também abarcou a migração externa de indivíduos vindos de outros países. Cotinguiba e Cotinguiba-Pimentel (2015, p. 49) afirmam que

[...] o estado de Rondônia é fruto do Decreto-Lei nº 5.812, de 13 de setembro de 1943, assinado pelo então presidente da República, Getúlio Vargas, que criou o Território do Guaporé. Em 17 de fevereiro de 1956 passou a se chamar Território Federal de Rondônia, em homenagem ao sertanista e positivista Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon (1865-1958). Em dezembro de 1981 foi aprovado o projeto de transformação do Território em estado e em 04 de janeiro de 1982, o Coronel do Exército, Jorge Teixeira de Oliveira, que governava a região desde 1979, assumiu como o primeiro governador do estado que, naquela época, era a vigésima segunda unidade da Federação da República brasileira.

Podemos observar que a formação do estado de Rondônia tratou-se de uma movimentação política.

Porto Velho, a então capital de Rondônia, surgiu a partir da construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré (EFMM) que iniciou em 1907 e finalizou em 1912 e para essa construção, migrantes de diferentes países e estados do Brasil, migraram para Porto Velho para trabalharem na construção da ferrovia, como afirmam Cotinguiba e Cotinguiba-Pimentel (2015).

Esse processo migratório possui influência na formação da cultura e costume rondoniense, pois, os indivíduos ao migrarem trazem consigo uma herança cultural de suas regiões de origem, como por exemplo as comidas típicas como vatapá e tacacá, advindas dos estados do nordeste e outros estados da região amazônica, os estilos musicais, como a toada, estilo folclórico amazonense e as diferenças e contribuições lexicais – variação linguística e sotaques –, que configuram o léxico local, isto é, o falar porto-velhense.

Esses migrantes fizeram parte da formação tanto do estado de Rondônia quanto da cidade de Porto Velho. É necessário observar que Rondônia é um estado formado por diferentes processos migratórios e por esse motivo o território possui diferentes

costumes a depender de sua migração. Assim, neste artigo, abordaremos especificamente a cidade de Porto Velho.

A língua, como já dito anteriormente, é mutável e muda não apenas de acordo com o tempo, mas também a partir dos diferentes contextos políticos, econômicos, sociais e geográficos em que está inserida. Santos e Neiva (2020) afirmam que

por acreditar que a língua é sucessível à variação e à mudança, e que tais processos, portanto, além de não serem aleatórios, mas condicionados, de modo ordenado, aos fatores intra e extra linguísticos, evidenciam os vínculos entre língua e sociedade, bem como os entre o léxico e a cultura bem como os entre o léxico e a cultura [...] (Santos e Neiva, 2020, p. 158-159)

Sendo assim, a língua possui influência de fatores externos a ela, além dos fatores internos que transformam a linguagem entre os indivíduos e, apesar das diferenças lexicais, ainda é possível que a comunicação seja viável. Câmara Jr. (1955) apresenta a língua como um intercâmbio cultural em que os falantes acompanham suas culturas a partir da fala, sendo a língua um fator importante para entender a origem dos indivíduos, sendo o processo de interação, o contexto cultural e a convivência social entre os sujeitos, o principal ponto para as inovações e alterações que configuram o léxico de uma comunidade.

[...] como meio precípua da comunicação social, é por meio dela que se processa o intercâmbio cultural na sociedade e ela se torna o acompanhamento de cada fato cultural de duas maneiras: 1) o fato cultural se acompanha de um conjunto vocal (oração na religião, preceito legal no direito, fórmulas normativas na indústria, no comportamento familiar etc.); 2) os membros participantes de uma atividade cultural influem uns sobre os outros através da comunicação lingüística (Câmara Jr., 1955, p. 54).

Nesse sentido, convém destacar que o processo migratório no qual a cidade de Porto Velho está inserida influenciou o léxico da região. É possível notar, através da fala e textos escritos como jornais locais e documentos oficiais, a presença de unidades lexicais provenientes de outros estados e que, contemporaneamente, fazem parte dos falares e da cultura porto-velhense. Como já destacado, Rondônia é um estado formado por imigrantes e, também, por migrantes de diferentes estados e que ocuparam

diferentes cidades rondonienses e, por esse motivo, é possível observar essas características lexicais diferentes na linguagem dos falantes locais.

Ademais, notamos também, que as expressões e palavras não, necessariamente, possuem o mesmo significado de origem, provenientes de outras regiões de onde vieram esses migrantes, pois o contexto em que está inserida, atualmente, não é o mesmo que estava quando migrou junto com os indivíduos, acarretando uma substituição ou expansão semântica, devido à alterações em seus significados e contextos de uso. Essa alteração ou expansão semântica é o que Alves (1990; 2007) denomina como neologismos semânticos, ou seja, palavras que já eram conhecidas, utilizadas e mesmo já constavam nos dicionários com um determinado significado, e passaram a ter outro sentido com o passar do tempo.

A esse respeito, Lehmann (1994) destaca que a mudança ou ampliação semântica pode estar estreitamente relacionada com as variações em outras estruturas sociais, como por exemplo a modificação de atividades culturais e profissionais, uma vez que essas alterações estão, muitas vezes, conectadas às condições físicas dos falantes de uma determinada língua.

Outras palavras também passaram por um processo de alteração morfológica, ocasionando alterações em suas grafias, sendo estas, consequências da influência dos falantes e do processo comunicativo cotidiano, ou seja, a escrita foi alterada pela oralidade. Refletimos melhor sobre essa caracterização dos falares porto-velhenses, na próxima seção.

O falar porto-velhense: questões lexicais

Os dados analisados nesta pesquisa foram retirados do jornal “Alto Madeira”, um jornal local da cidade de Porto Velho, em especial nos exemplos selecionados em jornais da década de 1970 e no livro “Carapanã encheu, voou: o “portovelhês”, de autoria de Nair Ferreira Gurgel do Amaral (2015). Esses dados foram coletados para o projeto de pesquisa “Radiografia do Portal da Amazônia: um estudo dos falares porto-velhenses”, em desenvolvimento como Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC, na Universidade Federal de Rondônia e financiado pelo CNPq.

A década escolhida ocorreu pois o jornal não se encontra mais em circulação na cidade de Porto Velho e, nos locais em que a pesquisa ocorreu – na Biblioteca Municipal Francisco Meirelles e no Museu Palácio da Memória Rondoniense – os jornais em melhor estado de conservação e em maior abundância, eram da década de 1970. É importante destacar que encontramos algumas dificuldades para encontrar léxicos da formação de um possível vocabulário da região, pois trata-se de um jornal com uma linguagem parcialmente informal e não sabemos afirmar se algumas palavras eram desvios de ortografia ou não.

Para a análise dos dados, consideramos um recorte de 8 (oito) unidades lexicais (palavras e expressões): **(ficar/estar) apapagaiado; azular (azulou); (ser) badeco; (ser/parecer) beradeiro; (estar) brocado; (ser/estar) maceta; (ir/voltar) piseiro; e (estar) “até o tucupi”**.

Para a análise morfolexical dessas unidades lexicais, utilizamos como base o dicionário Houaiss (online) e o *corpus* já especificado. Procuramos comprovar, por meio da análise dos dados, as alterações morfológicas e lexicais, bem como as alterações e características semânticas e pragmáticas dessas unidades relacionadas ao contexto de uso local, ou seja, o que configuraria, de fato, o “falar porto-velhense”. Passamos às análises.

1. Apapagaiado: “Ficou todo **apapagaiado** para a festa”.

De acordo com o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, **apapagaiado** é um adjetivo formado pelo acréscimo do prefixo **a-** e do sufixo **-ado**, ao radical **papagaio**: a- + papagaio + -ado e apresenta as seguintes acepções:

Adjetivo.

1. Regionalismo: Brasil. Uso: informal.

cujo colorido lembra ou assemelha-se ao de um papagaio; muito enfeitado.

Ex: roupa apapagaiada.

Fonte: Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009).

Apapagaiado também é apontado como adjetivo no livro “Carapanã encheu, voou: o “portovelhês” (Amaral, 2015) e apresenta como acepção:

1. pessoa que gosta de se enfeitar e usar roupas coloridas.

Fonte: “Carapanã encheu, voou: o “portovelhês” (2015, p.15).

Como pudemos verificar, apagaiado (a) é uma formação parassintética, ou parassíntese, uma vez que exige, obrigatoriamente, a presença do prefixo e sufixo, conforme apontado no Dicionário Houaiss. Quanto a sua origem, constatamos que, enquanto o dicionário Houaiss apresenta o processo de formação da palavra e relaciona o uso do termo à ave papagaio, Amaral (2015, p. 15) destaca que esse adjetivo é “uma referência, talvez, ao peixe Apapá ou aos papagaios (pipas) muito coloridos ou, ainda, à ave papagaio”.

2. Azular: “Camila **azulou** quando sua mãe viu dois rapazes de moto vindo em sua direção”

De acordo com o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009), trata-se de um verbo e possui três significações:

1. Verbo transitivo direto.

tingir de azul; tornar azul; azulear, azulecer, azulejar. Ex: um tecido

2. verbo intransitivo e pronominal

adquirir tom azul ou azulado; mostrar-se azul; azulecer. Ex: o céu azulou (-se) após as chuvas de verão.

3. verbo intransitivo

Regionalismo: Brasil. Uso: informal.

pôr-se em fuga, retirar-se em debandada; fugir, escapar. Ex: azulou quando avistou a polícia

Fonte: Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009).

Do ponto de vista morfológico, a palavra continua sendo utilizada como verbo também em Porto Velho, entretanto, de acordo com Amaral (2015, p. 18), apenas o terceiro significado é utilizado no falar porto-velhense: “correr, acelerar, fugir”. É interessante destacar que em outras regiões, como no Sudeste do Brasil, por exemplo,

essa concepção de “fugir, escapar” é denominada como “amarelar”. Ex: “Camila amarelou quando sua mãe viu dois rapazes de moto vindo em sua direção”

3. **Badeco**: “Esse cara é muito **badeco**”.

Conforme o livro “Carapanã encheu, voou: o “portovelhês”, trata-se de um adjetivo e significa.

Adjetivo.

1. empregado, aquele que trabalha quase de graça, mandado por alguém, inferior a alguém (geralmente relacionado ao trabalho); ajudante de pedreiro.

Fonte: “Carapanã encheu, voou: o “portovelhês” (2015, p. 20).

É interessante destacar que essa lexia não foi encontrada no dicionário Houaiss e em nenhum outro dicionário online consultado (Michaelis, Priberam).

A única referência a badeco, encontrada na internet, foi apresentada pelo dicionário informal (online) e foi acrescentada por um falante de Mato Grosso, em 25 de janeiro de 2017, apresentando a seguinte definição:

1. Pessoa que faz tudo que os outros mandam. Pau-mandado. Empregado. Geralmente é aquele assistente geral que realiza todo tipo de serviço, que na maioria das vezes, são os piores serviços, que ninguém está disposto a fazer. Ex: Manda o **badeco** limpar o esgoto, pois já está juntando muita barata aqui.

Não foi encontrada sua etimologia ou outro significado em outros dicionários. Nesse caso, podemos observar a proximidade geográfica dos estados, devido à região de fronteira, e acreditamos que o uso da palavra seja proveniente desta parte da região norte. Pretendemos aprofundar esse estudo futuramente.

4. **Beradeiro**: “Fez uma tatuagem nova e está parecendo um **beradeiro**”.

Segundo Amaral (2015), em seu livro, “Carapanã encheu, voou: o “portovelhês”, beradeiro refere-se a:

1. pessoa que mora na beira do rio ou que sente orgulho de ser portovelhense.
2. Ribeirinho
3. Antigamente, era utilizado para pessoa cafona, brega.

Fonte: “Carapanã encheu, voou: o “portovelhês” (2015, p.15).

A respeito dessa unidade lexical, é interessante ressaltar que, tanto no dicionário Priberam (online), quanto no dicionário eletrônico Houaiss (2009), essa palavra aparece grafada como **beiradeiro** e apresenta as seguintes acepções:

a) Dicionário da Língua Portuguesa Priberam (online), trata-se de um adjetivo e possui três acepções e significados:

Adjetivo.

1. Pequeno negociante das margens das linhas férreas.
2. Habitante das margens dos rios.
3. Pessoa rústica, residente nas proximidades das vilas sertanejas.

b) Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009)

Adjetivo e substantivo masculino

1. Regionalismo: Ceará

mesmo que caipira (roceiro)

2. Regionalismo: Paraíba

homem interiorano, rústico, que habita nas imediações dos núcleos de moradia sertanejos

3. Regionalismo: Pernambuco

habitante de beira de estrada de ferro; pequeno comerciante das margens das estradas de ferro.

4. Regionalismo: Bahia

habitante das margens dos rios, especialmente do rio São Francisco.

Em relação à lexia **beradeiro** (beiradeiro), constatamos que: i) houve uma alteração na grafia dessa palavra, certamente influenciada pela oralidade, alterando a

grafia original – **beiradeiro** – para a forma empregada em Porto Velho - beradeiro -. Do ponto de vista morfológico, essa unidade lexical também é utilizada como substantivo e como adjetivo nos falares porto-velhenses, entretanto, constatamos que, embora nenhum dos dicionários apontam essa palavra como um regionalismo de Rondônia, verificamos que, em Porto Velho, ela é comumente empregada, ainda atualmente, de forma pejorativa, como uma pessoa cafona, brega, como aponta Amaral (2015).

Essa utilização pejorativa, que ainda é utilizada em Porto Velho, se dá pelo fato de que as pessoas que moram às margens dos rios estão, de certa forma, inseridas, também às margens da sociedade, dos centros das cidades e por isso são muitas vezes estigmatizadas. Essa forma, porém, apesar de ainda ser utilizada não é mais aceita pela população porto-velhense em geral, pois se afirmar beradeiro na cidade de Porto Velho, trata-se de uma afirmação político-ideológica de ressignificar a palavra numa região do Brasil que é constantemente marginalizada.

5. Brocado: “Cheguei agora da universidade e estou **brocado** de fome”.

De acordo com o Dicionário Houaiss (2009), a unidade lexical **brocado** tem três entradas e pode ser definida como substantivo masculino e como adjetivo. Entretanto, para essa pesquisa consideramos apenas as acepções das entradas 1 e 2, pois são as que se relacionam diretamente aos nossos dados.

brocado 1

adjetivo e substantivo masculino. Rubrica indústria têxtil

1. diz-se de ou tecido de seda com largos relevos bordados a ouro e/ou a prata
2. diz-se de ou estofado lavrado com fios de ouro e/ou prata
- 2.1 diz-se de ou estofado de rica seda sem fios metálicos
3. derivação por extensão de sentido: diz-se de ou qualquer tecido que imite ou se assemelhe ao brocado.

adjetivo

4. bordado com brocado.

brocado 2

adjetivo

1. que foi brocado - furado com broca (ferramenta ou instrumento)
2. atacado por broca (inseto)
3. Derivação - sentido figurado: carcomido, corroído; destruído
4. Regionalismo: Brasil. Uso informal: com fome, faminto.

Entretanto, analisando os dados retirados de nosso corpus, verificamos que, relacionado ao contexto de uso da cidade de Porto Velho, não encontramos nenhuma referência de brocado como substantivo, sendo utilizado apenas como adjetivo com o contexto de *estar com muita fome*, como podemos ver no exemplo a seguir:

brocado

adjetivo

1. estar brocado é estar com fome. Também é comum usar a variante: “Qual é a broca, hoje?”, que significa, no caso, comida. “Vamos logo almoçar que eu estou brocado, oh!”

Fonte: “Carapanã encheu, voou: o “portovelhês” (2015, p. 27).

Observa-se que no Dicionário Houaiss, a classificação da palavra como adjetivo traz a significação como algo que foi furado. Em um contexto informal, comumente afirma-se que estar com fome é “estar com um buraco na barriga”. Pode-se observar uma aproximação semântica dessas duas definições.

6. Maceta: “Que árvore maceta!”

De acordo com o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009), **maceta** é um substantivo feminino e apresenta como acepções:

Substantivo feminino

1. martelo de cabo curto e cabeça em forma troncônica ou de paralelepípedo, com que os canteiros golpeiam um escopro ou ponteiro; maço;
2. pequeno instrumento para bater, golpear; pequeno maço; macete.
3. pedra cilíndrica com uma das bases chata e lisa, que é usada para triturar e desfazer torrões de tinta, como o guache quando endurecido.

4. Rubrica: música. baqueta relativamente curta, com cabeça revestida de algo macio, usada para percutir bombos e tam-tans.

Fonte: Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009).

Entretanto, no falar porto-velhense, **maceta** é utilizado apenas como adjetivo e possui, de acordo com Amaral (2015), o seguinte significado:

Adjetivo.

1. palavra usada com semelhante valor semântico a grande ou muito grande. “Pensa num pé maceta!!” Derivado: macetona. “Aqueles azeitonas roxas eram macetonas!”. Porrudo, grande, imenso, de proporções anormais.

Fonte: “Carapanã encheu, voou: o “portovelhês” (2015, p. 65).

Constatamos, portanto, que a palavra **maceta**, com o sentido apresentado no livro “Carapanã encheu, voou: o “portovelhês”, é utilizado comumente na cidade de Porto Velho. Quanto à extensão de seu significado e contexto de uso, não encontramos nada que a relacione aos significados apresentados no dicionário Houaiss e em nenhum dos outros dicionários consultados.

7. Piseiro: “Voltou do **piseiro** muito tarde”.

De acordo com Amaral (2015), a palavra **piseiro** corresponde a um substantivo e significa:

Substantivo.

1. festa, briga, barca, bagunça, diversão.
2. Movimentação popular que não se pode definir pela natureza disforme: não se sabe se é festa ou se é briga.
3. Festa muito boa, animada, comumente movida a muito álcool e som alto.

Fonte: “Carapanã encheu, voou: o “portovelhês” (2015, p. 80).

É interessante observar que, embora seja uma palavra bastante recorrente, utilizada informalmente, mesmo em outras regiões, como na região sudeste e centro-

oeste, por exemplo, a lexia **piseiro** ainda não aparece no dicionário eletrônico Houaiss (2009) e em nenhum dos outros dicionários online consultados. Quanto à sua origem, acreditamos que não seja uma palavra específica local, porque é também utilizada em outras regiões, como supracitado, entretanto seu uso é bem mais recorrente na região norte.

8. Até o tucupi: “Hoje estou até o tucupi”.

A expressão “(estar) até o tucupi”, não consta em nenhum dos dicionários consultados, contudo, segundo o livro “Carapanã encheu, voou: o “portovelhês”, trata-se de uma expressão que indica (estar) “estressado, com muito trabalho para fazer, chateado, aborrecido. Até o máximo possível” (AMARAL, 2015, p. 17).

De acordo com o site portugualettra.com, “até o tucupi” é uma expressão idiomática usada na Amazônia e tem “um sentido cultural que pode ser considerada figurativa, gíria ou de contexto popular”, que significa: “(i) até em cima, até o máximo; (ii) indica sobrecarga, limite, transbordar”.

Embora seja uma expressão recorrente em nosso *corpus*, acreditamos que se trata de uma expressão mais geral, utilizada em todo o contexto amazônico, e não restrita ao falar porto-velhense.

Considerações finais

Neste trabalho, procuramos apresentar uma análise morfolexical das palavras e expressões que configuram os “falares porto-velhenses”. Por meio dos dados coletados e organizados, nos embasamos, em especial, no livro “Carapanã encheu, voou: o “portovelhês”, de autoria de Nair Ferreira Gurgel do Amaral (2015) e no Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009) para comprovar as mudanças morfológicas, ortográficas e lexicais pelas quais passaram as unidades lexicais assinaladas, a princípio, como próprias do falar porto-velhense.

Nossas análises comprovaram que algumas dessas palavras passaram por mudanças morfológicas e semânticas, como o caso da lexia maceta. Outras passaram por um processo de expansão semântica e também de alteração na escrita, como a

palavra beradeiro. Constatamos, também, que grande parte das expressões tratadas como provenientes do falar porto-velhense, correspondem também a regionalismos utilizados na região amazônica em geral, e não apenas na cidade ou região de Porto Velho.

Destacamos que é necessário um maior aprofundamento desse estudo a fim de que possamos, realmente, estabelecer um perfil lexical dos falares porto-velhenses, entretanto, defendemos que este estudo é uma pequena contribuição para que estudos mais completos e aprofundados possam ser realizados para que possamos apresentar de fato uma “Radiografia do Portal da Amazônia: um estudo dos falares porto-velhenses”.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Nair Ferreira do Gurgel. *Carapanã encheu, voou: o “portovelhês”*. Porto Velho: Rondônia. Temática editora, 2015.
- BASÍLIO, Maria Antonieta. *O léxico e a linguagem*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.
- BIDERMAN, M. T. C. *As ciências do léxico*. In: OLIVEIRA, M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (orgs). *As ciências do léxico: Lexicologia, lexicografia e terminologia*. 2. ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001a.
- _____. Terminologia e lexicografia. *TradTerm*, v. 7, p. 153-181, 2001b.
- _____. *A ciência da Lexicografia*. São Paulo: Alfa, 1984a.
- BORBA, F. M. *Perspectivas em terminologia: estudos descritivos e explicativos*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2004.
- CABRÉ, M. T. *La Terminología: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos*. Girona: Documenta Universitaria, 1999.
- CÂMARA JR, J. Mattoso. *Língua e cultura*. Revista Letras, v. 4, 1955.
- COSTA, Lucimara Alves da Conceição. *Reflexões sobre a variação terminológica na lexicografia corrente no Brasil e a construção das bases teórico-metodológicas para o dicionário de lexicografia brasileira*. 2015. 303 f. Tese (doutorado com dupla titulação). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas e Universidad Pompeu Fabra, Intitut Universitari de Linguística Aplicada, 2015.
- COTINGUIBA, M. L. P.; COTINGUIBA, G. C. Rondônia, um estado de fronteira na Amazônia ocidental brasileira: fluxos migratórios do passado e a imigração haitiana no início do século XXI. *Revista Territórios e Fronteiras*, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 45–65, 2015.
- DAPENA, J.A.P. *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid: Arco/libros, S.L., 2002.

PORTUGUÊS À LETRA. "Até o Tucupi: Expressão". Disponível em: <https://portuguesalettra.com/expressoes/ate-o-tucupi-expressao/>. Acesso em: [16 de maio de 2023].

SANTOS, Leandro Almeida; NEIVA, Isamar. Língua, léxico e cultura a partir dos dados do projeto ALIB. *Revista e-escrita: Revista do Curso de Letras da UNIABEU*, v. 11, n. 1, p. 146-160, 2020.

SILVA, Eryl Rosa et al. Terminologia como ciência fundamental à sociedade moderna. *Revista Ícone*, v. 8, n. 1, 2011.

SOUZA BEZERRA, Zilclea Costa; LIMA, Edmar Peixoto. Aspectos Conceituais Sobre a Definição Terminológica. *Epitaya E-books*, v. 1, n. 23, p. 242-249, 2022.

Reflexões sobre a aprendizagem do léxico e sua relação com as habilidades de leitura e escrita durante o período de ensino remoto emergencial

Reflections on learning the lexicon and its relationship with Reading and writing skills during the emergency remote teaching Period

Submetido em: 30/05/2023

Aceito em: 17/10/2023

Alexandre Melo¹

Ana Claudia Castiglioni²

Resumo: O ensino do léxico deve ser sempre considerado dentro de contextos, dando destaque à relação entre palavras que são reconhecidas dentro de um processo comunicativo linguístico extralinguístico. Tendo como base as Ciências do Léxico, este trabalho busca refletir sobre a importância do ensino do Léxico nas aulas de Língua Portuguesa e apresenta uma breve análise de atividades que foram disponibilizadas aos alunos por meio de roteiros de estudo, durante a adoção do modelo de ensino remoto emergencial. O recorte compreende duas atividades selecionadas de roteiros para o 6º ano do Ensino Fundamental e se referem ao ensino de sinonímia e antonímia. Embora seja um pequeno recorte, pudemos observar, nessas atividades, que não há um estudo voltado para a aprendizagem do léxico, sobretudo pela ausência do apoio pedagógico dos dicionários escolares, e que essa abordagem às atividades com o nível lexical da língua é exemplar de como o léxico é tratado nas aulas de Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Ensino; Léxico; Atividades; Dicionário.

Abstract: The teaching of the lexicon should always be considered within contexts, emphasizing the relationship between words that are recognized within an extralinguistic communicative process. Based on the Sciences of the Lexicon, this paper seeks to reflect on the importance of teaching the lexicon in Portuguese language classes and presents a brief analysis of activities that were made available to students through study guides during the adoption of the emergency remote teaching model. The excerpt comprises two activities selected from scripts for the 6th grade of elementary school and refer to the teaching of synonymy and antonymy. Although it's a small excerpt, we were able in these activities that there is no study aimed at learning the lexicon, mainly due to the lack of pedagogical support from school dictionaries, and that this approach to activities with the lexical level of the language is exemplary of how the lexicon is treated in Portuguese language classes.

Keywords: Teaching; Lexicon; Activities; Dictionary.

Introdução

Um dos pontos principais da problematização do ensino do léxico, durante a adoção do modelo de ensino remoto emergencial, nas aulas de Língua Portuguesa,

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal do Norte do Tocantins. Professor da rede estadual de Ensino no Colégio Militar do Estado do Tocantins Jorge Humberto Camargo. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5363392180801982>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-3412-9342>. E-mail: alexandremleo95@gmail.com

² Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Professora do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5000874598736048>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0003-4322-2191>. E-mail: anacastiglioni@hotmail.com.

se faz presente na correção a distância das atividades enviadas aos alunos. O homem moderno, que vive em mundo repleto de linguagens, acaba convivendo com um universo semântico-pragmático, em que os vários significados se explicitam pelo uso. Neste sentido, se a competência pragmática se dá pelo uso, torna-se necessário refletir sobre a linguagem e sobre o seu funcionamento. O léxico exhibe, então, perspicazmente, a linguagem ordinária tratado enquanto procedimento normativo essencial para a comunicação.

A linguagem comum, do cotidiano de todo cidadão, com suas variantes de todo o tipo e níveis, tanto sociais, quanto econômicos ou de outra espécie qualquer, é realizada com extraordinária normatividade; mas, pelo fato de as pessoas não saberem explicar as regras dessa normatividade usual, terminam por julgar inconveniente e desnecessária a explicitação do funcionamento estrutural linguístico.

A importância do ensino do léxico nas aulas de Língua Portuguesa torna-se, portanto, indispensável aos alunos, pois possibilita aos estudantes a ampliação vocabular, bem como, recrudescer o repertório lógico discursivo, melhorando, também, habilidades importantes de leitura e escrita. De acordo com os seguintes teóricos, trazemos a definição de Léxico para situarmos melhor a explanação do objeto tencionado: “Léxico engloba o vocabulário; enquanto o léxico é o conjunto das palavras de uma língua, o vocabulário será o conjunto dos vocábulos realmente existentes num determinado tempo e lugar ocupados por uma comunidade linguística” (Garcia, 1986).

O léxico é o geral, o social e o essencial, enquanto o vocabulário é o particular, o individual e o acessório (Tréville; Duquette, 1998). O vocabulário exerce um papel crucial na veiculação do significado, caracterizando como objeto da comunicação linguística (Biderman, 1978).

Ampliar o vocabulário do aluno, isto é, expandir seu repertório lexical esteve, durante muito tempo escolar, fora de foco. Os “erros” de gramática assumiram liderança na procura das dificuldades a superar e na definição do que se deve ser ensinado. Falar e escrever sem erros ainda é, em muitas escolas, o parâmetro que subjaz aos juízos da avaliação corriqueira. A gramática interna, que está presente em cada pessoa, subjaz a uma análise reflexiva de como a linguagem varia através

de ambientes e de como o ambiente influencia nas diversas reproduções linguísticas nas quais está inserido o falante.

Os atos linguísticos, em sua constituição pragmática, que são de fato ações cometidas pelo ouvinte em relação ao falante, são fatos que ocorrem em detrimento de atos simplesmente locucionais. Explicar esses mecanismos é uma tarefa complexa; mas, se o mundo é a totalidade dos fatos e não das coisas.

Quando ensinamos uma criança a contar, transpomos para a criança nossa cultura. A organização sintática presente na língua é de fato uma estrutura gramatical lógica, sempre falamos usando sujeito, verbo e objeto em nossa estrutura linguística.

Na acepção tradicionalista, o termo 'gramática' é compreendido como um sistema de regras que se distingue do falar comum, que é o coloquial, presente, na maioria das vezes, nas esferas sociais populares, subtendendo-se, por conseguinte, uma percepção de níveis de linguagens que podem ou não ser aceitos em determinados ambientes sociais. Em função desse sentido, a gramática tradicional foi julgada insuficiente para explicar alguns fatos que comportam a estrutura externa da língua, os fenômenos extralinguísticos.

Entretanto, se partirmos de outras concepções de gramática, de concepções que admitam os atos linguísticos como jogos de linguagem, como fenômenos variados e contextualizados, talvez possamos chegar mais perto da normatividade enquanto fenômeno lógico presente em todos os discursos, ou em todos os usos.

Desta forma, pretendemos com este trabalho, refletir sobre a importância do ensino do léxico e apresentar uma breve análise de duas atividades exemplares de como o ensino do vocabulário foi desenvolvido durante o modelo de ensino já mencionado, com estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental.

O Ensino do Léxico nas aulas de Língua Portuguesa

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento normativo que orienta a elaboração dos currículos estaduais e municipais no Brasil. Também orienta os profissionais da educação os estudantes e a sociedade em geral. Ele tem

como função primordial nortear as aprendizagens que os alunos devem desenvolver nas escolas, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

Com a inserção do aluno no contexto de pandemia, o entendimento do adolescente como sujeito em desenvolvimento (evidenciada tanto pela BNCC quanto pelas Diretrizes Curriculares Nacionais) enfatiza a necessidade de a escola e o profissional da educação buscarem compreender e dialogar com as formas particulares de expressão dos estudantes nesta etapa de ensino.

O homem se define no espaço e no tempo, e é na linguagem que ele respira e vive, interpretando e interpretando-se; ou seja, o comportamento humano é significativo. O ensino do léxico nas aulas de Língua Portuguesa deve ser sempre pensado a partir da leitura de um texto, para que o aluno possa compreender que as palavras vão se conectando e se completando, dando sentido, em larga escala, formando assim, contextos.

A língua é, de fato, um sistema complexo de linguagens, onde estão inseridas as informações que necessitamos para produzir novos significados. De acordo com Krieger (2003, p. 47),

Todo professor de língua materna que busca realizar sua tarefa de forma competente utiliza dicionários em suas aulas. A adoção de um dicionário como um dos instrumentos didáticos básicos do ensino de língua justifica-se porque esse tipo de obra oferece, de forma sistematizada, informações sobre o léxico, seus usos e sentidos, bem como pode trazer informações de natureza histórica e gramatical dos itens lexicais entre outros elementos. Em virtude do conjunto das informações que encerra, o dicionário constitui-se em lugar privilegiado de lições sobre a língua.

Nas aulas de Língua Portuguesa, ensinamos para o aluno que a norma precisa ser seguida, e que sua leitura de mundo se faz necessária para que possa compreender algumas situações sociais que são interpostas pelo ambiente. Neste sentido, as regras gramaticais são regras estabelecidas na linguagem, enquanto processo cognitivo no qual são processadas as regras do falar intencional, que possuem cargas semânticas e que podem assumir numerosos significados dependendo do contexto em que são proferidas, pois, ao falarmos, temos intenções imperativas.

A Lexicografia Pedagógica, área ainda pouco conhecida por professores de língua materna, é o foco a ser destaque aos métodos de formulação de dicionários e seu uso em sala de aula, elenca-se, portanto, esmiuçadamente, os benefícios que podem ser engendrados aos alunos. Isso se relaciona, especialmente, com o envolvimento com a cultura e a comunicação nos meios digitais; mas, na verdade, vai muito além disso. A tecnologia permeia todo o documento da BNCC, aparecendo desde as competências gerais para a Educação Básica até o desenvolvimento das habilidades específicas a cada componente curricular. Especialmente, nos anos finais do Ensino Fundamental, é essencial olhar para a tecnologia e para as particularidades da cultura digital como mais uma forma de criar conexões com os adolescentes das novas gerações.

A utilização dos roteiros de estudo durante a pandemia e a adoção do modelo do ensino remoto emergencial pelas secretarias de educação de muitos estados da federação recrudesceram a produção desse instrumento de trabalho por parte do professor da Educação Básica levando-nos, assim, a pensar em novas formas de ensinar, novas abordagens pedagógicas, inovações, e a adoção de aulas virtuais para complementação de carga horária.

Um dicionário é um instrumento bastante valioso para a aquisição de vocabulário e para o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita; e isso, para todas as áreas e para todas as horas, já que ler e escrever, dentro e fora da escola, fazem parte de muitas outras atividades. Além disso, para o caso particular de Língua Portuguesa, um dicionário poderá dar subsídios importantes também para o estudo do léxico, em seus diferentes aspectos.

Desde o ano de 2000, o Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) objetiva equipar as unidades escolares com dicionários de diversas titulações, possibilitando para os professores mais recursos pedagógicos para desenvolvimento de um bom trabalho. No PNLD – Dicionários de 2012 foram selecionados dicionários de quatro tipos: os dicionários de Tipo 1 e 2 têm em comum o fato de que devem atender a demandas pedagógicas dos cinco primeiros anos do ensino fundamental. Como sabemos, esses são os anos consagrados ao letramento e à alfabetização iniciais (três primeiros anos ou primeiro ciclo), assim como à consolidação desse processo (dois últimos anos ou segundo ciclo).

Os Dicionários de Tipo 3 e 4 por seu porte, formato e objetivos, os dicionários desses dois tipos muito se aproximam dos que se dirigem ao público geral, embora tenham como foco o aluno do segundo segmento do ensino fundamental (Tipo 3) e do ensino médio (Tipo 4).

Podemos dizer que a função básica do dicionário escolar é a de colaborar significativamente com os processos de ensino e aprendizado que se desenvolvem nesse período, favorecendo, ainda, a conquista da autonomia do aluno no uso apropriado e bem-sucedido dos dicionários de referência de sua língua.

A influência da ampliação do repertório lexical no desenvolvimento da escrita

É notório destacar que, aprioristicamente, a fala é uma construção individual da faculdade da linguagem, sendo que as investigações acerca da linguagem nos remetem a numerosas reflexões críticas do funcionamento linguístico.

Nesse sentido, estudar a linguagem é tratar dos aspectos que a compõem como a natureza do seu significado linguístico, de sua sintaxe e de sua semântica. Poderíamos definir o léxico como sendo a análise de inferências que objetivam a criação de algo que serve para distinção das coisas.

Ora, ao escrevermos um texto, damos conta de que é de suma importância termos conhecimento prévio sobre a língua e a utilização de lexias na construção do objeto textual que nos darão sentido. Afinal, para haver, de fato, sentido em determinadas construções sintáticas estruturais, precisamos atribuir sentido à ação.

A observação realizada acima traz consigo grande discussão acerca do ensino de verbetes na educação básica, pois, muitas vezes, o professor de língua materna não tem conhecimento suficiente para utilizar o dicionário como suporte pedagógico com êxito. Observemos, então que

Diante desse tipo de problema, no mínimo, quatro componentes básicos devem ser rigorosamente observados independentemente do tipo de dicionário escolar: a seleção de entradas, o conjunto das informações do verbete, o nível de linguagem e a forma gráfica. Isso para que as informações lexicográficas sejam compreendidas e aproveitadas pelos usuários-alunos. Ao mesmo tempo, toda a problemática do dicionário escolar não pode descurar da regra de

ouro que é a de um adequado tratamento dos dados, o que atinge a todos os componentes (Krieger, 2011, p. 32).

O ensino do vocabulário, a ser ampliado pelo discente, assume grande destaque na aquisição de novas competências discursivas, malgrado, que durante a pandemia, os governos optaram por adotar o modelo de ensino remoto emergencial. Ao escreverem sobre assuntos que dizem respeito a situação contextual de pandemia, notou-se que o trabalho de desenvolvimento vocabular se tornou bastante comprometido, devido à dificuldade, principalmente, por parte de alunos da rede pública de ensino, em deter de aparelhos digitais, ferramentas essas que foram consideradas como pedagógicas para promoção do ensino híbrido. Os estudantes também não tiveram acesso aos dicionários escolares como ferramenta de estudos, afetando, assim, o processo de ensino-aprendizagem.

Reflexões sobre atividades que abordam o léxico

Tendo em base as explicações de Biderman (2000), Biderman (1978), o léxico é o conjunto de palavras de uma língua natural. Observamos, então, que temos um valioso tesouro linguístico circulando. Entende-se dicionário como um objeto discursivo que trazem consigo mudanças históricas que afetam o discurso e conseqüentemente a formação discursiva.

Trazemos, então, a breve análise de duas atividades relacionadas ao nível lexical da língua, apresentadas nas aulas de Português durante o ensino remoto emergencial a partir de roteiros de estudos elaborados pelas escolas públicas.

As palavras são reconhecidas dentro de um processo comunicativo linguístico e extralinguístico e esse tipo de estudo está diretamente ligado-relacionado ao aprendizado da leitura. Portanto, o ensino do léxico/vocabulário deve ser sempre considerado a partir de contextos, dando ênfase a relação entre palavra e o contexto em que ela se insere. A compreensão de textos é uma atividade de duas faces: uma linguística, na qual se utiliza os conhecimentos gramaticais e lexicais, e outra de caráter sociocognitivo, no qual se inclui o conhecimento de mundo (Bezerra, 1999).

Descrever como a linguagem funciona parte de um princípio de controvérsias em relação à gramática normativa, ou seja, se há contradição na normatividade, faz-

se necessário uma abordagem que busque explicar o outro lado da história dessa teia de normas. Esse processo duvidoso que se faz presente em nossos estudos inerentes à linguagem, tende a nos levar a uma série de questionamentos de como as regras, às vezes, podem nos causar confusões de sentido, que é a área de concentração da semântica, nos anos finais, o ensino das palavras vai estar relacionado ao gênero textual, ênfase no estudo do efeito de sentido na leitura.

Nestes roteiros de estudos, observamos o uso de atividades que tentam engendrar no estudante o aprendizado acerca de dois objetos do conhecimento: antonímia e sinonímia, que também foram trabalhados nos roteiros de estudo durante a pandemia. Vejamos a seguir as atividades sobre antonímia e sinonímia:

Ilustração 1A – Atividade sobre antonímia

9. (São José 2014) Assinale a alternativa em que há palavras antônimas, ou seja, têm o significado contrário.
- a. Ele quer progredir, ficar rico.
 - b. Sou servidor ativo, trabalhador.
 - c. Esta carga é leve, parece pluma.
 - d. Entre à esquerda, depois vire à direita.

Fonte: Fragmento do RTDE .6º ano EFII 2020- 3º bimestre

Ilustração 1B – Atividade sobre sinonímia

6. De acordo com o texto, assinale a alternativa em que as duas palavras não são sinônimas.
- a. filhote • cria
 - b. odor • cheiro
 - c. cuidar • tratar
 - d. perto • longe

Fonte: Fragmento do RTDE .6º ano EFII 2021- 1º bimestre

Verifica-se em (1A), na questão selecionada de número (9), a ocorrência de um enunciado que faz com que o aluno seja capaz de marcar a alternativa correta. A questão que envolve como objeto do conhecimento a antonímia traz alternativas que trabalham no aluno palavras de sentido contrário.

Cançado (2008, p. 45) entende que a relação semântica da antonímia é “uma oposição de sentidos entre as palavras”; assim sendo, a antonímia está localizada no campo semântico e abrange palavras que, quando comparadas uma com as

outras, possuem sentidos opostos, contrários. Ou seja, a sinonímia é a relação entre dois ou mais termos que preservam uma definição comum. A mesma definição pode ser usada para explicar cada termo. Para nós, seria muito mais produtivo e interessante se fosse solicitado ao aluno, não apenas marcar a alternativa correta das palavras antônimas, mas também a criação de frases ou que ele explicasse a diferença existente nessa relação – visto que entre à esquerda e depois vire à direita são expressões utilizadas para explicar a alguém determinado local, entretanto o significado não é o mesmo e, portanto, a aplicação semântica de cada um é diferente. Logo o aluno seria levado a escolher como resultado a letra d. Todas as outras opções não são respostas corretas.

Segundo Ilari (2001, p. 11), uma das características que empobrecem o ensino da língua materna é a pouca atenção reservada ao estudo da significação, comparado ao tempo que se gasta com o ensino de outros conteúdos gramaticais. Para ele, esse descompasso é problemático quando se pensa na importância que as questões da significação têm, desde sempre, para a vida de todos os dias, e no peso que lhe atribuem hoje, com razão, em alguns instrumentos de avaliação importantes, tais como a Prova Brasil, o Exame Nacional do Ensino Médio, os vestibulares que exigem interpretação de textos e o Exame Nacional de Cursos.

A partir da apropriação dos conhecimentos teórico e prático de utilização dos dicionários, o professor de Língua Portuguesa reconhece o potencial de tal obra como ferramenta pedagógica. Ao mesmo tempo, e em consequência disso, reafirma o valor cultural desse tipo de obra, atuando significativamente no processo de gramatização do português do Brasil (Rangel, 2011, p. 51).

Ademais, quando o assunto é o dicionário escolar, ainda contamos, na maioria das vezes, com as dificuldades apresentadas pelo consulente com o seu manuseio. Em muitos casos, tanto professor quanto aluno não estão aptos a "aproveitar" todas as possibilidades dessas obras lexicográficas.

Pudemos constatar que, especialmente acerca da questão selecionada que compõe parte integrante do corpus desse trabalho, os exercícios sugeridos pelos professores nos evidenciam propostas que não estimulam o aluno a refletir sobre o fenômeno da antonímia, conforme afirmamos anteriormente, uma importante relação

semântica que está presente na comunicação humana, delimitando-se apenas a exigir que ele apresente antônimos de determinadas palavras retiradas de textos.

Em (1B) selecionamos a questão de número (6) que trabalha com o objeto do conhecimento sinonímia. Notamos que a utilização dos conhecimentos sobre antonímia é necessária para responder a essa questão. Logo, temos como gabarito a questão d. Analisando o exercício proposto, percebemos o empobrecimento do tema e o engessamento do aluno quanto a sua percepção do que realmente possa ser o fenômeno da sinonímia.

Acreditamos que é possível introduzir noções de aplicabilidade da sinonímia em diversas situações de uso da língua. Sugerir aos alunos que criem frases curtas utilizando as diferentes palavras do quadro e, depois, pedir para que comparem o sentido de cada uma das sentenças elaboradas, seria uma boa alternativa para o simples agrupamento de palavras. Valorizamos e entendemos que o professor estava inserido em um contexto atípico e por isso destinar o 3º bimestre à antonímia e o 1º bimestre à sinonímia ajudou, sim, o estudante a classificar as palavras de acordo com a proposta do enunciado, também verificamos que muitas das questões dos roteiros de estudo foram retiradas da internet.

Segundo afirma Lima (2010, p. 21), ao refletir sobre o estudo de sinônimos de maneira isolada,

[...] a língua é um processo dinâmico, no qual a escolha dos signos pelo falante/autor em dada situação enunciativa está repleta de carga ideológica, de pressupostos e subentendidos, os quais não são estudados no processo de ensino/aprendizagem, dificultando a compreensão dos textos por parte dos educandos.

Ou seja, o pouco espaço dado ao estudo dos temas relacionados ao léxico e, conseqüentemente ao da sinonímia, somado às abordagens prescritivas e descontextualizadas, propostas nos roteiros de estudo, desfavorecem o desenvolvimento do aluno leitor /escritor.

Considerações Finais

Ao analisar a questão do trabalho com o vocabulário/léxico na sala de aula, apresentado neste trabalho com um breve recorte de atividades, pôde-se constatar

que praticamente inexistem métodos de ensino de vocabulário direcionados para a língua materna, uma vez que há um predomínio de estudos que versam sobre o trabalho com gramática normativa.

Constatou-se que ao não se utilizar o dicionário como estratégia para a aprendizagem de vocabulário, os prejuízos com a ampliação do repertório vocabular foram imensos, as atividades desenvolvidas não trouxeram contribuições reais para a compreensão e para a produção textual e para o aperfeiçoamento de habilidades e de competências linguístico-discursivas.

Os resultados apontaram que o trabalho sistemático e significativo com o léxico nos roteiros de estudos não contribuiu para que os alunos ampliassem o conhecimento sobre a formação de sua própria identidade linguística ao passo que tiveram um aprimoramento prejudicial em relação ao processo de escrita. Se os professores pudessem ter solicitado na questão o uso do dicionário poderíamos ter um aproveitamento fantástico acerca da homonímia.

Os dicionários são uma obra literária muito útil para desenvolver o vocabulário de uma criança, é uma coleção de palavras com significados e entradas escritas em uma linguagem que os usuários possam entender. Ajuda no desenvolvimento das habilidades expressivas e imaginativas da criança. As crianças que têm habilidades de linguagem e tendem a ter compreensão de leitura pobre também. Isso ocorre porque eles não têm a capacidade de entender o texto com base em seu vocabulário. As pessoas aprendem novas palavras procurando seus significados no dicionário. Eles também podem procurar palavras para frases que ouvem com frequência para aprender novas maneiras de se expressar. Cano (1998, p. 210) se refere ao caráter didático dos dicionários ao esclarecer que “os dicionários de língua têm um objetivo pedagógico: fornecem respostas didáticas a questões, visam a cobrir totalmente a distância entre o consulente e uma norma linguística e cultural anteriormente definida”.

Os dicionários são essenciais para que os alunos aprendam a desenvolver seu vocabulário. Um dicionário é uma ferramenta útil para aprender novas palavras. Também ajuda na ortografia e na gramática. As pessoas usam dicionários de muitas maneiras diferentes, por isso é importante fornecer a elas acesso a informações precisas. Ter um dicionário torna muito mais fácil encontrar as palavras e a gramática corretas para expressar ideias com precisão. Além disso, ter um torna muito mais

fácil encontrar palavras específicas ao citar outras fontes. Cada dicionário é construído a partir do conhecimento coletivo de muitos autores. Estes definem o significado de cada palavra com a maior precisão possível. Isso permite pesquisas e definições de palavras mais precisas.

Além disso, é um rico instrumento de definições, o que pode engendrar benefícios aos usuários. Além de usar dicionários, as pessoas devem saber como usá-los corretamente. Cada dicionário tem suas próprias regras que os usuários precisam seguir ao usar o livro. Dicionários são ferramentas essenciais para usuários de todas as idades e níveis de experiência. Eles são especialmente úteis para pessoas que desejam aprender novas palavras ou encontrar a grafia correta para palavras antigas. No entanto, precisamos de questões voltadas ao uso dessa ferramenta pedagógica indispensável ao Ensino.

Podemos destacar que o ensino do léxico traz numerosas explicações normativas de como a linguagem funciona, mas vimos, de acordo com Biderman (o ano da obra), sua definição, pois as ciências dos usos da linguagem nos fazem abordar mecanismos teóricos que impulsionam a novos questionamentos. As repercussões desses conceitos são vastas. Neste momento, no entanto, interessamos apenas sublinhar que a linguagem é heterogênea e multifacetada.

Percorremos de modo breve e simplista alguns temas principais presentes nas teorias de Biderman (2000), dentre eles, o que assumiu um destaque maior foi o ensino do léxico nas aulas de Língua Portuguesa, abordagens acerca da linguagem e em seu funcionamento em nosso processo de aquisição vocabular.

Consequentemente, podemos afirmar que uma das concepções do ensino do léxico/vocabulário de Biderman (faltou o ano da obra) se filia no entendimento de que uma prática de ensino do significado descreve a língua do uso do signo nas relações com os modos semânticos, conforme apresentado. Há de se engendrar, ainda, que as inferências das representatividades de estruturas frasais que nos são apresentadas corriqueiramente, podem receber atribuições de acordo com o contexto.

Além disso, esse estudo contém marcas de uma linguagem vista por um viés interacionista, atrelado ao contexto de nossos modos de expressão. O léxico está presente, então, em todos os processos normativos de compreensão ou

interpretação da realidade, física ou cultural, legítima ou imaginada enquanto ficção desprovida de licitude.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Com Direito a Palavra: dicionários em sala de aula. Elaborado por Egon Rangel. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, 2012. 148 p. (PNLD 2012: Dicionários).
- BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Ensino de vocabulário versus compreensão de textos*. Pelotas: Educat, 1999.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Fundamentos da Lexicologia. In: _____. *Teoria linguística: teoria lexical e computacional*. Rio de Janeiro/São Paulo: LTC, 1978.
- BIDERMAN, M. T. C. *Aurélio: sinônimo de dicionário?* Alfa, São Paulo, v. 44, p. 27-55, 2000.
- CANO, Waldenice Moreira. Estudos lexicais: diferentes abordagens. In: HIRATA-VALE, Flávia Bezerra de Menezes (Org.). II Encontro Nacional do Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste: programa e resumos. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, 1998.
- CANÇADO, M. *Manual de Semântica: noções básicas e exercícios*. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.
- ILARI, Rodolfo. *Introdução à Semântica: brincando com a gramática*. São Paulo: Contexto, 2001.
- KRIEGER, M. G. Dicionário de língua: um instrumento didático pouco explorado. In: TOLDO, C.S. (org). *Questões de Linguística*. Passo Fundo: UPF Editora, 2003, p. 70-87.
- KRIEGER, Maria da Graça. Dicionário em sala de aula: guia de estudos e exercícios. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.
- LIMA, Renata Medeiros de. Repensando o fenômeno da sino-antonímia 1 para o ensino de língua materna. *Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura*. Ano 06 n.13 – 2º semestre de 2010.
- TREVILLE, Marie Claude; DUQUETTE, Lise. *Enseigner le Vocabulaire em Classe de Langue*. Paris: Hachette F.L.E, 1998.

O uso do dicionário por professores em formação: o contexto do NUPEL e PROFICI

L'utilisation du dictionnaire par les enseignants en formation: le contexte PROFICI et NUPEL

Submetido em: 15/08/2023

Aceito em: 25/09/2023

Cintia Voos Kaspar¹
Jonas dos Santos Monteiro²

Resumo: Este artigo objetiva examinar o uso do dicionário por professores em formação e monitores no contexto do NUPEL e do PROFICI. Para contextualizar esse estudo, serão apresentados o cenário de formação desses professores iniciantes e a situação do emprego do dicionário no francês como língua estrangeira (FLE) e no português como língua estrangeira (PLE). De acordo com as orientações metodológicas de Welker (2008), foi proposto a esses professores um questionário para a verificação de opiniões e atitudes desses usuários com relação ao uso do dicionário. Através das contribuições da Lexicografia, da Lexicografia Pedagógica (LP) e da análise dos dados obtidos, espera-se fornecer uma reflexão sobre o papel do dicionário impresso como ferramenta pedagógica no ensino-aprendizagem de FLE e de PLE atualmente e assim, demonstrar a importância na continuidade de seu uso por professores e aprendizes.

Palavras-chave: Uso do dicionário; ensino-aprendizagem FLE; ensino-aprendizagem PLE; formação de professores.

Résumé: Cet article vise à examiner l'utilisation du dictionnaire par les enseignants en formation et moniteurs dans le cadre de NUPEL et PROFICI. Pour contextualiser cette étude, il est important d'analyser le scénario de formation de ces enseignants en début de carrière et la situation de l'utilisation du dictionnaire en français langue étrangère (FLE) et en portugais langue étrangère (PLE). Selon les directives méthodologiques de Welker (2008), un questionnaire a été proposé à ces enseignants pour vérifier les faits, les opinions et les attitudes de ces utilisateurs concernant l'utilisation du dictionnaire. À travers les apports de la Lexicographie, de la Lexicographie Pédagogique (LP) et de l'analyse des données obtenues, il est prévu de fournir une réflexion sur le rôle du dictionnaire imprimé en tant qu'outil pédagogique dans l'enseignement-apprentissage du FLE et du PLE et ainsi démontrer l'importance dans la continuité de son utilisation par les enseignants et les apprenants.

Mots-clés: L'utilisation du dictionnaire; l'enseignement-apprentissage de FLE; enseignement-apprentissage de PLE; formation des enseignants.

Uma breve introdução ao tema

O dicionário impresso, há muito tempo, tem sido considerado uma ferramenta pedagógica fundamental no acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem

¹ Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3646194173684932>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-4653-6498>. E-mail: cintiakaspar@yahoo.com.br

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8413109392683658>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0003-1001-2841>. E-mail: jonasdsm@yahoo.com

de uma língua por professores e aprendizes. Para Surcouf (2010), a compra de um dicionário, desde o início do percurso de aprendizagem de uma língua, pode ser considerada uma atitude natural do aprendiz. O seu uso na busca pelo significado de palavras desconhecidas, na verificação de dúvidas ortográficas e fonéticas ou na pesquisa de novas palavras para ampliação vocabular, são atividades cotidianas de uma sala de aula. Para Singcaster (2020), o potencial do dicionário também pode ser observado nos processos de escrita de um texto, auxiliando os aprendizes no momento do planejamento, da revisão e da correção de suas produções escritas.

No período pós-pandêmico, o uso de ferramentas pedagógicas digitais tornou-se ainda mais relevante e difundido, pois não é mais possível pensarmos em um ambiente de ensino sem a presença dessas tecnologias na preparação e na execução de atividades³ de ensino. A manutenção de algumas atividades no formato *online* e as novas percepções desenvolvidas durante esse período de ensino remoto evidenciam sobremaneira a necessidade de uma reflexão sobre a manutenção (ou não) de ferramentas em seu formato impresso⁴. Tendo em vista essa constatação, considerou-se pertinente questionar o uso do dicionário impresso por professores em formação do Núcleo Permanente de Extensão em Letras⁵ (NUPEL) e do Programa de Proficiência em Língua Estrangeira para Estudantes e Servidores da UFBA⁶ (PROFICI), para que se pudesse entender o espaço reservado ao seu uso na preparação das aulas desses professores e de suas propostas de atividades destinadas aos seus aprendizes. É preciso verificar se o dicionário impresso foi totalmente substituído por seu formato *online* ou se a sua manutenção é possível no cotidiano desses professores em suas atividades de ensino-aprendizagem.

A partir dessa pergunta inicial, este artigo investiga as opiniões e atitudes desses usuários com relação ao uso do dicionário impresso, por meio da aplicação de um questionário, seguindo as orientações metodológicas de Welker (2008) para pesquisas sobre o uso do dicionário. Para contextualizar este estudo, são apresentados os quadros de formação dos professores no NUPEL e no PROFICI de FLE e de PLE. Em

³ Cabe ressaltar que essas ferramentas já faziam parte do cotidiano do ensino-aprendizagem, esse novo contexto apenas potencializou esse uso.

⁴ É possível refletir sobre a continuidade de uso do livro didático impresso, dos dicionários em papel, entre outros.

⁵ Para maiores informações, acessar o sítio: <http://www.nupel.ufba.br/>.

⁶ Para maiores informações, acessar o sítio: <https://profici.ufba.br/>.

seguida, são estabelecidos os princípios teóricos norteadores das reflexões propostas e é discutido o emprego do dicionário impresso no ensino-aprendizagem de FLE e PLE, para que seja possível a compreensão de qual é a situação desse uso nessas duas perspectivas.

Por fim, é apresentada a pesquisa realizada e a análise dos dados obtidos por meio das contribuições da Lexicografia e da Lexicografia Pedagógica (LP). O objetivo dessa análise é proporcionar uma reflexão sobre o papel do dicionário impresso como ferramenta pedagógica no ensino-aprendizagem de FLE e de PLE e assim, enfatizar a relevância na continuidade de seu uso por professores e aprendizes.

A formação de professores no NUPEL e no PROFICI

A Universidade Federal da Bahia (UFBA), sensível ao fato de que o acesso ao ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras é ainda muito restrito no ensino básico do Brasil e considerando também o processo de internacionalização das universidades públicas brasileiras, cria, em 2012, dois espaços de ensino-aprendizagem que visam ampliar a oportunidade de que a comunidade interna e externa à UFBA tenha acesso a cursos de línguas estrangeiras.

O NUPEL é um órgão institucional que tem como dever a promoção de uma maior articulação entre extensão, ensino e pesquisa, permitindo uma ampliação das relações entre universidade e sociedade. Uma de suas ações é o oferecimento de cursos de línguas estrangeiras ao público interno e externo à UFBA, favorecendo o acesso às línguas estrangeiras por um preço mais acessível do que aquele praticado no mercado. O PROFICI, por sua vez, é um programa institucional criado com o principal objetivo de implementar as bases de internacionalização da universidade, por meio da ampliação de acesso ao ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. O programa oferece cursos de línguas estrangeiras aos funcionários e aos alunos de graduação e pós-graduação da instituição de forma gratuita.

Além do viés direcionado ao oferecimento de cursos de línguas estrangeiras, os dois espaços supracitados podem ser considerados um ambiente privilegiado de formação didático-pedagógica de estudantes (na graduação e na pós-graduação), principalmente oriundos do Instituto de Letras. Esses estudantes têm a oportunidade de

atuar nos dois projetos⁷, mesmo sem a comprovação de experiências docentes anteriores. Durante essa experiência, eles são geridos por orientadores pedagógicos⁸ que acompanham semanalmente o planejamento e os planos de aula, realizam observações das aulas ministradas pelos estudantes em formação e propõem reuniões semanais nas quais são discutidos pontos teórico-práticos que possam auxiliá-los na sua prática e formação docente.

Atualmente, o NUPEL conta com um número total de sessenta e três professores em formação e fornece cursos de onze diferentes línguas⁹. Dentre esses professores, sete são de língua francesa e três de PLE. No PROFICI, por sua vez, são trinta e sete monitores para assegurar o ensino de quatro línguas¹⁰, contando com cinco monitores de francês e dois de PLE. Essa oportunidade de prática docente mostra-se muito efetiva na formação desses futuros docentes. Em consonância com Martineau e Presseau (2003), as primeiras experiências profissionais influenciam largamente a atitude do professor principiante, principalmente no que diz respeito ao seu desenvolvimento profissional. Esses autores ainda assinalam que esse tipo de experiência revela-se crucial na medida em que alicerça a dinâmica motivacional do professor e o desenvolvimento de suas práticas. Haja vista essas questões relacionadas à formação docente, na sequência, serão tecidos os princípios teóricos norteadores da discussão proposta no artigo.

A lexicografia pedagógica e suas contribuições para a formação docente

No ensino-aprendizagem de línguas, como já mencionado anteriormente, o dicionário pode ser considerado uma ferramenta auxiliar no processo de desenvolvimento da competência comunicativa dos aprendizes. A competência comunicativa é compreendida, de acordo com o exposto pelo Quadro Europeu Comum

⁷ Cabe ressaltar que essa participação não pode ser feita de forma conjunta. Os dois programas possuem editais de seleção independentes.

⁸ Esses orientadores pedagógicos são professores efetivos da universidade que atuam nesses programas com o principal objetivo de colaborar com a formação didático-pedagógica desses estudantes.

⁹ Atualmente, o NUPEL oferece cursos de libras, alemão, espanhol, francês, inglês, italiano, grego, latim, kimbundu, yourúbá, português e PLE.

¹⁰ O PROFICI oferece cursos de espanhol, francês, inglês, italiano e PLE.

de Referência para as línguas (Conselho da Europa, 2001, p. 34 e 35), como a junção de componentes linguístico (conhecimentos lexicais, fonológicos, sintáticos, etc), sociolinguístico (condições de uso) e pragmático (funções linguísticas). Esse pensamento encontra consonância em Castillo Carballo e García Platero (2003):

[...] o dicionário é um instrumento muito eficaz para obter uma aprendizagem adequada dos diferentes níveis linguísticos, porém, durante muito tempo, não recebeu a devida atenção. [...] o dicionário é um elemento fundamental na comunicação, desde o momento em que melhora a competência léxica, a morfossintática, e, ademais, contribui para a definição e fixação dos usos da língua (Carballo; Platero, 2003, p. 340).

Sendo assim, é importante conhecer de onde partem os princípios teórico-metodológicos usados neste estudo. Os estudos relacionados à elaboração e à avaliação de dicionários são pertencentes ao campo da Lexicografia. Segundo Azorín-Fernandez (2006, p 38): “[...] a Lexicografia é a disciplina da Linguística Aplicada que se ocupa dos problemas teóricos e práticos que ocorrem na elaboração de dicionários”. De acordo com Welker (2004), línguas como o inglês, o francês e o alemão dividem a Lexicografia como a parte prática da produção de dicionários e a Metalexicografia como a parte responsável pelas questões referentes à elaboração e à crítica de dicionários, às pesquisas sobre a história da lexicografia e ao uso de dicionários. Durante o artigo, será utilizado o termo Lexicografia, mas é interessante que essa diferença seja mencionada.

Uma vez que a seara de elaboração de dicionários já possui uma área específica, é possível salientar o surgimento da Lexicografia Pedagógica (LP), definida como uma subárea da Lexicografia responsável pela elaboração, redação, estudo e análises de dicionários que atendam às necessidades dos aprendizes de língua (Landau 2001, p.16; Welker, 2004, p. 215). Segundo Duran e Xatara (2007), a LP enfatiza a elaboração de subsídios de aperfeiçoamento nos dicionários que contemplem as habilidades dos usuários e atendam suas necessidades linguísticas, tendo em vista suas principais dificuldades.

Apesar de ser uma área recente, a LP tem se consolidado no Brasil por meio da ampliação das discussões relacionadas aos aspectos de uso do dicionário como material didático. Primeiramente, os dicionários tinham como principal objetivo a descrição/prescrição de uma língua, sem uma preocupação voltada ao ensino-

aprendizagem de uma língua. A LP busca ampliar as discussões relacionadas ao emprego do dicionário como material didático, fornecendo subsídios que possam auxiliar o usuário de dicionários na aprendizagem de uma língua, seja ela materna ou estrangeira.

A partir desses pressupostos, evidencia-se o papel fundamental do estudo sobre o uso de dicionários no ensino de FLE e de PLE, sobretudo no que diz respeito à formação docente. Na formação docente de professores de línguas, pouco se (re)conhece sobre o papel pedagógico dos dicionários, tendo em vista que os cursos de Licenciatura em Letras não proporcionam aos seus alunos disciplinas que tratem desse assunto¹¹. Para Vazquez (2009, p. 1):

No que diz respeito à aprendizagem e mesmo ao ensino de uma língua estrangeira, é sabido que o dicionário é atualmente um instrumento essencial: nos primeiros tempos, quando o aprendiz está a conhecer a língua; e quando já a conhece e precisa de aperfeiçoar a linguagem. Se a pessoa se dedica à tradução, então a importância do dicionário é fundamental.

De fato, considerando o dicionário como ferramenta pedagógica, é imprescindível que esse uso seja abordado desde a formação inicial dos professores de línguas nos cursos de licenciatura. Nesse contexto, a LP desempenha um papel fundamental ao contribuir para um ensino de línguas mais eficaz, com maior possibilidade de ampliar as possibilidades de uso do dicionário na aprendizagem de uma língua. Portanto, ao incentivar o manuseio e a importância adequada do dicionário como recurso pedagógico, os professores de línguas podem proporcionar aos seus aprendizes diferentes utilizações do dicionário de forma consciente e direcionada, mostrando que suas possibilidades de uso vão muito além da simples busca por significados¹².

O uso do dicionário no ensino-aprendizagem de FLE

¹¹ Para mais informações, consultar Arruda (2016) e Kaspary (2021).

¹² Alguns exemplos de uso: verificação ortográfica, busca de informações sobre marcas nominiais de número e gênero, procura de flexões e conjugações verbais, pesquisa sobre marcas de uso das palavras, consulta de pós-comentários, etc (Kaspary, 2021).

De acordo com Gouvert e Heidemeier (2015), a Lexicografia Francesa (LF) é reconhecida como uma das mais prósperas globalmente. Os autores explicam que esse notável dinamismo é resultado de uma tradição de séculos na produção de dicionários, impulsionada pela relevância política e social da língua francesa, além de uma extensa reflexão metodológica e metalinguística. Para Bugueño Miranda (2015), a importância do dicionário na língua francesa deve-se muito à importância dada ao discurso linguístico normativo da língua, com a preservação do “bon usage” da língua. De forma intrigante, apesar da clara preocupação com a preservação linguística como mencionado anteriormente, são escassos os trabalhos que proporcionam uma visão geral das obras lexicográficas disponíveis nessa tradição. Quando encontrados na literatura, esses trabalhos estão sempre limitados a alguma condição especial, o que torna a abordagem mais restrita.

Uma outra questão a ser considerada é a aparente contradição na tradição lexicográfica francesa. Enquanto é notável a prolífica produção de novos dicionários destinados aos usuários nativos da língua, o mesmo não se aplica aos aprendizes de FLE. Nesse caso, o interesse é menos expressivo, e a abordagem consiste em adaptar dicionários já desenvolvidos para falantes nativos ao uso dos aprendizes. Essa discrepância é enfatizada pela observação de Binon et al. (2005), que constatam que é possível encontrar uma variedade de excelentes dicionários enciclopédicos e de língua para o público nativo de francês, mas o mesmo não ocorre em relação aos dicionários para aprendizes. Estes são escassos e, infelizmente, não conseguem atender de maneira satisfatória às necessidades apresentadas pelo público aprendiz.

Ainda que nos anos 1980 tenham sido realizadas algumas pesquisas com aprendizes de FLE relacionadas especificamente ao emprego do dicionário em situações de ensino-aprendizagem¹³, na perspectiva do ensino no Brasil, raras são as pesquisas que contemplam esse assunto. Se por um lado observa-se que os cursos de Licenciatura não abordam questões relacionadas à Lexicografia e à LP, há também os materiais didáticos que tangenciam questões relacionadas ao uso do dicionário. Os

¹³ Galisson (1983) realizou uma pesquisa intitulada Imagem e uso do dicionário em aprendizes de língua no nível avançado [Image et usage du dictionnaire chez des étudiants en langue de niveau avancé] para verificar se o emprego da ferramenta dicionário condiciona ou não a representação que o consulente tem do objeto. A pesquisa constatou que o dicionário possui uma influência positiva na aquisição do vocabulário. Entretanto, o autor reconhece não ser possível estabelecer a maneira como essa influência é exercida.

poucos livros didáticos que mencionam a utilização do dicionário como ferramenta pedagógica de apoio, não auxiliam o professor na escolha da obra mais adequada a ser indicada ou a forma como o dicionário pode ser aproveitado em indicações de atividades aos seus aprendizes.

Para autores como Lew (2013) e Nesi (1999), é essencial que os consulentes (sejam eles professores ou aprendizes) sejam preparados para o uso do dicionário, sabendo que existem diferentes tipos de obras, com diferentes informações e destinadas a diferentes necessidades. Além disso, autores como Tremblay *et al* (2018) destacam que o uso do dicionário exige um conjunto de conhecimentos e habilidades dicionarísticos, que precisam ser desenvolvidos nos consulentes, uma vez que esse não pode ser considerado um conhecimento inato. Tendo em vista essas observações, é evidente que os professores necessitam um maior preparo para o uso dessa ferramenta pedagógica, para que assim possam também contribuir para o desenvolvimento dos conhecimentos e habilidades de seus alunos no futuro.

O uso do dicionário no ensino-aprendizagem de PLE

No ensino de PLE, os estudos sobre uso de dicionários são ainda recentes, com poucos trabalhos disponíveis até o momento e com muitas possibilidades de desenvolvimento de pesquisas. No entanto, assim como o francês, o inglês, o alemão e o italiano, a língua portuguesa tem experimentado avanços significativos em relação à demanda de estrangeiros interessados em estudá-la, sobretudo em razão do processo de internalização de ensino nas universidades, em que é perceptível um número elevado de alunos estrangeiros no Brasil. Sendo assim, o campo de estudo sobre o uso didático de dicionários mostra-se promissor e merece ser explorado por professores de PLE, haja visto que se tem pouco estudado dentro desta perspectiva.

No que condiz ao uso de dicionários na formação de professores de PLE, além de contribuir para uma formação docente em que se tenha mais ferramentas didáticas, trabalhar com os dicionários contribui também no ensino e na divulgação da cultura, o que vem a ser um excelente modo de difundir o ensino de PLE, assim postula Correia (2013) ao reforçar que o dicionário pode apresentar informações enciclopédicas e científicas relativas à cultura da língua. Neste caso, ao usar um dicionário, o aluno de

PLE encontrará diversas informações enciclopédicas nos dicionários, em especial, no tocante à essas questões, informações relacionadas à cultura da língua-alvo, portanto, o dicionário configura-se como um elemento divulgador da cultura, seja ele monolíngue ou bilíngue (Vasquez, 2009).

Assim sendo, é imprescindível que na formação de professores de PLE se pense sobre as diversas possibilidades de uso do dicionário, pois, como muitos alunos não sabem manuseá-lo, é o professor que desempenha um papel de guia nesse uso, auxiliando seus alunos nesse percurso de aprendizagem e conhecimento.

Portanto, ao explorar adequadamente o dicionário como recurso didático, os professores e PLE podem ampliar as possibilidades de aprendizagem dos alunos e aprofundar sua compreensão da língua e cultura dos países lusófonos.

A metodologia da coleta de dados

No que diz respeito à pesquisa lexicográfica, Welker (2008) reconhece três categorias de estudos, de acordo com as diferentes metodologias empregadas:

- I. enquetes realizadas através de questionários ou entrevistas, nas quais é possível a verificação de fatos, opiniões e atitudes dos usuários com relação ao uso do dicionário;
- II. estudos da utilização efetiva do dicionário, através da observação;
- III. efeitos do uso do dicionário, um estudo realizado por meio de pesquisas com base em opiniões sobre a vantagem ou desvantagem do uso de dicionários ou ainda sobre os pontos positivos e negativos de certos dicionários e seus componentes.

Do ponto de vista metodológico, essa pesquisa propôs um questionário por meio de um formulário eletrônico contendo doze perguntas destinadas aos professores em formação e monitores de FLE e PLE com atuação nesse semestre no NUPEL e no PROFICI. O principal objetivo do formulário é o de obter informações relacionadas ao uso do dicionário impresso realizado por esses usuários. As perguntas foram respondidas de forma anônima, tendo como únicas perguntas de cunho pessoal as três

primeiras que versavam sobre a língua de atuação (FLE ou PLE), o projeto de atuação (NUPEL ou PROFICI) e do tempo de atuação docente de cada um deles. Essas perguntas foram realizadas para enquadrar e contextualizar os dados, de acordo com as diferentes línguas ensinadas.

As outras nove perguntas abordam diretamente o uso do dicionário impresso e *online* realizado por esses usuários na preparação de suas aulas, nas atividades propostas aos alunos e no contexto de sala de aula diretamente. Além disso, esses usuários foram questionados com relação à forma como o dicionário é empregado, para que fosse possível verificar os seus principais usos e os usos propostos habitualmente aos seus alunos no contexto de sala de aula. Essas foram as nove perguntas propostas:

1. Quais são os dicionários monolíngues impressos na sua língua de trabalho que você conhece?
2. Quantos dicionários monolíngues você possui?
3. Você tem o hábito de utilizar esses dicionários para realização de seu planejamento de aula? (No caso de você possuir algum)
4. Se sua resposta foi sim, qual é o dicionário que você costuma utilizar? Quais são os seus critérios de escolha?
5. Os exercícios, as atividades e as tarefas propostas aos alunos em sala de aula preveem o emprego de algum dicionário?
6. Se sua resposta foi sim, qual é o dicionário que costuma ser utilizado?
7. Ainda se sim, de que maneira esse dicionário é empregado em suas aulas?
8. No caso dos dicionários *online*, quais são os que você conhece na sua língua de trabalho?
9. No caso de uma resposta afirmativa, quais são os usos durante suas práticas?

Essas perguntas, no total de doze, foram respondidas por treze professores em formação, dentre esses, nove de FLE e quatro de PLE. As análises e as discussões sobre os dados obtidos, são realizadas na sequência.

A análise e discussão dos dados obtidos

Como já informado acima, o formulário eletrônico proposto foi respondido por treze professores pertencentes aos dois programas de formação. Com relação ao contexto de aplicação da pesquisa, observou-se que os participantes são em sua maioria professores em formação de língua francesa do programa NUPEL. Esse resultado já era esperado, tendo em vista que a língua francesa possui um número mais expressivo de componentes nos dois programas, se comparado ao PLE. No que diz respeito à experiência docente, a metade dos participantes (53,8%) possui entre um e três anos de experiência, 38,5% possuem uma experiência entre seis meses e um ano e apenas 7,7% são participantes com mais de três anos de experiência docente. Esses dados comprovam o caráter primordial dos dois programas, que é o desenvolvimento da formação inicial desses estudantes, ampliando assim seus espaços de prática docente com acesso.

Na primeira questão sobre o uso do dicionário, perguntamos aos participantes quais são os dicionários monolíngues impressos na língua ensinada que eles poderiam citar. Apenas um dos participantes não conseguiu citar nenhuma obra de exemplo. Os demais foram capazes de elencar em média duas obras lexicográficas conhecidas. É interessante observar que no caso das duas línguas, as obras citadas são aquelas mais tradicionalmente utilizadas e reconhecidas por serem obras muito populares no gênero textual dicionário. No caso do francês, são os dicionários que são massivamente presentes em referências bibliográficas de cursos de formação de professores¹⁴.

No entanto, ao questionar os participantes sobre a quantidade de dicionários possuída, a grande maioria, 69,2%, não possui nenhum dicionário para sua consulta pessoal. A porcentagem restante, em torno de 30%, possuem entre uma e três obras lexicográficas. Essa informação é interessante, pois ao mesmo tempo que os participantes reconhecem o gênero textual dicionário e são capazes de citar alguns exemplos, não reconhecem a importância de possuírem um dicionário impresso em casa para realização de suas atividades de preparação docente. É possível pensar em, no mínimo, duas hipóteses. Não se pode deixar de sinalizar a questão dos elevados

¹⁴ Para mais informações sobre a pesquisa os Projetos Pedagógicos de Cursos de Licenciatura de Francês, consultar Kasparly (2021).

preços das obras lexicográficas no Brasil, tornando sua aquisição por vezes difícil aos professores em início de carreira. E por outro lado, pode-se pensar que os participantes tenham dificuldade em estabelecer as possíveis funcionalidades de possuir uma obra para consulta pessoal, haja vista as inúmeras possibilidades de obras eletrônicas disponíveis pela Internet.

Quando questionados sobre as possibilidades de uso do dicionário nas suas práticas docentes e nas atividades previstas para seus alunos, mais de 80% dos entrevistados não preveem o uso do dicionário para esses dois momentos. A porcentagem restante, por volta de 20%, tem um comportamento variado: uma parte indica dicionários *online* e tradutores automáticos aos seus estudantes, outra parte deixa os estudantes livres para escolherem quais obras utilizar durante suas práticas, um docente utiliza um dicionário visual *online* para realização de atividades lexicais e outro docente faz uso de um dicionário impresso para busca de palavras desconhecidas, realização de atividades de produção e compreensão escrita e busca de contexto de uso de algumas palavras.

Nessas respostas, é possível pensar em duas problemáticas relacionadas ao uso do dicionário. Primeiramente, os entrevistados não têm clareza sobre as diferentes obras lexicográficas disponíveis, suas estruturas organizacionais e funções. Nesse momento, torna-se pertinente a observação de Bugueño Miranda (2019, p. 30):

[...] dependendo da tarefa linguística que um determinado indivíduo precisa solucionar, ele deve consultar uma determinada classe de dicionários. Porém, esta relação depende de vários fatores: em primeiro lugar, da tarefa linguística em si; em segundo lugar, da disponibilidade da classe apropriada de obra dicionarística para a resolução dessa tarefa (se está disponível em uma comunidade ou não); e, em terceiro lugar, e não menos importante, das próprias habilidades prévias, tanto de competência linguística como de competência dicionarística, que o potencial consulente tenha.

Sem esse conhecimento prévio, as obras não se tornam verdadeiramente úteis e acabam não tendo seu potencial pedagógico reconhecido por esses consulentes. A segunda problemática refere-se ao fato de que os entrevistados não reconhecem no dicionário todas as suas possibilidades de uso. De acordo com Krieger (2007), o uso do dicionário somente na busca de respostas pontuais é motivado pela ausência de

conhecimento do professor acerca das potencialidades do dicionário, principalmente no que diz respeito ao seu potencial didático.

Considerações finais

Ao longo desse percurso, foi apresentada a relação deficitária entre a formação de professores e a LP. A pesquisa demonstrou uma desvalorização de seus participantes com relação ao uso do dicionário no formato impresso. No entanto, Nesi (1999) afirma que o uso do dicionário exige conhecimentos e habilidades de seus consulentes no processo da consulta do dicionário (antes da consulta = localizar a obra mais adequada, durante a consulta = ser capaz de interpretar as informações e localizá-las de forma adequada e após a consulta = no uso adequado das informações encontradas.

Além disso, retoma-se Kaspary (2021) para demonstrar os benefícios oriundos do estabelecimento de uma relação, fundamentada em argumentos linguísticos, entre a didática e a lexicografia. A construção de uma propedêutica de uso de dicionários demonstra a possibilidade de associação entre a realização de atividades linguísticas e a escolha de uma obra lexicográfica mais adequada a cada um de seus usos, por meio do estabelecimento de critérios linguísticos. Cabe salientar que esses critérios possibilitaram um tratamento mais abrangente do dicionário como um recurso de consulta disponível nos diferentes níveis de linguagem, permitindo seu melhor aproveitamento.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, L. Um breve panorama histórico do ensino de FLE no Brasil: origens, contatos culturais e revoluções políticas. *Cadernos Neolatinos*, Rio de Janeiro, v. 1, n.2, p. 1-12, 2016.
- AZORÍN-FERNÁNDEZ, D. *La lexicografía y sus contornos disciplinares*. Madrid: Liceus, 2006.
- BINON, J. *et al.* Influences internationales sur la lexicographie pédagogique du FLE. *Trab. Linguíst. Apl.*, UNICAMP – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Campinas, v. 44, n. 2, p. 215-231, dez. 2005.

- BUGUEÑO MIRANDA, F. V. Sobre a classificação de obras lexicográficas. In: Bugueño Miranda, F.V.; BORBA, L. C. de. *Manual de meta* (lexicografia). Goiânia: Editora espaço Acadêmico, 2019, p. 30-36.
- BUGUEÑO MIRANDA, F. V. Prolegômeno para uma taxonomia de dicionários do francês. In: REBELLO, L.; S. FLORES, V. do N. (org.). *Caminhos das Letras: uma experiência de integração*. Porto Alegre: Ed. Instituto de Letras /UFRGS, 2015, p. 21-33.
- CASTILLO CARBALLO, M. A. GARCÍA PLATERO, J. M. La Lexicografía Didáctica. In. MEDINA GUERRA, A. M. (coord.). *Lexicografía Española*. Barcelona: Ariel, 2003, p. 334- 351.
- CONSELHO DA EUROPA. *Quadro Comum de Referência para as Línguas*. Aprendizagem, ensino, avaliação. Portugal: Edições ASA, 2001.
- CORREIA, Margarita. *Os dicionários portugueses*. Leya, 2013.
- DURAN, M. S. XATARA, C. M. *Lexicografia Pedagógica: atores e interfaces*. Delta: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, 2007.
- GOUVERT, X ; HEIDEMEIER, U. Lexicographie, p. 556 – 582. In: POLZIN-HAUMANN, C; SCHWEICKARD, W. (ed.). *Manuel de Linguistique Française*. Berlin/Boston : Walter de Gruyer, 2015.
- GALISSON, R. Image et usage du dictionnaire chez les étudiants (en langue) de niveau avancé. *Études de Linguistique Appliquée*, n.49, p. 5-88, 1983.
- KASPARY, C.V. *Proposta de uma propedêutica de uso do dicionário para professores de francês língua estrangeira em formação*. Orientador: Prof. Dr. Félix Valentin Bugueño Miranda. 296 f. Tese (Doutorado em Teorias Linguísticas do Léxico) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.
- KRIEGER, M. da G. O dicionário de Língua como potencial instrumento didático. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (org.) *As ciências do léxico: Lexicologia, lexicografia, terminologia*, volume III. Campo Grande, Mato Grosso do Sul: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007.
- LANDAU, S. I. *Dictionaries: the art and craft of Lexicography*. New York: Cambridge University Press, 2001.
- LEW, R. (2013). Online dictionary skills. In: KOSEM, I., KALLAS, J., GANTAR, P, KREK, S., L. M et TUULIK, M. (dir.). *Electronic lexicography in the 21st century: thinking outside the paper*. Proceedings of the eLex 2013, conferência, Ljubljana, Slovénie, Trojina, Institute for Applied Slovene Studies: Tallinn, Estonie, Eesti Keele Instituut, p. 16-31, 2013.
- MARTINEAU, S.; PRESSEAU, A. Le sentiment d'incompétence pédagogique des enseignants en début de carrière et le soutien à l'insertion professionnelle. *Brock Education*, v. 12, nº 2, 2003.
- NESI, Hilary (1999).The specification of dictionary reference skills in higher education. In: HARTMANN, R. (dir.). *Dictionaries in language learning*. Recommendations, national reports and thematic reports from the Thematic Network Project in the Area of

Languages, Sub-Project 9: Dictionaries, Berlin, Allemagne, Universidade Livre de Berlim, p. 53-67, 1999.

SINGCASTER, M. *Description de pratiques d'enseignement visant à former les élèves à l'utilisation du dictionnaire électronique en classe de français au secondaire*. 2020.

Dissertação de Mestrado. Université de Montréal, 141 p.

SURCOUF, C. Le dictionnaire bilingue peut-il s'intégrer profitablement dans une stratégie d'apprentissage d'une langue? *Cahiers de l'APLIUT*, v. XXIX, n°1, 2010.

TREMBLAY, O., PLANTE, I. et FRÉCHETTE-SIMARD, C. Les enseignants et le dictionnaire : sentiments, attitudes motivationnelles, connaissances déclarée et pratiques personnelles d'utilisation. *Formation et profession*, 26, (3), 2018.

VÁZQUEZ DIÉGUEZ, Ignacio. O papel do dicionário no ensino e aprendizagem das línguas. *Actas 1º Encontro Internacional do Ensino da Língua Portuguesa*, p. 107, 2009.

WELKER, H.A. Lexicografia pedagógica: definições, história, peculiaridades. In: XATARA, C.; BEVILACQUA, C.HUMBLÉ, P. (org.). *Lexicografia pedagógica: pesquisas e perspectivas*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina – NUT – Núcleo de Tradução, 2008.

XATARA, C.; BEVILACQUA, C.HUMBLÉ, P. *Dicionários: Uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.

Redação de verbetes: procedimentos teórico-metodológicos para elaboração de um glossário escolar de Ciências da Natureza

Writing Entries: Theoretical-Methodological Procedures for Elaboration of a School Glossary of Nature Sciences

Submetido em: 10/06/2023

Aceito em: 17/10/2023

Maria Katsurayama Gomes Sales¹

Rebeka da Silva Aguiar²

Andreza Marcião dos Santos³

Resumo: Este artigo, que resulta de um projeto de Iniciação Científica, tem o objetivo de expor os procedimentos metodológicos empregados na redação de verbetes, com vistas a compor o Glossário Escolar de Ciências da Natureza para estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental. Em elaboração, esse material didático tem o propósito de auxiliar os alunos na compreensão de conceitos especializados, uma vez que o público-alvo dessa obra terminográfica encontra-se em fase de plena aprendizagem das terminologias. O artigo se sustenta nos fundamentos da Terminologia e da Terminografia, tendo em vista que essas disciplinas oferecem aparatos para a escrita da microestrutura de glossários especializados. Em termos metodológicos, o estudo é de natureza qualitativa e os objetivos são descritivo-analíticos. Para a elaboração dos verbetes, seguimos as orientações de Faulstich (1995; 2010; 2013) e aplicamos a proposta de Aguiar (2018). Os resultados da pesquisa indicam que a elaboração de verbetes precisa obedecer a princípios gramaticais, lexicais, semânticos e discursivos. Esperamos, pois, que os verbetes redigidos para o glossário sirvam de base para novas propostas de ensino e de aprendizagem, assentadas nos fundamentos da Terminologia e da Terminografia.

Palavras-chave: Terminologia; Terminografia; Glossário Sistemico; Divulgação Científica.

Abstract: This article, which results from a Scientific Initiation project, aims to present the methodological procedures used in the writings entries, with a view to composing the Glossário Escolar de Ciências da Natureza para estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental. In elaboration, this didactic material is intended to help students to understand specialized concepts since the target audience of this terminographic work is in the full learning phase of terminologies. The article is based on the fundamentals of Terminology and Terminography, considering that these disciplines offer tools for writing the microstructure of specialized glossaries. In methodological terms, the study is qualitative and the objectives are descriptive-analytical. For the elaboration of the entries, we followed the guidelines of Faulstich (1995; 2010; 2013) and applied the proposal of Aguiar (2018). The research results indicate that the elaboration of entries must obey grammatical, lexical, semantic, and discursive principles. We hope, therefore, that the entries written for the glossary serve as a basis for new teaching and learning proposals, based on the foundations of Terminology and Terminography.

Keywords: Terminology; Terminography; Systemic Glossary; Scientific divulgation.

¹ Graduanda em Letras: Língua Portuguesa e Língua Inglesa. Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente - IEAA/UFAM. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9937532532203683>. E-mail: maria.katsurayama@gmail.com

² Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília. Professora da Universidade Federal de Rondônia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9353925844210502>. OrcID: <http://orcid.org/0000-0002-1751-8936>. E-mail: rebekasag@hotmail.com

³ Doutora em Linguística e Pós-Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9354118043761497>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-9777-2829>. E-mail: andrezamarcao@gmail.com

Introdução

No Brasil, são recentes a elaboração e a difusão de dicionários escolares, pois foi, em 2001, que o Ministério da Educação, por meio do Plano Nacional do Livro Didático - PNLD, publicou o primeiro edital que compreendia a proposição de obras lexicográficas para o público escolar. Krieger (2006, p. 250), ao discutir o edital do PNLD (2006), ressalta: “Vale lembrar a total ausência, em nosso meio, de estudos que proponham parâmetros de organização lexicográfica para a escola”. Com relação à terminografia também não é diferente, porque os termos de especialidades descritos em produtos manuseados pelo público estudantil, sobretudo em livros didáticos utilizados no processo de formação escolar dos estudantes dos anos finais do ensino fundamental, carecem de um produto terminográfico que possam transcrever os conceitos em uma linguagem simples, objetiva, clara e direta.

Durante a escrita da tese *Glossário sistêmico como material didático: descrição de termos formados por elementos eruditos*, Aguiar (2018) constatou que, no percurso da história da terminografia brasileira, há poucos estudos sobre o desenvolvimento de projetos de obras terminográficas destinados ao público escolar. À época, os estudos catalogados foram os de Araújo (2012) e Araújo; Souza (2011, 2014), que tratam do domínio terminológico do componente curricular de Ciências da Natureza, descrita em livros didáticos para crianças dos anos iniciais do ensino fundamental – entre 7 e 10 anos. Nesse sentido, Araújo (2020) afirma que as pesquisas mencionadas tiveram como foco os professores das séries iniciais, com o intento de elaborar um dicionário terminológico que atendessem às necessidades desse público, embora mencione que “[...] o olhar para as crianças que têm contato com esse conjunto terminológico foi inevitável, devido às lacunas e a alguns problemas encontrados nos contextos definitórios presentes nos livros” (Araújo, 2020, p. 370).

Considerando a problemática, para elaborar verbetes é preciso considerar alguns critérios, quais sejam, as experiências linguísticas dos estudantes, os conteúdos lexicais, semânticos e pragmáticos a serem veiculados no corpo da macro e microestrutura, a aplicabilidade da obra e as ferramentas tecnológicas que possam auxiliar na confecção do glossário, desde a coleta dos termos até a sistematização dos

dados no produto final (Aguiar, 2018). Segundo Estopà (2018), a obra terminográfica precisa se adequar às condições de cada público, pois, assim, cumprirá seu papel, enquanto material de consulta. Redigir verbetes para um glossário escolar, exige, portanto, do terminógrafo adoção de métodos específicos ao propósito da obra. Isso porque o glossário escolar pode ser uma ferramenta pedagógica de grande valor para o ensino e a aprendizagem dos diferentes domínios especializados, pois contém recursos importantes para subsidiar a aprendizagem dos conteúdos ministrados como nas aulas de *Ciências da Natureza*, composta de uma vasta terminologia relacionada às unidades temáticas: matéria e energia, vida e evolução, terra e universo. Portanto, o modelo de verbete a ser descrito, neste artigo, segue as orientações de Faulstich (1995; 2013) e a proposta metodológica de Aguiar (2018). Os verbetes elaborados durante a pesquisa de Iniciação Científica, a saber, *Redação de verbetes para glossário sistêmico: um estudo de termos formados por elementos eruditos*, para compor o *Glossário Escolar de Ciências da Natureza para estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental*, constituem um glossário sistêmico.

De acordo com Faulstich (1993, p. 93), o glossário sistêmico é formado por remissivas, resultantes das relações semânticas, criadas pela “hiperonímia, hiponímia, sinonímia, antonímia e por conceito conexo”, o que favorece a sistematização de campos lexicais afins, além de permitir que o leitor percorra os conceitos nos glossários, haja vista que as remissivas funcionam como trajetos. Nesse tipo de glossário, os campos lexicais são utilizados na organização de termos relacionados semanticamente entre si, dessa forma uma obra pode descrever os termos tanto pelas remissivas quanto pela ordem alfabética (Faulstich, 1993).

Além disso, a escrita dos verbetes se assenta no conceito de divulgação científica, que consiste na redação de conceitos altamente complexos para uma linguagem acessível, conforme as particularidades linguísticas do público-alvo do glossário (Zamboni, 2001). De acordo com Bueno⁴, citado por Zamboni (2001, p. 47), a divulgação científica “pressupõe um processo de recodificação, isto é, a transposição de uma linguagem especializada para uma linguagem não especializada, com o objetivo de tornar o conteúdo acessível a uma vasta audiência”. Por promover ações de

⁴ A autora não cita o ano da obra de Bueno, mas indica que o excerto se encontra na página 19.

inclusão às linguagens de especialidades, geralmente restrita aos especialistas, a divulgação científica na escola é um mecanismo metalinguístico útil para a adaptação da comunicação especializada aos estudantes.

Diante desse pressuposto, temos a intenção de expor, neste trabalho, os verbetes elaborados com base em uma linguagem acessível a esse público, e, com efeito, facilitar o entendimento dos conceitos, ao tornar a linguagem complexa em uma linguagem simples e compreensiva.

Terminologia e terminografia no contexto escolar

Considerando a importância da Terminologia, Cabré (1993, p. 11, tradução nossa) aborda que a função social dessa disciplina é: “Facilitar a comunicação entre os especialistas e o público não especializado, com o objetivo de superar os obstáculos terminológicos criados pelo contato das línguas”⁵. Nessa perspectiva, a Terminologia (i) oferece subsídios para trazer ao público elementos da ciência que podem ser compreendidos pelo público, especializado ou não; (ii) proporciona melhor comunicação; e (iii) promove convívio social e linguístico saudável, que é um direito de todos os cidadãos. Os benefícios sociais da Terminologia atestam a possibilidade de aproximar o discurso científico daqueles que se mantêm distante do ambiente de circulação e de produção do conhecimento acadêmico. Estudantes dos anos finais do ensino fundamental são exemplos de indivíduos que precisam de alternativas para garantir a compreensão da linguagem terminológica, pois leem e produzem textos de natureza científica, por exemplo, artigo de divulgação científica, reportagem de divulgação científica, verbete enciclopédico, esquema, infográfico, relatório, entre outros.

Segundo Faustich (2006, p. 27), a Terminologia é a disciplina que estuda e descreve os termos especializados, todavia, de forma sistêmica, por ofertar mecanismos teóricos e metodológicos para elaborar dicionários especializados e glossários. Essa disciplina torna-se uma grande aliada na disseminação de conhecimento de grande alcance, ao promover a propagação de informações, porque “num mundo moderno, que se desenha multilíngue, a comunicação deve ser rápida e

⁵ “Facilitar la comunicación entre los especialistas y el público profano, superando así los obstáculos terminológicos creados por el contacto de lenguas”.

eficiente” (Faulstich, 2006, p. 27). Nesse sentido, o verbete, também chamado de microestrutura, tem a função de assegurar a propagação dos conceitos veiculados nos produtos terminográficos.

Para esta autora, “a microestrutura é formada pelo conjunto de informações que compõem o verbete; é, de fato, o verbete na sua totalidade, constituído pela metalinguagem de que se provê a palavra-entrada” (Faulstich, 2010, p. 169). Contudo, a microestrutura pode sofrer alterações, em função do leitor do glossário e dos objetivos propostos pelo terminógrafo. Em vista disso, neste artigo, empregamos a estrutura de verbete proposta por Faulstich (2010, p. 180-183).

Para Faulstich (2013, p. 61): “quando falamos de terminologia, a impressão é de que estamos falando de linguagem de pouco alcance, que surge da invenção de cientistas e de técnicos altamente especializados”. É tanto que identificamos, além dos livros didáticos, poucos materiais paradidáticos, que podem colaborar para a aprendizagem dos termos técnicos e científicos nos espaços escolares, os quais podemos citar: a *Revista Ciências Hoje da Criança*, produzida pelo Instituto Ciências Hoje, que é a primeira revista brasileira sobre ciência para crianças, e a coleção dos *Jogos Ambientais da Ema*, publicada pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa. Nesse contexto, a criança acessa poucos materiais que possam auxiliar no processo formativo e educativo, por consequência, podem-se gerar problemas didáticos, porque a Terminologia é: “[...] reconhecida como uma matéria importante para o currículo do ensino contemporâneo, uma vez que o uso de termos técnicos não devidamente definidos ou a inconsistência no uso dos termos origina problemas didáticos tanto a docentes como a discentes” (Pontes, 1997, p. 44). Ora, a disseminação dos conceitos carece da adoção de materiais didáticos apropriados aos objetivos propostos nas matrizes curriculares das escolas da Educação Básica, porque os estudantes precisam ter uma aprendizagem terminológica eficiente.

As palavras apresentadas para as crianças no cotidiano são diferentes das estudadas na terminologia, porque os termos são unidades linguísticas com conceitos abstratos para denominações pouco vistas por elas. De acordo com Estopà e Cornudella (2013, p. 1, tradução nossa), “[...] na escola já se trabalha [...] (adição, subtração, triângulo, esfera, ser vivo, água, gelo, força, etc.). Assim, as bases do conhecimento especializado se adquirem desde os primeiros anos de vida de uma

pessoa”⁶. Podemos observar, diante do exposto pelas autoras, que a terminologia está inserida nas escolas desde as séries iniciais, porém os materiais disponíveis para consulta, como os livros didáticos e paradidáticos, bem como os dicionários escolares, por vezes, não contêm uma linguagem adequada às singularidades linguísticas do público previsto, o que interfere diretamente na compreensão do conceito.

Por tais razões, para redigir os verbetes, tomamos por base os princípios da divulgação científica, recurso que serve para recodificar a informação escrita em uma linguagem altamente científica. De acordo com Zamboni (2001, p. 46), esse processo metalinguístico é:

[...] uma atividade de difusão dirigida para fora de seu contexto originário, de conhecimentos científicos produzidos e circulantes no interior de uma comunidade de limites restritos, mobilizando diferentes recursos, técnicas e processos para veiculação das informações científicas e tecnológicas ao público em geral.

Dessa forma, com a divulgação científica, reescrevemos o discurso dos domínios especializados para uma linguagem mais próxima utilizada pelos estudantes, sem desconsiderar os conceitos. É um desafio para o terminógrafo adequar o vocabulário e o discurso às experiências linguísticas dos estudantes, pois, se não houver critérios delimitados, podem prejudicar na disseminação de informações. Na seção da metodologia, ilustramos como aplicamos esse mecanismo na elaboração dos verbetes.

Metodologia

Com o intento de elaborarmos os verbetes, utilizamos os fundamentos da Terminologia e da Terminografia de Faulstich (1995; 2010; 2013), e de Aguiar (2018). A primeira autora oferece subsídios teóricos e práticos para a criação de produtos de especialidade, como o glossário, e a segunda descreve procedimentos metodológicos para a criação de obras terminográficas de natureza escolar. Também nos apoiamos em Zamboni (2001), para quem a divulgação científica é um recurso metalinguístico de

⁶ “[...] ya en la escuela se trabajan [...] (suma, resta, triángulo, esfera, ser vivo, agua, hielo, oxígeno, fuerza, etc). De manera que las bases del conocimiento especializado se adquieren desde los primeros años de vida de una persona”.

difusão científica necessário para aproximar os discursos científicos do público leigo. No caso da pesquisa descrita neste artigo, o público leigo são os estudantes que ainda se encontram em pleno processo de aprendizagem. Elucidamos, a seguir, o primeiro procedimento empregado na feitura do verbete.

Coleta dos termos

Os termos descritos neste estudo foram coletados em seis livros didáticos do componente curricular Ciências da Natureza, destinados aos alunos do 6º ano do ensino fundamental, durante a pesquisa de doutorado de Aguiar (2018), razão pela qual não descreveremos o processo de coleta. Entretanto, ressaltamos que os livros utilizados foram propostos pelo PNLD, triênio 2017, 2018, 2019. Assim, os termos foram identificados com o auxílio do programa *Léxico 3*⁷, pois é compatível com os principais sistemas operacionais, por exemplo, o *Windows*, *Mac*, *OSX* e *Linux*. Segundo Aguiar (2018, p. 155):

O objetivo é ofertar ao usuário a possibilidade de armazenar dados, listar as ocorrências de um determinado item lexical, extrair palavras-chave, isolar uma lista de vocábulo selecionado e identificar a concordância e a análise de frequência.

Os livros didáticos da disciplina de Ciências da Natureza, empregados para coletar os termos, foram: *Livro Didático Investigar e Conhecer* - LDIC (2015); *Livro Didático Tempo de Ciências* - LDTC (2015); *Livro Didático de Ciências* - LDC (2015); *Livro Didático Ciências Naturais* - LDCN (2015); *Livro Didático para Viver Juntos* - LDVJ (2015); *Livro Projeto Teláris* - LPT (2015). Dos 160 termos identificados durante a pesquisa de doutorado de Aguiar (2018), 73 termos careciam de verbetes, os quais estão listados no quadro abaixo:

⁷ Este programa também está disponível, gratuitamente, aos pesquisadores interessados em sistematizar banco de dados, de natureza lexicográfica ou terminográfica, no endereço eletrônico <http://lexi-co.com/L3.6Presentation.html>.

Quadro 1: Lista dos termos

1. aeróbio	26. centímetro	51. hepatite
2. aeronave	27. cisticerco	52. hidrotermal
3. agroecossistema	28. cloreto	53. infraestrutura
4. agronegócio	29. decomposição	54. ionosfera
5. agronomia	30. decompositor	55. isótopo
6. ancilostomose	31. dermatite	56. micrômetro
7. antibiótico	32. dermatologia	57. microonda
8. antitetânica	33. dióxido	58. monóxido
9. aquacultura	34. entomologia	59. nematicida
10. arenito	35. epífita	60. ozonosfera
11. arteriosclerose	36. esfalerita	61. paleontologia
12. astrofísica	37. filariose	62. parâmetro
13. astrofísico	38. fotografia	63. parasitismo
14. astronauta	39. fotomontagem	64. poliomielite
15. biocombustível	40. fotosfera	65. quilômetro
16. biodiversidade	41. gemologia	66. sacarose
17. biólogo	42. geocêntrico	67. submarino
18. biomassa	43. geocentrismo	68. termorregulação
19. biopirataria	44. geofísica	69. termorregulador
20. bioquímica	45. geografia	70. tropopausa
21. biotecnologia	46. geógrafo	71. tuberculose
22. calcita	47. geomorfologia	72. ultravioleta
23. calcopirita	48. glicose	73. virose
24. cardiovascular	49. heliocentrismo	
25. cassiterita	50. heliocêntrico	

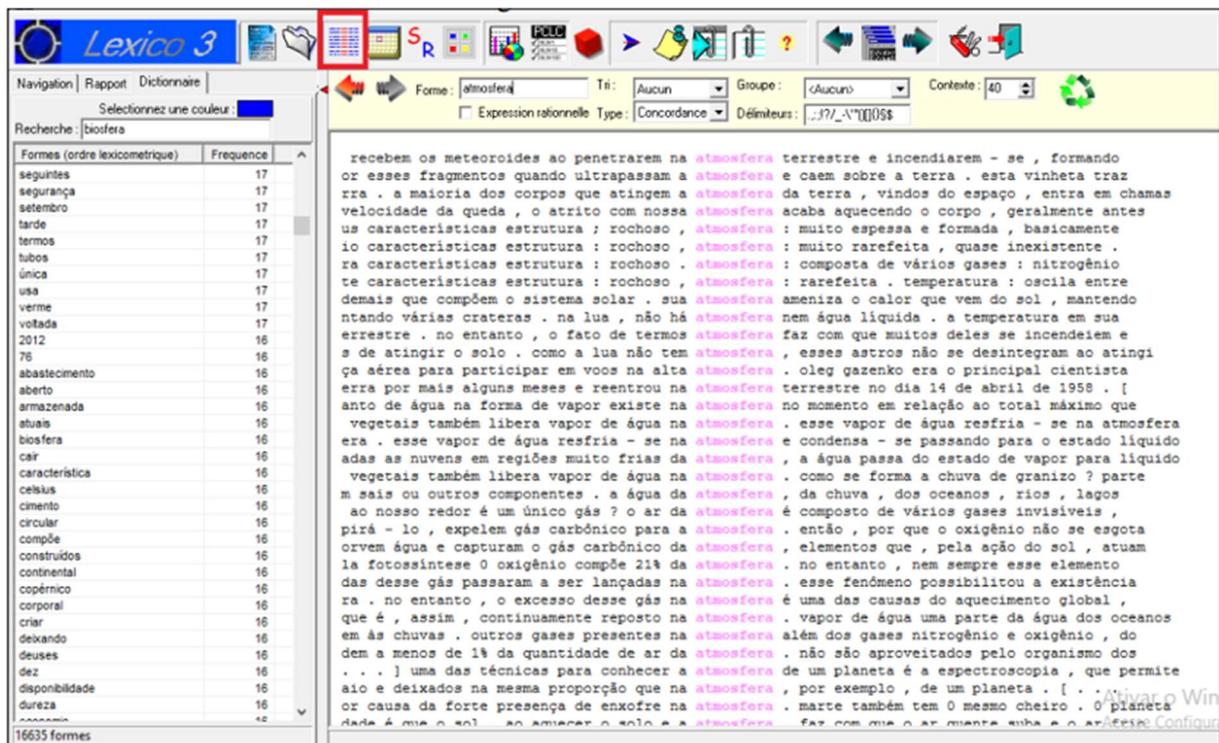
Fonte: Elaborado pelas autoras.

Levantamento dos contextos

Com o apoio da ferramenta *concordance*, disponível no programa *Léxico 3*, identificamos o contexto de ocorrência, item que serve para explicitar o uso situacional do termo. Na Figura 1 apresentamos o processo realizado para o emprego desta

ferramenta, sendo que, primeiramente, clicamos no ícone sinalizado pelo quadrado na cor vermelha e, posteriormente, abrimos uma página em que há uma subferramenta intitulada de *forme*, para digitar os termos e, automaticamente, geram-se os contextos em que são empregados.

Figura 1: Concordance



Fonte: Aguiar (2018, p. 163).

À guisa de exemplo, ilustramos a *concordance* do termo *atmosfera* e enfatizamos que o uso dessa ferramenta serviu para validar se os termos, de fato, pertenciam ao universo conceitual dos domínios especializados. Após essa etapa, passamos à organização dos dados na ficha terminológica.

Organização dos dados na ficha terminológica

Os dados coletados dos termos foram sistematizados de acordo com o modelo de fichas terminológicas indicadas por Faulstich (2010, p. 180-183). Os componentes que estruturam a ficha terminológica são: entrada + categoria gramatical + gênero ±

sinônimo + definição + fonte da definição + o contexto + fonte do contexto ± nota⁸ ± remissiva⁹ (Faulstich, 2010). O sinal + denota campos obrigatórios que serão preenchidos, posto que se trata de elementos fundamentais para a concepção do verbete. O sinal ± aponta que o elemento pode compor ou não a microestrutura, portanto, o preenchimento desses segmentos dos verbetes fica a cargo do terminógrafo, de acordo com o objetivo do glossário.

Quadro 2: Ficha terminológica do termo *arteriosclerose*

FICHA TERMINOLÓGICA	
2	
1. entrada	arteriosclerose
2. categoria gramatical	nome
3. gênero	feminino
4. sinônimo (s)	esclerose de artéria.
5. área	angiologia, geriatria.
6. definição	Doença degenerativa que causa o envelhecimento das artérias e, por consequência, o endurecimento.
7. fonte da definição	LDVJ (2015); DBS (2009).
8. contexto	<i>Uma das consequências da doença arteriosclerose é o aumento das chances de ocorrer hipertensão, derrame e infarto.</i>
9. fonte contexto	LDVJ (2015)
10 remissivas	Esclerose de artéria; doença degenerativa; artéria.
11. autora	SALES; M.K.G.
12. redatora	SALES; M.K.G.
13. data	01/12/2021

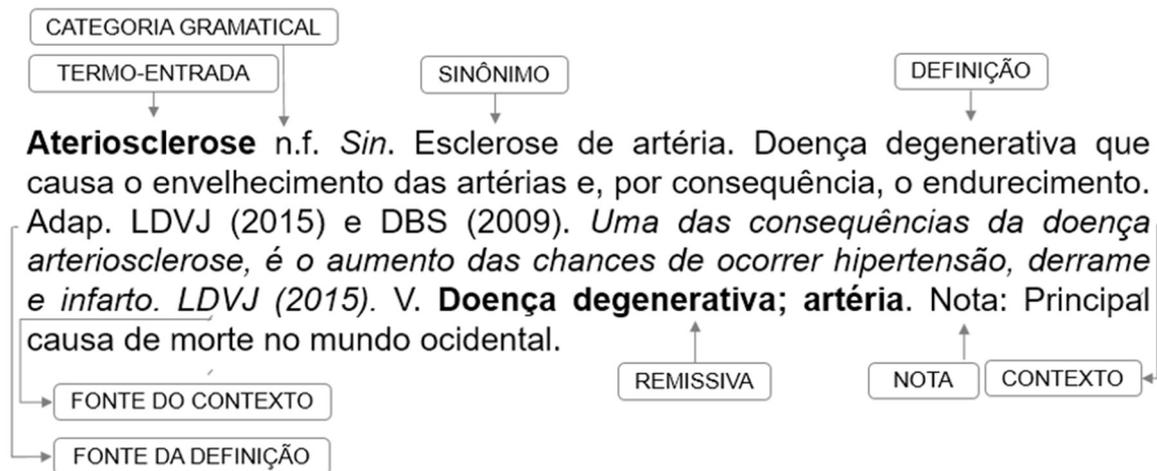
Fonte: Elaborado pelas autoras.

Na Figura 2 subsequente, ilustramos o modelo de verbete, que adotamos na pesquisa.

⁸ Este item somente constará nos verbetes quando houver a necessidade de informações enciclopédicas.

⁹ Nem todos os termos terão remissiva, tendo em vista que o glossário ainda está em elaboração. O que apresentamos neste estudo são resultados de um projeto de Iniciação Científica.

Figura 2: Descrição do verbete

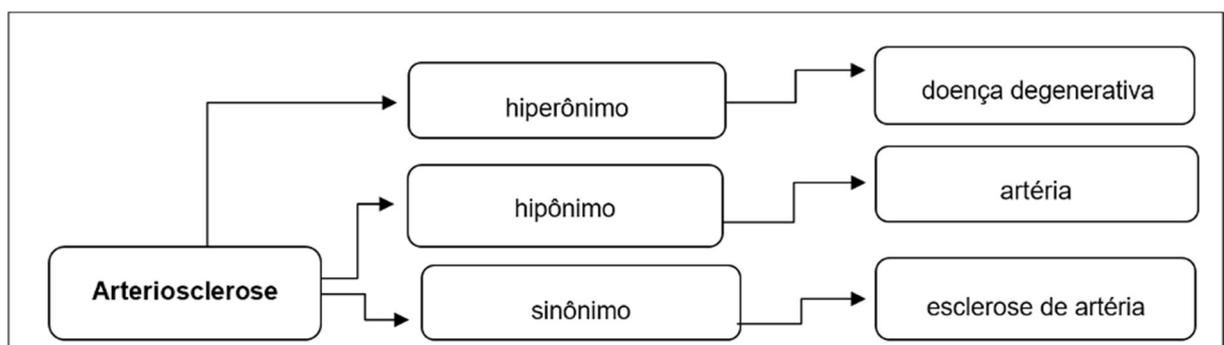


Fonte: Elaborada pelas autoras.

Sistematização das remissivas

As remissivas possibilitam ao consulente transitar entre as definições relacionadas. No glossário, em elaboração, as remissivas estão organizadas da seguinte forma: (i) relação semântica por hiperonímia e por hiponímia, que será indicada pela letra v. de ver; e (ii) sinônimo, que será indicada por *Sin.* Na Figura 3, exemplificamos as remissivas de *arteriosclerose*.

Figura 3: Remissivas de *Arteriosclerose*



Fonte: Elaborada pelas autoras.

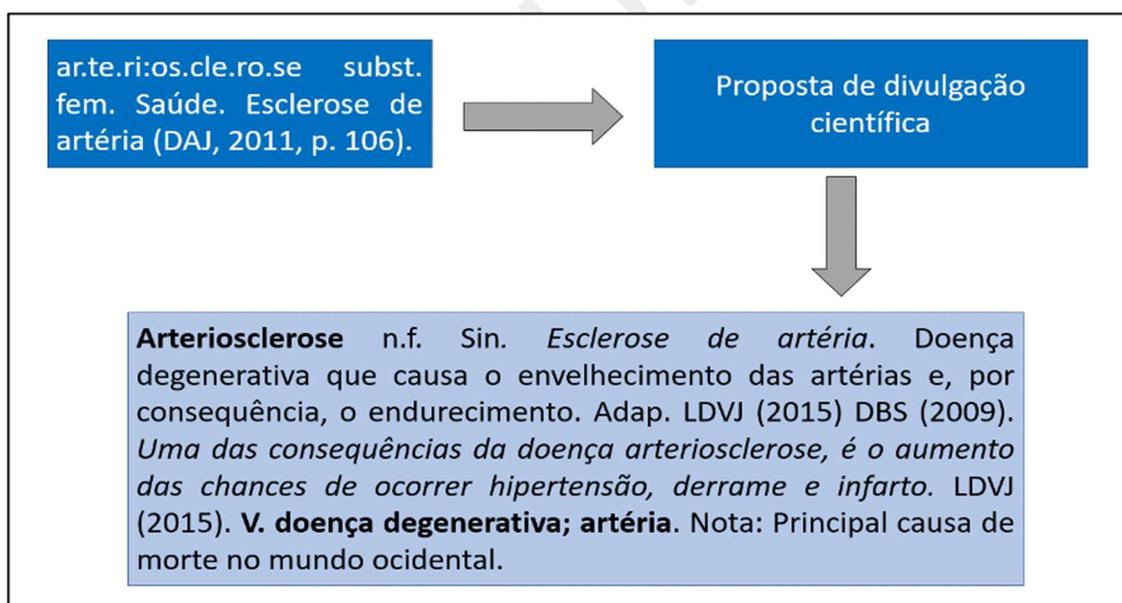
A Figura 3 ilustra que o hiperônimo de *arteriosclerose* é *doença degenerativa*, o hipônimo é *artéria* e o sinônimo é *esclerose de artéria*. Além da sistematização das

remissivas, outro procedimento adotado para a elaboração do verbete foi a divulgação científica.

Aplicação dos parâmetros da divulgação científica às definições

Após a coleta dos termos, selecionamos as definições do *Dicionário Aurélio Júnior* - DAJ, obra lexicográfica destinada aos alunos do 6º ao 9º ano, a fim de verificarmos o conceito descrito na obra, com o intento de estabelecermos parâmetros para elaborar os verbetes. Em vista de grande parte das definições do DAJ não atenderem aos critérios de definição terminológica, partimos dessa problemática para o processo de reelaboração do discurso da definição. Para isso, empregamos a divulgação científica, recurso metalinguístico que serve para escrever o texto definitório de forma mais didática para o público-alvo. Na Figura 4, expomos a aplicação da divulgação científica ao verbete *arteriosclerose*.

Figura 4: Divulgação científica



Fonte: Elaborada pelas autoras.

A Figura 4 ilustra o processo de aplicação da divulgação científica. Vejamos que, no exemplo de *arteriosclerose*, o conceito do DAJ se limita a informar que *arteriosclerose* significa *esclerose de artéria*, ou seja, o sinônimo do termo-entrada. A

definição do DAJ, a nosso ver, está em desacordo com as particularidades linguísticas dos leitores pretendidos, por não descrever o conceito da cabeça do verbete. Além disso, como o dicionário não descreve unidades terminológicas complexas, não há indicação de remissiva para o leitor pesquisar o que significa *esclerose de artéria*.

Ao analisar a proposta de divulgação científica adotada na definição do verbete para compor o *Glossário Escolar de Ciências da Natureza dos Anos Finais do Ensino Fundamental*, verificamos que o texto resulta de uma combinação matemática, qual seja, hiperônimo, que descreve o que é a *arteriosclerose*, a causa e a consequência da doença. A junção desses elementos favorece a escrita de uma definição com uma linguagem simples, clara e objetiva, com o propósito de beneficiar a compreensão do conceito. É importante ter em mente que: “O conhecimento da ciência é representado e transferido por meio de palavras que têm um significado especializado, preciso e conciso. O acesso ao conhecimento especializado permite o uso adequado da terminologia” (Estopà, 2013, p. 199, tradução de Faulstich).¹⁰

Além da adequação linguística da definição ao público-alvo, a seleção dos contextos deve ser apropriada ao universo dos estudantes do 6º ao 9º ano, por isso, utilizamos os livros didáticos de Ciências da Natureza para recolher esse elemento do verbete. Procuramos escolher os contextos que acrescentassem mais informações terminológicas ao texto definitório, por exemplo, no excerto, “uma das consequências da doença arteriosclerose é o aumento das chances de ocorrer hipertensão, derrame e infarto”, além de demonstrar o uso do termo, também apresenta quais são as doenças que podem ocorrer em decorrência da *arteriosclerose*.

Ademais, as remissivas *doença degenerativa* e *artéria* poderão complementar o conceito, uma vez que, quando o glossário estiver finalizado, o leitor poderá transitar entre as entradas, por meio de *hiperlinks*. Por fim, destacamos a nota como elemento que também pode descrever dados, com a finalidade de ampliar o conceito do termo-entrada. No verbete da Figura 2, a nota evidencia que a *arteriosclerose* é a “principal causa de morte no mundo ocidental”.

¹⁰ “El coneixement de la ciència es representa i es transfereix a través de paraules que tenen un significat especialitzat, precís i concís. L'accés al coneixement especialitzat permet l'ús adequat de la terminologia” (ESTOPÀ, 2013, p. 199).

Destacamos, pelo exposto, a importância de elaborar a definição, com unidades lexicais mais próximas do vocabulário dos estudantes e de escolher um material didático empregado pelo público-alvo para a seleção do contexto. Além disso, empregar remissivas para o leitor consultar outros conceitos presentes no termo-entrada, a partir do hiperônimo, do hipônimo e do sinônimo, bem como da nota são procedimentos que auxiliam no processo de aplicação da divulgação científica. As remissivas, portanto, têm o propósito de tornar a obra mais acessível e, por consequência, propagar o conhecimento científico e técnico para o público escolar.

Resultados/discussão

Considerando os procedimentos adotados da Terminologia e Terminografia, bem como os princípios básicos da divulgação científica, listamos, a seguir, 37 verbetes que compõem o *Glossário Escolar de Ciências da Natureza para estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental*, em elaboração.

aeróbio n.m. *Sin. aerófilo.* Ser vivo, que vive na terra e na água, e precisa de oxigênio para sobreviver. Adapt. LDPT (2015). *Os seres que vivem no ambiente terrestre tiram esse gás do ar. Já a maioria dos animais aquáticos aeróbios possuem pulmões e têm de subir à tona para respirar e absorver o gás oxigênio do ar.* LDPT (2015). **V. oxigênio.**

ancilostomose n.f. *Sin. amarelão.* Doença, que afeta o homem e os animais, e é causada por parasitas intestinais, encontrados no solo. Adapt. LDIC (2015). *Ancilostomose é uma das doenças mais comuns causadas por parasitas encontrados no solo.* LDVJ (2015). **V. parasitas intestinais; solo.**

arenito n.m. Rocha sedimentar, formada por grãos de quartzo, que se encontra no fundo do mar e é usada para pisos. Adapt. LDPT (2015). *Um exemplo bastante comum de rocha sedimentar é o arenito, rocha formada por grãos de areia compactados.* LDIC (2015). **V. quartzo.**

arteriosclerose n.f. *Sin. Esclerose de artéria.* Doença degenerativa, que causa o envelhecimento das artérias e, por consequência, o endurecimento. Adapt. LDVJ (2015) e DBS (2009). *Uma das consequências da doença arteriosclerose*

é o aumento das chances de ocorrer hipertensão, derrame e infarto. LDVJ (2015). Nota: Principal causa de morte no mundo ocidental. **V. doença degenerativa; artéria.**

atmosfera n.f. Região da biosfera que contém oxigênio e nitrogênio. Adapt. LDVC (2015). A camada de ar que envolve a superfície da Terra é chamada atmosfera. LDIC (2015). Nota: A camada de ar da atmosfera serve para a respiração dos animais e das plantas, proteção contra os raios solares e manutenção da temperatura da Terra. **V. biosfera; oxigênio; nitrogênio.**

átomo n.m. Partícula minúscula indivisível que constitui toda matéria existente na natureza. Adapt. LDTC (2015). *Uma gota do elemento químico mercúrio pode ser dividida em gotas cada vez menores, e cada uma delas conserva as propriedades do mercúrio. A menor partícula de um elemento que ainda conserva suas propriedades é o átomo.* LDCC (2018). Nota: Um átomo isolado não pode ser visto nem com a utilização de ultramicroscópio. **V. matéria.**

bactéria n.f. Organismo pequeno que pode causar danos à saúde. Adapt. LDVJ (2015) e LDIC (2015). *Bactérias também são seres vivos não considerados animais nem plantas. As várias espécies desses organismos microscópicos são encontradas em praticamente todos os ambientes nos quais existe vida.* LDCN (2015). Nota: A bactéria só pode ser vista com o auxílio do microscópio. LDCN (2015).

biodiversidade n.f. *Sin. diversidade.* Variedade de seres vivos que habitam a biosfera. Adapt. LDPT (2015). *Biodiversidade é a variedade de seres vivos que habitam em determinado lugar, ou mesmo no planeta como um todo.* LDPT (2015). **V. biosfera.**

biosfera n.f. *Sin. ecosfera.* Conjunto dos ecossistemas formado pela hidrosfera, atmosfera e litosfera onde habitam os seres vivos. Adapt. LDVJ (2015). *Biosfera (de bíos, “vida”, e sphaíra, “esfera”): é formada por todos os seres vivos e pelos ambientes terrestres, aquáticos ou aéreos nos quais existe vida.* LDVJ (2015). **V. ecossistema; hidrosfera; atmosfera; litosfera.**

decomposição n.f. *Sin. putrefação.* Processo realizado por decompositores que promovem a degradação da matéria orgânica, absorvendo os açúcares, gorduras e as proteínas, a fim de devolver ao solo em forma de sais minerais e

outros nutrientes. Adapt. LDPT (2015). *A decomposição realizada por bactérias e fungos torna o solo rico em húmus, fonte de nutrientes para os seres vivos.*

LDC (2015). **V. decompositor; matéria orgânica; açúcar; gordura; proteína.**

decompositor n.m. Organismo, conhecido como bactérias e fungos, que se alimenta de matéria orgânica, e serve para fazer o processo de decomposição.

Adapt. LDVJ (2015). *A ação dos decompositores sobre os restos de organismos vivos e mortos produz o húmus, material orgânico de cor escura que aumenta a fertilidade do solo.*

LDC (2015). **V. bactérias; fungos; matéria orgânica; decomposição.**

doença infecciosa [n. + adj.]. Alteração biológica proveniente da invasão ou multiplicação de um vírus ou bactéria no organismo humano. Adapt. LDVJ

(2015). *Muito vírus e bactérias são transmitidos de uma pessoa a outra por meio de gotículas de saliva e secreções do nariz que ficam em suspensão no ar quando falamos e espirramos.*

LDVJ (2015). **V. vírus; bactéria.**

ecossistema n.m. *Sin. biosistema; biogenocenose.* Conjunto de relações formadas entre vegetais, animais e ambiente, que incluem os fatores da geologia, da atmosfera, da meteorologia e da biologia. Adapt. LDPT (2015).

Todos os seres vivos e a parte não viva de um ambiente formam um ecossistema. LDPT (2015). **V. geologia; atmosfera; meteorologia; biologia.**

estratosfera n.f. Camada da atmosfera localizada entre a troposfera e a mesosfera que serve para proteger os seres vivos da radiação solar. Adapt. LDIC

(2015). *A camada de ozônio provoca aumento de temperatura na estratosfera, que pode ultrapassar a temperatura da superfície da litosfera.* LDIC (2015). Nota:

A estratosfera contém gás ozônio que forma a camada de ozônio. **V. atmosfera; troposfera; mesosfera.**

estratosfera n.f. Camada da atmosfera localizada entre a troposfera e a mesosfera que serve para proteger os seres vivos da radiação solar. Adapt. LDIC

(2015). *A camada de ozônio provoca aumento de temperatura na estratosfera, que pode ultrapassar a temperatura da superfície da litosfera.* LDIC (2015). Nota:

A estratosfera contém gás ozônio que forma a camada de ozônio. **V. atmosfera; troposfera; mesosfera.**

gema n.f. Pedra preciosa constituída de forma natural. Adapt. LDIC (2015). *Cristais tanto podem ser formados por minerais quanto por substâncias orgânicas. Assim, por exemplo, podemos obter cristais bem desenvolvidos de açúcar. Elas são consideradas pedras preciosas ou gemas. Uma dessas pedras é o diamante, que mostra seu brilho máximo somente depois de lapidado.* LDIC (2015). Nota: Pode ser um mineral, pedra, rocha ou material petrificado que ao ser lapidado torna-se precioso, mas também pode ser uma substância sólida com cristais definidos.

geocêntrico n.m. *Sin. geocentrismo.* A terra como centro do universo, utilizada como ponto de referência para um sistema ou construção matemática. Adapt. LDC (2015). *Trata-se da teoria do universo geocêntrico, ou seja, a terra como centro do universo (geo, do grego gê, significa "terra").* LDC (2015).

heliocêntrico n.m. *Sin. heliocentrismo.* Teoria em que o sol está no centro e os outros planetas, ao redor, do sistema solar. Adapt. LDTC (2015). *Os estudos relativos ao modelo heliocêntrico ou heliocentrismo e o conhecimento sobre o lugar ocupado pelo sol e pela terra no universo foram ampliados.* LDTC (2015).

hidrosfera n.f. *Sin. talassosfera.* Região da biosfera formada pelas águas dos oceanos, mares, rios, nuvens e geleiras e das águas abaixo do solo. Adapt. LDIC (2015). O conjunto de toda a água presente na Terra é chamada hidrosfera. LDIC (2015). **V. biosfera.**

ionosfera n.f. Camada da atmosfera, contendo grande quantidade de íons e temperatura elevada, localizada entre 90 km e 500 km de altitude. Adapt. LDTC (2015) e LDC (2015). *As ondas de rádio são refletidas na ionosfera e podem, então, ser recebidas por aparelhos de rádio a grandes distâncias das estações transmissoras.* LDPT (2015). **V. atmosfera.**

íons n.m. Átomos que podem ganhar ou perder carga elétrica. Adapt. LDIC (2015). *Se não houvesse a presença desses íons, as ondas de rádio, transmitidas pelas antenas seriam perdidas para o espaço cósmico e não seriam refletidas novamente para a superfície terrestre.* LDIC (2015). Nota: Os átomos normais apresentam um equilíbrio de cargas elétricas, mas, às vezes, podem ganhar elétrons e se tornar íons com carga positiva ou perder elétrons e se tornar

íons com carga negativa. Os íons positivos são chamados de cátions, e os negativos são chamados de ânions. LDIC (2015). **V. átomo.**

isótopo n.m. *Sin. nuclídeos.* Átomos de um mesmo elemento químico, com massas diferentes. Adapt. LDC (2015). *Pesquisadores acreditam que podem obter informações sobre a atmosfera terrestre de 2 bilhões de anos atrás por meio da análise dos isótopos.* LDC (2015).

litosfera n.f. *Sin. orosfera.* Região da biosfera, que é formada pela superfície terrestre, contém minerais, gases e petróleo e serve para o desenvolvimento dos ecossistemas. Adapt. LDIC (2015). A crosta terrestre e a porção do manto que fica logo abaixo dela formam uma camada de rochas sólidas chamada litosfera, que significa “esfera de pedra”. LDIC (2015). **V. biosfera; ecossistema.**

matéria orgânica n.f. Toda substância oriunda de resíduos vegetais e animais em decomposição que pode ser transformada em nutrientes para o solo. Adapt. LDIC (2015). *Restos de alimentos e de seres vivos, que são considerados matéria orgânica, podem ser utilizados para a produção de adubos.* LDTC (2015).

oxigênio n.m. Gás sem cor e sem cheiro que serve para o desenvolvimento dos seres vivos. Adapt. LDTC (2015). *Oxigênio, por exemplo, significa formador de ácidos.* LDIC (2015).

ozônio n.m. Gás que filtra e retém os raios ultravioletas. Adapt. LDIC (2015). *O ozônio é um gás cuja molécula é composta de três átomos de oxigênio, enquanto a molécula do gás oxigênio que respiramos é formada por dois átomos de oxigênio.* LDTC (2015).

ozonofera n.f. *Sin.* Camada de ozônio. Camada da atmosfera, localizada na camada da estratosfera e entre a Linha do Equador, com alta concentração de ozônio, é responsável por reter grande parte da radiação ultravioleta, proveniente do sol. Adapt. LDC (2015). *A ozonofera recebe esse nome por causa da sua composição química e não pela variação vertical da temperatura.* LDC (2015). **V. atmosfera; estratosfera.**

parasita n.m. Organismo que depende de um hospedeiro para a sua reprodução e sobrevivência. Adapt. LDTC (2015). *Alguns parasitas têm a habilidade de entrar diretamente pela pele de um ser humano - por exemplo, atravessando a*

sola de um pé descalço - ou por um ferimento em contato com o solo. Os parasitas geralmente colocam ovos dentro do corpo humano, que são eliminados com as fezes. LDTC (2015). **V. hospedeiro.**

parasitismo n.m. Relação entre duas espécies em que o parasita se instala no corpo do hospedeiro, para extrair alimentos. Adapt. LDPT (2015). *No parasitismo há sempre benefício para o parasita e prejuízo para o hospedeiro.* LDPT (2015).

V. parasita; hospedeiro.

quartzo n.m. Tipo de mineral de coloração branca ou transparente utilizado na produção de vidros, pedras de amolar, lixas e também na fabricação de materiais com propriedades isolantes de calor. Adapt. LDVJ (2015). *Quartzo apresenta cor branca ou transparente, mas frequentemente suas cores variam devido à presença de impurezas. É usado como matéria-prima para a produção de vidros, abrasivos (pedras de amolar e lixas) e refratários (isolantes de calor)* LDVJ (2015). Nota: Por causa da presença de impurezas em sua estrutura, o quartzo pode apresentar uma diversidade de cores.

radiação ultravioleta [n. + adj.]. Emissão de energia solar ocorrida em diferentes velocidades e frequências, que é absorvida parcialmente pelo ozônio. Adapt. LDC (2015). *Essa radiação penetra profundamente na pele e pode provocar diversas alterações, como o bronzeamento e o surgimento de pintas, sardas, manchas, rugas e outros problemas.* LDTC (2015). **V. energia solar; velocidade; frequência; ozônio.**

termorregulação n.f. Capacidade que um organismo tem para manter a temperatura corporal, dentro de limites compatíveis com a vida. Adapt. LDTC (2015). *Um dos mecanismos de termorregulação térmica dos seres humanos e de alguns mamíferos é a transpiração.* LDTC (2015).

tropopausa n.f. Camada da atmosfera, com pouca ou nenhuma variação de temperatura, localizada no limite entre a troposfera e a estratosfera. Adapt. LDC (2015). *Em altitudes mais elevadas, o ar pode apresentar temperaturas muito baixas, de modo geral, na troposfera e em parte da tropopausa.* LDVJ (2015). **V. atmosfera; troposfera; estratosfera.**

troposfera n.f. Camada da atmosfera que apresenta variação na mudança do tempo e faz limite com a superfície da Terra onde se encontram todos seres

vivos. Adapt. LDIC (2015). É na troposfera que ocorrem os fenômenos atmosféricos que determinam as condições do tempo, como a formação de nuvens, de chuva e de neve. LDIC (2015). Nota: A troposfera fica localizada até 10 km da superfície da terra. **V. atmosfera.**

tuberculose n.f. Doença infecciosa que provoca febre, perda de peso, cansaço e outros sintomas e atinge os pulmões, é transmitida por gotículas eliminadas no ar, geralmente pela tosse. Adapt. LDPT (2015) e LDVJ (2015). *Pessoas com tuberculose geralmente apresentam tosse duradoura, febre, suor noturno abundante e dores no peito.* LDVJ (2015).

virose n.f. Doença transmitida por vírus que causa sintomas como coriza, dor de garganta, tosse, espirro, febre e dores no corpo. Adapt. LDPT (2015). *Sarampo, catapora e rubéola também são viroses transmitidas pelo ar.* LDPT (2015).

vírus n.m. Organismo infeccioso pequeno, causador de infecção, que se replica quando entra em contato com uma célula viva. Adapt. LDPT (2015). *O resfriado é provocado por outros tipos de vírus, diferentes dos que causam a gripe, e não costumam deixar a pessoa muito fraca.* LDPT (2015).

Os verbetes aqui apresentados ilustram a aplicação dos procedimentos metodológicos adotados na elaboração de verbetes, redigidos para compor o *Glossário Escolar de Ciências da Natureza para estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental*. Aplicamos as técnicas propostas pelos pesquisadores que compõem a base teórica deste artigo, com a finalidade de criar uma proposta de microestrutura adequada para a redação de verbetes e também ao tipo de público-alvo selecionado. Pelo exposto, entendemos que o maior desafio se concentra na escrita da definição, elemento responsável por descrever o significado dos termos, pois, para cada termo, por exemplo, precisamos eleger um hiperônimo que seja capaz de remeter ao conceito do termo, além de utilizar frases curtas, objetivas e claras.

Considerações Finais

O estudo indica que a criação de verbetes para a composição de obras terminográficas de natureza escolar deve seguir não somente critérios terminográficos,

mas também critérios linguísticos que auxiliem na compreensão do termo. Com referência aos primeiros critérios, mencionamos o programa *Lexico 3*, que serviu tanto para coletarmos os termos quanto para selecionarmos os contextos. Utilizar esse programa no desenvolvimento da pesquisa terminográfica, conforme já afirmamos, garante confiabilidade à coleta dos dados. Cumpre lembrar que, apesar de não ser o propósito do estudo, o programa expõe resultados quantitativos e estatísticos que, possivelmente, em outros momentos poderão auxiliar na sistematização dos dados.

Além do programa *Lexico 3*, empregamos a remissiva, outro critério terminográfico, que serve para criar uma rede hipertextual entre os conceitos. Esse item do verbete serve para o leitor transitar entre os conceitos, além de servir para o consulente preencher a ausência de informação, caso o conteúdo da microestrutura consultada seja insuficiente para sanar a necessidade do leitor. Assim, o consulente pode buscar mais informações nas remissivas que, no caso do modelo de verbete adotado, ocorre por meio das relações semânticas de hiperonímia, hiponímia e sinonímia.

Nesse sentido, cremos que essas relações são essenciais para complementar os termos, por serem imprescindíveis para facilitar a compreensão dos conceitos, se considerarmos, principalmente, o público-alvo da obra, que são estudantes dos anos finais do ensino fundamental. A nosso ver, é um meio de criação de possibilidades de aprendizagem, pois, à medida que o leitor consultar um verbete, poderá também transitar em outros, resultando, dessa forma, em um glossário interativo.

Por fim, citamos a divulgação científica, critério linguístico adotado na elaboração dos verbetes. A linguagem empregada no verbete precisa estar de acordo com as particularidades linguísticas do público-alvo, visto que os domínios de especialidades contêm conceitos distantes do universo linguístico dos leigos. Logo, com o fim de atenuar essa problemática, adotamos os princípios da divulgação científica, porque, para elaborar verbetes é preciso estar atento à circulação da obra. Embora o estudo do vocabulário especializado ocorra de maneira gradativa, é preciso redimensionar os conceitos, para que haja acessibilidade à linguagem de especialidade nos anos finais do ensino fundamental, razão pela qual estamos elaborando um produto terminográfico para auxiliar o estudante na ampliação da competência do conhecimento científico e técnico.

O resultado da adoção desses procedimentos na elaboração dos verbetes demonstrou que o produto em construção, ainda que sofra a inserção de outros

critérios, poderá beneficiar os estudantes que apresentarem interesse em ampliar a competência de ler gêneros textuais do campo das ciências, como o glossário. Ademais, os verbetes aqui apresentados poderão auxiliar os estudantes que leem textos como artigos científicos, relatórios, esquemas, infográficos, bem como para a resolução de exercícios dirigidos, organização de seminários e *podcasts*, por exemplo. Considerando esses objetivos, divulgamos este estudo que tem relevância teórico-metodológica de base científica e técnica, conforme a Terminografia e a Terminologia.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Rebeka da Silva. *Glossário sistêmico como material didático: descrição de termos formados por elementos eruditos*. Tese de doutorado. Brasília, 2018. 252p.
- ARAÚJO, Mariângela; SOUZA, Paulo Henrique. Uma contribuição dos estudiosos da linguagem ao ensino de Ciências: elaborando um dicionário terminológico das Ciências Naturais. *Atas do VII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências - I Congresso Iberoamericano de Investigación en Enseñanza de las Ciencias*, Campinas: ENPEC, 2011, p. 1-11.
- ARAÚJO, Mariângela. Terminologia, crianças e professores: as Ciências Naturais no ensino fundamental I. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (Orgs.). *As ciências do léxico. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. v. 6. Campo Grande: Editora UFMS, 2012, p. 477-487.
- ARAÚJO, Mariângela; SOUZA, Paulo Henrique. Utilização de *corpus*, contextos definitórios e conceitos: alguns desafios para os terminólogos. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; DAL CORNO, Giselle Olivia Mantovani. (Orgs.). *As ciências do léxico. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. v. 7. Campo Grande: Editora da UFMS, 2014, p. 425-438.
- ARAÚJO, Mariângela. Terminologia, conceitos e crianças: revisitando os estudos de Vigotski. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ABBADE, Celina Márcia de Souza. (Orgs.). *As ciências do léxico. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. v. 9. Campo Grande: Editora da UFMS, 2020, p. 370-381.
- CABRÉ, Maria Teresa. *La terminologia: teoria, metodologia, aplicaciones*. Barcelona: Editorial Antártida/Empúries, 1993.
- ESTOPÀ, Rosa Bagot; CORNUDELLA, Miquel Gaya. *El club lexic y el microscópio, plataformas em línea para construir diccionarios científicos colaborativos en un proyecto universidad-escuela*. Girona: Univest, 2013.
- ESTOPÀ, Rosa Bagot. Tradução de Tiele Kowarlevski. Construir para desconstruir e voltar a construir: elaboração colaborativa de um dicionário escolar de ciências. *Cadernos de Tradução*. Porto Alegre, n. 43, jul/dez, p. 87-112, 2018.

- FAULSTICH, Enilde. Redes de remissões em um glossário técnico. In: MACIEL, A. M. B. *Cadernos do IL*. Porto Alegre: UFRGS, 1993.
- FAULSTICH, Enilde. *Base metodológica para pesquisa em socioterminologia: termo e variação*. Universidade de Brasília. Brasília, 1995.
- FAULSTICH, Enilde. A Socioterminologia na comunicação científica e técnica. *Ciência e Cultura*, v. 58, n. 2, 2006.
- FAULSTICH, Enilde. Para gostar de ler um dicionário. In: *Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística: entrelaçando saberes e vidas – homenagem a Socorro Aragão*, São Luís: Edufma, 2010.
- FAULSTICH, Enilde. A Terminologia da criança na conversa do dia a dia. In: *Terminologia: uma ciência interdisciplinar*. MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo; NADIN, Odair Luiz. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.
- KRIEGER, Maria da Graça. Políticas públicas e dicionários para escola: o programa nacional do livro didático e seu impacto sobre a lexicografia didática. *Cadernos de Tradução*. v. 2, n. 18, Florianópolis, 2006.
- PONTES, Antônio Luciano. *Terminologia Científica: o que é e como se faz*. Revista de Letras v. 19, nº 1/2, jan/dez, 1997.
- ZAMBONI, Lilian Márcia Simões. *Cientistas, jornalistas e a divulgação científica: subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica*. Campinas: Autores associados, 2001.

Análise das entradas lexicográficas da área de Turismo: para um modelo de verbete

Análisis de entradas lexicográficas en el área de Turismo: para un modelo de artículo

Submetido em: 03/08/2023

Aceito em: 09/11/2023

Melissa de Souza Veras¹

Glauber Lima Moreira²

Resumo: A presente investigação busca através da contribuição dos estudos da Lexicografia e Terminologia para o ensino de línguas estrangeiras, analisar verbetes da área do turismo no dicionário Señas (2010) para saber se há neles informações enciclopédicas e culturais e, com isso, elaborar um protótipo de microestrutura lexicográfica com os termos da área do turismo em espanhol, contemplando informações enciclopédicas e culturais. Para a realização do estudo, seguimos os passos metodológicos para o levantamento dos dados, a saber: I) coleta de textos do turismo; II) seleção dos termos da área do turismo nas subáreas de hotelaria e gastronomia; III) confirmação da presença dos termos selecionados no Dicionário para o Ensino da Língua Espanhola para Brasileiros (Señas, 2010); IV) análise lexicográfica dos verbetes selecionados; e finalmente, V) organização do modelo de microestrutura do dicionário de aprendizagem de ELE para estudantes brasileiros no Turismo. A partir da análise levantada das definições e dos exemplos de uso dos quatro (4) termos selecionados das áreas de gastronomia e hotelaria, constatamos que os paradigmas analisados ainda carecem de informações enciclopédicas e culturais. Os termos dos dois setores já mencionados apresentam diversos aspectos históricos e culturais, extralinguísticos, que poderiam ser inseridos na microestrutura do dicionário Señas (2010).

Palavras-chave: dicionários; ELE; turismo.

Resumen: La presente investigación busca, a través del aporte de los estudios de Lexicografía y Terminología para la enseñanza de lenguas extranjeras, analizar las entradas del área de turismo en el diccionario de Señas (2010) para saber si contienen información enciclopédica y cultural y, con que, elaborar un prototipo de microestructura lexicográfica con los términos del área de turismo en español, contemplando información enciclopédica y cultural. Para llevar a cabo el estudio, se siguieron los pasos metodológicos para la recolección de datos, a saber: I) recolección de textos de turismo; II) selección de términos turísticos en las subáreas de hotelaría y gastronomía; III) confirmación de la presencia de los términos seleccionados en el Diccionario de Enseñanza de la Lengua Española para Brasileños (Señas, 2010); IV) análisis lexicográfico de las entradas seleccionadas; y finalmente, V) organización del modelo de microestructura del diccionario de aprendizaje ELE para estudiantes brasileños en Turismo. Con base en el análisis de las definiciones y ejemplos de uso de los cuatro (4) términos seleccionados de las áreas de gastronomía y hotelaría, encontramos que los paradigmas analizados aún carecen de información enciclopédica y cultural. Los términos de los dos sectores ya mencionados, presentan varios aspectos históricos y culturales, extralingüísticos, que podrían insertarse en la microestructura del diccionario Señas (2010).

Palabras clave: diccionarios; ELE; turismo.

¹ Bacharel em Turismo pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7339943243821682>. E-mail: melissavegana@hotmail.com

² Doutor em Traducción y Ciencias del Lenguaje pela Universitat Pompeu Fabra (UPF). Professor do Curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal do Piauí. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8407730088828832>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-5822-4010>. E-mail: glauberlimamoreira@hotmail.com

Introdução

O uso do dicionário, dentro da sala de aula, tem se tornado recorrente (Moreno, 2018), já que se trata de uma obra capaz de auxiliar o leitor nas suas diversas tarefas, tais como: compreender melhor um texto; localizar informações sócio pragmáticas através dos termos regionais, das frases feitas etc.; nele o consulente encontrará explicações semântico-pragmáticas que poderão auxiliar em atividades de produção escrita (De Grandi, 2014), dentre outras possibilidades para o aprendizado de uma língua estrangeira (LE).

Tendo em vista a importância do uso do léxico nas mais variadas situações cotidianas, sobretudo, no âmbito educacional, alguns autores como Sanmartín Saéz (2017), Zavaglia e Nadin (2019), caracterizam o dicionário como uma ferramenta útil e eficaz para o estudante, nativo e estrangeiro, e, inclusive, todo e qualquer consulente, pois a referida obra lexicográfica é capaz de promover ao seu leitor e consulente o acesso aos conhecimentos sintáticos, semânticos, lexicais e conteúdos sociopragmáticos, também conhecidos como conteúdos culturais e/ou enciclopédicos (Moreira, 2018).

Nesse sentido, a presente investigação busca através da contribuição dos estudos da Lexicografia e da Terminologia para o ensino de línguas estrangeiras, analisar verbetes da área do turismo no dicionário Señas (2010) para saber se há neles informações enciclopédicas e culturais e, com isso, elaborar um protótipo de microestrutura lexicográfica com os termos da área do turismo em espanhol, contemplando informações enciclopédicas e culturais.

O léxico no ensino de uma língua estrangeira

O léxico e a sua importância para o ensino de línguas, maternas ou estrangeiras, têm instigado o interesse das mais variadas ciências do léxico (Coura-Sobrinho, 2012), dentre elas, a Lexicografia e a Terminologia, das quais abordaremos mais adiante.

Conforme já mencionado anteriormente, embora o conceito de léxico possa variar de acordo com o enfoque teórico e epistemológico adotado (Krieger, 2006), diversos autores possuem significativas contribuições acerca dessa questão. A autora

Biderman (2001) conceitua o léxico como um processo de nomeação e de cognição com a realidade. Ou seja, através da nomeação de seres, objetos e ações, o homem os classifica através da cristalização de suas experiências em signos linguísticos: as palavras (idem).

Genouvrier e Peytard (1974) pontuam que “conhecer, além das regras de gramática, o maior número possível de palavras, permite falar bem” (p. 277), ou seja, concede ao locutor uma melhor comunicação. Os autores ainda distinguem os conceitos entre vocabulário e léxico, definindo o primeiro como o conjunto de palavras efetivamente utilizadas pelo locutor em um momento específico de sua fala, enquanto o último é definido por ser o conjunto de todas as palavras conhecidas pelo locutor, que podem eventualmente vir a ser empregadas.

Portanto, o léxico individual do falante possui um repertório maior do que o vocabulário utilizado em um determinado momento de sua fala. Já o léxico geral se caracteriza pelo conjunto de todas as palavras à disposição do locutor em uma determinada época (Genouvrier; Peytard, 1974), ou seja, todas as palavras existentes em um determinado idioma.

Tendo a compreensão do léxico enquanto um sistema aberto e em constante expansão, que não se cristaliza, pois encontra-se em transformação permanente (Biderman, 2001), podemos afirmar que tal qual a idéia de galáxia, onde existem universos de limites indefinidos, “Os campos lexicais não têm limites e precisamos limitar essa lista interminável de palavras que não fazem sentido no ensino” (Gelabert; Bueso; Benitez, 2002, p. 53), ou seja, é necessário delimitar o campo lexical no contexto do aprendiz, a fim de que o ensino de uma LE contemple ambas: a cultura do país estrangeiro e também a cultura do aluno.

Ensinar o léxico implica em resgatar a cultura e os costumes de uma determinada sociedade. As pesquisadoras Isquerdo e Krieger (2004, p. 11) apontam que o “léxico como repertório de palavras das línguas naturais traduz o pensamento das diferentes sociedades no discurso da escola, razão por que estudar o léxico implicatambém resgatar a cultura”. Portanto, fica clara a importância do estudo do léxico para o ensino/aprendizado de uma língua, seja ela materna ou estrangeira, tendo em vista que através desse estudo o aprendiz consegue absorver os mais diversos aspectos culturais que permeiam determinada sociedade, sendo capaz de compreender seus costumes

linguísticos e, por conseguinte, comunicar-se de maneira mais adequada e eficiente (Isquerdo; Krieger, 2004).

Lexicografia e ensino de línguas

A Lexicografia é descrita por diversos autores (Biderman, 1984; Borba, 2003, Landau, 1984) como uma ciência, prática, inclusive, a arte de elaborar dicionários. Ou seja, o lexicógrafo é quem produz um dicionário (Welker, 2004). Cabe aqui recordar que, embora já existissem os glossários latinos medievais, essas obras se caracterizavam apenas por serem lista de palavras explicativas que auxiliavam na interpretação do leitor que tinha contato com textos da antiguidade clássica e da Bíblia (Biderman, 2001).

Portanto, a Lexicografia enquanto ciência teve início nos séculos XVI e XVII, através da elaboração dos primeiros dicionários monolíngues e bilíngues, em latim e em uma língua moderna (idem). No que concerne à introdução dessa ciência no Brasil, Welker (2006) menciona alguns nomes importantes no cenário dos estudos lexicográficos e lexicológicos, tais como, Leci B. Barbisan e Maria da Graça Krieger, com suas primeiras dissertações de mestrado desenvolvidas nessas áreas, defendidas em 1980 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Posterior a esses trabalhos, cabe destacar as contribuições à Lexicografia pela autora Maria Tereza Camargo Biderman, através da publicação de importantes artigos introdutórios, dentre eles: “A Ciência da Lexicografia” e “O dicionário padrão da língua” (idem).

Ainda sobre a definição de Lexicografia, Borba (2003 *apud* De Grandi, 2014) conceitua que essa ciência tem duplo aspecto, sendo ela prática e teórica:

[...] como técnica, dedica-se à montagem de dicionários, ocupa-se de critérios para seleção de nomenclaturas ou conjunto de entradas, de sistemas definitórios, de estruturas de verbetes, de critérios para remissões, para registro de variantes, etc.; como teoria, procura estabelecer um conjunto de princípios que permita descrever o léxico (total ou parcial) de uma língua, desenvolvendo uma metalinguagem para manipular e apresentar as informações pertinentes (Borba, 2003, *apud* De Grandi, 2014, p. 25).

Portanto, a Lexicografia se utiliza do dicionário como um elemento estruturado a partir de uma microestrutura, que é definida pela autora Rey-Debove como “o conjunto das informações ordenadas de cada verbete após a entrada” (1971, p. 21), e de uma macroestrutura, que é conceituada pela mesma autora como o “conjunto das entradas” (idem), também conhecida como nomenclatura (Biderman, 1984).

Seguindo essa estrutura, a obra lexicográfica introduz ao consulente diversos aspectos inerentes às unidades lexicais, tais como, a morfologia, a descrição semântica e sintática (González; Martínez, 1998) e inclusive, as informações sociopragmáticas (Moreira, 2018), também chamadas de conteúdos culturais. Os conteúdos sociopragmáticos agregam muito valor ao leitor da ferramenta pedagógica, de modo que mostram ao aprendiz os diversos significados do léxico e dos seus elementos culturais.

Terminologia e ensino de línguas

A Terminologia é a ciência que se ocupa de um subconjunto do léxico, ou seja, de cada área específica do conhecimento humano (Biderman, 2001). Portanto, essa disciplina tem como objeto central o léxico de natureza técnico-científico, também conhecido como léxico temático ou especializado (Krieger, 2000; Cabré, 2022). Biderman (2001) argumenta que, durante muito tempo e por razões distintas, os termos técnico-científicos não foram de interesse das pesquisas sobre os sistemas linguísticos, o que não se aplica atualmente.

Foi somente a partir do século XIX que essa disciplina conquistou maior reconhecimento dos cientistas, que passaram a se preocupar com a necessidade de se dispor de regras sistemáticas de formação de termos, tendo em vista que a Terminologia vinha se internacionalizando gradativamente (Costa; Cabré; Zavaglia, 2018).

A autora Krieger (2000) aponta que ainda existe uma carência no tocante aos estudos descritivos sistemáticos do léxico. Tal conjuntura se justifica devido aos diferentes aspectos e às concepções referentes aos fatores internos e externos ao panorama da teoria terminológica (p. 181). Cabré (2001) também assinala que os diferentes sentidos atribuídos a Terminologia, enquanto unidade terminológica, deram

origem a diversas controvérsias no que se refere à concepção dessa disciplina, ocasionando certa morosidade na sua consolidação (Cabré, 2001, p. 65 *apud* Costa; Cabré; Zavaglia, 2018, p. 165).

Apesar dessas condições adversas ao reconhecimento da importância dos estudos no âmbito da Terminologia, o professor austríaco Eugen Wüster, em meados nos anos 1960, já nos apresenta uma valiosa contribuição acerca da Terminologia enquanto uma ramificação da Linguística Aplicada (Krieger, 2000), através de sua Teoria Geral da Terminologia (TGT). Wüster (1979) conceitua sua teoria como “um campo interdisciplinar entre a Linguística, a Lógica, a Ontologia, as Ciências de Informação e as diversas áreas específicas individuais” (p. 1-210). Essa disciplina tinha como objetivo principal investigar:

[...] princípios e leis que constituem os conceitos e sua natureza, a criação de conceitos, as características dos conceitos, a relação entre os conceitos, a associação de conceitos, a elaboração de sistemas de conceitos, a descrição dos conceitos via definição, a prescrição de designações tais como os termos ou outros símbolos lingüísticos para os conceitos, a relação objeto individual-conceito-designação, a formação de termos, a unificação de conceitos e termos e o ponto de partida para o trabalho internacional de padronização de terminologia (Neto, 1984, p. 13).

Em contraposição ao conceito de Terminologia idealizado por Wüster, que de acordo com as autoras Costa, Cabré e Zavaglia (2018, p. 165), “pretendeu propor uma padronização e normalização da linguagem especializada, a partir de um caráter totalmente prescritivo”, Cabré (2003) critica sua teoria, apontando que ela não é suficiente para explicar a complexidade conceitual, estrutural e funcional dos termos, principalmente do seu uso nas diversas situações comunicativas. A partir de então, surge a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) criada pela pesquisadora e professora catalã Maria Teresa Cabré, com o objetivo de preencher as lacunas deixadas pela Teoria Geral da Terminologia (TGT).

[...] nessa teoria, Cabré (2001) ressalta o fato de que um único termo pode ter múltiplas conceitualizações ou traços diferentes de um mesmo conceito, dependendo da posição ou lugar de observação. Se o termo for observado de acordo com o ponto de vista lingüístico, os resultados obtidos serão diversos daqueles que seriam alcançados se fossem

observados sob o ponto de vista cognitivo ou comunicativo (CabrÉ, 2001 *apud* Costa; Cabré; Zavaglia, 2018, p. 167).

Ou seja, a TCT tem como objetivo compreender o termo através de toda a sua riqueza e complexidade, de modo que essas características sejam valorizadas e não consideradas como obstáculos para o estabelecimento da comunicação especializada (Cf. Moreira, 2022).

Nesse sentido, podemos afirmar que os estudos na área da Terminologia assumem um papel de enorme importância no âmbito do ensino de línguas, na medida em que capacita o aluno quanto ao reconhecimento e à utilização das unidades terminológicas referentes à sua área de especialidade e atuação.

O uso das informações enciclopédicas e culturais nos dicionários de aprendizagem

O dicionário é uma obra de uso frequente pelos aprendizes de línguas, onde esses normalmente buscam pelo significado de determinado termo, associado a uma definição, um sinônimo ou equivalente (tradução), bem como breves explicações através de notas sobre a cultura de lugares cujos falantes se expressam através da língua estrangeira (Caetano, 2013).

Maldonado (2017, p. 68, tradução nossa) afirma que “os dicionários descrevem o léxico. E o léxico transpira cultura [...]”³. Essa afirmação nos leva a compreender a inegável relação existente entre as competências léxica e cultural, também conhecida como *lexicultura* (Galisson, 1991). Os autores García e Cabezas (2013, p. 1, tradução nossa) conceituam que essa relação ocorre através da “[...] existência de significados culturais presentes em unidades lexicais culturalmente compartilhadas por membros de uma comunidade, que às vezes passam despercebidas, ou não são compreendidas, gerando grande dificuldade para o falante não nativo”⁴.

Nesse sentido, entendemos que algumas palavras e modos de expressão onde o componente cultural é manifestado com maior intensidade, possuem uma *carga*

³ “Los diccionarios describen el léxico. Y el léxico rezuma cultura [...]”

⁴ “[...] “la existencia de significados culturales presentes en unidades léxicas culturalmente compartidas por los miembros de una comunidad, los cuales aparecen en ocasiones desapercibidos, o bien suponen un problema de incomprensión o alta dificultad para el hablante no nativo.”

cultural que os falantes nativos conhecem, mas que não é reconhecida por todos os aprendizes de LE (Caetano, 2013). Barbosa (2008, p. 3) faz uso da tradução *carga cultural compartilhada (CCC)* advinda do termo *carga cultural partilhada*, utilizado por Galisson (1987), e conceitua que essa expressão se associa a experiência cultural que pode permitir ao aprendiz de LE a “apreensão da carga cultural compartilhada como instrumento auxiliar para uma compreensão do sentido cultural do qual a palavra está carregada num dado enunciado.”

Diversos investigadores (Battaner, 2014; Svénson, 2009; Porto Dapena, 2014) reconhecem a obra lexicográfica como uma ferramenta didática que busca registrar os aspectos linguísticos e extralinguísticos de determinada língua (Moreira, 2018). Dentre esses aspectos, destacamos aqueles que estão relacionados à cultura de uma dada sociedade (Atienza Cerezo, 2005), os quais consideramos essenciais para que o estudante consiga inserir-se cultural e socialmente com os nativos da língua.

Portanto, a cultura deve ser tratada no âmbito da sala de aula, através do uso de ferramentas, tais como as obras lexicográficas, para que o aluno de LE e, no caso do presente estudo, o estudante de ELE no Turismo, tenha a oportunidade de compartilhar conhecimentos extralinguísticos, ou seja, conteúdos históricos, sociais e culturais com falantes nativos do idioma que está aprendendo, nesta pesquisa, o espanhol.

Cabe aqui dizer que a transmissão dos conteúdos didáticos da forma tradicional não é uma maneira de abordagem bem aproveitada pelos alunos, portanto, a inserção de componentes enciclopédicos e culturais próximos à realidade do aluno, torna o ensino de LE mais dinâmico e é melhor absorvido pelos aprendizes.

Para os estudantes compreenderem os diversos aspectos culturais de um determinado idioma em pouco tempo de estudo dentro da sala de aula de LE, constitui uma tarefa difícil, surgindo, assim, a necessidade de que estes conteúdos culturais também estejam inseridos nas obras lexicográficas e, mais especificamente, na microestrutura, tanto no enunciado definicional quanto nos exemplos de uso, com a finalidade de mostrar ao aprendiz e/ou consulente os diversos significados do léxico e dos seus elementos culturais (Zavaglia, Nadin, 2019).

Sobre a aplicação do estudo

Para a realização do estudo, seguimos os passos metodológicos para o levantamento dos dados, a saber: I) coleta de textos do turismo; II) seleção dos termos da área do turismo nas subáreas de hotelaria e gastronomia; III) confirmação da presença dos termos selecionados no Dicionário para o Ensino da Língua Espanhola para Brasileiros (Señas, 2010); IV) análise lexicográfica dos verbetes selecionados; e finalmente, V) organização do modelo de microestrutura do dicionário de aprendizagem de ELE para estudantes brasileiros no Turismo.

Os procedimentos foram iniciados com uma análise descritiva e qualitativa, compreendendo a coleta de artigos, revistas científicas e capítulos de livro, na área do turismo. A coleta dos textos seguiu os parâmetros de busca pelos assuntos sobre hotelaria e gastronomia no âmbito do turismo no ensino do espanhol. Esta análise foi realizada através da Internet, em bibliotecas virtuais, web sites de revistas científicas e repositórios acadêmicos.

Em seguida, ocorreu a seleção por termos específicos da área do turismo, no intuito de delimitar o presente estudo. Foram selecionados quatro (4) verbetes lexicográficos das áreas supracitadas: *paella* e *fabada*, referentes ao campo léxico da gastronomia; *turista* e *hospitalidad*, referentes ao campo léxico da hotelaria. Em seguida, foi realizada a análise lexicográfica. Cabe salientar que neste trabalho analisamos apenas dois paradigmas que fazem parte do artigo lexicográfico: as definições e os exemplos de uso.

A escolha das subáreas para compor este trabalho, foi dada pela importância que estas possuem para o turismo, uma vez que o setor hoteleiro é considerado um dos principais segmentos do turismo para a economia nacional, sendo capaz de promover a melhoria de vida da população através da geração de emprego, distribuição de renda e geração de divisas. A gastronomia, por sua vez, está assumindo cada vez mais espaço no turismo cultural, tendo em vista que os turistas buscam experiências inovadoras e conhecimento de diferentes culturas, experimentando diferentes tipos de pratos e bebidas.

A última etapa da presente pesquisa buscou propor um modelo de microestrutura do dicionário de aprendizagem de espanhol para estudantes brasileiros de ELE no turismo, visando incorporar, em sua estrutura, os aspectos culturais e enciclopédicos nos termos selecionados. Apresentaremos um recorte dos protótipos de alguns termos

que já foram previamente selecionados na análise lexicográfica. Desse modo, esperamos que esta pesquisa possa vir a contribuir, através dos benefícios da análise lexicográfica, com a elaboração de trabalhos futuros desenvolvidos por alunos do curso de Turismo, de modo que as pesquisas nesta área sejam exploradas com maior profundidade, dando o devido reconhecimento aos estudos lexicográficos.

Resultados e discussão

Nesta fase, discutimos sobre o tratamento que recebem as definições lexicográficas e os exemplos de uso dos termos selecionados para o presente estudo. Cabe salientar que não analisamos, na presente pesquisa, os demais paradigmas que fazem parte do verbete.

A escolha dos termos se justifica por terem sido utilizados livros e artigos científicos que possuem um léxico relevante para o processo do ensino e da aprendizagem dos alunos de ELE no Turismo, contribuindo positivamente para sua carreira profissional. Os quatro (4) termos selecionados para este trabalho foram: *paella* e *fabada*, referentes ao campo léxico da gastronomia; *turista* e *hospitalidad*, referentes ao campo léxico da hotelaria.

A seguir, iniciamos a nossa análise com o termo *paella*:

Quadro 1

pa.e.lla |paé□a| **1** f. Comida hecha con arroz, al que se añaden *mariscos, carne, pescado y otros alimentos: *la ~ es el plato más típico de Valencia; la ~ tiene color amarillo porque lleva azafrón; les invitaron a tomar ~ y sangría en la playa.* □ **paelha**
2 Recipiente de metal, de poco fondo y con dos asas, que sirve para cocinar esa comida: *agarraron la ~ por las asas y la pusieron al fuego.* ⇒ *paellera.* □ **panela para paelha**

Fonte: Señas (2010)

As definições e os exemplos de uso utilizados por Señas (2010), apesar de sucintos, são bastante esclarecedores para o leitor, seja ele nativo ou não. Nas definições, Señas descreve os principais ingredientes que compõem o prato (“*mariscos, carne, pescado y otros alimentos*”).

O dicionário ainda nos apresenta outra definição para o termo: um recipiente de metal, raso e com duas alças que serve para o preparo da *paella*. Este segundo conceito também é relevante para o melhor entendimento do consulente, uma vez que, de acordo com os autores Lima e Correio (2017) foi possível identificar que o termo deriva da palavra francesa “*paelle*”, que significa panela em francês, e no latim “*patella*” que significa recipiente ou vasilhame.

A *paella* (prato) era preparada pelos camponeses que partiam para o campo com a *paella*, panela que facilitava o preparo do prato devido ao seu formato, de modo que (durante o cozimento) os ingredientes ficavam distribuídos por igual (*idem*). Os principais ingredientes que compunham o prato eram: arroz, azeite, sal e elementos típicos do campo, como a carne de caça (especialmente lebre e coelho), legumes da estação (vagem, ervilhas, etc.) e sobras que possuíam, além do açafrão (Corner, 2008).

Acreditamos que poderia ser incorporado na microestrutura do dicionário, outro significado que alguns autores, tais como os já citados, constataram em suas pesquisas. De acordo com Lima e Correio (2017), os camponeses preparavam esse prato para suas esposas após voltarem do campo, portanto, “*para ella*”, ou seja, para ela.

Outro fator que consideramos de fundamental importância é destacar o valor cultural da *paella*, uma vez que o alimento representa simbolicamente o povo valenciano, pois revela e preserva seus costumes, sendo considerado, portanto, patrimônio cultural local.

O resgate das raízes gastronômicas vem se destacado como modo de compreender melhor a cultura local dos povos (Solin; Lopes, 2014). Além disso, alguns pratos típicos possuem uma enorme importância para a sociedade e são capazes de agregar valor turístico, de forma a levar um diferencial a determinada região, propondo o desenvolvimento da atividade turística gastronômica.

Assim, acreditamos que essas informações culturais e enciclopédicas poderiam compor o repertório Señas, com o intuito de facilitar a compreensão do leitor, especialmente o não nativo, de modo que ele obtenha um olhar mais crítico acerca da definição do termo (Mazière, 1989).

Em relação aos exemplos de uso utilizados, Señas menciona em seus dois primeiros exemplos que a *paella* possui origem na província de Valência, situada ao leste da Espanha, além de mencionar que a iguaria leva açafrão, especiaria

responsável por dar o tom amarelado ao prato. Tais informações são indispensáveis para que o consulente possua um conhecimento específico acerca do termo, tendo em vista a importância dos exemplos na construção do sentido em um verbete, pelas funções comunicativas que empregam e pelos aspectos gramaticais e ideológicos que assumem (Pontes, 2012).

Portanto, julgamos que os exemplos de uso empregados na obra lexicográfica podem facilitar o consulente no processo de ensino-aprendizagem, contudo, defendemos que a inserção de um ou mais exemplos de uso que fizessem menção a alguns dos aspectos históricos e culturais discutidos nesse tópico, facilitaria a compreensão e ampliaria o arcabouço lexical do leitor.

Continuamos a nossa análise com o verbete do termo *fabada*. Vejamos:

Quadro 2

fa.ba.da [faβáða] *f.* Comida que se hace con *judías, *chorizo, *tocino y *morcilla: *la ~ es un guiso típico de Asturias; la ~ es un plato fuerte que me gusta comer en invierno.*
□ **fabada**

Fonte: Señas (2010)

Na definição do prato, Señas (2010) trata de maneira muito sintetizada acerca dos ingredientes que o compõem, sem mencionar o aspecto cultural da receita e sua origem. A *fabada* é um prato tipicamente asturiano, responsável pela valorização do destino “Astúrias”, muito reconhecido pelos turistas que se motivam a visitar essa região devido a sua rica gastronomia. Existem diversos recursos gastronômicos localizados no Principado das Astúrias, dentre os mais representativos, destaca-se a *fabada*, prato tipicamente asturiano e que define bem essa região (Sita, 2009).

Ela combina originalmente feijões brancos típicos da Espanha (conhecidos como *fabes* ou *judías*), *tocino* (bacon), *morcilla* (em português, “morcela,” lingüiça de sangue com especiarias), dentre outros ingredientes, tais como cebola, açafrão, páprica, pimenta e sal. A iguaria se tornou um ícone de representatividade da gastronomia do Principado das Astúrias, sendo que sua receita tradicional foi passada de geração a geração, tornando-se um importante símbolo cultural não somente da cultura asturiana, como também da Espanha (idem).

Embora a lenda conte que o monarca Pelágio das Astúrias (governador de Cangas de Onís, Astúrias, de 718 a 737) alimentou sua tropa com uma *fabada* que teve efeitos energizantes tão notáveis a ponto de possibilitar a rejeição da tropa invasora, acredita-se que o prato era feito com favas ou que se recorria a outros ingredientes diferentes do feijão (cabe salientar que a iguaria é tipicamente preparada com feijão branco e não com favas). Os *fabes* vieram da América, ainda que existam asturianos que afirmam que sempre existiu na Europa uma variedade de feijão autóctone, do qual não há vestígios (Yubero, 2008).

Ainda que esta teoria tenha o apoio de alguns autores franceses que buscam a origem do *cassoulet* do sul, prato estrela da cozinha francesa, no mesmo feijão, pesquisas apontam que a *fabada* só começou a ser preparada nas Astúrias no início do século XIX, pois até então o vegetal básico que era utilizado para o preparo dos ensopados na região era o grão de bico, onde eram adicionados alguns ingredientes semelhantes aos atuais, advindos da salsicha asturiana (idem).

Diante desse contexto, é notável a importância histórica e cultural do prato, sendo reconhecido, portanto, como patrimônio cultural imaterial para a região do Principado das Astúrias. Assim, acreditamos que algumas informações culturais sobre os aspectos históricos da *fabada* asturiana deveriam ser inseridos na microestrutura do dicionário, de modo a ampliar os conhecimentos do leitor da ferramenta lexicográfica.

Em relação aos exemplos de uso utilizados por Señas, os consideramos adequados para a compreensão do termo, tendo em vista que o primeiro define bem a região onde surgiu a iguaria, e o segundo exemplo a descreve como sendo uma refeição forte e de inverno, uma vez que se trata de um prato farto e pesado.

Seguimos nossa análise com o verbete do termo *turista*:

Quadro 3

tu.ris.ta |turista| **com.**Persona que visita o recorre un país o lugar para conocerlo y por placer: *miles de turistas visitan cada día Madrid y la mayoría acude al Museo del Prado.* □
turista

Fonte: Señas (2010)

A definição proposta por Señas não nos traz um aspecto importante da acepção do termo *turista* e que o diferencia de outras categorias similares de viajantes, tais como,

excursionistas e visitantes, de acordo com a Organização Mundial do Turismo (OMT). A definição do referido termo surgiu a partir da necessidade da atividade turística de diferenciar o turista de demais viajantes, de modo a se obter uma estrutura de estatísticas que pudessem ser comparadas (Tadini; Melquiades, 2010).

Muitas discussões acadêmicas e mercadológicas surgiram em torno da definição do termo, até que em 1937, a Comissão de Estatística da Liga das Nações manifestou conceitos mais abrangentes acerca do tema (idem). O primeiro desses conceitos, de acordo com Beni (2001), referia-se ao turista internacional como “a pessoa que visita um país que não seja o de sua residência por um período de, pelo menos, 24 horas”. Tal definição foi a base da construção de conceitos posteriores, tal como o da Organização das Nações Unidas (1954) *apud* Beni (2001):

Toda pessoa sem distinção de raça, sexo, língua e religião que ingresse no território de uma localidade diversa daquela em que tem residência habitual e nele permaneça pelo prazo mínimo de 24 horas em máximo de seis meses, no transcorrer de um período de 12 meses, com finalidade de turismo, recreio, esporte, saúde, motivos familiares, estudos, peregrinações religiosas ou negócios, massem proposta de imigração.

Portanto, a definição e o exemplo de uso empregados pelo repertório Señas não esclarece suficientemente o leitor, tendo em vista que deixa de pontuar um aspecto importante para a melhor compreensão do termo, conforme supramencionado. Entendemos que o emprego de algumas informações já mencionadas nos parágrafos anteriores poderia facilitar o aprendizado do consulente e evitar erros, tais como, comparar e atribuir a mesma definição de *turista* aos demais grupos de viajantes.

Finalizamos nossa análise com o verbete do termo *hospitalidad*. Vejamos:

Quadro 4

hos.pi.ta.li.dad [ospaliðá³] **f.** Amabilidad al recibir o acoger a otras personas: *dio gracias a la dueña de la casa por su ~; abusó de su ~ quedándose tanto tiempo.* □ **hospitalidade**

Fonte: Señas (2010)

A definição e o exemplo de uso apresentados pelo dicionário são elucidativos, todavia, deixa de apresentar um importante aspecto do conceito de hospitalidade sob a

ótica da industrialização no mundo pós Segunda Guerra Mundial (Boyer, 2003). Nesse cenário surge uma nova perspectiva, onde comercializar o ato de receber bem e seus aspectos fundamentais (alimentação; lazer e entretenimento; hospedagem e transporte) era necessário (Silveira, 2005).

Essa transformação da hospitalidade ocorre com a interpretação do turismo como fenômeno, a partir do século XVIII (idem). Logo, atribuiu-se uma relação mercadológica entre os dois agentes (anfitrião e o hóspede), amparada por uma rede de serviços (como hospedagem, alimentação e lazer), contratados entre prestadores (hotéis; plataformas virtuais, como *Airbnb* e *Booking.com*; restaurantes) e consumidores finais (turistas) que estabelecem uma relação comercial, visando atender sua demanda por determinados produtos turísticos (atrativos, equipamentos e serviços, ofertados em um ou mais locais por um preço determinado).

Desse modo, a partir da análise levantada julgamos que a inserção de uma ou mais definições e exemplo de usos que contemplassem as referências mencionadas nos parágrafos anteriores, auxiliariam positivamente no aprendizado e na ampliação do vocabulário do consulente.

Proposta de microestrutura

Nesta seção, apresentamos o protótipo inicial do modelo de microestrutura para um dicionário de aprendizagem para estudantes brasileiros de ELE do Turismo. As definições e exemplos de uso com o destaque se referem às informações culturais e enciclopédicas incorporadas no verbete, as quais consideramos fundamentais para a audiência deste estudo, fundamentado nos autores mencionados no presente trabalho, conforme já destacamos anteriormente.

Vejamos o modelo de microestrutura com os termos da área de gastronomia e hotelaria:

Quadro 1

fa.ba.da [faβáða] *f.* Comida que se hace con *judías, *chorizo, *tocino, *morcilla y especias: *la ~ es un guiso típico de Asturias; la ~ es un plato fuerte que me gusta comer en invierno.* □ **fabada**

2 Manjar icono representativo de la gastronomía del Principado de Asturias. Su receta tradicional ha sido transmitida de generación en generación, convirtiéndose en un importante símbolo cultural no solo de la cultura asturiana, sino también de España: *cuenta la leyenda que la ~ del monarca Pelagio de Asturias alimentaba bien a sus tropas.* □ **fabada**

Fonte: Señas (2010)

Quadro 2

hos.pi.ta.li.dad [ospitaliðá³] *f.* Amabilidad al recibir o acoger a otras personas: *dio gracias a la dueña de la casa por su ~; abusó de su ~ quedándose tanto tiempo.* □ **hospitalidade**

2 Relación comercial entre comerciantes (anfitrión y huésped), sustentada en una red de servicios (como alojamiento, alimentación y ocio), contratados entre proveedores (como hoteles y restaurantes) y consumidores finales (turistas) que establecen una relación comercial, con el objetivo de satisfacer su demanda de determinados productos turísticos (atractivos, equipamientos y servicios, ofrecidos en uno o varios lugares a un precio determinado): *la ~ adquiere un nuevo concepto en el mundo posterior a la Segunda Guerra Mundial.* □ **hospitalidade**

Fonte: Señas (2010)

Observações finais

Diversos autores aqui mencionados (Moreira, 2018; Maldonado, 2017; Atienza Cerezo, 2005) reconhecem o dicionário como uma ferramenta que traz numerosos aspectos linguísticos e extralingüísticos de determinada língua. Dentre esses aspectos destacam-se os conteúdos históricos, sociais e culturais que representam a cultura de uma dada sociedade e que julgamos imprescindíveis para a inserção do aprendiz dentro de uma comunidade de falantes nativos.

Nesse sentido, entendemos que referida obra lexicográfica introduz ao consulente diversos aspectos inerentes às unidades lexicais, tais como, a morfologia, a descrição semântica e sintática (González; Martínez, 1998) e inclusive, as informações sociopragmáticas (Moreira, 2018), também chamadas de conteúdos culturais. Tais conhecimentos favorecem significativamente o leitor da ferramenta pedagógica, no caso do presente estudo, o estudante de ELE no Turismo, de modo que ele consiga ter uma melhor compreensão da leitura dos textos em espanhol, e conseqüentemente, adquira maior domínio do idioma.

Contudo, a partir da análise levantada das definições e dos exemplos de uso dos quatro (4) termos selecionados das áreas de gastronomia e hotelaria, constatamos que os paradigmas analisados ainda carecem de informações enciclopédicas e culturais. Vimos que os termos dos dois setores já mencionados, utilizados para compor o presente estudo, apresentam diversos aspectos históricos e culturais, extralinguísticos, que poderiam ser inseridos na microestrutura do dicionário Señas (2010), de modo a facilitar o aprendizado do consulente e ampliar os seus conhecimentos.

Embora o dicionário Señas (2010) seja um material desenvolvido com finalidades específicas e pedagógicas para os alunos brasileiros de ELE, defendemos que ele se configura como uma ferramenta útil para ampliar o repertório lexical de especialidade do estudante de Turismo, aprendiz de ELE. Desse modo, consideramos relevante a inserção de conteúdos culturais e enciclopédicos na referida obra, tendo em vista a carência dessas informações que consideramos essenciais para a aprendizagem e para o desenvolvimento da competência comunicativa, bem como a competência intercultural dos aprendizes.

Portanto, a presente pesquisa insere a inquietação necessária para que sejam desenvolvidos mais estudos no âmbito da Lexicografia e da Terminologia aplicadas ao ensino de Turismo, para os alunos dessa área, estudantes de ELE, de modo que estes consigam tirar proveito dos benefícios advindos da análise lexicográfica.

REFERÊNCIAS

- ATIENZA CERREZO. E. A. El tratamiento de la cultura en los diccionarios de aprendizaje. In: *Revista electrónica de didáctica del español lengua extranjera (redELE)*; v. 2, n. 5, Madrid, p. 1-8, 2005.
- BARBOSA, M. A. O conceito de lexicultura e suas implicações para o ensino de português como língua estrangeira. *Revista de Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo: UFSCar, 2008.
- BATTANER, M. P. *El léxico como pilar inicial de la reflexión lingüística y el diccionario*. Anexos de Revista de Lexicografía, Universidade da Coruña, v. 32, p. 33-62, 2014.
- BENI, M. C. *Análise estrutural do turismo*. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2001.
- BIDERMAN, M. T. C.. 1984. A Ciência da Lexicografia. *ALFA: Revista de Linguística*, v. 28 – Suplemento, 1984.
- BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. ed. 2. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001.

- BORBA, F. S. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- BOYER, M. *História do turismo de massas*. Bauru: Edusc, 2003.
- CABRÉ, M. T. Terminologie et linguistique: la théorie des portes. *In: Terminologies nouvelles. Terminologie et diversité culturelle*, 2001.
- CABRÉ, M. T. Teorías de la terminología: de la prescripción a la descripción. *In: Adamo, Giovanni; Della Valle, Valeria. (eds). Innovazione lessicale e terminologie specialistiche. Serie Lessico Intellettuale Europeo, v. 92. Florencia: Leo S. Olschki Editore, 2003.*
- CAETANO, F. S. M. O componente lexicocultural em dicionários para aprendizes. *Entreletras. Araguaína/TO, v. 4, n. 2, p. 44-57, ago./dez. 2013.*
- CORNER, D. M. R. *A cozinha do imigrante espanhol nascida de São Paulo*. Anais 34. Encontro Nacional do Ceru. 2008.
- COSTA, L. A.; CABRÉ, M. T.; ZAVAGLIA, C. A variação terminológica denominativa na Lexicografia do Brasil: pressupostos para se estabelecer as bases teórico metodológicas para o Dicionário de Lexicografia Brasileira. *In: PONTES, A. L. et al. (Orgs.). Perspectivas em Lexicografia e Terminologia*. Fortaleza: EdUECE, 2018.
- COURA-SOBRINHO, J. Léxico e ensino de línguas. *Actes du Colloque Miroir. v. 10, p. 131-142, 2012.*
- DE GRANDI, L. *Uso do dicionário no ensino de língua espanhola: proposta de guia teórico-metodológico para professores*. Araraquara-SP, 2014.
- GARCÍA, M. P. L.; CABEZAS, J. M. La lexicultura: una experiencia dentro y fuera del aula en el aprendizaje de ELE. *Revista Nebrija de Lingüística Aplicada a la Enseñanza de las Lenguas*. Universidad Nebrija. n. 13, 2013.
- GALISSON, R. *De la langue à la culture par les mots*. Collection Didactique des langues étrangères. Paris: CLE Internacional, 1991.
- GALISSON, R. Accéder à la culture partagée par l'entremise des mots à CCP. *Études de Linguistique Appliquée, v. 67, p. 109-151, 1987.*
- GELABERT, M. J.; BUESO, I.; BENÍTEZ, P. *Producción de materiales para la enseñanza de español*. Madrid: Arco Libros, S. L., 2002.
- GENOUVRIER, E.; PEYTARD, J. *Linguística e ensino do português*. Coimbra: Almedina, 1974.
- ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. G. *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia, Volume II*. Campo Grande: Editora IFMS, 2004.
- KRIEGER, M. G. Tipologias de dicionários: registros de léxico, princípios e tecnologias. *Calidoscópio. vol. 4, n. 3, p. 141-147, set/dez, 2006.*
- KRIEGER, M. G. A face lingüística da Terminologia. *In: LEFFA, V. J. (Org.). As palavras e sua companhia: o léxico na aprendizagem das línguas*. Pelotas: EDUCAT, 2000.
- LANDAU, S. I. *Dictionaries: The Art and Craft of Lexicography*. New York: The Scribner Press, 1984.
- LIMA, F.; CORREIO, A. B. Gastronomia e Turismo: A paella como um lugar de memória para as famílias valencianas. *Mangaio acadêmico, v.2, n.1, jan./ jun., 2017.*

- MALDONADO, C. La información cultural en los diccionarios de ELE (o De cómo ponerle puertas al campo). *Revista Internacional De Lenguas Extranjeras / International Journal of Foreign Languages*, n. 7, p. 55–84, set., 2017.
- MARTÍNEZ, C. T.; GONZÁLEZ, M. C. La enseñanza de vocabulario y el uso del diccionario. *Encuentro: revista de investigación e innovación en la clase de idiomas*, n. 10, p. 26-35, 1998.
- MAZIÉRE, F. Enunciado definidor: Discurso e Sintaxe. In: GUIMARAES, Eduardo. (Org.). *História e Sentido na Linguagem*. Campinas: Pontes, 1989.
- MOREIRA, G. L. El componente cultural en los diccionarios de ELE. *Domínios de Lingu@agem*, v. 12, n. 4, p. 2240-2263, 19 jan, 2018.
- MOREIRA, G. L. Los estudiantes de ELE de la carrera de Turismo frente al uso del diccionario, In: *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*, v. 22, n. 3, 2022.
- MORENO, M. Á. M. Manuales de español como LE/L2 y diccionarios: encuentros y desencuentros en el aula. In: Escrivá, M. B.; Berdet, E. F.; Rull, A. N. (eds.). *Léxico y cultura em LE/L2: corpus y diccionarios*. XXVIII Congreso Internacional ASELE, 2018.
- NETO, B. B. Projeto Piloto – Tentativa de Aplicação da Teoria Geral da Terminologia na Área Específica de Controle de Tráfego Aéreo. Dissertação (Mestrado em Língua Inglesa) – Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1984.
- PONTES, A. L. Exemplos de uso em dicionários escolares brasileiros para a leitura e a produção textual. *Revista de Letras*, v. (1/2), n. 31, p. 93-101, jan./dez., 2012.
- PORTO DAPENA, J. A. *La Definición lexicográfica*. Madrid: Arco/Libros, S. L., 2014.
- REY-DEBOVE, J. *Étude linguistique et sémiotique des dictionnaires français contemporains*. Paris: Hachette, 1971.
- SAÉZ, J. S.. El diccionario de turismo como herramienta de aprendizaje de ELE: entrevista con Julia Sanmartín Saéz. In: Moreira, G. L. *Caderno Virtual de Turismo*. Rio de Janeiro, 17 (2), p. 5-8. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.
- SEÑAS. *Diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños*. Universidad de Alcalá de Henares. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- SILVEIRA, E. S. Hospitalidade: notas conceituais, antropológicas e históricas. In: DIAS, R.; PIMENTA, M. A. (Orgs.) *Gestão de Hotelaria e Turismo*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.
- SISTEMA DE INFORMACIÓN TURÍSTICA DE ASTURIAS – SITA. *Análisis del turismo de alojamiento colectivo según el mediodo transporte para venir a Asturias*, 2009. Disponível em: <https://docplayer.es/4354075-Analisis-del-turismo-de-alojamiento-colectivo-segun-el-medio-de-transporte-para-venir-a-asturias-y-desplazamientos-por-asturias.html>. Acesso em: 27 de Outubro de 2022.
- SOLIN, J. J. M.; LOPES, N. S. G. Reflexos da cultura espanhola no patrimônio cultural gastronômico de Londrina. In: Congresso Nacional de Iniciação Científica (CONIC), 2014, Campinas - SP. Anais do Conic-Semesp, 2014. v. 1.
- SVENSÉN, B. A. *Handbook of Lexicography*. The Theory and Practice of Dictionary-Making. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

- TADINI, R. F.; MELQUIADES, T. *Fundamentos do Turismo*. v. 1. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2010.
- WELKER, H. A. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. 2. ed. Brasília: Thesaurus, 2004.
- WELKER, H. A. Breve histórico da metalexigrafia no Brasil e dos dicionários gerais brasileiros. *Matraga*: Rio de Janeiro, v. 13, p. 69-84, 2006.
- WÜSTER, E. *Die allgemeine Terminologielehre - Ein Grenzgebiet zwischen Sprachwissenschaften, Logik, Ontologie, Informatik und den Sachwissenschaften (General Theory of Terminology – a border Field between Linguistics, Logic, Ontology, Information Science and the Subject Fields)*. Berlin: VDI Verlag, 1979.
- YUBERO, I. D. *Sabores de Asturias*. Distribución y Consumo. Espanha: Madrid. v. 102, p. 115-121. nov./dez, 2008.
- ZAVAGLIA, C; NADIN, O. Lexicografia pedagógica. *Domínios de Linguagem*. v. 12, n. 4, p. 1921-1933, 19 jan., 2019.

Vocabulário do campo semântico *acidentes geográficos* em *O Castanheiro (2001)*, de João Brasil

Vocabulary of the semantic field Geographic Accidents in O Castanheiro (2001), by
João Brasil

Submetido em: 13/07/2023

Aceito em: 09/11/2023

Renan Torres da Costa¹
Eliane Pereira Machado Soares²

Resumo: Este trabalho apresenta o vocabulário do campo semântico Acidentes Geográficos na obra *O Castanheiro (2001)*, do escritor João Brasil, da cidade de Marabá, estado do Pará. Ele é autor de 11 obras não ficcionais, de caráter memorialista que retratam a história da cidade em diferentes períodos. Os resultados aqui apresentados são um recorte da pesquisa fomentada pelo CNPq, intitulada “Vocabulário de João Brasil”. Essa pesquisa tem por objetivo reunir dados para a elaboração do vocabulário representativo do autor a fim de ser descrito os itens lexicais do campo semântico identificado, relacionando-se, portanto, ao universo físico, histórico e cultural da cidade de Marabá-PA. O referencial teórico e metodológico remete à análise léxico-semântica de lexias organizadas por campos semânticos conforme Abbade (2009; 2011; 2012) e Faulstich (2010), assim como aos estudos da Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. A organização do vocabulário se faz por meio de ficha catalográfica, de forma semasiológica. Os verbetes são apresentados em ordem alfabética, com as respectivas informações gramaticais, definições e remissivas. Para tanto, os dados lexicais foram manipulados por meio do programa computacional Lexique Pro, que permite construir dicionários eletrônicos. Foram identificados 22 vocábulos, que estão apresentados no campo semântico que este trabalho se propôs a trabalhar.

Palavras-chave: Léxico; Cultura; Campos lexicais; Vocabulário; João Brasil.

Abstract: This paper presents the vocabulary of semantic fields Geographic Accidents of the work *O Castanheiro (2001)*, by writer João Brasil, from the town of Marabá, state of Pará. He is the author of 11 nonfiction works of a memorialist character that mostly portray the history of the city in different periods. The results presented here are a part of the research promoted by CNPq, entitled “Vocabulário de João Brasil”. The research aims to gather data for the elaboration of the representative vocabulary of the author in order to carry out an analysis semantic of the identified semantic fields, thus relating to the physical, historical and cultural universe of the town of Marabá-PA. The theoretical and methodological framework refers to the lexical-semantic analysis of lexias organized by lexical fields according to Abbade (2009; 2011; 2012) and Faulstich (2010), as well as studies in Lexicology, Lexicography and Terminology. The organization of vocabulary is done through a catalographic form, in a semi-asian way. The entries are presented in alphabetical order, with their grammatical information, definitions and remissives. Therefore, the lexical data will be manipulated through the Lexique Pro computer program that allows the construction of electronic dictionaries. We identified 22 words, which are presented in the lexical field that this work proposed to work on.

Keywords: Lexicon; Culture; Lexical fields; Vocabulary; João Brasil.

¹ Graduado em Letras Português pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) e Especialista em Literatura e Ensino pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1713212585197387>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-2803-0741>. E-mail: torres.renan181@gmail.com.

² Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora Associado I da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6059414959775854>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-2371-3236>. E-mail: eliane@unifesspa.edu.br.

Introdução

A linguagem é, sem dúvida, uma das maiores manifestações culturais, uma vez que é por ela que os indivíduos expressam as características das comunidades linguísticas em que estão inseridos. Dessa maneira, a língua de um povo constitui-se como fruto social, estabelecendo vínculo com a cultura, identidade e memória. Diante disso, os estudos linguísticos, principalmente no que se referem ao léxico, buscam analisar, descrever e refletir a relação entre os indivíduos e o ambiente sociocultural em que eles se inserem.

A língua, por meio da cultura, evidencia e constrói os traços identitários dos sujeitos ao representar os aspectos ligados à história e, conseqüentemente, à memória local. Portanto, ao estudar o léxico de uma língua é imprescindível relacioná-lo com os aspectos que envolvem esses eixos.

Com isso, este trabalho tem suas motivações tanto no aspecto cultural quanto linguístico. Ao estudar o léxico de João Brasil, emergem os fatos culturais e linguísticos, sobretudo na obra *O castanheiro* (2001), foco deste estudo. No caso deste trabalho, no nível lexical, refletem-se as memórias, os valores, os costumes da região. Sendo assim, a investigação contribui para compreender a variedade do português falado no sudeste do estado do Pará e para conhecimento da formação sócio-histórica do passado e do atual momento da região. Desse modo, o vocabulário que apresentamos neste trabalho tem como objetivo descrever o campo semântico dos Acidentes Geográficos do vocabulário de João Brasil na obra *O Castanheiro* (2001), com o intuito de contribuir com estudos lexicológicos de caráter regional.

O escritor João Brasil é um dos nomes mais marcantes da história de Marabá-PA e região. Nasceu em Altamira no ano de 1926 e atuou como piloto de motores, garimpeiro, político, além de ser escritor. Também fundou duas academias de letras na região. O escritor faleceu aos 95 anos, em 2021, e deixa um legado de onze (11) obras memorialísticas ao retratar a região Sul e Sudeste do estado do Pará, especialmente a cidade de Marabá-PA.

Em *O Castanheiro* (2001), o autor apresenta um período denominado ciclo da castanha na história econômica da cidade de Marabá-PA. Essa obra possui caráter memorialístico, sendo, portanto, não-ficcional, ao retratar a vida dos homens que

trabalharam a serviço da castanha. Pode-se até dizer que a castanha é a personagem principal desta obra. Por esta razão, a escolha dessa para a constituição deste vocabulário se dá por ser uma das obras de João Brasil mais representativas com marcas linguísticas da região do sul e sudeste do Pará. Assim, trouxemos os acidentes geográficos, constituído de rios, lagos, praias etc., por ter sido um dos principais expoentes da exportação da castanha durante seu ciclo econômico.

A metodologia do vocabulário baseia-se nos princípios de elaboração de dicionários. Assim, recorreremos às obras de João Brasil a fim de selecionar o *corpus* da pesquisa. Desse modo, a obra *O Castanheiro* (2001) foi selecionada e dela foram coletadas as unidades léxicas, para, então, ser constituído o verbete (Vasconcelos, 2003; Velasco, 2003; Frubel; Isquardo, 2004), partindo de uma perspectiva semasiológica³ de obra léxica. Por fim, a organização do vocabulário foi realizada por meio do programa computacional *Lexique Pro*, uma vez que é um *software* que possibilita criação de obras léxicas de forma automática.

Este trabalho divide-se nas seguintes seções: (i) Língua e sociedade - é discutido a relação do léxico com a cultura, a identidade e a memória dos sujeitos de uma sociedade; (ii) Reflexões sobre o léxico - aborda seu conceito, a princípio, e os enfoques de cada uma das ciências do léxico; (iii) Compreendendo os campos semânticos - é apresentado a definição e as dificuldades que o linguista pode enfrentar; (iv) Contextualizando: Marabá, João Brasil e *O Castanheiro* - é discorrido, de forma breve, a formação da cidade do sudeste paraense, a biografia do escritor da e a obra selecionada; (v) Metodologia - descreve de maneira mais detalhada o percurso do vocabulário; (vi) Amostra do vocabulário - apresenta a obra léxica da pesquisa; (vii) Considerações finais - trata das conclusões da pesquisa.

Língua e sociedade

Não existe sociedade humana sem língua ou língua sem falantes. Desse modo, as línguas são representações das relações socioculturais da região onde estão inseridas; a memória e a cultura de um povo são resgatadas por meio das palavras

³ De acordo com Miranda (2007), a perspectiva semasiológica parte da unidade lexical para se chegar a um significado a ela relacionada.

proferidas por tal. Assim, tudo que acontece na sociedade, se manifesta na língua em seus diferentes níveis. Portanto,

Língua e cultura são indissociáveis. A língua de um povo é um de seus mais fortes retratos culturais. Essa língua é formada por palavras que se organizam em frases para formar o discurso. Cada palavra selecionada nesse processo acusa as características sociais, econômicas, etárias, culturais etc. de quem a profere. Sabemos de onde é uma pessoa no momento em que ela fala, pois cada povo tem sua língua e sua história. [...] A linguagem faz parte da sua história (Abbade, 2012, p. 141).

A realidade vivida e experienciada por uma determinada comunidade é refletida na língua, por intermédio do léxico, pois este é o nível lexical que denomina a realidade. Assim, estudar o léxico de uma língua é também estudar a formação de um povo, uma vez que língua e cultura são dois eixos intrinsecamente ligados.

À luz do exposto, a história do povo é construída por intermédio da língua: “as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes” (Calvet, 2002, p. 12). Desse modo, para que a língua se mantenha viva, é necessário que haja um grupo de falantes que a utilizem e, com isso, possibilite que a história dessa comunidade possa ser contada.

Ademais, a comunidade é ligada mediante o envolvimento cultural, sendo a comunicação pela língua um produto importante para que haja um repleto desenvolvimento do grupo social. Diante disso, Laraia (2001) afirma que a cultura só existe pelo fato de haver um sistema linguístico oral⁴: “A comunicação é um processo cultural. Mais explicitamente, a linguagem humana é um produto da cultura, mas não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral” (Laraia, 2001, p. 52).

Antunes (2012) e Abbade (2014) abordam a importância do léxico como reflexo sociocultural. A primeira diz que “todas as palavras remetem ao conhecimento que um homem constrói em sua experiência social com grupos e culturas de que participa” (Antunes, 2012, p. 28), sendo assim, o léxico de um grupo ecoa as suas próprias experiências. Por sua vez, a segunda autora afirma que “atualmente não há dúvida de

⁴ Abrimos uma problematização ao dizer que não é apenas oral, pois há também manifestações linguísticas gestuais.

que estudar o léxico de uma língua é estudar a história e a cultura de quem utiliza essa língua” (Abbade, 2012, p. 144). Com isso, temos a constatação de que a cultura está imbricada na comunicação e na língua, por intermédio do léxico. Além disso, ela ainda completa afirmando que

A linguagem é um conjunto de tradições, histórias, aprendizagens, que uns e outros vão adquirindo ao longo de sua existência e que corresponde a um aprendizado coletivo. Apesar de a língua ser individual, ela faz parte de um saber coletivo que se expressa de acordo com a sua história linguística (Abbade, 2012, p. 147).

Dessa maneira, apesar de a língua ser considerada individual, ela abrange todos os conhecimentos e as experiências da comunidade em que está inserida. Em virtude de tal fato, também, ela carrega os traços identitários.

A nossa linguagem diz de onde somos, carrega nossas culturas, por isso, ao adentrarmos em alguma comunidade linguística diferente da nossa, seremos identificados como indivíduos de outro grupo, ou seja, “nos grupos em que atuamos ou naqueles com que interagimos, somos identificados também pela linguagem que usamos” (Antunes, 2012, p. 46).

Krieger (2010) discute essas relações do léxico com a sociedade da seguinte forma:

O léxico retrata-se como um componente que, ao cumprir o papel de maior denominação e designação do mundo humano, torna-se expressão de identidade pessoal e coletiva, manifestada ao longo da história já que é um sistema aberto e dinâmico. E, como tal, renova-se, funcionando como o pulmão das línguas, mas também assegura a permanência do pilar comum de palavras, condição necessária a comunicação, independente de tempos, regiões e de outras peculiaridades do uso das línguas (Krieger, 2010, p. 169-170).

Em suma, o léxico de uma língua reflete as relações socioculturais de um povo, ao denominar as experiências e os aspectos do mundo humano, contribuindo para formação identitária dos sujeitos da comunidade. Contudo, essas relações são dinâmicas, o que, também, tornam as línguas fenômenos em constante transformação, sendo inerentes e constitutivas das sociedades humanas.

Reflexões sobre o léxico

O léxico de uma língua comporta todos os elementos, fenômenos e experiências de determinado povo. Assim, o conjunto de todas as palavras de uma língua formam o seu léxico. Conforme postula Biderman (1998, p. 11),

O léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo.

A nomeação das coisas pelo homem demonstra a vivência sociocultural no local de pertencimento dos nativos. Com efeito, fica evidente que a língua é o grande patrimônio dos povos, pois é por meio dela que o grupo se identifica e mantém ligação. Segundo Oliveira e Isquierdo (1998), o léxico permite conhecer toda a sociedade, visto que a língua está intrinsecamente ligada à história, à cultura e à memória. As autoras apontam que

O léxico configura-se como a primeira via de acesso à um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver um mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, e transformações socioeconômicas e políticas ocorridas numa sociedade. Em vista disso, O léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade (Oliveira; Isquierdo, 1998, p. 7).

Antunes (2012) afirma que o léxico

é aberto, inesgotável, constantemente renovável, não apenas porque surgem novas palavras, mais, também, pela dinâmica interna das palavras, que vão e vêm, que desaparecem e reaparecem, que mantêm seus significados ou os mudam, de um lugar para o outro, de um tempo para o outro. (Antunes, 2012, p. 29)

Portanto, o léxico é grande componente da língua, pois da mesma forma que não há língua sem gramática, certamente, não haverá língua sem léxico; ele é a matéria-prima da língua.

Os estudos sobre as palavras cabem às ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Elas estudam suas origens, como se comportam na sociedade, quem são seus falantes, dos significados, reunindo-as em compilações léxicas.

No entanto, são duas as ramificações que ocupam grande parte dos estudos acerca do repositório léxico de língua: “disciplinas tradicionais que estudam ‘léxico: a lexicologia e lexicografia” (Biderman, 1998, p. 13).

A Lexicologia é uma ciência que tem como objeto de estudo a palavra em si, pois, a partir dela, tem-se a busca em identificar sua categoria gramatical e o significado (Biderman, 1998). Sendo assim, a Lexicologia é o estudo das ciências do léxico (Barbosa, 1992). Dessa maneira, após a identificação desses itens lexicais são geradas as definições, além de categorizar sua função dentro das classes gramaticais.

A Lexicografia, por sua vez, tem por objetivo reunir os dados lexicológicos em compilações de língua, os dicionários. Segundo Biderman (1998, p. 15), “a lexicografia é a ciência dos dicionários”. Os registros descritos em uma obra léxica servem para salvaguardar o léxico da comunidade linguística. Barbosa (1992, p. 155) corrobora ao afirmar que “a Lexicografia é a técnica dos dicionários”. Vale ressaltar que essa ciência é muito antiga, mas ela só começou a ser desenvolvida no início da modernidade (Biderman, 1998).

Além das duas mais importantes, temos a Terminologia, que é uma área dos estudos lexicais que estudam uma língua de especialidade. Biderman (1998) chama a língua de especialidade de subconjunto do conhecimento humano: “a terminologia se ocupa de um subconjunto do léxico de uma língua, a saber, cada área específica do conhecimento humano” (Biderman, 1998, p. 17). Contribuindo com a assertiva, Barbosa (1992, p. 157) define a Terminologia como um “conjunto de palavras técnicas ou científicas, que, como já foi assinalado, constituem o vocabulário específico de uma ciência, de uma tecnologia, de um pesquisador ou grupo de pesquisadores, ou de uma área de conhecimento”.

Para salvaguardar o léxico de uma língua, foram criados os dicionários, que formam um conjunto de palavras de uma língua, mesmo que eles sejam uma tentativa de abarcar todas as palavras do idioma falado em um território, segundo Biderman (1998). Assim, os dicionários são comumente os repositórios da língua geral falada por

um povo. Por isso, além dos dicionários, existem os glossários e os vocabulários para registrar o que os dicionários não abarcam. Também, eles surgem com a mesma finalidade dos dicionários, mas cada um possui um direcionamento distinto.

Para Biderman (1998), os dicionários são considerados importantes aliados da comunidade linguística, pelo fato de agregar o tesouro lexical de língua em dado momento histórico. Esse registro da língua possui informações importantes sobre as unidades lexicais, pois “contém informações de natureza fonética, gramatical, conceitual, semântica, referencial” (Faulstich, 1995, p. 5). Assim, um dicionário além do registro dos itens lexicais de uma língua, também, agrega as informações sobre repertório sociocultural da língua, trazendo as informações de natureza linguística e cultural de cada unidade significativa falada pelos sujeitos falantes.

Em virtude do discutido, concluímos que as obras léxicográficas são bastante importantes e necessárias no armazenamento da língua, uma vez que as palavras mostram a vivência biossocial dos nativos por meio da linguagem. Dada essa importância, podemos dizer que as palavras emitidas por cada membro remetem à experiência da comunidade linguística na qual os sujeitos estão inseridos, e o dicionário, de uma forma poética, “é apenas o espaço onde elas esperam que as apanhemos para levá-las até nossas moradas” (Antunes, 2012, p. 47).

Compreendendo os campos semânticos

A teoria dos campos semânticos – ou campos léxicos – foi elaborada pelo linguista espanhol estruturalista Eugênio Coseriu (1981) com o objetivo de criar um método da semântica estrutural. Ao tratar dos campos lexicais, as unidades léxicas estão em certos lugares da ordem da fala, contribuindo para a formação de um sistema de oposições. Assim, para ele, “Un campo léxico es un conjunto de lexemas unidos por un valor léxico común (valor del campo), que esos subdividen en valores más determinados, oponiéndose entre sí por diferencias mínimas de contenido léxico” (Coseriu, 1981, p. 135).⁵

⁵ “Um campo léxico é um conjunto de lexemas unidos por um valor léxico comum (valor do campo), que se subdividem em valores mais determinados, opondo-se entre si por diferenças mínimas de conteúdo lexical” (Coseriu, 1981, p. 135).

Com base na teoria, Faulstich (2010) considera que

Um campo lexical é, do ponto de vista estrutural, um paradigma que resulta da repartição de um conteúdo lexical contínuo entre diferentes unidades de uma dada língua, entendidas como palavras; o conteúdo se opõe, imediatamente uns e outros, por meio de traços distintivos mínimos. (Faulstich, 2010, p. 193)

Abbade (2011) esclarece sobre o que seriam os campos lexicais, uma vez que eles representam um todo articulado e com postos hierárquicos. Ademais, ela demonstra que as palavras possuem dependência uma das outras, atribuindo o significado às palavras que estão próximas, com isso, é constatado que as palavras só terão significação a partir do conjunto do campo:

Os *campos lexicais* representam uma estrutura, um todo articulado, onde há uma relação de coordenação e hierarquia articuladas entre as palavras que são organizadas a maneira de um mosaico: o *campo léxico*. As palavras são organizadas em um campo com mútua dependência, adquirindo uma determinação conceitual a partir da estrutura do todo. O significado de cada palavra vai depender do significado de suas vizinhas conceituais. Elas só terão sentido como parte de um todo, pois só no campo terão significação. Assim para entender a lexia individualmente é necessário observá-la no seu conjunto de campo, pois fora desse conjunto não pode existir uma significação, uma vez que a mesma só existe nesse conjunto e em sua razão. (Abbade, 2011, p. 1332, grifos da autora)

É importante a noção de que o conceito de campos semânticos, ao longo do tempo, segundo Abbade (2009), sempre recebeu algumas críticas pelo fato de não haver um método preciso.

Faulstich (2010) menciona que os campos são representados por uma palavra arquilexemática – que tem o mesmo valor de apenas um campo. Entre um e outro arquilexema pode ocorrer uma oposição de maneira imediata. Também, é válido lembrar que os campos podem estar dentro de outros campos; nos campos macros, existem os campos micros. A exemplo, temos os trazidos por Faulstich (2010), agredir – como macro – e executar e esfaquear – como campos micros. Portanto, “é preciso dizer que as relações internas de um campo lexical, como estrutura de conteúdo, são

determinadas pelas identidades e diferenças que constituem o campo de fato e pelas oposições semânticas que funcionam ali dentro” (Faulstich, 2010, p. 194).

Além disso, delimitar quais termos fazem parte de um determinado campo lexical não é uma tarefa simples, é necessário, antes de tudo, conhecimento vocabular e um olhar aguçado para identificar e classificar um termo na constituição de um campo. Nunes (2014, p. 37) sustenta a seguinte ideia que

Delimitar um campo lexical é ter consciência de seus limites em uma dada realidade linguística, pois as lexias se reunirão não apenas pelo fato de possuírem significados parecidos, mas por possuírem também um mesmo traço semântico, uma mesma característica fonética, fonológica ou, ainda, morfológica, e que os une pelo compartilhamento de uma mesma situação, finalidade, texto, regularidade, paradigma ou sentido de linguagem.

Como é uma tarefa difícil para o linguista identificar e definir em qual campo pode ser classificada a lexia, a teoria dos campos não é consenso entre os estudiosos, pois há problemas difíceis de resolver ou até mesmo sem solução, conforme Abbade (2011). Porém, muitos trabalhos a utilizam porque abrangem os conhecimentos, manifestações e experiências dessa sociedade e que podem ser classificadas pelo teor cultural, além do linguístico.

Contextualizando: Marabá, João Brasil e *O Castanheiro* (2001)

A cidade de Marabá-PA, retratada na obra de João Brasil, é berço de uma cultura diversificada devido à forte migração que sofreu ao longo dos anos. Ela está situada na mesorregião Sudeste do estado do Pará, cerca de 500 km da capital, Belém. Atualmente, é uma das cidades mais importantes do estado, até mesmo da Amazônia, por ser um grande polo exportador de minério. A população do município, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de acordo com o censo de 2022, tem 266.536 habitantes distribuídos em uma área 15.128 km². A história da cidade é configurada pelos inúmeros ciclos econômicos e intensos fluxos migratórios que vieram em virtude de trabalho. Dentre os ciclos econômicos, pode-se destacar do caucho, da castanha-do-Pará, do diamante e do minério.

Por sua vez, João Brasil Monteiro é paraense de Altamira e um dos nomes mais marcantes na história de Marabá-PA e região por ter sido piloto de motores, garimpeiro, político e escritor. Nasceu no dia 25 de maio de 1926, sendo filho de dona Juvenília Benício Costa e seu Antônio Rodrigues Monteiro. Aos 5 anos de idade fica órfão de pai, o que fez sua mãe sair da zona rural de Altamira em busca de seus avós, João da Costa Brasil e Júlia Benício Brasil, porém não os encontram, já que haviam se mudado para Bragança e depois para Alcobaça – atualmente, Tucuruí-PA. Assim que houve o reencontro, a família encaminha-se para a cidade de Marabá-PA (Costa; Soares, 2019). Aos dezoito (18) anos, encontra aquela que seria sua mulher, Dona Izabel Rodrigues Macedo, “passando na Rua Nova eu vi uma moreninha no canto da porta e achei bonita. Eu olhei e ela baixou os olhos” (Brasil, 2013) e que se finda com o falecimento de sua amada no ano de 2017. Em 13 de março de 2021, João Brasil nos deixa com um legado excepcional, dentre os quais destacamos as criações das Academias de Letras do Sul e Sudeste do Pará (ALESSP) e a Academia de Letras de Marabá (ALMA) e suas onze (11) obras de cunho memorialístico.

Para este trabalho, selecionamos apenas uma das obras desse grande escritor por ser uma das mais representativas no que tange as marcas linguísticas da cultura de Marabá e região. A obra *O Castanheiro* foi publicada no ano de 2001. Ela possui 90 páginas, em que é apresentado um dos ciclos econômicos mais significativos da história de Marabá-PA, a coleta de castanhas. Na obra, o autor relata a formação desta cidade e como a castanha do Pará trouxe uma grande prosperidade econômica, conhecido como ciclo da castanha. É válido ressaltar que é uma obra não ficcional e possui caráter memorialista; são pequenos relatos de alguns temas acerca da castanha da época do ciclo econômico do período.

Dentre os vários aspectos, o autor memorialista descreve a vida dos homens nos castanhais, que chegaram à cidade e a transformaram na capital mundial da castanha na pós-Primeira Guerra. É relatado o trabalho realizado pelos castanheiros, e como era a extração da castanha em Marabá e o trajeto até Belém do Pará, onde era exportado para o resto do mundo. Cujo transporte era realizado pelo rio Tocantins, o primeiro meio de escoação, sendo esse meio utilizado por muitos anos.

Portanto, a obra retrata vida da população marabaense diante da castanha, pois foi uma das épocas que a cidade teve grande reconhecimento, o que gerou, também, um enorme fluxo migratório. A castanha é, sem dúvida, a personagem principal e por conta dela são produzidas essas memórias, porque, conforme João Brasil (2001), mesmo tendo algumas lacunas, a obra propõe que lembranças do processo histórico deste município não sejam perdidas.

Metodologia

O percurso metodológico utilizado neste trabalho baseia-se nos princípios da elaboração de dicionários. Assim, discutimos a macro e microestrutura que são imprescindíveis na constituição da obra léxica. Além disso, há uma explicação do programa computacional utilizado para elaboração das fichas léxicas.

Uma obra léxica – dicionários, vocabulários, glossários – é dividida em macro e microestrutura. Conforme Miranda (2007), a lexicografia estabelece esses conceitos a fim de ter uma ferramenta metodológica mais aprimorada. Assim, a “Macroestrutura’ é tudo aquilo que tem a ver com a progressão vertical do dicionário” (Miranda, 2007, p. 262).

A primeira fase de nossa pesquisa foi a seleção da obra, que nos serviu como *corpus*. A fase seguinte foi a leitura e coleta de itens lexicais e respectivas definições, ainda sem auxílio de um software. A última foi a inserção dos itens lexicais no programa computacional *Lexique Pro*.

O *Lexique Pro* é um *software* que possibilita a criação de uma ficha terminológica sem o risco de se deixar perder dados, haja vista que “[...] foi desenvolvido especialmente para elaboração de glossários e dicionários eletrônicos” (Lima; Martins, 2014, p. 259), além de ter a possibilidade de exportação de documento em formato *Web* e *Word* e incluir imagens – em formato jpg – e som – em formato mp3 e avi. A escolha deste programa deu-se pela razão de ser uso gratuito e pelo fácil manuseio na organização dos itens lexicais. Além disso, ele deixa de salvo e organiza os itens lexicais e ao finalizar a inserção no programa, tem-se a possibilidade da disponibilização da obra léxica de maneira *online*. Em virtude disso, o *Lexique Pro* foi essencial para a organização e sistematização ao passo que eram inseridos os itens lexicais.

Ademais, é importante dizer que os resultados desta pesquisa são um recorte da pesquisa de Iniciação Científica intitulada “Vocabulário de João Brasil”, tendo sido iniciada em 2017 e finalizada no ano de 2020, com o fomento do CNPq. O objetivo principal do trabalho é o de elaborar um vocabulário do autor regional João Brasil, uma vez que sua obra traz unidades léxicas que remetem ao estilo do autor, ao mesmo tempo que evidencia os aspectos socioculturais da cidade de Marabá-PA. A identificação dessas unidades teve como principal critério o fato de remeter a aspectos próprios da realidade retratada nas obras, no que diz respeito ao universo biossocial, sendo, portanto, possível, caracterizar a linguagem presente na obra como representativa do falar regional.

O vocabulário do campo semântico *acidentes geográficos* está organizado em macroestrutura e microestruturatura. A macroestrutura adotada demonstra os 22 (vinte e dois) itens lexicais distribuídos no campo semântico *acidentes geográficos* em ordem alfabética, acompanhados de informações gramaticais, definição, contexto, nota, forma dicionarizada e remissiva. Esses itens foram reunidos dentro de uma categoria diante a semelhança semântica que existe entre eles.

Ao passo que a coleta foi realizada, as unidades lexicais foram separadas e alocadas em cada campo semântico relativo à sua categoria. Sendo assim, este vocabulário se apresenta como semasiológico, pois são constituídos os *significados* dos *significantes* selecionados. A organização das unidades lexicais dá-se em *Acidentes geográficos*: composto de unidades lexicais que nomeiam os rios, lagos, praias, relevos, montanhas, etc.

A microestrutura do vocabulário está organizada obedecendo a seguinte estrutura, segundo modelos propostos por Vasconcelos (2003), Velasco (2003) e Frubel e Isquerdo (2004):

**Termo entrada + categoria gramatical + definição + contexto + nota +
remissiva + forma dicionarizada**

Amostra do vocabulário

O vocabulário, a seguir, traz as amostras do campo semântico da obra de João Brasil: *Acidentes geográficos*⁶ – lexias que nomeiam os rios, lagos, praias, relevos, montanhas, etc. Neste campo, a saber, foram identificadas 22 (vinte e duas) unidades lexicais.

ACIDENTES GEOGRÁFICOS

Cachoeira das tabocas

s.f. Parte do rio Tocantins rumo à Alcobaça (atual Tucuruí-PA), pela qual trafegava os barcos carregados de castanhas. “E pela primeira vez, assim que ajuntaram um volume considerável, carregaram com castanhas dois batelões que, acionada a remos desceram o Rio Tocantins, transpondo às perigosas cachoeiras das tabocas até Alcobaça, onde previam negociá-las.” (p. 35).

Dicionarizado.

Cachoeira do colete

s.f. Parte do rio Branco, trafegado por castanheiros em busca de castanhas. “Após dias de viagem, vislumbraram o primeiro empecilho, a cachoeira do Colete, e ali juntaram-se e lamentavelmente, comprovaram que a farinha que traziam havia terminado.” (p. 61). Não

Dicionarizado.

Calha rasa

s.f. Parte do rio, à cerca 120 km da margem do rio Itacaiunas. “Ao transporem a calha rasa do rio Itacaiúna, deixando à retaguarda mais 120 quilômetros [...]” (p. 20). Dicionarizado.

Calhas de grotões

s.f. Canais ligados às cavidades formadas pelas água dos rios e das chuvas, para escoar água a fim de se evitar poças e alagamentos. “[...] limpeza em picadas, estradas pera tangidas de burros, calha de grotões e igarapés, mata-burros e pequenos pontilhões.” (p. 55). Dicionarizado.

Igarapé

s.m. Rio de pequena largura, cercado por mata e que deságua em rios. Os igarapés são muito comuns na região, por eles navegavam caucheiros, castanheiros e demais moradores da região. “Com o tempo, outros batelões de menor porte foram construídos com linhas apropriadas a navegação em rios e igarapés, em razão das dificuldades que enfrentariam [...]” (p. 41).

Dicionarizado.

Perímetros encachoeirados

s.m. Partes dos rios Tocantins e Araguaia que ofereciam grandes riscos à navegação de barcos de transporte de castanha. “Mesmo porque, em perímetros encachoeirados, não há técnica de ponta, capaz de superar o raciocínio rápido e habilidade do Piloto ao desviar a embarcação de

⁶ Entende-se como acidentes geográficos qualquer mudança ou transformação em solo terrestre e com usos de expressões como “região acidentada”, “relevo acidentado” ou “terreno acidentado” (Medeiros, 1973). Além disso, podem ser de dois tipos: naturais ou artificiais. No caso deste vocabulário, atribuímos apenas as formas naturais.

pedras, rebojos, mareasias e funis, ao transpor empecilhos naturais dos caudalosos rios Tocantins e Araguaia.” (p. 56). Não Dicionarizado.

Pium

s.m. Nome de Igarapé, do lado esquerdo do Rio Itacaiunas, em cujas margens se encontravam castanhais devolutos do Estado, os quais foram explorados a partir de 1958, depois da queda do caucho no mercado. Posteriormente essa área tornou-se reserva indígena. “Como opção, em 1958 ocuparam-se os castanhais devolutos do Estado à margem do Igarapé Pium, tributário esquerdo daquele rio, onde passaram a extrair castanhas.”(p. 62). *Note:* Termo com outra aceção. Dicionarizado.

Rio Água Suja (Sororó)

s.m. Afluente direito do Rio Tocantins, pelo qual trafegavam barqueiros, castanheiros e garimpeiros. “[...] no caudaloso Rio Tocantins, que tem 555 quilômetros de extensão e seus afluentes direitos tem os seguintes nomes: Rio Águas Claras, Rio Branco, hoje Parauapebas, Vermelho, Água Suja, ou Sororó e pela margem esquerda, os Rios Cateté, Pium, Aquirí, Salobro, Cinzento, Itapirapé e Preto.” (p. 17). Não Dicionarizado.

Rio Águas Claras

s.m. Afluente direito do Rio Tocantins, pelo qual trafegavam barqueiros, castanheiros e garimpeiros. “[...] no caudaloso Rio Tocantins, que tem 555 quilômetros de extensão e seus afluentes direitos tem os seguintes nomes: Rio Águas Claras, Rio Branco, hoje Parauapebas, Vermelho, Água Suja, ou Sororó e pela margem esquerda, os Rios Cateté, Pium, Aquirí, Salobro, Cinzento, Itapirapé e Preto.” (p. 17). Não Dicionarizado.

Rio Aquiri

s.m. Afluente esquerdo do Rio Tocantins, pelo qual trafegavam barqueiros, castanheiros e garimpeiros. “[...] no caudaloso Rio Tocantins, que tem 555 quilômetros de extensão e seus afluentes direitos tem os seguintes nomes: Rio Águas Claras, Rio Branco, hoje Parauapebas, Vermelho, Água Suja, ou Sororó e pela margem esquerda, os Rios Cateté, Pium, Aquirí, Salobro, Cinzento, Itapirapé e Preto.” (p. 17). Não Dicionarizado.

Rio Branco

s.m. Afluente direito do Rio Tocantins, pelo qual trafegavam barqueiros, castanheiros e garimpeiros. “[...] e adentrou o Rio Branco junto com mais dois castanheiros, e de quando e quando margeavam o rio a pés [...]” (p. 61). Dicionarizado.

Rio Cateté

s.m. Afluente esquerdo do Rio Tocantins, pelo qual trafegavam barqueiros, castanheiros e garimpeiros. “[...] no caudaloso Rio Tocantins, que tem 555 quilômetros de extensão e seus afluentes direitos tem os seguintes nomes: Rio Águas Claras, Rio Branco, hoje Parauapebas, Vermelho, Água Suja, ou Sororó e pela margem esquerda, os Rios Cateté, Pium, Aquirí, Salobro, Cinzento, Itapirapé e Preto.” (p. 17). Não Dicionarizado.

Rio Cinzento

s.m. Afluente esquerdo do Rio Tocantins, pelo qual trafegavam barqueiros, castanheiros e garimpeiros. “[...] no caudaloso Rio Tocantins, que tem 555 quilômetros de extensão e seus

afluentes direitos tem os seguintes nomes: Rio Águas Claras, Rio Branco, hoje Parauapebas, Vermelho, Água Suja, ou Sororó e pela margem esquerda, os Rios Cateté, Pium, Aquirí, Salobro, Cinzento, Itapirapé e Preto.” (p. 17). Não Dicionarizado.

Rio Itapirapé

s.m. Afluente esquerdo do Rio Tocantins, pelo qual trafegavam barqueiros, castanheiros e garimpeiros. “[...] no caudaloso Rio Tocantins, que tem 555 quilômetros de extensão e seus afluentes direitos tem os seguintes nomes: Rio Águas Claras, Rio Branco, hoje Parauapebas, Vermelho, Água Suja, ou Sororó e pela margem esquerda, os Rios Cateté, Pium, Aquirí, Salobro, Cinzento, Itapirapé e Preto.” (p. 17). Não Dicionarizado.

Rio Parauapebas

s.m. Afluente esquerdo do Rio Tocantins, pelo qual trafegavam barqueiros, castanheiros e garimpeiros. “[...] no caudaloso Rio Tocantins, que tem 555 quilômetros de extensão e seus afluentes direitos tem os seguintes nomes: Rio Águas Claras, Rio Branco, hoje Parauapebas, Vermelho, Água Suja, ou Sororó e pela margem esquerda, os Rios Cateté, Pium, Aquirí, Salobro, Cinzento, Itapirapé e Preto.” (p. 17). Não Dicionarizado.

Rio Pium

s.m. Afluente esquerdo do Rio Tocantins, pelo qual trafegavam barqueiros, castanheiros e garimpeiros. “[...] no caudaloso Rio Tocantins, que tem 555 quilômetros de extensão e seus afluentes direitos tem os seguintes nomes: Rio Águas Claras, Rio Branco, hoje Parauapebas, Vermelho, Água Suja, ou Sororó e pela margem esquerda, os Rios Cateté, Pium, Aquirí, Salobro, Cinzento, Itapirapé e Preto.” (p. 17). Não Dicionarizado.

Rio Preto

s.m. Afluente esquerdo do Rio Tocantins, pelo qual trafegavam barqueiros, castanheiros e garimpeiros. “[...] no caudaloso Rio Tocantins, que tem 555 quilômetros de extensão e seus afluentes direitos tem os seguintes nomes: Rio Águas Claras, Rio Branco, hoje Parauapebas, Vermelho, Água Suja, ou Sororó e pela margem esquerda, os Rios Cateté, Pium, Aquirí, Salobro, Cinzento, Itapirapé e Preto.” (p. 17). Não Dicionarizado.

Rio Salobro

s.m. Afluente esquerdo do Rio Tocantins, pelo qual trafegavam barqueiros, castanheiros e garimpeiros. “[...] no caudaloso Rio Tocantins, que tem 555 quilômetros de extensão e seus afluentes direitos tem os seguintes nomes: Rio Águas Claras, Rio Branco, hoje Parauapebas, Vermelho, Água Suja, ou Sororó e pela margem esquerda, os Rios Cateté, Pium, Aquirí, Salobro, Cinzento, Itapirapé e Preto.” (p. 17). Não Dicionarizado.

Rio Vermelho

s.m. Afluente direito do Rio Tocantins, pelo qual trafegavam barqueiros, castanheiros e garimpeiros. “[...] no caudaloso Rio Tocantins, que tem 555 quilômetros de extensão e seus afluentes direitos tem os seguintes nomes: Rio Águas Claras, Rio Branco, hoje Parauapebas, Vermelho, Água Suja, ou Sororó e pela margem esquerda, os Rios Cateté, Pium, Aquirí, Salobro, Cinzento, Itapirapé e Preto.” (p. 17). Não Dicionarizado.

Rio Volta Grande (Aquiri)

s.m. Afluente da margem esquerda do rio Itacaiúnas, faz limite Marabá – Parauapebas. O nome significa Grande Rio Branco em língua indígena ou Rio de Águas rasas (segundo o autor). “O Rio Itacaiúnas corre em direção sudeste até receber as águas do Rio Volta Grande ou Aquiri seu afluente da margem esquerda, que faz limite Marabá – Parauapebas [...]” (p. 17). Não Dicionarizado.

Salobro

s.m. Nome de Igarapé, em cujas margens se fazia extração da castanhas, por arrendamento, depois da retirada de castanheiros do Igarapé Salobro. Essa área posteriormente tornou-se uma mina de cobre (segundo o autor), apossada por garimpeiros e posteriormente explorada pela Vale do Rio Doce. “[...] obrigando-os a mudar-se para outra área à margem do igarapé Salobro, onde continuaram extraindo o mesmo produto e formando fazenda de gados.” (p. 62). Note: Termo com outra acepção. Dicionarizado.

Considerações Finais

Este trabalho tinha como objetivo descrever um campo semântico da obra de João Brasil para a constituição de um vocabulário. Com isso, foram identificados 22 itens lexicais distribuídos no campo *acidentes geográficos*. Assim, a pesquisa reúne os dados representativos ao relacionar com o universo físico, histórico e sociocultural da cidade de Marabá-PA e região por meio da obra memorialística *O Castanheiro* (2001).

A constituição do vocabulário do campo semântico dos Acidentes Geográficos apresenta uma riqueza das unidades léxicas coletadas na obra, uma vez que os nomes dos rios e seus afluentes são relatados, mostrando a importância desses para o período glorioso da castanha na cidade de Marabá-PA. Os itens lexicais manifestam a cultura, a identidade e a memória do povo marabaense, tendo em vista a contribuição deste vocabulário sócio-culturalmente, assim como no aspecto linguístico.

Acreditamos que o objetivo foi concretizado, pois, a partir da amostra do vocabulário, é descrito o léxico regional, bem como são refletidos os fatos culturais, os valores, as experiências, os costumes da região, etc. Portanto, as motivações para a constituição de um vocabulário regional são concretizadas, visto que os aspectos culturais e linguísticos são evidenciados.

A constituição deste vocabulário também cumpre com o anseio de preservar um pouco da história do município, por meio dos relatos do autor sobre tipos sociais tão importantes, mas, muitas vezes invisibilizados: castanheiro, caucheiro, pescador, piloto de barco, garimpeiro, prostituta etc. que contribuíram para a formação da cidade.

Portanto, observamos que o trabalho aborda as questões de cultura, identidade e memória relacionadas ao universo linguístico. Nesse sentido, o estudo deste vocabulário revela os traços característicos da comunidade, contribuindo tanto para os níveis culturais – ao estabelecer conhecimento da formação sócio histórica do passado e do atual momento da região –, quanto para os linguísticos – para compreender a variedade do português falado no sudeste do estado do Pará –, ou seja, esse vocabulário tem um valor cultural e valor linguístico.

REFERÊNCIAS

- ABBADE, Celina Márcia de Souza. A lexicologia e a teoria dos Campos lexicais. *Anais do XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia*. Cadernos do CNLF, vol. XV, Nº 5, t.2. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011.
- ABBADE, Celina Márcia de Souza. A terminologia espírita a partir do Livro dos Espíritos. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; DAL CORNO, Giselle Olivia Mantovani (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. 7. Campo Grande: UFMS, 2014. p. 316-375.
- ABBADE, Celina Márcia de Souza. Lexicologia social: a lexemática e a teoria dos campos lexicais. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. 6. Campo Grande – MS: UFMS, 2012. p. 141-161.
- ABBADE, Celina Márcia de Souza. *Um estudo lexical do primeiro manuscrito da culinária portuguesa medieval: o livro de cozinha da Infanta D. Maria*. Salvador: Quarteto, 2009.
- ANTUNES, Irlandé. O léxico da língua. In: ANTUNES, Irlandé. *O território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: parábola, 2012. p. 27-49.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia, lexicografia, terminologia e terminografia: identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. In: II Simpósio Latino-Americano de Terminologia. 2., 1992, *Anais*. Brasília: IBICT; Paris: União Latina, 1992. p. 152-158.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. 1. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998. P. 129-142.
- BRASIL, João. João Brasil Monteiro. In: VALE. *Marabá, ontem e hoje*. Marabá: [s. n.], 2013.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

- COSERIU, Eugênio. *Princípios da semântica estrutural*. Tradução de M. M. Hernandez. Madrid: Gredos, 1981.
- COSTA, Renan Torres da; SOARES, Eliane Pereira Machado. O vocabulário do escritor João Brasil. *RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, v. 5, p. 1-14, 2019.
- FAULSTICH, Enilde. Análise operacional de esquemas contextuais: o campo lexical e a moldura. *Acta Semiótica et lingvstica*, v. 15, n. 1, 2010.
- FAULSTICH, Enilde. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. *Ciência da Informação*, v. 24, n. 3, 1995.
- FRUBEL, Auri Claudionei Matos; ISQUERDO, Aparecida Negri. Vocabulário do falar sul-mato-grossense: aspectos lexicográficos e socioculturais. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. *As ciências do léxico: lexicologia lexicografia terminologia*, v. 2. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004. p. 153-166.
- KRIEGER, Maria da Graça. Lexicologia, lexicografia e terminologia: impactos necessários. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; FINATTO, Maria José Bocorny (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, v. 4. Campo Grande: Ed. UFMS; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010. p. 161-175.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 14. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.
- MIRANDA, Félix Bugueño. O que é a macroestrutura no dicionário de língua? In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, v. 3. Campo Grande: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. p. 261-272.
- MEDEIROS, Marlene Retamal de et al. *Dicionário de Geografia*. Porto Alegre: Editora Globo, 1973.
- NUNES, Ticiane Rodrigues. *Glossário de termos do campo lexical violência nos autos de querela do século XIX*. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, 2014.
- OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. Apresentação. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. 1. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998.
- VASCONCELOS, Alessandra. Glossário da terminologia do caranguejo: uma perspectiva socioterminológica. In: RAZKY, Abdelhak (org.). *Estudos geo-sociolinguísticos no estado do Pará*. Belém: [s. n.], 2003. p. 143-154.
- VELASCO, Ideval. O léxico da pescaria em Soure – Ilha do Marajó. In: RAZKY, Abdelhak (org.). *Estudos geo-sociolinguísticos no estado do Pará*. Belém: [s. n.], 2003. p. 155-171.

Corpus de um livro didático: estudo exploratório voltado a dicionários para crianças em fase de alfabetização

Corpus of a children workbook: an exploratory study focused on dictionaries for children in the literacy phase

Submetido em: 14/08/2023

Aceito em: 09/11/2023

Janina Antonioli¹

Resumo: O uso de corpus linguístico é uma ferramenta consagrada para a compilação de dicionários. No entanto, no Brasil essa ferramenta ainda não foi utilizada para dicionários escolares de alfabetizandos. Para o presente artigo, buscou-se revisar a literatura que embasa metodologicamente o uso de corpus em dicionários pedagógicos e, com isso, avaliar quais informações um corpus compilado a partir de um livro didático poderia oferecer para a composição futura de um dicionário. Nessa perspectiva, o trabalho de Estopà (2019) contribuiu para estabelecer critérios pertinentes para o usuário mencionado, embora seus estudos sejam focados, especialmente, em dicionários terminológicos. Para este experimento, o uso de apenas um livro didático para a compilação do corpus teve como objetivo avaliar a produtividade dessa metodologia. Dentre substantivos, verbos e adjetivos, avaliou-se que tipos de lemas eram mais recorrentes e se eram frequentes no Corpus Brasileiro. Por fim, esta pesquisa exploratória é um trabalho piloto para o estabelecimento de procedimentos e critérios para a compilação de um corpus mais significativo que apoie a construção de um dicionário para alfabetizandos.

Palavras-chave: Corpus linguístico; Lexicografia Pedagógica; Alfabetização e Letramento.

Abstract: The use of corpus linguistics is an established tool for compiling dictionaries. However, in Brazil, this tool has not yet been used for school dictionaries targeted to literacy students. For the present article, an attempt was made to review the literature that methodologically supports the use of corpus in pedagogical dictionaries and, with that, to evaluate what information a corpus compiled from a children workbook could offer for the future composition of a dictionary. In this perspective, the work of Estopà (2019) contributed to establishing relevant criteria for the mentioned user, although her studies are focused, especially, on terminological dictionaries. For this experiment, the use of only one workbook to compile the corpus aimed to evaluate the productivity of this methodology. Among nouns, verbs and adjectives, it was evaluated which types of lemmas were more recurrent and if they were frequent in the Brazilian Corpus. Finally, this exploratory research is a pilot work for the establishment of procedures and criteria for the compilation of a more significant corpus that supports the construction of a dictionary for literacy students.

Keywords: Corpus linguistics; Pedagogical Lexicography; Literacy.

Introdução

A interface entre a Lexicografia e o uso de corpora é tão antiga quanto natural (Duran, 2008). A perspectiva da Linguística de Corpus, como área do conhecimento, contribui sobremaneira para o desenvolvimento da Lexicografia, pois aponta caminhos

¹ Doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2627486750658671>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-7430-0001>. E-mail: nina.antonioli@protonmail.com.

e metodologias que enriquecem dicionários, especialmente dicionários com finalidades específicas, para públicos distintos (Oliveira, 2009). As ferramentas computacionais pensadas para apontar evidências linguísticas podem ser muito produtivas, também, para se pensar o que se deve apresentar à criança que está em fase de alfabetização, como um primeiro dicionário escolar.

Sendo assim, o presente artigo tem por objetivo servir de estudo inicial para bases teórico-metodológicas de um dicionário destinado a turmas em fase de alfabetização. O dicionário escolar teve e tem grande importância para o contexto escolar, seja para apresentar a obra lexicográfica e sua lógica interna à criança, seja para orientar sobre o léxico da língua (Dini, 2022; Ribeiro, De Paula, 2014; 2012). Rangel indica que o dicionário escolar:

[...] pode ser um instrumento bastante valioso para a aquisição de vocabulário e para o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita; e isso, para todas as áreas e para todas as horas, já que ler e escrever, dentro e fora da escola, fazem parte de muitas outras atividades. (Rangel, 2012, p. 18).

Taljad, Prinsloo (2021, p. 199) reconhecem, por um lado, que “os dicionários infantis são fundamentais para estabelecer uma cultura de dicionário e são a porta de entrada para o uso sustentado e informado do dicionário”. Por outro lado, apontam, também, que “é surpreendente que muito pouca atenção seja dada a esses dicionários na pesquisa acadêmica” (Taljad, Prinsloo; 2021, p. 199). Os esforços embasados em estudos e pesquisas são, portanto, fundamentais para qualificar a obra lexicográfica destinada aos estudantes dos primeiros anos.

De acordo com a BNCC (Brasil, 2018, p. 109), Base Nacional Curricular Comum, a criança em fase de alfabetização deveria ser capaz de reconhecer, ler e compreender (ainda que com ajuda) um verbete de dicionário. O uso autônomo do dicionário é também previsto na BNCC, mas somente no 3º ano (Brasil, 2018, p. 115). Um dicionário pensado para alfabetizandos, portanto, precisa ser acessível e adequado a esse período de ensino.

Uma vez que a Educação Brasileira tem um robusto e consagrado programa de distribuição de livro didático chamado PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), que fomenta as salas de aulas de todas as escolas públicas do país, entendeu-se que o

livro didático poderia fornecer pistas sobre como o dicionário poderia ser conformado para atender seu público, já que a BNCC não orienta sobre qual e como seria o vocabulário esperado para o primeiro e segundo anos, mas é a base que fundamenta a concepção dos próprios livros didáticos. Este é um estudo exploratório sobre apenas um livro, que visa observar as questões linguísticas presentes e quais dados poderiam ser potencialmente explorados para uma obra lexicográfica.

Revisão bibliográfica

De acordo com Sinclair (2005, tradução nossa), um corpus é “uma coleção de trechos de textos em formato eletrônico, selecionados de acordo com critérios externos para representar, na medida do possível, uma variedade linguística como fonte de dados para pesquisa linguística”². De acordo, ainda, com Faaß (2017, p. 124, tradução nossa), “o método de compilação de tais recursos é um fator crucial, e os metadados são altamente relevantes para decidir qual corpus existente é adequado para o propósito de encontrar determinados fenômenos”³.

O trabalho do lexicógrafo, partindo das evidências linguísticas apontadas através de corpora, não é recente e tem sido automatizado desde a década de 1960 (Faaß, 2017). Ao mesmo tempo, o advento das tecnologias da informação contribui para que tanto as ferramentas, como suas análises posteriores, sejam qualificadas e possam explicar e discutir os fenômenos linguísticos de forma mais precisa. Não seria diferente com a Lexicografia e com a Linguística de Corpus (Fuertes-Olivera, 2007; Mukherjee, 2006). Mukherjee (2006) aponta que o uso de corpora para fins pedagógicos, especialmente em interface com a Lexicografia, pode contribuir para a construção de ferramentas de ensino de língua materna e adicional. Diferentes corpora podem auxiliar para tarefas de produção e de compreensão, ou seja, as experiências e necessidades de seus usuários orientam os critérios de concepção e acesso ao corpus ou aos corpora. Almeida acrescenta que

² “a collection of pieces of language text in electronic form, selected according to external criteria to represent as far as possible, a language variety as source of data for linguistic research”.

³ “the method of compilation of such resources is a crucial factor, and metadata are highly relevant when deciding which existing corpus is adequate for the purpose of finding certain phenomena”.

O trabalho com corpus tem trazido para a Linguística em geral uma experiência mais empírica por ser baseado em coletâneas de textos autênticos [...] tanto em modalidade escrita quanto oral. [...] A essa característica empírica da língua, muito nos interessa quando queremos relacionar a Linguística de/com corpus com o ensino. (Almeida, 2015, p. 650).

Há, contudo, alguns limites e insuficiências nos dicionários escolares que Estopà (2019) aponta como recorrentes em várias obras:

- Insuficiente ou nula delimitação tanto da finalidade didática que a obra busca quanto do coletivo ao qual que se dirige.
- Seleção inadequada do corpus registrado.
- Falta de precisão ou excessiva generalidade na formulação de definições.
- Ausência de um critério uniforme na ordenação de acepções e na localização de elementos fraseológicos.
- Graves insuficiências na separação de informação gramatical.
- Escassa ou nula presença de exemplos que orientem o uso e favoreçam, portanto, a função codificadora do dicionário.
- Escassa atenção aos aspectos pragmáticos e sociolinguísticos do léxico (Estopà, 2019, p. 252, tradução nossa)⁴.

Embora exista um debate sobre o suporte e o formato da obra lexicográfica, mesmo em ambiente escolar (Nomdedeu-Rull, Tarp, 2018; Tarp, Fuertes-Olivera; 2016), independentemente da forma como é apresentado, o dicionário continua sendo uma referência para o trabalho pedagógico de sala de aula (Brasil, 2018) e, por isso, a busca por qualificar a obra lexicográfica é fundamental para que não seja subutilizada. O currículo do ensino organizado para o período de alfabetização está detalhado na BNCC e esse documento programático pode fornecer informações sobre a concepção do corpus a ser compilado, como sugerem Marian (2014) e Pereira (2016). O corpus,

⁴ “Insuficiente o nula delimitación tanto de la finalidad didáctica que persigue la obra como del colectivo al que se dirige. Inadecuada selección del corpus registrado. Falta de precisión o excesiva generalidad en la formulación de las definiciones. Casos de circularidad o de pistas perdidas. Ausencia de un criterio uniforme en la ordenación de las acepciones y en la ubicación de los elementos fraseológicos. Graves insuficiencias en el apartado de la información gramatical. Escasa o nula presencia de ejemplos que orienten en el uso y favorezcan, por tanto, la función codificadora del diccionario. Escasa atención a los aspectos pragmáticos y sociolingüísticos del léxico”.

portanto, poderia contribuir para validar metodologicamente as escolhas lexicográficas, bem como orientá-las. Trabalhos como Estopà (2019), Tamayo Lozada, Ruiz Miyares (2021) sugerem caminhos de uso de corpora, ainda que suas questões metodológicas não atenham critérios que se relacionem diretamente à fase de alfabetização, que é tão específica e singular no processo de escolarização, mas também no currículo brasileiro.

Nesse sentido, embora exista produtividade reconhecida em dicionários baseados em estudos advindos da Linguística de Corpus e, além disso, constem experiências exitosas desses estudos em obras lexicográficas, é preciso encontrar, para o caso brasileiro, critérios que, além de estarem consonantes com as necessidades de uma criança em fase de alfabetização, devam estar alinhados ao currículo proposto.

Pressupostos para a elaboração da metodologia

As diferenças entre os registros da língua podem mudar de acordo com muitas variantes, sejam elas culturais, sociais e/ou etárias. A linguagem infantil, nesse sentido, apresenta características bastante típicas, assim muitas inovações nas línguas podem ser salientadas na fala e nas primeiras escritas das crianças (Wild, Kilgarriff, Tugwell, 2012). Dessa forma, a linguagem infantil costuma ser menos metafórica, utiliza frases com predomínio da ordem direta, confunde algumas marcações morfológicas menos usuais (como, por exemplo, plural e/ou gênero) (Chapman, 2000; Suppes, 1974; De Salles, Parente, 2007). Embora essas características citadas sejam mais presentes na primeira infância, a linguagem da criança vai se aperfeiçoando com o tempo e remanescências desses traços ocorrem nos primeiros anos da vida escolar (De Salles, Parente, 2007).

Assim sendo, por causa das peculiaridades da infância, é bastante natural a curiosidade sobre o quê e o quanto de palavras as crianças reconhecem – dúvidas que, *per se*, justificam projetos que analisam qualitativa e quantitativamente o conhecimento linguístico infantil (Segbers, Schroeder, 2017; Wild, Kilgarriff, Tugwell, 2012; Banerji, Gupta, Kilgarriff, Tugwell, 2013). Há, contudo, poucos corpora compilados com escrita das crianças. Estes raros trabalhos almejam oferecer subsídios para a prática docente em contextos bilíngues (Geiger-Jaillet, Ross; 2017); ou seu objetivo principal é registrar

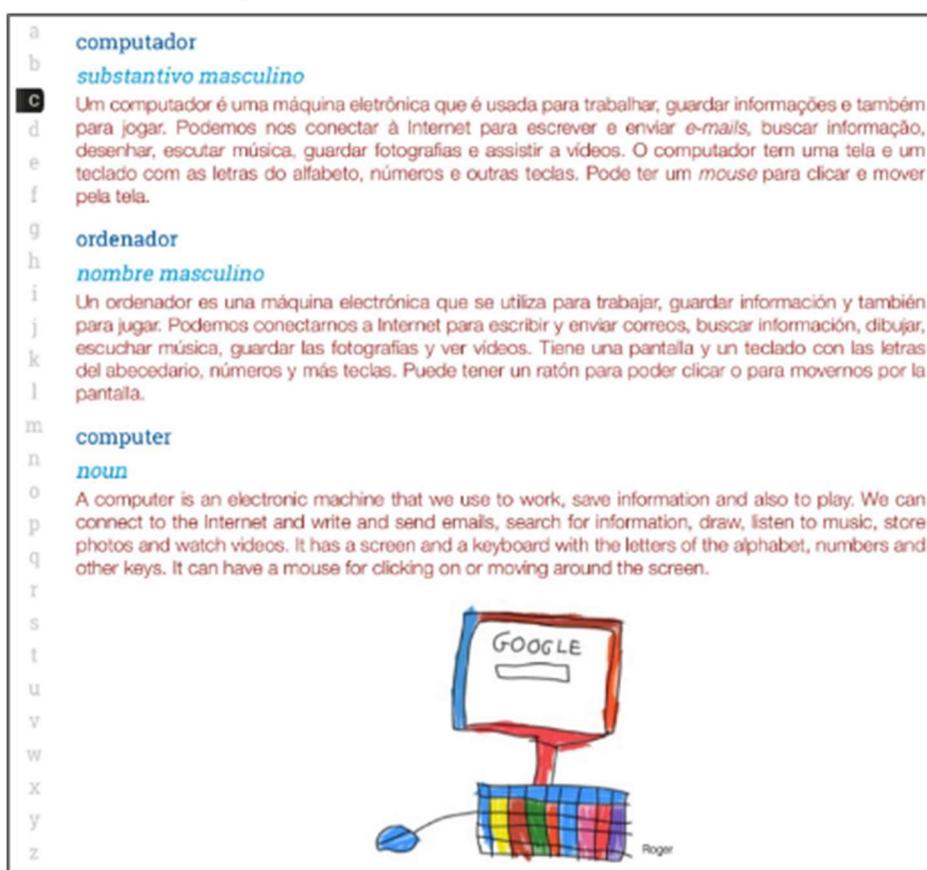
a fala (Batliner, Blomberg, D'arcy, Elenius, Giuliani, Gerosa, Hacker, Russell, Steidl, Wong; 2005; Pascual, Guevara, 2012); ou, ainda, seu foco está em crianças muito pequenas, abarcando o período da aquisição da linguagem, como o Corpus Infantil Longitudinal, que “desenvolve pesquisas relacionadas à aquisição da língua materna a partir da coleta, transcrição e marcação de dados orais e gestuais espontâneos de crianças brasileiras” (CIL, 2021).

Em Língua Portuguesa, não há projetos robustos de compilação de corpus da linguagem de crianças, seja na fase pré-escolar, seja na fase dos primeiros anos escolares, à exceção do corpus do LEAL (Laboratório de Estudos em Aquisição de Linguagem), da Universidade de São Paulo, USP. Esse corpus visa oferecer “à comunidade de linguistas, professores e pesquisadores três corpora sobre a fala, a escrita e o ambiente linguístico da criança” e um desses corpora é composto “por um conjunto de cadernos digitalizados, pertencentes a crianças do 1º ao 8º ano do Ensino Fundamental”, que se constituiu “de um conjunto digitalizado de cadernos e livros didáticos que foram utilizados durante o processo de escolarização de 5 crianças paulistas [...] cujos dados de desenvolvimento de fala foram também coletados” (CORPUS Escrita, 2021).

Mesmo que pouco se saiba sobre dicionários para escolares, abundam trabalhos que indicam a necessidade de aprofundamento e de estudos nessa seara (Sousa, 2008; Avila Martín, 2000; Lima, 2015; Brasil, 2012). Trabalhos robustos como Estopà (2019) e Estopà; Bevilacqua (2022) sobre dicionários de ciências para crianças das séries iniciais sugerem a necessidade de critérios específicos e bem delineados, que nem sempre podem ser replicados a outros públicos, desde a conformação e compilação do corpus, até os componentes canônicos do dicionário. Ou seja, a obra “para iniciantes” também é entendida como uma obra de “acesso” da criança ao universo dos dicionários. O corpus compilado por Estopà (2019), baseado nas explicações orais e desenhos que 500 crianças davam para termos das ciências naturais, é a “base da construção das definições elaboradas com uma metodologia em etapas que implica na construção – desconstrução – reconstrução” (Estopà, 2019, p. 255). A autora apresenta o passo a passo metodológico que conformou as decisões lexicográficas: a) selecionar as palavras mais adequadas; b) estabelecer cumplicidades cognitivas; c) relacionar e diferenciar informação; d) prever erros cognitivos; e) dar exemplos de boas práticas; f) proporcionar informação enciclopédica ou informação

antecipada; e g) proporcionar informação linguística necessária (Estopà, 2019, p. 256-258). O produto desse trabalho pode ser visto no exemplo a seguir:

Figura 1: Estopà, 2019, verbete *computador*.



Marconi, Ruiz Miyares, Cutugno (2018), ao realizarem o levantamento léxico dos estudantes de Cuba, compilaram um corpus de 700 mil palavras, com 25 mil palavras diferentes, advindas de textos de crianças estudantes entre o 2º e o 6º anos escolares, das zonas urbanas e rurais; são 5800 textos, 1200 amostras gravadas. Os temas dessas produções são orientados pelo currículo escolar do país, de modo que assuntos como *família*, *escola* e *entretenimento* se repetiram (Miyares Bermúdez; Suárez; Márqués; Heredia; Ruiz Miyares, 2006).

Baseado nisso, o uso do corpus LAFEC tem oferecido diferentes produtos lexicográficos no país: *Diccionario Ortográfico Español*, *Diccionario Básico Español*, *Diccionario Español Ilustrado* (DEI, para as crianças do 2º ao 4º ano, o que seria o primeiro ciclo do primário cubano) e *Vocabulario Inverso y Anagramas del Español*. O *Diccionario Básico Español* (DBE) está disponível na versão impressa, na *internet* e em

aplicativos para *smartphones* e tem o objetivo não apenas de uso pedagógico, como também da acessibilidade da obra lexicográfica para toda a cidadania cubana (Miyares Bermúdez; Zubillaga; Loinaz; Iparragirre; Ruiz Miyares; Suárez; Marqués; 2012; Tamayo Lozada; Ruiz Miyares, 2021). No caso do DEI, Miyares Bermúdez (2018) indica que

Este dicionário está dirigido ao primeiro ciclo do ensino primário e entre seus objetivos está alcançar a familiarização dos educandos com o uso desta importante ferramenta linguística. Para assimilar o anterior, o DEI possui características de acordo com o desenvolvimento psicobiológico dos escolares (Miyares Bermúdez, 2018, p. 120, tradução nossa)⁵.

Além disso, a autora lista as características principais da obra:

- As definições, geralmente descritivas, são simples e claras para propiciar a compreensão do significado das palavras.
- As definições sempre aparecem nas orações mediante as quais se pode precisar o significado e a função da palavra.
- Todas as palavras das definições são curtas, não excedem doze letras; isso se teve em conta em todos os casos para facilitar a leitura por parte das crianças dos primeiros anos. [...]
- As entradas em sua maioria foram selecionadas entre as vozes encontradas na investigação sobre o léxico, a essas se adicionaram outras extraídas dos livros didáticos dos primeiros anos do ensino primário. Isso é muito importante, pois as crianças aprenderão outros vocábulos que contribuirão em sua formação cognoscitiva e, por fim, uma melhor interpretação da realidade que os rodeia.
- O DEI é um dicionário linguístico, alfabético e contemporâneo.
- Teve-se em conta critérios psicológicos, educativos, éticos, científicos e patrióticos, que estão presentes nas definições e nas orações que servem de exemplo, as quais são acessíveis às crianças, de acordo com sua idade e grau de escolarização. [...]
- O dicionário está propenso a atingir boa ortografia graças à novidade de destacar em vermelho as letras em cada entrada que

⁵ “Este dicionario está dirigido al primer ciclo de enseñanza primaria y entre sus objetivos está lograr la familiarización de los educandos con el uso de esta importante herramienta lingüística. Para lograr lo anterior, el DEI posee características acordes con el desarrollo psico-biológico de los escolares.”

possam ser motivo de erro ortográfico. (MIYARES BERMÚDEZ, 2018, p. 120, tradução nossa)⁶.

Temos, em síntese, por um lado, um trabalho de terminologia de ciências para o uso em sala de aula que leva em conta a forma com que a criança elege o que seria um termo a ser lematizado e sua definição; e temos, por outro lado, um trabalho cujo corpus se baseia no programa de ensino nacional (de Cuba, no caso) para definir sua compilação e, posteriormente, para definir os produtos lexicográficos que dali serão realizados. Os dois trabalhos se relacionam com as demandas do ensino nacional e com os currículos previstos para a faixa etária e o público.

Nesse sentido, organizar um corpus para o caso brasileiro impõe o desafio da natureza continental do país, em primeiro lugar, e, além disso, há o limite sobre as diferenças curriculares de cada Rede de Ensino, já que a BNCC (Brasil, 2018) é bastante abrangente e porosa à diversidade do país. O único material pedagógico que está presente em todo o território nacional de maneira uniforme e com pouca variação regional é o livro didático. Esse *status* do livro didático pode ser bastante profícuo para orientar os critérios de definições da *lemmata* e o tipo de informações que os dicionários para turmas de alfabetização deveriam utilizar.

Metodologia e análise de dados

Para compreender melhor a produtividade do uso do livro didático e estabelecer critérios para a conformação do corpus, optou-se por realizar um corpus experimental com apenas um livro didático do primeiro ano, chamado “Ilororó Português” (Jacintho,

⁶ “Las definiciones, generalmente descriptivas, son sencillas y claras para propiciar la comprensión del significado de las palabras. Las definiciones siempre aparecen en oraciones mediante las cuales se puede precisar el significado y la función de la palabra. [...] Todas las palabras de las definiciones son cortas, no exceden las doce letras; esto se tuvo en cuenta en todos los casos para facilitar la lectura por parte de los niños de los primeros grados. [...] Las entradas en su mayoría fueron seleccionadas entre las voces encontradas en la investigación sobre el léxico, a éstas se añadieron otras extraídas de los libros de texto del primer ciclo de enseñanza primaria. Esto es muy importante, pues los niños aprenderán otros vocablos que contribuirán en su formación cognoscitiva y, por ende, a una mejor interpretación de la realidad que los rodea. El DEI es un diccionario lingüístico, alfabético y contemporáneo. Se tuvieron en cuenta criterios psicológicos, educativos, éticos, científicos y patrióticos, los que están presentes en las definiciones y en las oraciones que sirven de ejemplo, las cuales son asequibles a los niños de acuerdo con su edad y grado. [...] El diccionario propende a lograr una buena ortografía gracias a la novedad de destacar en rojo aquellas letras de cada entrada que puedan ser motivo de error ortográfico.”

2019) e utilizado em cinco escolas consultadas na Rede Municipal de Porto Alegre. As unidades de ensino do livro são temáticas (Alimentação, Nomes, Plantas, Animais, etc.) e suas propostas giram em torno de atividades de leitura, de metalinguagem (sinonímia e antonímia, conceito de sílaba, por exemplo), de exposição oral, de produção escrita e de um jogo por unidade.

O estabelecimento de critérios para a compilação dos textos do livro didático não foi transparente, ou seja, para cada decisão foi analisado o que o corpus poderia responder sobre os questionamentos de pesquisa. Inicialmente, pensou-se em compilar todo o livro, mas logo se entendeu que não seria de grande utilidade, já que as ordens dos exercícios são muito recorrentes (“leia”, “escreva”, “desenhe”, “copie”, etc.) e, de acordo com o livro, são lidas preferencialmente pelas professoras⁷. Procuraram-se, então, os textos destinados à leitura compartilhada ou autônoma (realizada pelas crianças) e chegou-se a dois tipos de textos: a) os próprios textos de leitura das unidades de ensino; e b) as listas de palavras que as crianças são encorajadas a lerem sozinhas para fixar famílias silábicas, qualificar a consciência fonológica e/ou compreender convenções ortográficas. Nesse caso, é importante salientar que o critério determinante para a conformação do corpus foi as questões norteadoras: *o que as crianças devem (potencialmente) ler neste livro? E/ou qual é o vocabulário apresentado que as crianças estarão mais expostas?* Essas respostas poderiam ser diferentes para um livro didático cuja organização de unidades de ensino fosse distinta e tivesse outras propostas. Portanto, a primeira decisão sobre a compilação do corpus foi o estabelecimento de questões norteadoras, que orientarão sobre a recolha de textos diferentes em livros didáticos diferentes, considerando a possibilidade de estudos posteriores.

A seguir, a segunda decisão foi estabelecer separação entre textos literários e não literários. A maioria dos textos submetidos para a leitura das crianças são textos literários (parlendas, canções, quadrinhas, etc.) nesse livro didático. O jogo de palavras e as rimas promovem “ampliação do repertório cultural, da consciência fonológica e em múltiplos letramentos” (Conceição, 2020, p. 339). Ao entender que esse não é um recorte funcional para a criança, especialmente após analisar o livro didático e suas propostas de tarefas, textos literários e não literários foram igualmente tratados e agregados ao corpus, mas,

⁷ Neste artigo, opta-se pelo uso da palavra “professora”, no feminino, pois o número de alfabetizadores homens é bastante reduzido. No último Censo Escolar (INEP, 2022), as professoras correspondem a 88% dos docentes das séries iniciais e no período de alfabetização elas correspondem a pouco mais de 90%.

na análise quantitativa, as repetições (de canções, por exemplo) poderiam oferecer “ruído” – o que obrigaria a uma análise qualitativa desses itens.

Por fim, outra decisão tomada se refere ao comentário de apresentação dos textos. Esses comentários foram, ao final, excluídos da compilação, porque, no caso desse livro didático, o vocabulário estava mais orientado a uma exploração oral sugerida às professoras, como se observa neste exemplo:

<p>ANTES DE LER</p> <p>VOCÊ VAI LER UMA PARLENDA.</p> <p>A) VOCÊ SABE O QUE É UMA PARLENDA?</p> <p>B) OBSERVE A ILUSTRAÇÃO QUE ACOMPANHA O TEXTO. O QUE SERÁ QUE TEM DENTRO DO COPO?</p>	<p>Orientação de exploração que deve ser apresentada pela professora.</p>
<p>LÁ EM CIMA DO PIANO TEM UM COPO DE VENENO. QUEM BEBEU MORREU, O AZAR FOI SEU!</p> <p>DA TRADIÇÃO POPULAR.</p> 	<p>Texto que a criança deve ou deveria ler.</p>

Para a automatização da compilação dos textos, recorreu-se, inicialmente, a um programa de reconhecimento de textos a partir de fotos das páginas do livro didático. Não houve sucesso, já que menos de 30% do texto foi reconhecido. Em seguida, recorreu-se à leitura dos textos em um programa de reconhecimento de voz; nesse caso o reconhecimento das palavras foi de pouco mais de 50%; o fato de haver muitas ocorrências de algumas palavras como “babaquara” ou “baboseira”, que servem, justamente, para favorecer a questão da sonoridade nos textos, impediu eficiência maior do programa. Em função disso, além da digitação de boa parte dos dados, fez-se, em seguida, correção manual e última conferência dos textos informatizados.

Dessa forma, os textos foram compilados em um arquivo de extensão .txt e fez-se o *upload* para o programa Sketch Engine (<https://app.sketchengine.eu/>). A escolha pelo

website se deu em função de ser uma plataforma de fácil utilização e que não prejudica o desempenho do dispositivo no qual está sendo utilizada, além do fato de esse corpus, que tem apenas caráter experimental, ser pequeno e provisório – o que também é favorecido pela proposta do *website*. Outro fator que contribuiu para a opção pelo Sketch Engine é a facilidade de etiquetamento das ocorrências (de acordo com as classes gramaticais) e o fato de estar disponível no mesmo sítio eletrônico o Corpus Brasileiro (GELC, 2022, composto por 3.896.392.719 de ocorrências, de acordo com o Sketch Engine), que pode ajudar a balizar o corpus do livro didático. É importante ressaltar que o Corpus Brasileiro ranqueia as mil primeiras ocorrências de cada categoria etiquetada (substantivos, adjetivos, verbos, advérbios, etc.) na versão gratuita. A opção pela versão mais leve e gratuita se deu em função de ser um estudo com finalidade exploratória.

Após a compilação do corpus, verificaram-se 2799 palavras registradas e, apesar de ser um corpus pequeno – e experimental –, buscou-se fazer a lista de ocorrências e observar quais eram as primeiras palavras lexicais ranqueadas no programa. Entende-se como palavras gramaticais as que pertencem a “classes de palavras como pronomes, conjunções e preposições, que têm a função de estabelecer relações entre segmentos do enunciado no texto” (Fornari, 2009, p. 169), já as palavras lexicais são aquelas que “contêm em si informação semântica, como os verbos, os substantivos e os adjetivos” (Fornari, 2009, p. 170). O motivo de observância predominante das palavras lexicais deu-se em função do objetivo geral do dicionário.

WORDLIST livro didático

Word	Frequency	Word	Frequency	Word	Frequency	Word	Frequency	Word	Frequency
1 .	171	11 tem	43	21 as	21	31 seu	14	41 formiga	9
2 ,	135	12 do	37	22 se	20	32 os	14	42 dois	9
3 que	132	13 um	34	23 não	20	33 lua	14	43 como	9
4 a	111	14 I	33	24 ;	18	34 você	11	44 mas	9
5 de	84	15 para	31	25 sopa	18	35 mais	11	45 a	9
6 o	79	16 da	29	26 _	18	36 muito	10	46 ao	8
7 e	69	17 na	27	27 no	18	37 diz	10	47 quando	8
8 ?	59	18 será	26	28 ninguém	16	38 dos	10	48 quem	8
9 é	46	19 uma	23	29 em	16	39 eu	10	49 *	8
10 -	44	20 com	22	30 por	14	40 sus	9	50 bilhete	8

De acordo com a frequência, as primeiras palavras lexicais que ocorrem são os verbos “é”, “tem” e “será”, ou seja, duas formas do verbo “ser” e uma forma do verbo “ter”; verbos de uso abundante na Língua Portuguesa e de conhecimento das crianças. As ocorrências seguintes são “não”, “sopa” e “neném”. No caso de “sopa” e “neném”, a frequência alta ocorre em função da repetição em um único texto, pois um dos materiais

sobre alimentação é uma canção de Sandra Peres, do Grupo Palavra Cantada, chamada “Sopa”, em que há repetição do verso “O que que tem na sopa no neném?”. “Sopa” ocorre mais do que “neném” porque é o título da música e também é encontrada no título de outro texto – uma receita de sopa de legumes. A lista de ocorrências por *lemma*⁸, função que o programa dispõe, aparece um pouco diferente, indicando os verbos no infinitivo e reduzindo a quantidade de palavras gramaticais, como se vê na imagem:

WORDLIST livro didático

lemma (170 items | 3,200 total frequency)

Lemma	Frequency	Lemma	Frequency	Lemma	Frequency	Lemma	Frequency	Lemma	Frequency
o	206	ter	52	se	20	todo	13	formiga	9
,	171	–	44	;	18	2	12	mas	9
de	169	a	39	sopa	18	estar	12	quando	8
.	135	!	33	...	18	você	12	3	8
que	132	para	31	fazer	17	saber	11	marta	8
ser	93	seu	30	muito	17	mais	11	quem	8
em	72	ir	24	por	17	ficar	11	ogara	8
e	69	com	22	neném	16	eu	10	bilhete	8
?	59	dizer	22	ele	14	água	10	*	8
um	56	não	20	lua	14	como	9	pedrar	7

“Sopa” e “neném” continuam com ocorrência alta, mas houve depuração de dados, em que se observa um número maior de ocorrências de verbos: “ser”, “ter”, “ir”, “dizer”, “fazer”, “estar”, “saber”, “ficar”. O verbo “pedrar” é listado, mas, além de não existir, não ocorre no livro; ao observar as linhas de concordância, percebe-se que o programa extrai o verbo “pedrar” de várias ocorrências da palavra “Pedro”:

CONCORDANCE livro didático

CQL [lemma=="pedrar"] 7
2,115.44 per million tokens 0.21%

Details

	Left context	KWIC	Right context
1	doc#0 s correções necessárias. </s><s> Se quiser, use a moldura que está na p. 211 </s><s> A poção mágica Marta e	Pedro	estão brincando de preparar poções mágic
2	doc#0 inta de lua – diz Marta, apontando um parágrafo do livro. </s><s> – E casca de ovo amassada... – acrescenta	Pedro	</s><s> – Vamos colocar tinta nanquim,
3	doc#0 nta Pedro. </s><s> – Vamos colocar tinta nanquim, que é mais fácil – sugere Marta </s><s> – Está bem! – diz	Pedro	– Agora vamos repassar os ingredientes.
4	doc#0 Foi difícil deixar meu cachorro com raiva! – diz Marta, rindo. </s><s> – Cinco lágrimas de tristeza... – continua	Pedro	, lembrando de quando tiraram o brinqued
5	doc#0 tenária... – diz Marta, olhando as azeitonas que flutuam no caldeirão. </s><s> – Areia do deserto... – continua	Pedro	, lembrando de como ficou o forno quando
6	doc#0 unhas posições por toda a casa. </s><s> – Na verdade, mais da metade dos ingredientes foram trocados – diz	Pedro	</s><s> – Não importa, o que está feito, €
7	doc#0 ii experimentar primeiro? </s><s> Os dois ficam olhando a poção por um instante, enquanto cheiram a mistura.	pedro	se levanta, pega o caldeirão e diz, baixinhc

Observou-se que a classe de palavras lexicais que mais ocorre, portanto, são os verbos; em segundo lugar, os substantivos e, em terceiro lugar, os adjetivos. Extraiu-se essa informação das ocorrências dos primeiros duzentos *lemmas* mais frequentes, já

⁸ Optou-se por utilizar a nomenclatura do programa, embora exista a palavra “lema” em português, pois, no programa, ela aparece como uma função do aplicativo.

que se observou que a função *lemma* foi mais produtiva do que a função *wordlist* sem nenhum critério prévio. Em função dessas ocorrências, fez-se nova lista de frequência baseada nas classes gramaticais: verbo (*verb*), substantivo (*noun*) e adjetivo (*adjective*).

Dessa maneira, os verbos, substantivos e adjetivos mais frequentes, em comparação com o Corpus Brasileiro, são, também, abundantes na Língua Portuguesa de forma geral e essa informação pôde ser observada através da consulta ao corpus geral de Língua Portuguesa que está disponível no próprio website do Sketch Engine, no Corpus Brasileiro (GELC, 2022). Seguem as comparações de frequência dos verbos, substantivos e adjetivos.

VERBOS					
ordem de ocorrência	verbo no corpus do livro didático	número de ocorrências		ordem de ocorrência	Verbo no Corpus Brasileiro
1	ser	93		1	ser
2	ter	52		3	ter
3	ir	24		2	ir
4	dizer	22		7	dizer
5	fazer	17		5	fazer
6	estar	12		4	estar
7	saber	11		14	saber
8	ficar	11		12	ficar
9	pedrar	7		*	pedrar
10	ver	6		11	ver
11	parar	6		134	parar
12	querer	6		15	querer
13	deixar	5		19	deixar
14	escrever	5		66	escrever
15	haver	5		8	haver
16	vir	5		16	vir
17	dar	5		10	dar

18	contar	5	31	contar
19	poder	5	6	poder
20	responder	5	131	responder

*Embora a palavra “pedrar” ocorra no Corpus Brasileiro, sempre relacionada a “Pedro”, assim como no corpus do livro didático, não está nas primeiras mil ocorrências, que é o número máximo de ocorrências permitido pelo Sketch Engine na versão gratuita.

No caso dos verbos, houve coocorrência nos dois corpora e certa semelhança na abundância de uso desses verbos assinalados, conforme se pode observar na tabela. Já no caso dos substantivos, a coocorrência não foi tão próxima nos dois corpora, embora, das vinte palavras mais frequentes no corpus do livro didático, nenhuma ocorreu menos de 500 vezes no Corpus Brasileiro. Com exceção de “vitória-régia”, todas têm mais de cinco mil ocorrências, fato que comprovaria que são palavras bastante utilizadas na Língua Portuguesa. É importante, contudo, refletir o fato de que os substantivos são as palavras que mais definem a temática de um texto (Parejo, 1997) e, em função de a BNCC (Brasil, 2018) sugerir a diversidade de textos, inclusive diversidade temática, é esperado que nem todos os substantivos mais frequentes do livro didático coocorram com as primeiras mil palavras mais frequentes do Corpus Brasileiro. Para o ranqueamento do corpus do livro didático, excluíram-se os substantivos próprios.

SUBSTANTIVOS					
ordem de ocorrência	substantivo no corpus do livro didático	número de ocorrências		ordem de ocorrência	Substantivo no Corpus Brasileiro
1	sopa	18		**	sopa
2	neném	16		**	neném
3	lua	14		**	lua
4	água	10		80	água
5	formiga	9		**	formiga
6	cigarra	8		**	cigarra
7	bilhete	8		**	bilhete
8	criança	6		63	criança
9	flor	6		**	flor

10	estrela	6	867	estrela
11	índio	6	**	índio
12	gente	6	119	gente
13	urso	6	**	urso
14	homem	6	65	homem
15	vitória-régia	6	**	vitória-régia
16	tribo	5	**	tribo
17	tempo	5	6	tempo
18	árvore	5	890	árvore
19	amigo	5	106	amigo
20	noite	5	155	noite

** Não consta entre as mil primeiras ocorrências de substantivos.

Para os adjetivos, realizou-se o mesmo procedimento. Ranquearam-se, portanto, os vinte adjetivos mais frequentes e também foi feita a comparação com o Corpus Brasileiro. Ocorrências que poderiam ser substantivos ou adjetivos, como “branco” e “mágico”, por exemplo, foram consideradas adjetivos após análise qualitativa, na ferramenta *concordance*, ou seja, no contexto. Para situações semelhantes, no caso dos substantivos, também houve a mesma conferência. Em comparação aos substantivos e verbos, as ocorrências de adjetivos diminuíram muito, ou seja, o uso de adjetivos neste corpus do livro didático *Itororó* é bastante reduzido.

ADJETIVOS					
ordem de ocorrência	adjetivo no corpus do livro didático	número de ocorrências		ordem de ocorrência	Adjetivo no Corpus Brasileiro
1	bom	5		4	bom
2	cheio	4		150	cheio
3	velho	4		84	velho
4	necessário	3		23	necessário
5	profundo	3		190	profundo
6	belo	3		76	belo

7	importante	3	14	importante
8	vazio	2	509	vazio
9	jovem	2	134	jovem
10	limpo	2	271	limpo
11	forte	2	43	forte
12	branco	2	156	branco
13	pobre	2	189	pobre
14	leve	2	233	leve
15	grande	2	2	grande
16	aquático	2	792	aquático
17	mágico	2	467	mágico
18	gentil	2	***	gentil
19	inteligente	2	329	inteligente
20	magro	2	858	magro

*** Não consta entre as mil primeiras ocorrências de adjetivos.

Ainda que os vinte adjetivos mais frequentes do corpus do livro didático coocorram distribuídos entre as primeiras mil ocorrências do Corpus Brasileiro, pode-se dizer que são palavras muito frequentes da Língua Portuguesa, pois o adjetivo que está na milésima posição de frequência tem mais de 39 mil ocorrências no Corpus Brasileiro, o que é um número considerável.

Considerações Finais

O principal intento deste trabalho foi desenvolver critérios para a compilação de um corpus que pudesse servir como orientação para um dicionário destinado a turmas em fase de alfabetização. Esse corpus compilado de um livro didático para o primeiro ano do Ensino Fundamental mostrou-se bastante produtivo, pois o processo de estabelecer quais textos e de que forma esses textos seriam aproveitados no corpus formou parte integrante do experimento. Outro ganho com esse processo foi a necessidade de manuseio do próprio livro didático, das suas propostas de atividades e

de estabelecer diferenciação de textos organizados para a leitura da criança e de textos organizados para a leitura da professora.

Além disso, o uso de um corpus de referência de língua geral – o Corpus Brasileiro – foi uma escolha útil para ranquear e para analisar o que é próprio do vocabulário de sala de aula e dos textos oferecidos para as crianças em fase de alfabetização.

A opção por tratar das palavras lexicais e não das gramaticais se mostrou consonante com o vocabulário no qual a criança está sendo exposta no livro didático. A análise de ocorrências de verbos, substantivos e adjetivos foi bastante produtiva para aventar as possibilidades futuras de pesquisa, uma vez que demonstrou que: a) os verbos apresentados no livro didático são muito recorrentes na Língua Portuguesa, de acordo com o corpus de referência; b) os substantivos que mais ocorrem no corpus do livro didático, por serem as palavras mais abundantes na língua e por construírem os significados textuais, embora muito frequentes em coocorrências, não coocorrem na lista dos mil substantivos mais frequentes do Corpus Brasileiro; e c) quase todos os adjetivos mais frequentes no livro didático constam entre os mil adjetivos de maior ocorrência no Corpus Brasileiro, ainda que os números de ocorrências dos adjetivos no corpus do livro didático sejam baixos.

Por fim, reitera-se que este foi um estudo exploratório, com o objetivo de conjecturar os próximos passos para a compilação do corpus para um dicionário destinado a alfabetizandos. Se, por um lado, o número de palavras que compõe esse corpus é bastante reduzido, por outro lado contribuiu para o estabelecimento de procedimentos e critérios para a compilação de um corpus mais significativo. Os limites deste trabalho residem, justamente, nessa questão, já que se privilegiou a apropriação metodológica à obtenção de resultados definitivos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lucas Rezende. A funcionalidade da linguística de *corpus* no ensino de língua estrangeira: oportunidades e desafios. In: BALLBAKI, Angela; CARDOSO, Janaína; ARANTES, Poliana; BERNARDO, Sandra (Org.). *Linguagem: Teoria, Análise e Aplicações* (8). Rio de Janeiro: UERJ - Programa de Pós-graduação em Letras, 2015. p. 649-665.

ÁVILA MARTÍN, M^a del C. *El diccionario en el aula*. Granada: Edita: Editorial Universidad de Granada, 2000.

- BANERJI, N., GUPTA, V., KILGARRIFF, A., & TUGWELL, D. *The Oxford Children's Corpus: a corpus of children's writing, reading and education*. 2013. Disponível em: https://www.sketchengine.eu/wp-content/uploads/Beebox_2013.pdf. Acesso em: 13 mai. 2022.
- BATLINER, A.; BLOMBERG, M.; D'ARCY, S.; ELENIUS, D.; GIULIANI, D.; GEROSA, M.; HACKER, C.; RUSSELL, M.; WONG, M. The PF STAR Children's Speech Corpus, *Proc. Interspeech 2005*, Lisbon, Portugal, p. 2761-2764, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base nacional comum curricular: educação é a base*. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Básica. *Com direito à palavra: dicionários em sala de aula (elaboração Egon Rangel)*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2012.
- CHAPMAN, Robin S. Children's language learning: an interactionist perspective. *The Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*, 41(1), 2000; 33-54.
- CIL: *Corpus Infantil Longitudinal* – Grupo de pesquisa de corpus sobre aquisição da língua materna brasileira. Disponível em: <http://corpusinfantil.com.br>. Acesso em: 9 mai. 2022.
- CONCEIÇÃO, Andreia Vieira da. Por entre parlendas, quadrinhas, cordéis e poemas: tecendo saberes em práticas de alfabetização e letramento. *Revista De Estudos Em Educação E Diversidade - REED*, 1(2), 2020, 339-359.
- CORPUS Escrita: banco de dados preparado por SANTOS, R. S. e TONI, A. (2020). Disponível em: <http://leal.fflch.usp.br/CorpusEscrita>. Acesso em: 9 mai. 2022.
- DE SALLES, Jerusa Fumagalli; PARENTE, Maria Alice Mattos Pimenta. Relação entre desempenho infantil em linguagem escrita e percepção do professor. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, set./dez. 2007, p. 687-709.
- DURAN, M. S. Lexicografia e Lingüística de Corpus. In: MAGALHÃES, J. S.; TRAVAGLIA, L. C. (Org.). *Múltiplas Perspectivas em Lingüística*. Uberlândia: Edufu, 2008. p.1793-1800.
- ESTOPÀ, Rosa. Lexicografía especializada escolar: construyendo definiciones a partir de un corpus de definiciones escolares deconstruidas. *Normas. Retos y avances en lexicografía: los diccionarios del español en el eje de la variación lingüística*. Anejo 10, 2019, 249-262.
- ESTOPÀ, Rosa; BEVILACQUA, Cleci Regina. *Meu primeiro dicionário de ciências / Mi primer diccionario de ciencias / My first dictionary of science*. Florianópolis: Arte&Livros, 2022.
- FAAß, Gertrud. Lexicography and corpus linguistics. *The Routledge Handbook of Lexicography*, p. 123-425, 2017.
- FORNARI, Michelle Kühn. O tratamento lexicográfico das palavras gramaticais: discussão teórica e análise de verbetes. *Travessias*, Cascavel, v. 3, n. 3, 2009.
- FUERTES-OLIVERA, Pedro A. A corpus-based view of lexical gender in written Business English. *English for Specific Purposes*, 26.2, 2007, p.219–234.

- GEIGER-JAILLET, Anemone; ROSS, Kristel. Des pratiques langagières mixées en préscolaire à leur visée sociale. In: *Bulletin VALS-ASLA*, 2017, vol. N° spécial, no. 2, p. 77-88.
- GELC (Grupo de Pesquisas em Linguística de Corpus). *Corpus Brasileiro*. In: <http://corpusbrasileiro.pucsp.br/cb/Inicial.html>. Acesso em 10 mai. 2022.
- INEP. *Censo Escolar 2021: divulgação dos resultados*. Diretoria de Estatísticas Educacionais. Brasília, 31 de janeiro de 2022.
- JACINTHO, Mônica Franco (editora responsável). *Itororó: Português*; obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna. São Paulo: Moderna, 2019.
- LIMA, Rogério Rodrigues de. O dicionário escolar e a prática docente: possibilidades de utilização e contribuições no processo de leitura e produção escrita. *COIPESU*: João Pessoa, 2015.
- MARCONI, Lucía; RUIZ MIYARES, Leonel; CUTUGNO, Paola. Características distributivas do Espanhol de Cuba a partir da análise de dois estudos linguísticos. *Cadernos de tradução* (Porto Alegre). Porto Alegre, RS, 2018.
- MARIAN, Jane. O estudo da linguística de corpus para a tradução especializada: elaboração de um glossário da área da informática – manutenção de Computadores. *Cultura e Tradução*, João Pessoa, v. 3, n. 1, p. 197-209, 2014. Disponível em: periodicos.ufpb.br/index.php/ct/article/viewFile/21567/12170. Acesso em: 15 ago. 2021.
- MIYARES BERMÚDEZ, Eloína; SUÁREZ, Nancy C. Álamo; MÁRQUÉS, Celia Pérez; HEREDIA, Katia González; RUIZ MIYARES, Leonel. *Léxico activo-funcional del escolar cubano*. Santiago de Cuba: Centro de Lingüística Aplicada, 2006.
- MIYARES BERMÚDEZ, Eloína; ZUBILLAGA, Xabier Artola; LOINAZ, Iñaki Alegria; IPARRAGIRRE, Xabier Arregi; RUIZ MIYARES, Leonel Ruiz; SUÁREZ, Cristina Álamo; MARQUÉS, Celia Pérez. *Las últimas ediciones del Diccionario Básico Escolar de Cuba*. Nomdedeu Rull, Antoni, Esther Forgas Berdet and Maria Bargalló Escrivà (Eds.). 2012. *Avances de lexicografía hispánica I*: 201-213. Tarragona: Universidad Rovira i Virgili.
- MUKHERJEE, Joybrato. Corpus linguistics and language pedagogy: The state of the art and beyond. In: Braun, S., Kohn, K. and Mukherjee, J. (eds.), *Corpus technology and language pedagogy: New resources, new tools, new methods*. Frankfurt: Peter Lang, 2006, 5–24.
- NOMDEDEU-RULL, Antoni & TARP, Sven. Hacia un modelo de diccionario en línea para aprendices de español como LE/L2. *Journal of Spanish Language Teaching* 5 (1), 2018: 50–65.
- OLIVEIRA, Lúcia Pacheco de. Linguística de Corpus: teoria, interfaces e aplicações. *Matraga*, Rio de Janeiro, v.16, n.24, jan./jun. 2009. p. 48-76.
- PAREJO, Isabel García. *El campo semántico “placer” en español*: Estudio de la estructura de los sustantivos del campo léxico “placer” en español y análisis de la misma en el idiolecto literario de doce autores españoles de los siglos XIII e XIX. Tesis doctoral dirigida por el Dr. D. Gregorio Salvador Caja. Universidad Complutense. Facultad de Filología; Madrid; 1997.

- PASCUAL, R. M.; GUEVARA, R. C. L. Developing a children's Filipino speech corpus for application in automatic detection of reading miscues and disfluencies. In: *TENCON 2012 IEEE Region 10 Conference*, 2012, pp. 1-6.
- PEREIRA, Aden Rodrigues. *Análise de base em córpus da tradução de expressões multipalavra no par linguístico português-espanhol*. Tese: Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2016.
- RANGEL, Ergon. *Com direito à palavra: dicionários em sala de aula*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2012.
- RIBEIRO, Cacildo Geraldino; DE PAULA, Maria Helena. Dicionários escolares: contribuições no ensino-aprendizagem do léxico. *Anais do SIELP*. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012.
- RIBEIRO, Cacildo Geraldino; DE PAULA, Maria Helena. O uso do dicionário na escola. *Léxico: investigação e ensino*, p. 33, 2014.
- SEGBERS J.; SCHROEDER S. How many words do children know? A corpus-based estimation of children's total vocabulary size. *Language Testing*. 2017; 34(3): 297-320.
- SINCLAIR, J. M. Corpus and Text - Basic Principles. In: WYNNE, M. (Ed.). *Developing Linguistic Corpora: a Guide to Good Practice*. Oxford: Oxbow Books, 2005.
- SOUSA, Alexandre Melo de. *O uso do dicionário na sala de aula*. III Jornada Nacional de Linguística e Filologia da Língua Portuguesa: Rio de Janeiro, novembro de 2008.
- SUPPES, Patrick. The semantics of children's language. *American Psychologist*, 29(2), 1974, 103–114.
- TALJARD, Elsabé; PRINSLOO, Danie. African language dictionaries for children—a neglected genre. *Lexikos*, v. 29, p. 199-223, 2019.
- TAMAYO LOZADA, J., & RUIZ MIYARES, L. El Diccionario básico escolar en móviles y tabletas con sistema operativo Android. *Serie Científica De La Universidad De Las Ciencias Informáticas*, 14(7), 54-66, 2021.
- TARP, Sven. & FUERTES-OLIVERA, Pedro A. Advantages and Disadvantages in the Use of Internet as a Corpus: The Case of the Online Dictionaries of Spanish Valladolid-Uva. *Lexikos*, 2016, 26: 273-296.
- DINI, Jurnal Pendidikan Anak Usia. e-Dictionaries-based Semantic Gradient: Assisting Preschool Children Connect between Known and New Vocabulary. *Jurnal Obsesi: Jurnal Pendidikan Anak Usia Dini*, v. 6, n. 3, p. 1259-1276, 2022.
- WILD, Kate; KILGARRIFF, Adam; TUGWELL, David. The Oxford Children's Corpus: Using a Children's Corpus. *Lexicography, International Journal of Lexicography*, Volume 26, Issue 2, June 2013, Pages 190–218.

O que nos diz a materialidade dos mapas: contribuições dos elementos iconográficos no estudo da toponímia baiana colonial

Que nos dice la materialidad de los mapas: aportes de elementos iconográficos en el estudio de la toponimia colonial bahiana

Submetido em: 23/07/2023

Aceito em: 09/11/2023

Iago Gusmão Santiago¹

Liliane Lemos Santana Barreiros²

Resumo: Os mapas são reconhecidos como as principais fontes para o estudo da toponímia por fornecerem quantidades significativas de topônimos e apresentarem suas respectivas localizações. Além disso, eles consistem em documentos multissemióticos, cujos textos não verbais possibilitam a identificação da categoria da entidade geográfica nomeada e, até mesmo, a determinação do étimo próximo em casos em que há ambiguidades. O presente trabalho consiste em uma análise de casos complexos de interpretação toponímica registrados em mapas anônimos da Capitania da Bahia, produzidos no final do período colonial (1761-1807). A análise da materialidade dos mapas, juntamente com a pesquisa bibliográfica, possibilitou desfazer a ambiguidade semântica e formular hipóteses nominativas para os topônimos analisados, evidenciando a relevância dos elementos iconográficos para o estudo linguístico.

Palavras-chave: Toponímia baiana; Cartografia histórica; Ambiguidade.

Resumen: Los mapas son reconocidos como las principales fuentes para el estudio de la toponimia porque proporcionan una cantidad significativa de topónimos y presentan sus respectivas ubicaciones. Además, consisten en documentos multisemioticos, cuyos textos no verbales permiten identificar la categoría de la entidad geográfica denominada e incluso determinar el étimo más cercano en los casos en que existen ambigüedades. El presente trabajo consiste en un análisis de casos complejos de interpretación toponímica registrados en mapas anónimos de la Capitanía de Bahía, producidos al final del período colonial (1761-1807). El análisis de la materialidad de los mapas, junto con la investigación bibliográfica, permitió deshacer la ambigüedad semántica y formular hipótesis denominativas para los topónimos analizados, evidenciando la relevancia de los elementos iconográficos para el estudio lingüístico.

Palabras clave: Toponimia de Bahía; Cartografía histórica; Ambigüedad.

Introdução

A toponomástica tem por objeto de estudo a toponímia, o conjunto de topônimos, nomes próprios de lugar, que recobrem uma determinada área geográfica. Os estudos

¹ Doutorando em Estudos Linguísticos (CAPES/PPGEL/UEFS). Professor Assistente do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7801412662886142>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0003-2799-1871>. E-mail: igsantiago@uefs.br.

² Doutora em Língua e Cultura (PPGLinC/UFBA). Professora Titular do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7736823266867241>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-7560-0380>. E-mail: lilianebarreiros@uefs.br.

toponímicos contribuem exponencialmente para a teoria onomástica devido à grande quantidade de pesquisas desenvolvidas com os nomes próprios de lugar e a facilidade de interpretação da motivação subjacente a esta categoria, se comparada com a antroponímia, por exemplo. As questões relacionadas ao processo de nomeação e ao funcionamento dos nomes são também demandas da toponomástica teórica que, no entanto, manifesta estas preocupações de modo direcionado ao seu objeto. Ao selecionar um lugar como *locus* de pesquisa, a disciplina parte do *designatum*, a ‘coisa’ nomeada³, para o significante, numa perspectiva onomasiológica, ocupando-se em descrever e analisar todas as formas linguísticas usadas para designá-lo.

Nesse percurso, o estudo toponímico lida com topônimos de proveniências diversas e que se encontram sobrepostos ou paralelos na linha temporal, muitas vezes, sem nenhuma relação genealógica. Ou seja, a toponomástica não se ocupa de estudar apenas relações proveniência lexical na toponímia, mas considera os processos de nomeação como um fenômeno de língua funcional e não apenas de língua histórica (Trapero, 1995), mesmo apesar da necessidade de explorar questões etimológicas no âmbito dos estudos toponímicos, graças ao seu aspecto essencialmente fossilizador de formas linguísticas. Nesse sentido, considera-se que, de fato, a toponomástica surge com uma forte filiação à etimologia, mas também a outras disciplinas voltadas ao estudo do léxico, como a dialetologia e a terminologia e, atualmente, consolidou uma visão particular sobre o seu objeto de análise: o nome de lugar, na condição de signo onomástico.

A toponímia se forma a partir do léxico funcional do nomeador, com suas peculiaridades semânticas e marcas socioculturais. Para Trapero (1995), a interpretação adequada do significado dos topônimos perpassa por uma análise semântica dialetal, tanto do léxico total do nomeador, constituído pelo que chama de topônimos secundários, unidades que não são próprias da designação geográfica, como dos topônimos primários, que correspondem aos elementos genéricos, ou seja, o léxico específico da toponímia: “[...] em todas partes há rios, e montanhas, e vales, e

³ Mesmo quando não há a identificação precisa do *designatum*, por falta de dados documentais, a identificação do tipo do acidente nomeado permite compreender as diferentes formas de nomear acidentes diversos, físicos e humanos: rios, ilhas, fazendas, vilas.

planícies, e terras de trabalho, e terras não cultivadas, etcétera, mas em cada lugar se denominam de maneira particular” (Trapero, 1995, p. 72, tradução nossa)⁴.

Por conta disso, em muitos contextos de análise toponímica, há problemas de ambiguidade semântica, em que uma determinada forma designativa relaciona-se a diversas possibilidades de significados. Nesses casos, a interpretação da forma lexical necessita está embasada em fontes auxiliares como dicionários históricos e dialetais. Além disso, os mapas, na condição de documentos multissemióticos, oferecem dados relevantes para a fundamentação de hipóteses denominativas. Neste artigo, detalha-se como a materialidade dos mapas utilizados como *corpora* para a pesquisa, possibilitaram tanto a classificação das entidades geográficas analisadas como a interpretação de ambiguidades semânticas no elemento específico, trazendo como exemplo os casos dos topônimos com as formas *boqueirão*, *barra* e *brotas*.

Os mapas anônimos da Capitania da Bahia de Todos os Santos

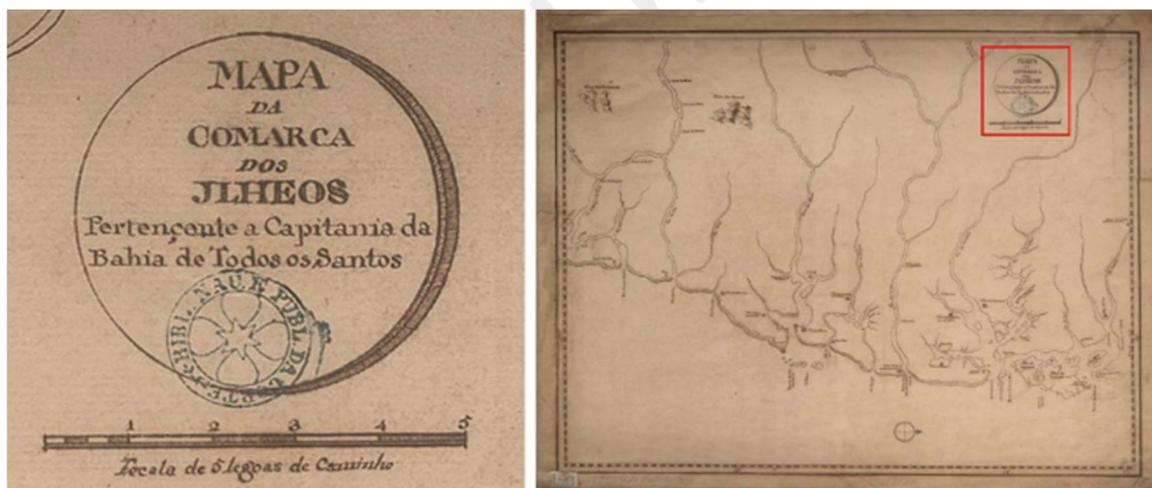
O *corpus toponymicum* foi extraído de um conjunto de três mapas, de autoria desconhecida, cuja elaboração estima-se ter ocorrido entre o final do século XVIII e o início do século XIX. Dois dos mapas se referem à Comarca da Bahia de Todos os Santos: o primeiro, intitulado *Mapa da Comarca da Bahia de Todos os Santos sua divisão desde o rio Jiquiriça até o rio Real pela parte do Norte*, doravante MCB1; e o segundo, *Mapa da Comarca da Bahia de Todos os Santos seguindo a continuação della para o poente*, doravante MCB2. Segundo Havre (2009), a grosso modo, é possível dizer que a linha divisória entre as duas áreas retratadas pelos mapas pode ser traçada da cidade de Água Fria, ao Norte, e a Ilha de Itaparica, ao Sul. O terceiro mapa refere-se à Comarca dos Ilheos, intitulado *Mapa da Comarca dos Ilheos*, doravante MCI. Os dois primeiros mapas coincidem no registro de algumas entidades geográficas, enquanto o terceiro apenas os localizados nas proximidades do *Rio Jiquiriçá*.

A Biblioteca Nacional apresenta uma datação global que abrange o período entre os anos de 1700 e 1799, apesar de, segundo Havre (2019), os Anais de 1881-1882 sugerirem um parentesco com um mapa datado de 1807, cujo original se encontra no

⁴ “[...] en todas partes hay ríos, y montañas, y valles, y llanos, y tierras de labor, y tierras incultas, etcétera, mas en cada lugar se denominan de manera particular”.

Arch. Militar com o nome de Anastasio de S. Anna⁵, o mesmo autor do *Guia de Caminhantes*, doravante GdC, obra composta por uma série de mapas do território brasileiro, datada de 1817. No entanto, Havre (2019, n.p.), a partir da análise de aspectos estruturais dos mapas estima que “as informações que podem ser obtidas dos documentos apontam que eles foram certamente realizados entre 1761 e 1807”. A datação inicial foi feita a partir do título do MCI (cf. Figura 6), que apresenta a informação de que a Comarca de Ilheos pertencia à Capitania da Bahia de Todos os Santos, fato que, como constata Havre (2019), aconteceu apenas em 1761. A datação final foi fixada a partir da identificação de uma relação genética existente entre os sistemas de coordenadas instalados, a adoção do meridiano caboverdiano, tanto no mapa do Arch. Militar e quanto no mapa anônimo. A ausência e a presença de designativos são considerados na avaliação, no entanto, não permitiram levantar hipóteses conclusivas sobre a datação. Por conta disso, assume-se que o *corpus toponymicum* registrado nos mapas como referentes à toponímia setecentista.

Figura 1 – Título do Mapa da Comarca dos Ilheos



Fonte: Biblioteca Nacional Digital.

O estudo dos topônimos registrados nos mapas é relevante tanto do ponto de vista variacional, pelo fato de apresentarem algumas alterações gráficas que refletem variações fonéticas ocorridas no período, como da microtoponímia do sertão baiano, já

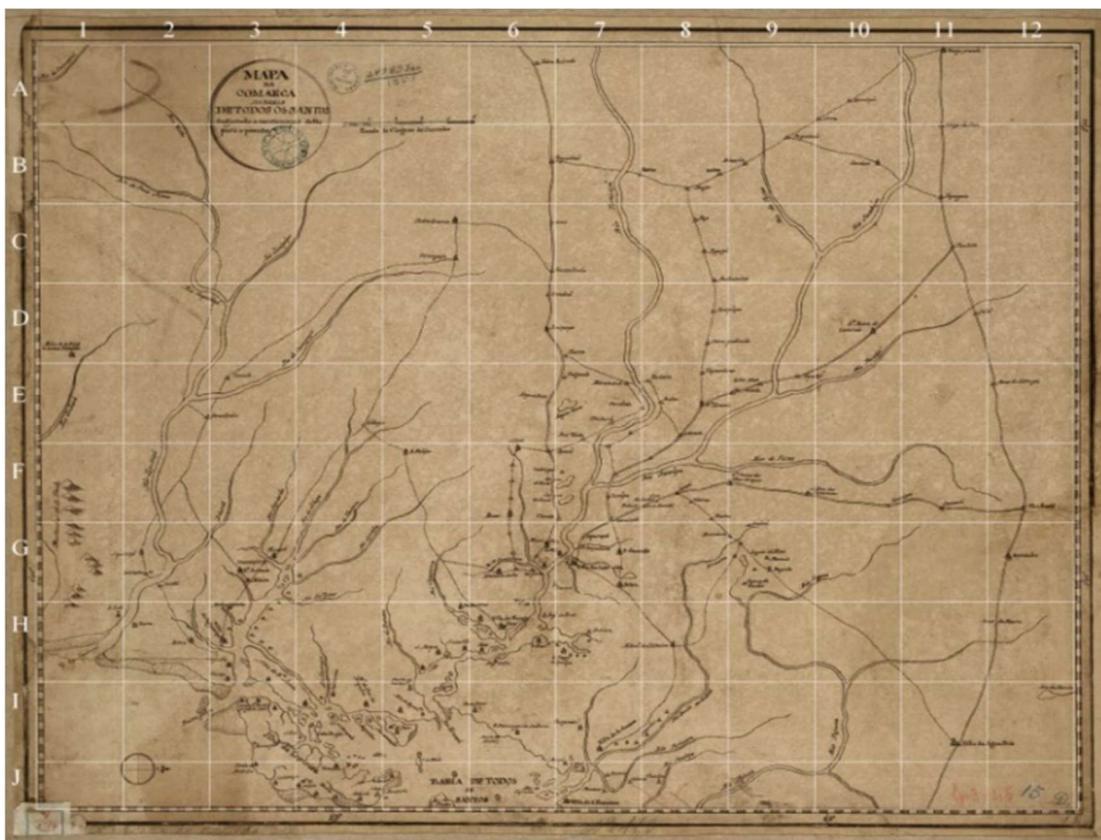
⁵ Não há muitas informações a respeito do suposto autor dos mapas, apenas que o GdC foi produzido na Bahia e que ele era denominado de ‘o pardo’.

que apresentam nomes que não se encontram registrados em outros mapas, como o GdC, por exemplo. Segundo Havre (2019):

Na Bahia, um dos primeiros focos da colonização portuguesa, a maioria dos documentos do início do período colonial se limitam à representação da costa e do entorno imediato da Baía de Todos os Santos. Os primeiros cartogramas remontam ao século XVI, mas os limites geográficos ultrapassam raramente, do lado ocidental, a vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira, fundada em 1698. Para conhecer o território além deste ponto, torna-se necessário recorrer a mapas regionais ou continentais, cuja escala não permite maior detalhamento. Durante todo este tempo, o sertão é cenário de desconhecimento, de guerra e de seca mas, ao mesmo tempo, sofre uma enorme pressão pela ampliação e pelo controle das terras (Havre, 2019, n.p.).

Para a transcrição dos três mapas, utilizou-se uma metodologia semelhante à descrita por Carvalho (2013) para a preparação do *corpus toponymicum* do Mato Grosso em cartas topográficas. O primeiro passo foi o quadriculamento do material, marcando as quadriculas horizontais com números (1...n) e as verticais com letras do alfabeto para auxiliar na localização dos topônimos. Por não haver muitos pontos de concentração de topônimos nos mapas, não foi necessário um número elevado de quadros, sendo feitos apenas até o número 12 na horizontal e até a letra J na vertical (cf. Figura 2). No que diz respeito à transcrição, foi realizada quadro a quadro, seguindo da esquerda para a direita, de cima para baixo, buscando respeitar a grafia utilizada, sem a inserção de nenhuma intervenção de ordem gráfica e com a reprodução dos diacríticos tais como aparecem.

Figura 2 – Mapa quadriculado



Fonte: Elaborado pelos autores.

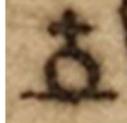
A transcrição dos topônimos foi organizada da seguinte forma: a primeira coluna contendo o número do topônimo; a segunda, o registro do nome conforme aparece no documento, com a transcrição completa do sintagma toponímico e a preservação das características da grafia, como letras minúsculas, hipossegmentação, acentuação, abreviaturas, etc. – utilizou-se o operador () para indicar leitura conjecturada; a terceira, um fragmento do fac-símile para permitir a revisão do topônimo transcrito; e a quarta, com a identificação da quadrícula em que o topônimo se encontra seguindo o sistema letra-número, e.g. A-12.

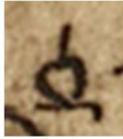
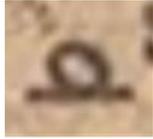
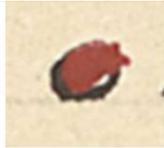
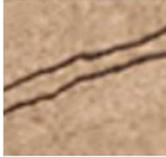
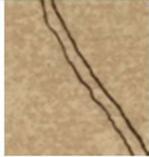
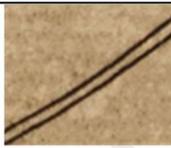
A identificação da tipologia das entidades geográficas

Nos mapas, não são apresentadas legendas ou notas contendo informações sobre os símbolos utilizados. Havre (2019, n.p.) sinaliza que há uma “[...] progressão lógica na elaboração dos símbolos, partindo de um simples círculo, no qual são

acrescentados detalhes [...]”, esta progressão segue a lógica de representação mais simplificada para entidades geográficas de menor proporção, como as fazendas, e mais complexa para os conglomerados maiores como as freguesias e vilas. O autor também destaca que alguns dos símbolos utilizados também podem ser encontrados no GdC. Partindo da necessidade de interpretação dos símbolos usados para classificar os tipos de entidades geográficas, foi realizada uma análise dos mapas para observar a correspondência entre os símbolos neles contidos e os utilizados no GdC. O resultado da análise mostrou certa convergência entre os símbolos. Todavia, sempre que possível, foi realizada uma pesquisa bibliográfica complementar para confirmar a natureza dos *designata*. A seguir, apresenta-se a lista de entidades geográficas, seguidos do símbolo utilizado em cada mapa, quando ocorreram, e os símbolos encontrados no GdC:

Tabela 1 – Símbolos correspondentes entre os mapas

Entidade Geográfica	MCB1	MCB2	MCI	GdC
Arcebispados		-	-	
Vilas				
Arraiais				
Freguesias e povoações			-	
Capelas			-	

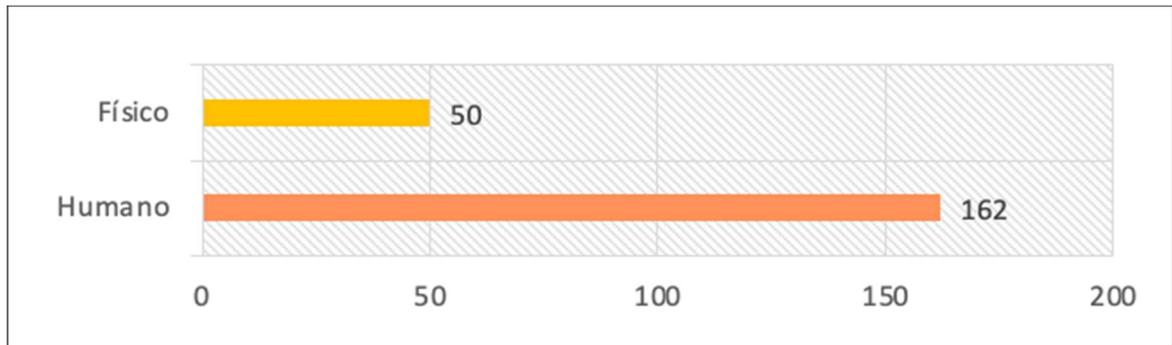
Fazenda				
Sítios				
Fortes e destacamentos				
Rios				
Estradas			-	
Caminhos	-		-	
Serras (montanhas)	-			

Fonte: Elaborada pelos autores.

Os três mapas contam com 411 ocorrências, correspondentes a 359 topônimos, considerando a relação entre nome e entidade geográfica. Desses topônimos, 212 são portugueses e 147 híbridos, de estratos diversos (línguas originárias, negroafricanas), nomes não registrados⁶ ou de etimologia não identificada. Com relação aos 212 topônimos de língua portuguesa, o recorte desta pesquisa, 50 (23.58%) nomeiam entidades geográficas de natureza física e 162 (76.41%), humana (cf. gráfico 1).

⁶ Foram considerados como não registrados quatro fazendas que apresentavam apenas o genérico.

Gráfico 1 – Natureza das entidades geográficas nomeadas



Fonte: Elaborado pelos autores.

Dentre as entidades geográficas físicas, tiveram maior frequência os nomes de rios, com 16 nomes, ou 7.54% dos dados gerais, seguido, pelos nomes de ilhas, com 10 nomes, ou 4.71%, e dos nomes de barras, com 5 nomes, ou 2.35% cada. Alguns dos genéricos dessas entidades designam não um referente individual, mas um coletivo, como é o caso das formas *Baixos*, *Lançóis*, *Montanhas*, enquanto os genéricos *Coroa* e *Rio* oscilam entre a forma singular e plural. O arquipélago *Os Ilheos* foi contado na categoria ilha. Na tabela 2, é possível observar a lista completa das entidades geográficas físicas, a quantidade, o seu percentual dentro do grupo e o percentual no total de topônimos analisados:

Tabela 2 – Entidades geográficas físicas

Entidades geográficas	Quantidade	% na categoria	% total
Baixos	1	2.0	0.47
Barra	5	10.0	2.35
Boca	1	2.0	0.47
Boqueirão	1	2.0	0.47
Coroa(s)	3	6.0	1.41
Ilha(s)	10	20.0	4.71

Lagoa	4	8.0	1.88
Lençóis	1	2.0	0.47
Montanhas	1	2.0	0.47
Pedra	3	6.0	1.41
Ponta	3	6.0	1.41
Ribeirão	1	2.0	0.47
Rio(s)	16	32.0	7.54

Fonte: Elaborada pelos autores.

As entidades geográficas humanas foram classificadas ora pela categoria especificada, quando identificada, e.g. sítio, armação, ora por grupos de referentes, seguindo a simbologia dos mapas, e.g. freguesias ou povoações, fazendas ou engenhos. Essas entidades geográficas apresentam um percentual mais expressivo no *corpus*, dentre as quais é possível destacar: os sítios, com 45 nomes, ou 21.22% do total; arraiais, com 34 nomes, ou 15.56%, e as freguesias ou povoações, com 24 nomes, ou 11.32% do total. Observa-se a predominância do uso de nomes portugueses para nomear entidades geográficas humanas, em detrimento das físicas, que tendem a conservar a toponímia das línguas originárias. Na tabela 3, é possível observar a frequência detalhada das entidades geográficas humanas:

Tabela 3 – Entidades geográficas humanas

Entidade geográfica	Quantidade	% na categoria	% total
Aldeia	2	1.23	0.94
Armação	2	1.23	0.94
Arraial	33	20.37	15.56
Convento	1	0.61	1.47
Dique	1	0.61	0.47

Fazenda ou engenho	22	13.58	10.37
Forte ou destacamento	8	4.93	3.77
Freguesia ou povoação	24	14.81	11.32
Igreja ou capela	9	5.55	4.24
Sítio	45	27.77	21.22
Vila	15	9.25	7.07

Fonte: Elaborada pelos autores.

Alguns problemas de ambiguidade semântica

No que diz respeito ao elemento específico, é possível citar como exemplo de ambiguidade semântica os topônimos *Boqueirão*, *Barra* e *Brotas*. O primeiro está relacionado ao aspecto diatópico, em que ambas as possibilidades de interpretação aparecem associadas à ideia de uma «forma geológica semelhante à boca», porém significando «braço de mar entre duas porções de terra», no litoral, e «abertura nas serras por onde passam os rios», no sertão, ambos registrados em Souza (1939). Nesse caso, a distinção semântica do étimo também resultou em uma diferenciação das taxes, sendo, o primeiro caso, um hidrotópônimo, e o segundo, um geomorfotópônimo. Os dois étimos puderam ser confirmados pelas ilustrações nos mapas que representam o ambiente físico em que os referentes nomeados se encontram (cf. Figura 3).

Figura 3 – Ilustrações do ambiente físico próximo às formas *boqueirão*



Fonte: Elaborada pelos autores.

Quanto à forma *barra*, há duas possíveis interpretações: a primeira é «entrada de porto ladeada por terra firme», que é o caso das duas primeiras barras identificadas nos mapas, a barra próxima à *Ponta de Santo Antonio* e a barra do *Rio Joannes*; a segunda é «bancos de areia depositados na boca de um rio», que corresponde aos outros três referentes com esse nome, ambos situados nas proximidades de um rio. O critério utilizado para a distinção dos étimos foi a representação do ambiente nos mapas, considerando as formas pontilhadas como correspondentes aos sedimentos deixados pelos rios (cf. Figura 4). Vale ressaltar que a quantidade de entidades geográficas próximas que foram nomeadas com a forma *barra*, torna a questão ainda mais complexa, sendo necessária uma análise mais aprofundada para uma fixação definitiva do significado, considerando fontes auxiliares como documentos descritivos e outras obras cartográficas. De qualquer modo, a observação preliminar revela que a dificuldade da análise toponímica tradicional se concentra mais na necessidade de um enquadramento taxonômico do que na compreensão do significado do referente motivador.

Figura 4 – Representação do ambiente físico próximo às formas *barra*



Fonte: Elaborada pelos autores.

No *corpus*, alguns dos étimos necessitaram passar por um processo de reconstrução, tomando como base informações bibliográficas sobre o referente nomeado e o próprio diassistema toponímico. É o caso do topônimo *Brotas* que aparece ora motivada pelo aspecto físico, no caso do sítio próximo à nascente do Rio Subaé, ora pela invocação de *Nossa Senhora de Brotas*, nas proximidades de entidades geográficas com o mesmo nome: um convento e uma igreja (cf. Figura 5).

Figura 5 – Representação do ambiente físico próximo ao topônimo *Subaé*



Fonte: Elaborada pelos autores.

Considerações finais

O estudo realizado demonstrou a necessidade de confronto entre os étimos, na busca por uma explicação eficaz da nomeação e não apenas da inclusão do topônimo em uma categoria. Formas como *boqueirão*, *brotas* e *barra* evidenciam os perigos da

adoção de uma leitura imediata que desconsidere questões diatópicas, diastráticas e diacrônicas no processo nominativo, conduzindo a uma interpretação homogeneizante do diassistema toponímico. A exploração do étimo próximo é a única possibilidade de adentrar no contexto sociocultural e ambiental que orienta a seleção dos topônimos de uma região, possibilitando a construção de uma narrativa da memória local a partir das matrizes lexicais.

A análise evidencia a necessidade de se considerar a materialidade dos mapas no âmbito dos estudos toponímicos e não apenas os seus códigos linguísticos. As ilustrações são elementos paratextuais dos mapas que não servem apenas à função estética, mas auxiliam no georreferenciamento, na classificação das entidades geográficas e na identificação do étimo legítimo em contextos ambíguos, possibilitando uma interpretação mais segura do processo denominativo. Todavia, é necessário considerar que as informações dos mapas não são fontes definitivas, mas podem, junto a outras fontes bibliográficas, como dicionários regionais e históricos, além de estudos sobre o ambiente nomeado, confirmar uma hipótese nominativa.

Descrever a realidade toponímica de uma área geográfica é uma tarefa árdua, que requer do toponimista, além de um alto grau de erudição que o permita transitar entre os conhecimentos linguísticos e não linguísticos, uma espécie de intuição para auxiliá-lo na formulação das hipóteses explicativas. Esse processo de desbravamento do léxico toponímico exige dedicação e tempo, a ser distribuído entre a descrição dos elementos de natureza linguística, que precisam ser observados nos mais variados aspectos, e a sua imersão no universo do nomeador que, muitas vezes, se alicerça em uma lógica totalmente distinta da sua.

Assim, cabe afirmar que a análise dos topônimos evidenciou que a descrição histórica da toponímia, consolidada por meio de uma abordagem filológica das fontes, conforme enfatiza García Arias (1995), possibilita uma interpretação mais segura sobre a complexidade do processo de nomeação, na busca por explicar o surgimento e as mudanças pelas quais passa um topônimo no decurso do tempo. O toponimista não deve, portanto, contentar-se com a primeira possibilidade indicada pelo dicionário, mas confrontar as diferentes hipóteses explicativas em prol de uma interpretação mais confiável do fenômeno toponímico.

REFERÊNCIAS

- BARREIROS, Liliâne Lemos Santana; BARREIROS, Patrício Nunes. Estudo toponímico em Bahia Humorística de Eulálio Motta. *Cadernos do CNFL (CiFEFil)*, v. 20, n. 2, p. 235-248, 2016.
- BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino*. 8 v. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 – 1728.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e antroponímia do Brasil: coletânea de estudos*. 3 ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas da FFLCH/USP, 1992.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo. Edições Arquivo do Estado, 1990.
- HAVRE, Grégoire van. Cartografia do interior bahiano. Uma análise de três mapas anônimos do século XVIII. *Confins*, v. 39, n.p., 2019.
- SANTIAGO, Iago Gusmão. *A nomeação na Bahia setecentista: estudo da toponímia de base portuguesa no Mapa da Capitania da Bahia de Todos os Santos (1761-1807)*. 2021. 236f. Orientadora: Liliâne Lemos Santana Barreiros. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2021.
- SANTIAGO, Iago Gusmão; BARREIROS, Liliâne Lemos Santana. Entre o sertão e o litoral: a toponímia nos textos de Eulálio Motta publicados no jornal Mundo Novo. *Fórum linguístico*, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 5292-5310, out./dez. 2020.
- SANTIAGO, Iago Gusmão; BARREIROS, Liliâne Lemos Santana. O papel do paratexto no estudo da dinâmica toponímica. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, Ano 26, n. 76., jan./abr. 2020.
- SOUZA, Bernadino José de. *Dicionário da terra e da gente do Brasil*. 4 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.
- TRAPERO, Maximiano. *Para una teoría lingüística de la toponimia: estudios de toponimia canaria*. Las Palmas de Gran Canaria: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, 1995.

Quando os termos se tornam neologismos: uma contribuição ao estudo da neologia sob a perspectiva da desteterminologização

When Terms Become Neologisms: A Contribution to the Study of Neology from the Perspective of Determinologisation

Julie Humbert-Droz¹
Beatriz Curti-Contessoto²

Resumo: Este artigo trata de questões de desteterminologização e neologia. Embora muitos estudos existentes se concentrem na descrição dos vários aspectos da neologia, poucos estudos abordam a relação entre desteterminologização e neologia. Por esse motivo, este artigo propõe uma perspectiva diferente sobre os processos neológicos, com base em uma análise de termos em um corpus que representa diferentes estágios do processo de desteterminologização na Física de Partículas em francês. Primeiro, são descritos os principais fenômenos semânticos que ocorrem no processo de desteterminologização; depois, os termos que adquirem novos significados metafóricos na imprensa geral são discutidos em mais detalhes. Os resultados mostram que uma descrição mais detalhada dos fenômenos semânticos em jogo pode levar a uma melhor compreensão dos mecanismos que permitem a criação de neologismos na língua geral.

Palavras-chave: Neologia; processos neológicos; desteterminologização; linguística de corpus; mudanças semânticas.

Abstract: This paper deals with the issues of determinologisation and neology. Even though many existing studies focus on the description of the many aspects of neology, few studies address the relation between determinologisation and neology. For this reason, this paper proposes a different perspective on neological processes, based on an analysis of terms in a corpus that represents different stages of the determinologisation process in particle physics, in French. First, the main semantic phenomena occurring in the determinologisation process are described; then, the terms that acquire new metaphorical meanings in general press are discussed in more detail. Results show that a finer description of the semantic phenomena at stake can lead to a better understanding of the mechanisms allowing for the creation of neologisms in general language.

Keywords: Neology; neological processes; determinologisation; corpus linguistics; semantic shifts.

Referência da versão original do artigo:

Humbert-Droz, J. When Terms Become Neologisms: A Contribution to the Study of Neology from the Perspective of Determinologisation. *Revista Interdisciplinaria de Traducción Interpretación y Comunicación Intercultural*, v. 9, n. 1, 2023. DOI: <https://doi.org/10.14201/clina202391135158>

¹ Pesquisadora de pós-doutorado no Centre de recherche en linguistique appliquée, da Université Lumière Lyon 2. Contato: julie.humbert-droz@univ-lyon2.fr.

² Responsável pela tradução para o português brasileiro deste artigo. É pesquisadora de pós-doutorado na Universidade de São Paulo (USP) e membro associada ao Centre de recherche en linguistique appliquée na Université Lumière Lyon 2. Contato: bfcurti@gmail.com. Versão original do artigo em inglês publicada na *Revista CLINA - Revista Interdisciplinaria de Traducción Interpretación y Comunicación Intercultural*, da Universidad de Salamanca, Espanha, em 2023.

1. Introdução

O campo da neologia é caracterizado por uma ampla gama de estudos que se concentram em seus inúmeros aspectos, como detecção automática de neologismos (por exemplo, Sablayrolles, 2012; Renouf, 2014; Cartier, 2016; Gérard *et al.*, 2016; Torres Rivera, 2019; Drouin, 2021), intuição neológica ou percepção neológica de novas unidades lexicais (por exemplo, Vega Moreno e Llopart-Saumell, 2017; Bernal *et al.*, 2020; Lombard *et al.*, 2021; Sánchez Ibáñez e Maroto, 2021), classificação de neologismos e processos neológicos (Sablayrolles, 2011; Renouf, 2012; Reutenauer, 2012b; Díaz Hormigo, 2020; Cabré *et al.*, 2021). No entanto, os neologismos criados a partir de termos nem sempre são descritos nessas classificações. Na maioria dos casos, eles são considerados sob a perspectiva da neologia semântica, como unidades lexicais que adquirem um novo significado, muitas vezes metafórico (Reutenauer, 2012b; Sablayrolles, 2018; Lombard *et al.*, 2021), e seu *status* terminológico raramente é levado em conta.

Ao mesmo tempo, o processo por meio do qual os termos entram na língua geral e as mudanças que resultam desse processo são abordados em estudos de desterminologização (por exemplo, os de Meyer e Mackintosh (2000), Ungureanu (2006), Dury (2008), Renouf (2017)). Esses estudos se concentram principalmente nas mudanças semânticas que provavelmente ocorrerão quando os termos forem usados por leigos e em suas consequências para a terminologia e a linguagem especializada, por exemplo, para a descrição de termos em recursos terminológicos, como em Meyer (2000) ou L'Homme (2020, p. 80-118). Nesse caso, embora os termos sejam de fato reconhecidos como novas unidades lexicais na língua geral, poucos estudos enfocam especificamente a relação entre neologia e desterminologização (por exemplo, Renouf (2017)).

Por esse motivo, este artigo trata tanto da desterminologização quanto da neologia. Em particular, o objetivo é salientar como estudar a desterminologização como um processo pode fornecer novos *insights* sobre o campo da neologia, especialmente quando se trata de neologismos semânticos criados a partir de termos. Este trabalho mostrará que uma descrição mais precisa dos fenômenos semânticos em jogo no processo de desterminologização pode levar a uma melhor compreensão

dos mecanismos semânticos que permitem a criação de neologismos na língua geral. Seguindo os trabalhos de Sablayrolles (2018) ou Díaz Hormigo (2020), por exemplo, este artigo tem como objetivo participar de uma discussão sobre o papel da desterminologização nos processos neológicos. A discussão se baseia em uma análise de termos do domínio da Física de Partículas em um *corpus* composto de textos de diferentes gêneros e níveis de especialização, que foram reunidos com o intuito de representar diferentes estágios de desterminologização em francês.

Este artigo está estruturado da seguinte forma: a seção 2 apresenta alguns antecedentes teóricos, definindo o conceito de desterminologização e analisando os principais pontos de vista sobre a neologicidade de termos na língua geral. A seção 3 descreve o *corpus* explorado para este estudo e a metodologia baseada em ferramentas (*tool-based methodology*) que foi adotada. A seção 4 se concentra nos principais resultados: a seção 4.1 aborda os diferentes tipos de fenômenos semânticos que resultam da desterminologização e que são observados no *corpus*. A seção 4.2 discute mais detalhadamente os usos metafóricos dos termos e enfoca especificamente o papel da desterminologização no surgimento de neologismos semânticos baseados em tais usos metafóricos. Por fim, a seção 5 apresenta algumas observações finais e propõe algumas perspectivas.

2. Base teórica

2.1. Desterminologização

A desterminologização designa o movimento de termos de uma linguagem especializada para a língua geral (Guilbert, 1975; Meyer e Mackintosh, 2000; Ungureanu, 2006)³. Mais precisamente, ela se refere a dois aspectos desse movimento:

³ A desterminologização está intimamente relacionada a outro fenômeno, conceituado por Galisson (1978, 1979) e chamado de *banalisation lexicale* em francês (banalização lexical). Embora a banalização tenda a ser usada atualmente para designar o movimento de termos da linguagem especializada para a língua geral, esse uso difere, até certo ponto, da maneira como o conceito foi introduzido pela primeira vez por Galisson. Uma das principais diferenças entre banalização e desterminologização decorre do fato de que a primeira caracteriza um conjunto de itens lexicais usados por falantes semiespecializados, enquanto a segunda refere-se a termos usados por falantes não especializados. Consulte Humbert-Droz (2021, p. 53-56) para obter mais detalhes sobre essa distinção.

o processo pelo qual os termos chegam à língua geral e o resultado desse processo, ou seja, o uso de termos na língua geral (Humbert-Droz, 2021).

O processo é caracterizado por duas dimensões. A primeira se refere ao fato de que os termos não entram diretamente na língua geral a partir da linguagem especializada. Ao contrário, eles são transferidos progressivamente dos especialistas para os leigos por vários meios, que chamo de *intermediários*. Há diferentes tipos de intermediários, sendo os mais comuns (e mais conhecidos) a popularização⁴ e a mídia geral (por exemplo, Cabré (1994); Pearson (1998); Moirand (2007)). No entanto, outros gêneros semiespecializados, como relatórios e comunicados à imprensa, podem ser relevantes, pois contribuem para a transferência de conhecimento (por exemplo, Beacco *et al.* (2002); Nicolae e Delavigne (2013); Condamines e Picton (2014)). Na verdade, muitos outros intermediários podem desempenhar um papel na desterminologização, desde que participem da circulação de termos: mídias sociais, obras ficcionais como filmes e romances, *podcasts* etc. A segunda dimensão se refere ao fato de que a desterminologização ocorre ao longo do tempo (Dury, 2008; Renouf, 2017).

Quando os termos entram na língua geral, é provável que ocorram diferentes tipos de mudanças semânticas. Normalmente, são descritos três tipos principais dessas mudanças: o surgimento de um significado mais superficial na língua geral, o surgimento de usos metafóricos e metonímicos dos termos e a criação de jogos de palavras (Meyer e Mackintosh, 2000; Condamines e Picton, 2014; Renouf, 2017). Dito isso, mudanças mais sutis e mais diversas também podem ser observadas no uso de termos em textos não especializados (veja 4.1).

Ao mesmo tempo, a desterminologização levanta questões relativas ao *status* neológico dos termos na língua geral. Isso é analisado na seção 2.2.

⁴ Neste ponto, o status da popularização da Ciência deve ser esclarecido. Embora tanto a desminologização quanto a popularização descrevam processos relacionados à transferência de termos e conhecimentos para a língua geral, uma característica principal os diferencia. Conforme definido por Jacobi (1986, p. 71), Mortureux (1988, p. 118-120) ou Delavigne (2001, p. 81), dentre outros, a popularização do discurso científico tem como objetivo não apenas transferir conhecimento, mas também garantir a apropriação do conhecimento por não especialistas. Isso é conseguido com o uso de muitos mecanismos de reformulação e explicação. A popularização é, portanto, um processo consciente, enquanto a desterminologização é um processo bastante inconsciente (Condamines e Picton, 2014, p. 168). No entanto, os gêneros de texto de popularização desempenham um papel no processo de desterminologização, pois contribuem para tornar os termos acessíveis a falantes não especialistas. É por isso que os textos de popularização são considerados intermediários no processo de desterminologização. Consulte Humbert-Droz (2021, p. 296-298) para uma discussão aprofundada desses aspectos.

2.2. Neologicidade de termos na língua geral

Quando os termos aparecem na língua geral, eles podem ser percebidos pelos leigos como novos itens lexicais. Como resultado, eles se comportam como qualquer outro neologismo (por exemplo, Sablayrolles (2018); Díaz Hormigo (2020)). Três pontos de vista principais sobre a neologicidade de termos na língua geral podem ser identificados e serão detalhados aqui. A neologicidade é amplamente definida como a natureza neológica de uma unidade lexical, ou como sua novidade percebida. É uma característica variável e quantificável de qualquer neologismo, que depende muito do contexto comunicativo (Bernal *et al.*, 2020, p. 47).

2.2.1. Neologicidade de termos em uma perspectiva formal e semântica

Um primeiro ponto de vista sobre os termos e seu uso na língua geral consiste em considerá-los como neologismos, tanto de uma perspectiva formal quanto semântica. Nesse caso, acredita-se que o surgimento de um termo na linguagem geral seja semelhante ao surgimento de uma nova unidade lexical em um idioma. Em particular, argumenta-se que tanto uma nova unidade lexical quanto um termo recentemente integrado à língua geral criam um senso comparável de novidade ou, como às vezes é chamado, *intuição neológica* (Lombard *et al.*, 2021), ou *sentiment néologique* (sentimento neológico) em francês (Gardin *et al.*, 1974).

Diferentes autores concordam com essas semelhanças. Por exemplo, Guilbert explica que, quando um termo entra na língua geral, “uma mudança de natureza neológica é produzida no vocabulário geral” (Guilbert, 1975, p. 80, tradução nossa). Para Sablayrolles, está claro que a “migração [de um termo] de um domínio especializado para a língua geral” confere a esse termo “um *status* neológico” (Sablayrolles, 2018, p. 35, tradução nossa). Essa ideia também é amplamente compartilhada por pesquisadores de língua espanhola, que consideram que a transferência de termos para a língua geral faz parte da renovação lexical (por exemplo, Adelstein, 1996; Cañete *et al.*, 2016; Vega Moreno e Llopart-Saumell, 2017; Díaz Hormigo, 2020).

Esses autores também concordam que a mídia, e particularmente a imprensa de interesse geral, contribui amplamente para a disseminação de neologismos – incluindo termos – em um idioma. Por exemplo, Reutenauer explica que “o discurso jornalístico tende a refletir os neologismos que estão sendo disseminados ou a contribuir para sua disseminação bastante ampla” (Reutenauer, 2012b, p. 47, tradução nossa).

Além disso, os termos – como qualquer outro neologismo – nem sempre são percebidos como novas unidades lexicais na língua geral na mesma medida. De fato, a neologicidade de um termo depende muito do grau de especialização dos falantes em um determinado domínio (Estopà, 2016, p. 115). No entanto, o fato de um termo que costumava estar confinado a uma linguagem especializada entrar na língua geral corresponde perfeitamente à definição de neologismo, como um “novo signo linguístico com o surgimento simultâneo de um novo significante e um novo significado” (Sablayrolles, 2012, p. 38, tradução nossa).

Esse ponto de vista parece ser o mais consensual na literatura. No entanto, existem dois outros pontos de vista complementares. Eles são descritos na próxima seção.

2.2.2. Termos como neologismos semânticos na língua geral

O segundo e o terceiro pontos de vista sobre a neologicidade dos termos na língua geral dizem respeito a aspectos semânticos. Quando os termos são usados na língua geral por não especialistas, seus significados sempre diferem, até certo ponto, dos significados que transmitem em contextos especializados (por exemplo, Adelstein (1996); Pearson (1998); Meyer e Mackintosh (2000); Ungureanu (2006); Delavigne (2020)). Nesse sentido, Béjoint (1988, p. 362) explica que, “quando as palavras científicas e técnicas se tornaram bastante comuns no uso não especializado (ou seja, quando desceram em nossa escala), elas tendem a ser usadas com significados ligeiramente diferentes o tempo todo”.

O segundo ponto de vista engloba diferenças bastante sutis, enquanto o terceiro engloba diferenças mais profundas, geralmente associadas ao surgimento de significados metafóricos ou metonímicos totalmente novos. No primeiro caso, os

pesquisadores consideram até mesmo as menores mudanças como neológicas. De fato, de acordo com Guilbert (1973, p. 22-23), como essas mudanças ocorrem quando os termos atingem uma comunidade de fala mais diversificada com um nível mais baixo de especialização, elas correspondem a um tipo sociológico de neologia semântica.

No entanto, esse ponto de vista não é, nem de longe, o mais difundido nos estudos de neologia. Quando se trata de neologia semântica e termos na língua geral, as mudanças mais profundas (principalmente metafóricas) são abordadas com muito mais frequência (por exemplo, Meyer e Mackintosh (2000, p. 130); Renouf (2017, p. 26)). Elas constituem o terceiro ponto de vista que eu gostaria de descrever nesta seção.

As figuras de linguagem são processos semânticos produtivos, independentemente de os neologismos serem criados a partir de termos que migraram para a língua geral ou de outras unidades lexicais (por exemplo, Sablayrolles (2011); Renouf (2012); Lombard *et al.* (2021)). Nesse sentido, Sablayrolles (2011) propõe uma classificação detalhada dos processos semânticos com base em figuras de linguagem, que inclui não apenas metáfora e metonímia, mas também paradoxo, subavaliação ou até mesmo antonomásia. Dito isso, parece que os neologismos semânticos baseados em metáforas ainda são um dos tipos mais conhecidos de neologismos semânticos, especialmente quando derivam de termos. Isso é ilustrado, por exemplo, pelo *Dictionnaire de linguistique*, que afirma que “as metáforas desempenham um grande papel na inovação lexical (...). Em particular, as mudanças metafóricas são comuns na evolução resultante da transferência de termos para o vocabulário geral (...)” (Dubois *et al.*, 2002, p. 302, tradução nossa).

Portanto, parece que, quando os estudos neológicos se concentram em usos metafóricos de termos na língua geral, na maioria das vezes eles se concentram em mudanças metafóricas estabilizadas ou bem estabelecidas. Por exemplo, Renouf (2017) investiga mudanças semânticas que são estáveis o suficiente para serem detectadas em um grande corpus jornalístico. Ela dá o exemplo do verbo *to downsize*, que aparece várias vezes em seu *corpus* entre 1999 e 2013 com o mesmo significado metafórico, ou seja, “mudar para uma casa menor depois de se aposentar” (Renouf, 2017, p. 36). No entanto, como a seção 4.2.2 mostrará, alguns pesquisadores se

concentram na fase inicial do surgimento de neologismos semânticos (por exemplo, Reutenauer (2012a)), embora com muito menos frequência.

3. Metodologia

Conforme mencionado na introdução, este artigo se baseia em uma análise baseada em *corpus* de termos no campo da Física de Partículas em francês. O *corpus* e a metodologia que adotei são descritos nesta seção.

3.1. Descrição do corpus

O *corpus* usado para este estudo foi compilado no contexto de um projeto de pesquisa mais amplo com o objetivo de fornecer um conjunto de dados para observar o comportamento dos termos no processo de desterminologização no campo da Física de Partículas (Humbert-Droz *et al.*, 2019).

Ele é composto de cinco *subcorpora* que pretendem representar diferentes estágios de desterminologização. Isso é feito por meio da seleção de dados que representam a diversidade de gêneros e níveis de especialização dos textos envolvidos no processo. Mais precisamente, o *corpus* é composto por:

- um *subcorpus* especializado, que contém artigos publicados na revista de pesquisa francesa *Reflets de la physique* e teses de doutorado de universidades francesas que podem ser acessadas gratuitamente on-line;
- um *subcorpus* de comunicados de imprensa (abreviado como PR), que inclui comunicados de imprensa dos dois principais centros de pesquisa em Física de Partículas nos países de língua francesa, ou seja, o CNRS⁵ na França e o CERN⁶ na Suíça;

⁵ *Centre national de la recherche scientifique* (<https://www.cnrs.fr/fr/page-daccueil>, acesso em 5 de junho de 2022).

⁶ *Organisation européenne pour la recherche nucléaire* (<https://home.cern/fr>, acessado em 5 de junho de 2022).

- um *subcorpus* de relatórios, que contém relatórios anuais de diferentes laboratórios que realizam pesquisas em Física de Partículas (CERN, LPSC⁷ e LAL⁸);
- um *subcorpus* de divulgação científica (abreviado SPop), que contém artigos publicados em revistas de divulgação científica (*Élémentaire*, *La Recherche*, *Pour la Science*) e sites (CERN para o público em geral e *LHC-France*);
- um *subcorpus* de imprensa, que inclui artigos da imprensa geral extraídos de jornais franceses e suíços (*Le Temps*, *Le Monde*, *Les Échos*, *Le Figaro*).

O objetivo da progressão de especializado (*Subcorpus Especializado*) para semiespecializado (*Subcorpora PR*, *Relatórios* e *SPop*) e para não especializado (*Subcorpus Imprensa*) é o de refletir, no *corpus*, o *continuum* entre linguagem especializada e linguagem geral. O período coberto pelo *corpus* se estende de 2003 a 2016. Esse período foi selecionado de modo a incluir dois grandes eventos que ocorreram no campo da Física de Partículas nos últimos anos: o lançamento do *Large Hadron Collider* (LHC) em 2008 no CERN e a descoberta do bóson de Higgs em 2012, também no CERN. A hipótese subjacente afirma que, como esses eventos provavelmente seriam amplamente cobertos pela mídia (como qualquer evento científico importante (Moirand, 2007, p. 64)), os termos usados para relacioná-los provavelmente também seriam divulgados pela mídia. Como resultado, as mudanças linguísticas decorrentes da disseminação desses termos provavelmente apareceriam em textos publicados após a ocorrência dos eventos. Para fins de comparação, também foram considerados textos publicados antes da ocorrência desses eventos.

A contagem total de palavras do *corpus* é ligeiramente superior a 4 milhões de palavras. A Tabela 3.1 ilustra o tamanho de cada *subcorpus*.

<i>Subcorpus</i>	Número de ocorrências
<i>Especializado</i>	994.
	875

⁷ *Laboratoire de Physique Subatomique & Cosmologie* (<https://lpsc.in2p3.fr/index.php/fr/>, acessado em 5 de junho de 2022).

⁸ *Laboratoire de l'Accélérateur linéaire* (<https://www.lal.in2p3.fr/>, acessado em 5 de junho de 2022).

<i>Comunicados de imprensa</i>	210. 320
<i>Relatórios</i>	1.1 41. 873
<i>Divulgação científica</i>	620. 045
<i>Imprensa</i>	1.0 98. 708
Total	4.0 65. 821

Tabela 3.1: Tamanho do corpus

3.2. Ferramentas e metodologia

A metodologia é baseada na Terminologia Textual (Bourigault e Slodzian, 1999; Picton, 2011; Condamines, 2018) e adere a quatro princípios principais⁹:

- a análise é realizada em um *corpus* cuja compilação é determinada pelo objetivo da pesquisa;
- os termos são os pontos de partida para a análise, e a observação de seus contextos distributivos é fundamental para a abordagem;
- a análise se baseia nos resultados fornecidos por ferramentas de processamento de *corpus*, cujo uso é condicionado por sua relevância para o objetivo da pesquisa;
- especialistas no domínio estão envolvidos em todas as etapas da análise.

Em geral, um ponto de vista contrastivo é adotado e a análise é realizada, na maioria das vezes, por meio da comparação de *corpora* ou *subcorpora*. Várias

⁹ Consulte Condamines e Picton (2022) para obter mais detalhes.

ferramentas são usadas para garantir que a análise seja sistemática e reproduzível, por exemplo, concordanciadores, extratores de termos, marcadores morfossintáticos. Para este estudo, contei principalmente com o *AntConc* (Anthony, 2018) para observar os contextos de distribuição dos termos e identificar diferenças significativas entre os *subcorpora*. Os termos foram extraídos automaticamente com o *TermoStat* (Drouin, 2003), e uma amostra relevante foi selecionada em colaboração com especialistas no domínio.

A análise foi realizada em duas etapas principais. Primeiro, os *subcorpora Especializado e Imprensa* foram comparados para identificar as diferenças de distribuição que podem ser interpretadas em relação à desterminologização. Em segundo lugar, essas diferenças foram exploradas nos *subcorpora PR, Relatórios e SPop* para focar mais particularmente nos estágios intermediários do processo. Esses aspectos serão detalhados na seção 4.1.

4. Resultados e discussão

Nesta seção, primeiro apresento uma visão geral das principais mudanças que ocorrem no uso de termos no processo de desterminologização. Em seguida, concentro-me nos mecanismos que levam a novos significados metafóricos e em como a análise da desterminologização como um processo permite uma melhor compreensão desses mecanismos.

4.1. Panorama geral dos fenômenos semânticos que ocorrem no processo de desterminologização

A análise revela uma ampla gama de fenômenos relativos aos usos de termos e às maneiras pelas quais eles diferem no *Subcorpus Imprensa* em comparação com o *Subcorpus Especializado*. Esses fenômenos parecem ser muito mais diversos do que os normalmente descritos na literatura sobre desterminologização (consulte 2.1) e referem-se a distinções semânticas consideravelmente menos claras. Além disso, apenas uma minoria desses fenômenos tem origem no *Subcorpus Imprensa*. A maioria deles é de fato atestada em pelo menos um dos *subcorpora* intermediários.

4.1.1. Coexistência de diferentes pontos de vista

A primeira categoria de fenômenos está relacionada à coexistência de diferentes pontos de vista em relação a termos e conceitos. Essa categoria foi identificada por meio da observação da coocorrência recorrente de termos da Física de Partículas com termos de outras áreas, como Astronomia e Medicina. As evidências do *corpus* sugerem pelo menos três tipos de contextos e possíveis interpretações.

Contextos que demonstram a interdisciplinaridade da pesquisa

Nesse tipo de contexto, a coocorrência de termos de Física de Partículas com termos que se referem a outros domínios destaca o fato de que a pesquisa em um domínio geralmente requer conhecimento especializado de outros domínios, ou que pesquisadores de diferentes domínios colaboram em determinados projetos. Os exemplos abaixo oferecem evidências dessa interdisciplinaridade no *Subcorpus Imprensa* (os termos em estudo estão em negrito e os termos de outros domínios estão em itálico).

1. Le but premier d'OGLE, dont le *télescope* est installé à l'*observatoire* de Las Campanas au Chili, est la recherche de *matière noire* (*Subcorpus Imprensa*)
2. un volumineux détecteur d'*antimatière*, qui attend son tour depuis des années, va enfin prendre place dans le dernier vol de *navette*. (*Subcorpus Imprensa*)

Esses dois exemplos mostram que os termos *matière noire* (matéria escura) e *anti-matière* (antimatéria) ocorrem em contextos que implicam o campo da Astronomia. Termos como *observatoire* (observatório), *télescope* (telescópio) e *navette* (nave) estão de fato associados a esse campo. Esses contextos também sugerem que a busca por matéria escura (exemplo 1) e o estudo da antimatéria (exemplo 2) exigem instrumentos que normalmente estão associados à pesquisa em Astronomia.

A Energia Nuclear e a Medicina foram identificadas em contextos semelhantes no *Subcorpus Imprensa*, e a forte interdisciplinaridade da pesquisa em Física de Partículas e nesses três campos foi confirmada por especialistas no domínio.

Contextos que mostram os benefícios da pesquisa em física de partículas para outros campos

O segundo tipo de contexto ilustra as muitas maneiras pelas quais a pesquisa em Física de Partículas pode beneficiar outros campos. Embora esse tipo de contexto pareça ser semelhante ao primeiro, a principal diferença diz respeito ao fato de que a relação entre a Física de partículas e os outros domínios é explicitada pelo uso de marcadores¹⁰, como *utiliser* (usar, exemplos 3 e 5), *faire appel à* (pedir, requerer, exemplo 3) e *dédié à* (dedicado a, exemplo 4). Os marcadores estão sublinhados nos exemplos.

3. La *radiothérapie* classique utilise des photons (des «particules» de lumière), alors que la *protonthérapie* fait appel à des protons, autrement dit des noyaux d'hydro- gène. (*Subcorpus Imprensa*)
4. Mais que va devenir l'accélérateur de particules du *Louvre*, Aglae, dédié à la recherche sur les *œuvres d'art* (*Subcorpus Imprensa*)
5. Cette technologie très innovante consiste à utiliser un accélérateur de particules pour produire les neutrons qui déclenchent les *réactions de fission* dans le *com- bustible nucléaire*. (*Subcorpus Imprensa*)

No exemplo 3, os marcadores indicam a utilidade de determinados conceitos de Física de Partículas (fótons e prótons, que são dois tipos de partículas) para duas técnicas de envelhecimento médico, a saber, radioterapia e terapia de prótons. No exemplo 4, o marcador indica o uso de um acelerador de partículas específico para

¹⁰ Seguindo os trabalhos de Meyer sobre contextos ricos em conhecimento, os marcadores podem ser definidos como elementos linguísticos que sinalizam “itens de conhecimento de domínio que podem ser úteis para a análise conceitual” (Meyer, 2001, p. 281) em corpora. Embora os marcadores possam indicar qualquer tipo de informação que seja relevante para o propósito de uma pesquisa, nesta seção, vou me concentrar nos marcadores de utilidade. Consulte Condamines et al. (2021) para obter mais detalhes.

realizar pesquisas sobre obras de arte, o que é destacado pelas unidades *Louvre* (o famoso museu em Paris) e *œuvre d'art* (obra de arte). O Exemplo 5 ilustra o uso de um acelerador de partículas no campo da Energia Nuclear.

Neste ponto, deve-se enfatizar que, embora os exemplos acima tenham sido todos retirados do subcorpus da imprensa, isso não significa que os fenômenos em questão não sejam observáveis no subcorpus intermediário. De fato, evidências de interdisciplinaridade e utilidade também são encontradas nos *Subcorpora Relatórios* e *SPOP*. Por exemplo, no primeiro, essas evidências são observadas em contextos que destacam a contribuição da Física de Partículas para a geração de imagens médicas ou que mostram colaboração explícita. Os elementos que permitem essa interpretação estão sublinhados nos exemplos abaixo. O exemplo 6 concentra-se em aplicações em imagens médicas e o exemplo 7 mostra a colaboração interdisciplinar em uma equipe de pesquisa que reúne especialistas em Física e Medicina.

6. Des détecteurs conçus pour la physique des hautes énergies ont été adaptés pour des applications en *imagerie médicale*, notamment en *tomographie par émission de positons (TEP)*. (*Subcorpus Relatório*)
7. Ainsi, la *tomographie par émission de positons (TEP)* fait l'objet depuis six ans de recherches au sein de l'équipe Interface Physique-Médecine. (*Subcorpus Relatório*)

A observação dos fenômenos identificados no *Subcorpus Imprensa* em pelo menos um dos *subcorpora* intermediários destaca o fato de que, quando os termos são transferidos para a linguagem geral, eles passam por mudanças progressivas em seus usos. Em outras palavras, os termos chegam à linguagem geral por meio de vários tipos de intermediários, como os representados nos *subcorpora* intermediários. Seus usos começam a mudar nos intermediários e continuam a mudar, primeiro na imprensa em geral e depois na linguagem cotidiana.

Contextos que mostram a centralidade de um termo em diferentes campos

O terceiro tipo diz respeito a contextos que se referem a outros domínios, como Astronomia ou Energia Nuclear. Entretanto, como não são observadas evidências de interdisciplinaridade ou marcadores de utilidade, esses contextos apontam para o fato de que diferentes campos podem se concentrar nos mesmos objetos de pesquisa. Em outras palavras, certos termos podem ser centrais para diferentes domínios. Nesse caso, o exemplo 8 se refere à Astronomia e o exemplo 9 se refere à Energia Nuclear, sem nenhuma referência explícita à Física de Partículas em nenhum dos contextos.

8. Dans le *Soleil*, photons et neutrinos sont créés au cours des réactions nucléaires qui ont lieu au cœur de notre *astre*. (*Subcorpus Imprensa*)
9. En permanence, la *fission* d'un noyau d'*uranium* dégage un neutron qui part lui-même casser un autre noyau de *combustible*. (*Subcorpus Imprensa*)

Em resumo, esses três tipos de contextos sugerem que certos termos do campo da Física de Partículas provavelmente também serão usados em outros campos (por exemplo, Astronomia, Medicina, Energia Nuclear, Artes/Museus) e, portanto, aparecerão em textos produzidos por especialistas desses campos. Nesse caso, cada campo tende a ter seu próprio ponto de vista sobre termos e conceitos (L'Homme, 2004, p. 43-44). Como resultado, é provável que os usos desses termos no *Subcorpus Imprensa* reflitam os diferentes pontos de vista associados a cada campo - e não apenas os pontos de vista da Física de Partículas. Nos dados, eles se traduzem em diferenças de distribuição que são identificadas quando os *subcorpora* são comparados com o *Subcorpus Especializado*.

Por exemplo, no caso do termo *proton*, o exemplo 3 destaca a perspectiva de imagens médicas. É razoável supor que essa perspectiva possa diferir, até certo ponto, da perspectiva da Física de Partículas, uma vez que, na imagiologia médica, os prótons são explorados no tratamento do câncer, enquanto na Física de Partículas eles são usados para criar colisões e desintegrações para estudar outros tipos de partículas. Obviamente, esses pontos de vista não são incompatíveis, mas correspondem a dois campos de pesquisa diferentes, que se concentram em conjuntos diferentes de características para o mesmo conceito. Dito isso, sua coexistência em textos não especializados pode ser responsável por algumas das diferenças de significado

resultantes da desterminologização. Em outras palavras, parece que o significado de um termo veiculado na língua geral (ou em textos não especializados, como é o caso deste estudo) não é necessariamente construído a partir de um domínio que é tomado como o “ponto de partida” da desterminologização, mas muito provavelmente de todos os domínios em que esses termos são usados.

4.1.2. Influência de contextos que lidam com obras de ficção

Outra diferença importante na distribuição entre os *subcorpora Imprensa e Especializado* é a ocorrência repetida de termos em contextos que se referem a obras ficcionais, especialmente aquelas que se enquadram na noção de *fiction à substrat professionnel* (FASP), ou seja, aquelas com um forte componente profissional, neste caso, científico (Petit, 1999; Fries e Nallet, 2022). Diferentemente do fenômeno anterior, ele só é observado no *subcorpus Imprensa* e não no *subcorpus Intermediário*. Nos exemplos abaixo, as referências a obras de ficção são evidenciadas pelas unidades *roman* (romance), *méchant* (vilão) (exemplo 10) e *scène* (cena), *tourner* (filmar), *film* (filme) (exemplo 11), que sugerem que os contextos são sobre um romance e um filme, respectivamente.

10. Le *méchant* du *roman* veut voler de l’antimatière pour fabriquer une bombe.
(*Subcorpus Imprensa*)
11. A découvrir les premières *scènes*, précisément *tournées* au CERN avec la bénédiction de sa direction, on ne donne pourtant pas cher du *film*. (*Subcorpus Imprensa*)

Esses contextos refletem a diversidade dos tópicos abordados nos jornais de interesse geral. No entanto, como esses usos de termos são atestados, eles também contribuem para os significados dos termos que são transmitidos em situações não especializadas e, em última análise, para mudanças mais permanentes resultantes da desterminologização. Nesse sentido, o exemplo 10 destaca a possibilidade de fazer uma bomba com antimatéria, embora em um contexto fictício.

Se esses contextos forem recorrentes, eles podem contribuir para uma representação ou entendimento comum de que a antimatéria é perigosa. De fato, vários contextos que sugerem tais representações são observados no *subcorpus Imprensa*, como mostram os exemplos 12 e 13. O exemplo 12 torna explícita a ideia de perigo com a frase *bombe à antimatière* (bomba de antimatéria) e o exemplo 13 com a frase *explosion d'antimatière* (explosão de antimatéria), na qual a *bomba* está implícita.

12. Et, dès le 22 décembre 2012, il faudra affronter de nouvelles menaces: l'astéroïde censé percuter la Terre en 2036, la fusion de l'homme et de la machine (estimation: 2045), la bombe à antimatière. (*Subcorpus Imprensa*)
13. Vous imaginez vous retrouver au cœur d'une explosion d'antimatière? (*Subcorpus Imprensa*)

4.1.3. Contextos que sugerem a noção de sensacionalismo

Uma característica importante que caracteriza os contextos de distribuição dos termos no *subcorpus Imprensa* é a recorrência de unidades lexicais que se referem à noção de sensacionalismo. O sensacionalismo pode ser definido aqui como um conjunto de práticas jornalísticas que tendem a explorar os aspectos espetaculares ou macabros de certas informações para captar a atenção dos leitores (Tannenbaum e Lynch, 1960; Villedieu, 1996; Labasse, 2012). Isso pode ser observado de várias maneiras. Por exemplo, algumas notícias - especialmente as científicas

- são relatadas em um estilo que faz uso extensivo de unidades lexicais e frases para provocar uma resposta emocional. No *subcorpus Imprensa*, foram identificados dois grupos de unidades desse tipo que ocorrem frequentemente com termos da Física de Partículas:
- unidades que evocam aspectos extraordinários ou incríveis de determinados conceitos da Física de Partículas,
- unidades que evocam aspectos misteriosos, enigmáticos ou secretos desses conceitos.

Os exemplos 14 e 15 ilustram o primeiro grupo; os exemplos 16 e 17, o segundo. Como nos exemplos anteriores, os termos em estudo estão em negrito e as unidades estão em itálico.

14. En juillet, dans l'anneau de 27 km du LHC, les scientifiques ont lancé les uns contre les autres des paquets de particules (protons) et avec une énergie *faramineuse* (3,5 TeV). (*Subcorpus Imprensa*)
15. Elles auront lieu quatre fois par tour, au sein d'*énormes* détecteurs capables de reconnaître chacune des particules élémentaires ainsi libérées. (*subcorpus Imprensa*)
16. En brisant des particules, les physiciens espèrent enfin capter l'empreinte du *fantomatique* boson de Higgs. (*Subcorpus Imprensa*)
17. Le *secret* de la matière noire sera peut-être levé cet été, grâce à un instrument lancé par un des derniers vols d'une navette spatiale américaine. (*Subcorpus Imprensa*)

Duas observações podem ser feitas. Por um lado, essa co-ocorrência recorrente contribui para a adição de conotações aos significados dos termos que são transmitidos no *Subcorpus Imprensa*. Por exemplo, o termo *matière noire* é regularmente modificado pelos adjetivos *secret*, *mystérieux* (misterioso), *inconnu* (desconhecido). Como essas colocações se tornam comuns na linguagem geral ou, pelo menos, nos jornais de interesse geral, o significado de *matière noire* pode ser associado a uma ideia de mistério ou de algo que é desconhecido. Esses aspectos serão detalhados mais adiante.

Por outro lado, embora o sensacionalismo seja normalmente associado à redação de notícias e à mídia em geral, essa característica também pode ser observada em gêneros não jornalísticos. Por exemplo, contextos semelhantes aos observados no *Subcorpus Imprensa* também foram encontrados no *Subcorpora Intermediários*. Além disso, alguns contextos atestados em artigos de jornal foram fielmente reproduzidos de comunicados à imprensa, o que parece ser uma prática

padrão, conforme apontam Dempster *et al.* (2022). Isso é ilustrado pelos seguintes trechos idênticos.

18. «C'est une formidable nouvelle, le début d'une ère fantastique de physique et, es- pérons-le de découvertes, après 20 ans d'efforts de la communauté internationale [...] (*Subcorpus Imprensa*)
19. «C'est une formidable nouvelle, le début d'une ère fantastique de physique et, es- pérons-le de découvertes, après 20 ans d'efforts de la communauté internationale [...] (*Subcorpus PR*)

Mais uma vez, pode-se observar que esses contextos destacam o interesse de considerar a desterminologização como um processo e não como um resultado, especialmente quando se trata de mudança de significado. De fato, com base nos contextos ilustrados nos exemplos 18 e 19, pode-se argumentar que as conotações associadas às unidades que evocam a noção de racionalismo não aparecem sistematicamente na imprensa em geral. Em vez disso, elas podem ser transferidas para a imprensa por meio de comunicados à imprensa, como no caso ilustrado nesta seção, ou por outros intermediários. Voltarei a esse aspecto na seção 4.2.

4.1.4. Usos metafóricos dos termos

O último fenômeno abordado nesta seção diz respeito aos usos metafóricos de termos. Como no caso de contextos que lidam com obras ficcionais, esse tipo de contexto só é atestado no *Subcorpus Imprensa*. Os exemplos abaixo ilustram algumas das metáforas encontradas nesse *subcorpus*.

20. En outre, on ne répétera jamais assez que le métal jaune est « l'antimatière » de la planche à billets. (*Subcorpus Imprensa*)
21. La « matière noire » du génome, pas si mystérieuse (*Subcorpus Imprensa*)
22. Aujourd'hui, on vit dans un accélérateur de particules avec toutes ces informations, ces distances raccourcies par les avions et les trains. (*Subcorpus Imprensa*)

23. l'état-major d'Obama reste sur le qui-vive quand Bill Clinton, un électron libre, donne son avis. (*Subcorpus Imprensa*)
24. Marielle de Sarnez la particule élémentaire des centristes (*Subcorpus Imprensa*)

O uso de termos como metáforas em textos não especializados, e particularmente na mídia, é uma das consequências mais conhecidas do processo de desterminologização. De fato, ele é amplamente descrito na maioria dos estudos existentes sobre desterminologização, bem como em estudos mais gerais sobre o uso de termos na linguagem geral (por exemplo, Guilbert, 1975; Meyer, 2000; Estopà, 2016; Renouf, 2017). No entanto, os processos semânticos que levam à criação das metáforas receberam menos atenção no contexto dos estudos de desterminologização, e o mesmo se aplica à relação entre desterminologização e neologia. Essas questões serão abordadas na seção 4.2. Especificamente, discutirei a evolução de ocorrências metafóricas de termos usados para fins estilísticos para mudanças de significado mais permanentes consideradas neologismos semânticos.

4.2. Criação de novos significados metafóricos

Esta seção está dividida em duas subseções. A primeira se concentra nos mecanismos que levam aos usos metafóricos de termos observados no *Subcorpus Imprensa*, e vários exemplos serão discutidos para ilustrá-los. Na segunda subseção, mostrarei como a análise da desterminologização pode fornecer novos *insights* sobre os processos semânticos que levam a certas mudanças de significado na linguagem geral e, ao fazer isso, insistirei na necessidade de reconhecer o papel da desterminologização na neologia semântica.

4.2.1. Definição do potencial metafórico dos termos

Como dito acima, os usos metafóricos de termos já são descritos por muitos autores, embora sua identificação ainda apresente problemas significativos. De fato, quando se trata da detecção de metáforas em *corpora*, os pesquisadores concordam que os usos metafóricos de unidades lexicais só podem ser confirmados por uma

análise humana dos contextos em que aparecem (Deignan, 2005, p. 92-93; Philip, 2010, p. 191; Semino, 2017, p. 465-466; Mpouli, 2019, p. 98; Stefanowitsch, 2020, p. 397). Por exemplo, Deignan mostra que, dependendo do contexto, duas ocorrências da mesma unidade lexical, que aparecem na mesma colocação, podem se referir a um significado metafórico ou literal (Deignan, 2005, p. 83). Além disso, de acordo com Stefanowitsch, “não há nada na própria palavra que diferencie seus usos literal e metafórico” (Stefanowitsch, 2020, p. 397). Portanto, observar os contextos continua sendo o método mais eficiente para confirmar que uma ocorrência é de fato metafórica.

Esse é o princípio que foi adotado neste estudo e cinco termos foram identificados com um significado metafórico no *Subcorpus Imprensa* (veja os exemplos 20-24 acima). Esses termos compartilham duas características interessantes. Primeiro, eles são compostos de unidades lexicais que também existem na linguagem geral, por exemplo, *accélérateur* (acelerador) e *particule* (partícula) em *accélérateur de particules* (acelerador de partículas); *matière* (matéria) e *noir* (preto, escuro) em *matière noire* (matéria escura); *particule* e *élémentaire* (elementar) em *particule élémentaire* (partícula elementar); *matière* em *antimatière* ou *anti-matière* (anti-matéria); e *libre* (livre) em *électron libre* (elétron livre). Em segundo lugar, eles aparecem regularmente em contextos descritos como sensacionalistas, seja no *Subcorpus Imprensa* ou nos três *subcorpora intermediários* (ver 4.1.3). Por exemplo, *accélérateur de particules* é frequentemente modificado por adjetivos como *immense* (enorme) e *gigantesque* (gigantesco). Ele também aparece em frases que enfatizam os aspectos extraordinários desse tipo de instrumento e, especialmente, do LHC, que é descrito no *Subcorpus Imprensa* como o maior e mais poderoso acelerador de partículas do mundo.

Por meio da análise, foi estabelecida uma correlação entre essas duas características e os usos metafóricos dos termos observados nesse *subcorpus*. Proponho me referir a isso como o potencial metafórico dos termos. Isso significa que qualquer termo que compartilhe as mesmas características provavelmente aparecerá como uma metáfora na imprensa em geral. Vou dar um exemplo: quando *accélérateur de particules* é usado como metáfora, na maioria das vezes ele designa

- alguém que atinge alto desempenho; isso é ilustrado no exemplo 25, que destaca o desempenho impressionante de um jogador de futebol;
- alguém que é particularmente rápido. Isso é ilustrado no exemplo 26, que destaca a velocidade de um jogador de rugby;
- algo ou alguém que contribui para o sucesso de outra pessoa, ilustrado no exemplo 27.

25. Accélérateur de particules, animateur sur le terrain et en coulisses, Ribéry s'impose de plus en plus comme le véritable leader de l'équipe de France
(*Subcorpus Imprensa*)
26. Barrett, l'accélérateur de particules All Blacks ; Successeur désigné de Dan Carter, l'ouvreur néo-zélandais impressionne par sa vitesse d'exécution.
(*Subcorpus Imprensa*)
27. « Les Arts déco sont un accélérateur de particules », se félicite cet ancien élève des Beaux-Arts d'Angoulême, qui est resté à Strasbourg à la fin de ses études, en 2015. (*Subcorpus Imprensa*)

No primeiro caso, a metáfora parece ter sido criada a partir dos contextos em que o termo *accélérateur de particules* co-ocorre com unidades lexicais que evocam aspectos extraordinários e excepcionais desse conceito. De fato, a recorrência de contextos que transmitem a ideia de que os aceleradores de partículas têm alto desempenho torna a metáfora possível. Características semânticas como /eficaz/ e /poderoso/ são ativadas nesse tipo de contexto e em contextos nos quais o termo é usado metaforicamente. Por esse motivo, pode-se argumentar que esse significado metafórico se baseia nos recursos /eficaz/ e /poderoso/.

No entanto, o segundo caso é diferente. O Exemplo 26 mostra um uso metafórico de *accélérateur de particules* que descreve alguém que é particularmente rápido. Aqui, a metáfora é criada com base em recursos semânticos, como /velocidade/. Esse recurso também é ativado quando unidades lexicais como *accélérateur* (acelerador), *accélérer* (acelerar) e *accélération* (aceleração) são usadas na linguagem geral. De acordo com Oliveira (2009, p. 93), quando os termos metafóricos entram na linguagem geral, as unidades que os compõem e que coexistem

na linguagem geral provavelmente terão alguma influência – ou até mesmo interferirão – no significado dos termos observados na linguagem geral.

Para o termo *souffle au cœur* (*sopro no coração* em português brasileiro) no campo da Cardiologia, Oliveira explica que os não especialistas geralmente entendem apenas o primeiro significado de *souffle* (que se traduz literalmente como sopro) e que não estão necessariamente cientes da analogia por trás do termo. Além disso, sua compreensão do termo é amplamente influenciada pelo significado da unidade lexical *s'essouffler* (ter falta de ar) na língua geral, que é derivada de *souffle*. Como consequência, é muito difundida a ideia de que “quando se tem um sopro no coração, não se pode praticar nenhum esporte porque pode faltar o ar muito rapidamente” (Oliveira, 2009, p. 102, tradução nossa). Nesse caso, ter um sopro no coração é considerado uma condição séria, enquanto a maioria das pessoas que têm um sopro vive uma vida perfeitamente normal.

Portanto, de acordo com Oliveira (2009), ambos os significados de *souffle* e *s'essouffler* influenciam o significado de *souffle au cœur* na linguagem geral. No caso da Física de Partículas, é possível traçar um paralelo entre a conclusão de Oliveira e minhas observações, embora *accélérateur de particules* não seja um termo metafórico. De fato, quando esse termo é usado para descrever alguém que é muito rápido, pode-se presumir que a metáfora é criada a partir do significado de *accélérateur* na linguagem geral e do significado de outras unidades que pertencem à mesma família derivacional (por exemplo, *accélérer* e *accélération*, como dito anteriormente). No caso de *accélérateur*, e seguindo a hipótese de Meyer e Mackintosh sobre os termos *mega*, *virtual* e *to delete* (2000, p. 130-131), é provável que um significado geral e um significado especializado coexistam na linguagem geral e interfiram na compreensão do termo por não especialistas.

O terceiro caso é semelhante. No exemplo 27, o termo designa a capacidade de algo acelerar a carreira de alguém, sendo a metáfora mais uma vez baseada no traço semântico /velocidade/, que é ativado em *accélérer* na linguagem geral.

Para os outros termos, são feitas observações semelhantes:

- Nos usos metafóricos de *matière noire*, os traços semânticos /mistério/ e /desconhecido/ são ativados, assim como em contextos em que *matière noire*

ocorre com unidades lexicais como *mystère* (mistério), *mystérieux* (misterioso), *secret* (secreto), *énigmatique* (enigmático);

- Os usos metafóricos de *antimatière* provavelmente são criados a partir de contextos em que o conceito é descrito como misterioso (exemplo 28 abaixo) ou de contextos que destacam a oposição entre antimatéria e matéria (exemplo 29 abaixo). No último caso, *antimatière* é usado metaforicamente para designar o oposto de algo, como no exemplo 20 acima;

- *particule élémentaire*, quando usada metaforicamente, refere-se ao papel essencial, fundamental ou elementar de algo ou alguém, o que é transmitido pelo significado de *élémentaire* na linguagem geral¹¹;

- *électron libre* é usado metaforicamente para designar alguém que se destaca ou que age independentemente da maioria. Nesse caso, no entanto, deve-se enfatizar que a metáfora não é nova no francês. Por exemplo, de acordo com o *Grand Robert*, ela é atestada pelo menos desde 1994¹².

28. Les chercheurs n'ont pas fini pour autant d'expliquer tous les *mystères* qui entourent l'*antimatière*. (*Subcorpus Imprensa*)

29. Une question tourmente les cosmologues depuis plusieurs décennies : si *antimatière* et *matière* ont les mêmes propriétés (inversées), pourquoi l'univers n'en contient pas des quantités égales ? (*Subcorpus Imprensa*)

4.2.2. Em direção ao surgimento e à estabilização de neologismos semânticos na imprensa

A seção anterior discutiu as maneiras pelas quais os usos metafóricos de termos podem ser criados na imprensa, e a noção de potencial metafórico foi introduzida para descrevê-los. Esta seção enfoca mais especificamente a relação entre esses usos e a neologia semântica.

¹¹ Ela também pode ser influenciada pelo significado de fundamental em *particule fondamentale* (partícula fundamental), que é uma variante terminológica de *particule élémentaire*.

¹² *Le Grand Robert online* (<https://grandrobert.lerobert.com/robert.asp>, acessado em 27 de junho de 2022).

Com exceção de *électron libre*, as metáforas ilustradas na seção anterior estão sujeitas a várias modulações e não parecem estar estabilizadas na linguagem geral. Para cada termo, diferentes nuances são observadas no *Subcorpus Imprensa*. Por exemplo, o termo *antimatière* é usado como metáfora para designar algo que é misterioso ou para insistir em uma oposição entre dois conceitos. Essas metáforas são criadas com base em dois conjuntos distintos de recursos semânticos, que são ativados em diferentes tipos de contextos no corpus. Da mesma forma, *accélérateur de particules* é usado em três significados metafóricos diferentes, conforme explicado na seção 4.2.1.

Essas observações se referem à relativa instabilidade dos neologismos (cf. Reutenauer (2012a), Sánchez Ibáñez e Maroto (2021, p. 359)). Por exemplo, Reutenauer mostra que o surgimento de um novo significado geral para um termo pode ser observado por meio da diversificação de seus usos na imprensa (Reutenauer, 2012a, p. 1940). Nesse caso, o novo significado geral é geralmente metafórico.

Sob essa perspectiva, os exemplos de metáforas apresentados acima podem ser interpretados como neologismos semânticos emergentes, que ainda estão em uma fase de estabilização. Isso significa que a aparente instabilidade observada no *Subcorpus Imprensa* na verdade reflete a diversificação que caracteriza a fase inicial de um novo significado emergente. De fato, Reutenauer explica que esse processo de diversificação corresponde a uma “fase transitória” no discurso, ou a uma “evolução em andamento”, que precede o estabelecimento de um novo significado estável na linguagem (Reutenauer, 2012b, p. 61). Assim, pode-se presumir que os significados metafóricos identificados no *Subcorpus Imprensa* poderão se estabilizar em um futuro próximo e ser reconhecidos como neologismos.

Acredito que essas observações levam a uma melhor compreensão do papel da desterminologização na neologia e, particularmente, na neologia semântica. Pode-se argumentar que, como os usos metafóricos dos termos podem ser interpretados como consequências da desterminologização, e como esses usos metafóricos podem levar ao surgimento e à estabilização de novos significados para esses termos, então a desterminologização deve, de fato, ser considerada como uma contribuição para os processos neológicos. Além disso, foi demonstrado na seção 4.1 que certos usos na

origem das metáforas (ou seja, o surgimento de novas conotações por meio da coocorrência com certos tipos de unidades lexicais, especialmente aquelas que se referem ao sensacionalismo) são atestados nos *Subcorpora Intermediários*. Essa observação permite uma melhor compreensão das maneiras pelas quais o processo de desterminologização funciona, especialmente nos estágios intermediários do processo. Ela também fornece uma melhor compreensão dos mecanismos semânticos que levam ao surgimento de novos significados metafóricos de termos na língua geral.

Considerações finais e trabalhos futuros

Neste artigo, propus uma discussão sobre a relação entre desterminologização e neologia. Para isso, baseei meu estudo em uma análise de termos da Física de Partículas em francês em um *corpus* que representa diferentes estágios do processo de desterminologização, entre linguagem altamente especializada e não especializada. Essa perspectiva sobre a desterminologização mostrou-se relevante de diferentes maneiras:

- destacou o fato de que os fenômenos semânticos associados à desterminologização não aparecem necessariamente em contextos não especializados, mas também podem ser atestados em alguns intermediários, o que permite uma compreensão mais completa da desterminologização como um processo;
- trouxe à tona o fato de que algumas dessas mudanças (especialmente o surgimento de novas conotações) podem explicar os mecanismos que levam ao uso de termos como metáforas, embora não sejam o único fator. Conforme detalhado no item 4.2.1, a coexistência na linguagem geral de alguns componentes dos termos e de outras unidades lexicais que pertencem à mesma família derivacional também pode influenciar os significados metafóricos dos termos;
- me permitiu argumentar que os usos metafóricos dos termos, que foram observados no *Subcorpus Imprensa* para os termos *accélérateur de particules*,

matière noire, *antimatière* e *particule élémentaire* (conforme discutido acima, o caso de *électron libre* é um pouco diferente), podem, na realidade, ser considerados como evidência do surgimento de neologismos semânticos. Essa observação exemplifica outro ponto de vista sobre a neologia semântica e reconhece o papel da desterminologização nos processos neológicos.

Embora a discussão seja amplamente baseada em um exame minucioso dos comportamentos de cinco termos do domínio da Física de Partículas em um *corpus* de textos franceses, é necessário um trabalho futuro para confirmar essas conclusões. Em particular, mais termos que compartilham as duas características descritas acima devem ser analisados para explorar melhor a correlação entre essas características, os usos metafóricos de termos no *Subcorpus Imprensa* e o surgimento de neologismos semânticos na imprensa em geral.

Além disso, conforme mencionado no item 3.1, o *corpus* explorado neste estudo foi compilado no contexto de um projeto mais amplo e abrange o período de 2003 a 2016. Entretanto, como algumas mudanças podem ocorrer rapidamente, parece necessário observar textos mais recentes. Isso fornecerá mais evidências sobre a evolução dos usos metafóricos dos termos descritos neste artigo, especialmente com relação ao seu *status* de neologismos na linguagem geral. Por exemplo, com dados mais recentes, será possível verificar se os novos significados metafóricos de fato se estabilizam ao longo do tempo, conforme a hipótese aqui levantada. Dessa forma, pretendo aprofundar a reflexão sobre a neologia semântica e sobre os mecanismos destacados neste primeiro estudo.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meu agradecimento e gratidão a Aurélie Picton e Anne Condamines pelas muitas discussões que tivemos sobre terminologia, *corpora* e desterminologização, dentre outros tópicos, a Nicolás González Granado, por sua cuidadosa revisão de uma versão anterior deste artigo, e aos revisores anônimos por seus comentários valiosos e muito relevantes.

REFERÊNCIAS

- ADELSTEIN, A. Banalización de términos con formantes de origen grecolatino. *Simposio Iberoamericano de Terminología RITerm*, 5, 1996.
- ANTHONY, L. *AntConc (Version 3.5.6)*. Waseda University, 2018. <https://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>
- BEACCO, J.-C.; CLAUDEL, C.; DOURY, M.; PETIT, G.; REBOUL-TOURÉ, S. (2002). Science in media and social discourse: New channels of communication, new linguistic forms. *Discourse Studies*, v. 4, n. 3, 2002, p. 277-300.
- BÉJOINT, H. Scientific and Technical Words in General Dictionaries. *International Journal of Lexicography*, v. 1, n. 4, 1988, p. 354-368.
- BERNAL, E.; FREIXA, J.; TORNER, S. Néologicité et dictionnarisabilité. Deux conditions in- verses ? *Neologica*, v. 14, 2020, p. 47-60.
- BOURIGAUT, D.; SLODZIAN, M. Pour une terminologie textuelle. *Terminologies Nouvelles*, v. 19, 1999, p. 19-32.
- CABRÉ, M. T. (1994). Terminologie et dictionnaires. *META*, v. 39, n. 4, 1994, p. 589-597.
- CABRÉ, M. T.; DOMÈNECH-BAGARIA, O.; SOLIVELLAS, I. La classification des néologismes. Révision critique et proposition d'une typologie multivariée et fonctionnelle. *Neologica*, 15, 2021, p. 43-62.
- CAÑETE, P.; FERNÁNDEZ-SILVA, S.; VILLENA, B. (2016). La difusión de la terminología a través de la prensa escrita: Un acercamiento a través de la neología de El País. In: Observatori de Neologia (Org.), *Mots d'avui, mots de demà*. IULA: Universitat Pompeu Fabra, 2016, p. 97-114.
- CARTIER, E. Neoveille, système de repérage et de suivi des néologismes en sept langues. *Neologica*, v. 10, 2016, p. 101-131.
- CONDAMINES, A. Nouvelles perspectives pour la terminologie textuelle. In: ALTMANOVA, J.; CENTRELLA, M.; RUSSO, K. E. (Org.), *Terminology & Discourse / Terminologie et discours*. Alemanha: Peter Lang, 2018, p. 93-112.
- CONDAMINES, A.; HUMBERT-DROZ, J.; PICTON, A. Néologie par déterminologisation: Méthode de repérage et catégorisation en corpus dans le domaine de la physique des particules. In: VILLAR DIAZ, M. B.; Hoyos, J. de; DURY, P.; MAKRI-MOREL, J.; RENNER, V. (Org.). *La néologie des langues romanes. Nouvelles approches, dynamiques et enjeux*. Alemanha: Peter Lang, 2021, p. 287-304.
- CONDAMINES, A.; PICTON, A. Des communiqués de presse du Cnes à la presse généraliste. Vers un observatoire de la diffusion des termes. In: DURY, P.; HOYOS, J. de, MAKRI-MOREL, J.; MANIEZ, F.; RENNER, V.; VILLAR DIAZ, M. B. (Org.). *La néologie en langue de spécialité: Détection, implantation et circulation des nouveaux termes*. Lyon: Centre de recherche en terminologie et traduction, Université Lumière Lyon 2, 2014, p. 165-188.

- CONDAMINES, A.; PICTON, A. (2022). Textual Terminology: Origins, principles and new CHALLENGES. IN: FABER, P.; L'HOMME, M.-C. (Org.). *Theoretical Perspectives on Terminology: Explaining terms, concepts and specialized knowledge*. Amsterdam: John Benjamins, 2022, p. 219-236.
- DEIGNAN, A. *Metaphor and corpus linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 2005.
- DELAVIGNE, V. *Les mots du nucléaire. Contribution socioterminologique à une analyse des discours de vulgarisation*. Tese de doutorado - University of Rouen, 2001.
- DELAVIGNE, V. De l'(in)constance du métalinguistique dans un corpus de vulgarisation médicale. *Corela. Cognition, représentation, langage, HS-31*, 2020. <http://journals.openedition.org/corela/11031>
- DEMPSTER, G.; SUTHERLAND, G.; KEOGH, L. Scientific research in news media: A case study of misrepresentation, sensationalism and harmful recommendations. *Journal of Science Communication*, v. 21, n. 1, 2022. <https://doi.org/10.22323/2.21010206>
- DÍAZ HORMIGO, M. T. Precisiones para una caracterización lingüística de la neología semántica. *ELUA*, v. 34, 2020, p. 73-94.
- DROUIN, P. Term Extraction Using Non-Technical Corpora as a Point of Leverage. *Terminology*, v. 9, n. 1, 2003, p. 99-117.
- DROUIN, P. (2021). Repérage outillé de la néologie: Apports de la linguistique de corpus et du traitement automatique de la langue. In: VILLAR DIAZ, M. B.; HOYOS, J. de; DURY, P.; MAKRI-MOREL, J.; RENNER, V. (Org.). *La néologie des langues romanes. Nouvelles approches, dynamiques et enjeux*. Alemanha: Peter Lang, 2021, p. 299-319.
- DUBOIS, J.; GIACOMO, M.; GUESPIN, L.; MARCELLESI, C.; MARCELLESI, J.-B.; MÉVEL, J.-P. *Dictionnaire de linguistique*. Paris: Larousse, 2002.
- DURY, P. The Rise of Carbon Neutral and Compensation Carbone. A Diachronic Investigation into the Migration of Vocabulary from the Language of Ecology to Newspaper Language and Vice Versa. *Terminology*, v. 14, n. 2, 2008, p. 230-248.
- ESTOPÀ, R. (2016). La neología especializada: Términos médicos en la prensa española. In: SÁNCHEZ MANZANARES, C.; AZORÍN FERNÁNDEZ, D. (Org.), *Estudios de Neología del Español*. Espanha: Servicio de Publicaciones, 2016, p. 109-129.
- FRIES, M.-H., & NALLET, T. Les différents prismes de la Fiction à substrat professionnel (FASP) – Introduction. *ILCEA*, v. 47, 2022. <https://journals.openedition.org/ilcea/15349>
- GALISSON, R. *Recherches de lexicologie descriptive: la banalisation lexicale*. Paris: Nathan, 1978.
- GALISSON, R. *Lexicologie et enseignement des langues*. Paris: Hachette, 1979.
- GARDIN, B.; LEFÈVRE, G.; TARDY, M.; MORTUREUX, M.-F. À propos du « sentiment néologique ». *Langages*, v. 36, 1974, p. 45-52.
- GÉRARD, C.; BRUNEAU, L.; FALK, I.; BERNHARD, D.; ROSIO, A.-L. Le Logoscope: Observatoire des innovations lexicales en français contemporain. In: GARCÍA PALACIOS, J.; STERCK, G. DE, LINDER, D., MAROTO, N., SÁNCHEZ IBAÑEZ, M.;

- TORRES DEL REY, J. (Org.). *La neología en las lenguas románicas: Recursos, estrategias y nuevas orientaciones*. Alemanha: Peter Lang, 2016.
- GUILBERT, L. Théorie du néologisme. *Cahiers de l'Association internationale des études françaises*, v. 25, 1973, p. 9-29.
- GUILBERT, L. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.
- HUMBERT-DROZ, J. *Définir la déterminologisation: Approche outillée en corpus comparable dans le domaine de la physique des particules*. Tese de Doutorado - University of Toulouse – Jean Jaurès & University of Geneva, 2021.
- HUMBERT-DROZ, J.; PICTON, A.; CONDAMINES, A. (2019). How to build a corpus for a tool-based approach to determinologisation in the field of particle physics. *Research in Corpus Linguistics*, v. 7, 2019, p. 1-17.
- JACOBI, D. *Diffusion et vulgarisation: itinéraires du texte scientifique*. Paris: Les belles lettres, 1986.
- LABASSE, B. (2012). Sexe, sang et physique des particules: Le « sensationnalisme » est-il partout...Ou nulle part ? *Les Cahiers du journalisme*, v. 24, 2012, p. 114-149.
- L'HOMME, M.-C. *La terminologie: Principes et techniques*. Canada: Les Presses de l'Université de Montréal, 2004.
- L'HOMME, M.-C. *Lexical Semantics for Terminology*. Amsterdam: John Benjamins, 2020.
- LOMBARD, A.; HUYGHE, R.; GYGAX, P. Neological intuition in French: A study of formal novelty and lexical regularity as predictors. *Lingua*, v. 254, 2021. <https://doi.org/10.1016/j.lingua.2021.103055>
- MEYER, I. Computer Words in Our Everyday Lives: How are they interesting for terminography and lexicography? *Proceedings of EURALEX 2000*, 2000, p. 39-58.
- MEYER, I. Extracting Knowledge-Rich Contexts for Terminography: A conceptual and methodological framework. In: BOURIGAULT, D.; JACQUEMIN, C.; L'HOMME, M.-C. (Org.). *Recent Advances in Computational Terminology*. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 279-302.
- MEYER, I.; MACKINTOSH, K. When Terms move into Our Everyday Lives: An Overview of De-terminologization. *Terminology*, v. 6, n. 1, 2000, p. 111-138.
- MOIRAND, S. *Les discours de la presse quotidienne. Observer, analyser, comprendre*. França : Presses universitaires de France, Linguistique nouvelle, 2007.
- MORTUREUX, M.-F. La vulgarisation scientifique : parole médiane ou dédoublée. In: JACOBI, D.; SCHIELE, B. (Org.). *Vulgariser la science: le procès de l'ignorance*. França: Champ Vallon, 1988, p. 118-147.
- MPOULI, S. Chronique d'un échec: Identification des métaphores dans les écrits des géographes. *Traitement Automatique des Langues*, v. 60, n. 3, 2019, p. 89-111.
- NICOLAE, C.; DELAVIGNE, V. Naissance et circulation d'un terme: Une histoire d'exoplanètes. In: WILLIAMS, G. (Org.). *Acte des sixièmes Journées de la Linguistique de Corpus*, 2013, p. 217-229.

- OLIVEIRA, I. *Nature et fonctions de la métaphore en science. L'exemple de la cardiologie*. Paris: L'Harmattan, 2009.
- PEARSON, J. *Terms in Context*. Amsterdam: John Benjamins, 1998.
- PETIT, M.. La fiction à substrat professionnel: une autre voie d'accès à l'anglais de spécialité. *ASp*, v. 23-26, 1999, p. 57-81.
- PHILIP, G. Metaphorical Keyness in Specialised Corpora. In: M. BONDI, M.; SCOTT, M. (Org.). *Keyness in Texts*. Amsterdam: John Benjamins, 2010, p. 185-203.
- PICTON, A. Picturing Short-Period Diachronic Phenomena in Specialised Corpora. A Textual Terminology Description of the Dynamics of Knowledge in Space Technologies. *Terminology*, v. 17, n. 1, 2011, p. 134-156.
- RENOUF, A. A Finer Definition of Neology in English: The life-cycle of a word. In: Has-selgard, H.; Oksefjell Ebeling, S.; Ebeling, J. (Org.), *Corpus Perspectives on Patterns of Lexis*. Amsterdam: John Benjamins, 2012.
- RENOUF, A. Semantic neology: The challenges for automatic identification. *Neologica*, v. 8, 2014, p. 185-220.
- RENOUF, A. Some Corpus-Based Observations on Determinologisation. *Neologica*, v. 11, 2017, p. 21-48.
- REUTENAUER, C. Nouveau sens et évolution des domaines d'emploi: Méthodologie pour l'acquisition lexicale. *Congrès Mondial de Linguistique Française - CMLF 2012*, 2012a, p. 1927-1942.
- REUTENAUER, C. *Vers un traitement automatique de la néosémie: Approche textuelle et statistique*. Tese de doutorado - University of Lorraine, 2012b.
- SABLAYROLLES, J.-F. Quelques remarques sur une typologie des néologismes: Amalgamation ou télescopage: Un processus aux productions variées (mots valises, détournements...) et un tableau hiérarchisé des matrices. *Actes du 2e Congrès international de néologie dans les langues romanes*, 2011.
- SABLAYROLLES, J.-F. (2012). Extraction automatique et types de néologismes: Une nécessaire clarification. *Cahiers de lexicologie*, v. 100, 2012, p. 37-53.
- SABLAYROLLES, J.-F. (2018). Les néologismes ne naissent pas dans les choux. In: BERNHARD, D.; BOISSEAU, M.; GERARD, C.; GRASS, T.; TODIRASCU, A. (Org.). *La néologie en contexte. Cultures, situations, textes*. Paris: Lambert-Lucas, 2018, p. 23-38.
- SÁNCHEZ IBÁÑEZ, M.; MAROTO, N. Beyond timelines: The challenges of combining theoretical premises and speakers' insights about the assessment, validation and inclusion of Spanish neologisms in dictionaries. *International Journal of Lexicography*, v. 34, n. 3, 2021, p. 358-381.
- SEMINO, E.. Corpus Linguistics and Metaphor. In: DANCYGIER, B. (Org.). *The Cambridge Handbook of Cognitive Linguistics*. Inglaterra: Cambridge University Press, 2017, p. 463-476. <https://doi.org/10.1017/9781316339732.029>
- STEFANOWITSCH, A. *Corpus linguistics: A guide to the methodology*. Alemanha: Language Science Press, 2020.

TANNENBAUM, P. H.; LYNCH, M. D. (1960). Sensationalism: The Concept and its Measurement. *Journalism Quarterly*, v. 37, n. 3, 1960, p. 381-392.

TORRES RIVERA, A. *Detección y extracción de neologismos semánticos especializados: Un acercamiento mediante clasificación automática de documentos y estrategias de aprendizaje profundo*. Tese de doutorado - University of Avignon & University Pompeu Fabra, 2019.

UNGUREANU, L. *L'interpénétration langue générale-langue spécialisée dans le discours d'internet*. França: Connaissances et Savoirs, 2006.

VEGA MORENO, É.; LLOPART SAUMELL, E. Delimitación de los conceptos de novedad y neologicidad. *Rilce: Revista de Filología Hispánica*, v. 33, n. 3, 2017, p. 1416-1451.

VILLEDIEU, Y. (1996). Le sensationnalisme et le journalisme scientifique. *Québec français*, v. 102, 1996, p. 68-69.